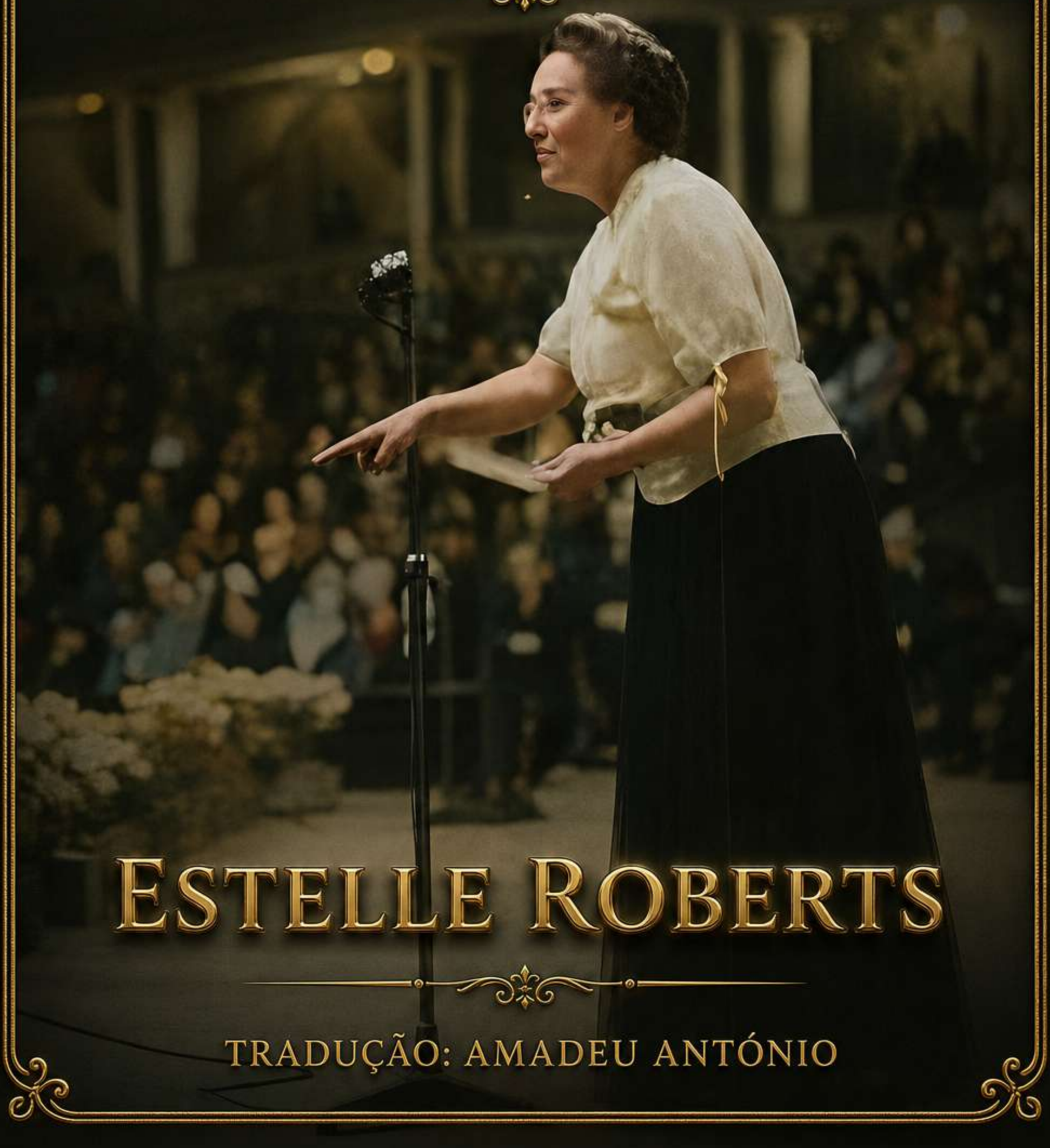
CINQUENTA ANOS MÉDIUM



ESTELLE ROBERTS

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

INTRODUÇÃO

Por Hannen Swaffer

Estelle Roberts será lembrada por muito tempo como a mais versátil médium britânica do seu tempo. A sua clarividência pública é notável não só por causa da determinação com que ela convence - raramente aceitara a relutância de um cético em reconhecer isso - mas por causa do seu dramático e arrebatador aparecimento na tribuna. Nos anos anteriores, as suas sessões de voz direta, participação que era um privilégio valioso apreciado apenas pelos uns quantos favorecidos, foram uma experiência emocional quase única que nunca pode ser esquecida por nenhum participante, por mais acostumado que estivesse a fenómenos psíquicos. Por que ela os abandonou, eu nunca o cheguei a saber.

O seu transe dirigido por Red Cloud inspirou muitos. Ela usou os seus raros dons de forma pródiga, trazendo conforto para milhares e provando a sobrevivência a inumeráveis inquiridores. Eu conheci-a num Domingo, quando ela era a clarividente num Serviço da Associação Espiritualista de Marylebone no Aeolian Hall em Bond Street. Aí fiquei profundamente impressionado com a sua impressionante aparência altiva, obviamente devida, conforme eu estava prestes a saber, ao facto do poder psíquico estar a começar a prepará-la para o que iria ser um desafio aos nervos de quase todos os outros. Depois, após ela ter dado mensagens com sucesso, com os nomes dos comunicadores espirituais e as descrições das suas personalidades, ela tornou-se a mulher comum que ela é na vida privada.

Durante os anos seguintes, ela atuou como clarividente em muitos reuniões em que participei - no Royal Albert Hall e no Queen's Hall, em Londres e na prefeitura de Birmingham, no Free Trade Hall, de Manchester, e em Reading e noutras cidades cujos

nomes eu não consigo agora recordar. Todas elas estiveram entre as mais bem-sucedidas reuniões das centenas em que eu falei em defesa da nossa causa.

Muitas vezes, é com certa ansiedade que um orador como eu, que tem sido enfático em relação às provas abundantes da sobrevivência e que se entregou a uma oratória fervorosa, aguarda o início da demonstração do clarividente. Porque, se ele nunca tiver partilhado do estrado com a médium, ele receará que a evidência seja fraca e pouco convincente. A médium pode não estar bem, com agravamento, ainda que temporário, dos seus poderes psíquicos - e assim a reunião pode terminar em um anticlímax. Isso aconteceu comigo mais de uma vez - e por isso temo confiar num estranho.

Com a Estelle a revezar-me, nunca tive o menor escrúpulo. Eu poderia usar a frase: "Como a médium logo lhes provará" com a máxima garantia de que isso se justificasse. A sua personalidade psíquica invariavelmente dominava qualquer assembleia pública na qual ela se manifestasse. Em duas grandes reuniões organizadas no Royal Albert Hall por o *Sunday Pictorial* em três semanas, Estelle superou-se mesmo a ela própria. Eu falei com absoluta convicção e depois, a sua mediunidade eletrizante mais do que provou diretamente o meu caso.

Em Reading, ciente do tipo de crítica que a reunião podia encontrar da parte da imprensa local, usei as seguintes palavras: A Sra. Roberts disse-me que nunca esteve nesta cidade antes desta noite, quando eu a acompanhei da estação e estive com ela desde então. Isso pode ser verificado. "Ela não teve tempo para copiar os nomes dos 'mortos' de nenhum cemitério local, ou para organizar uma conspiração em relação a qualquer dos moradores."

"Assim, apresento à imprensa este desafio: 'Anotem o nome e endereço de cada pessoa a quem for dada uma mensagem. Liguem para sua casa e interroguem-na sobre qualquer possível

cumplicidade. Em seguida, imprimam a verdade, favorável ou desfavorável à médium, conforme se provar. Eu desafio qualquer repórter a fazer isso." Como eu sabia que sucederia, nuca mais ouvi falar sobre o assunto.

Sobre as sessões de voz direta de Estelle - muitas das evidências serão encontradas nas páginas seguintes - eu poderia escrever um volume. Até, anos mais tarde, um membro não profissional da minha própria casa desenvolver poderes semelhantes, eles foram os mais convincentes em que já participei. Aquela em que o Marecha Chefe da Força Aérea Lord Dowding ouviu, uma vez mais, as vozes ansiosas de alguns "Dos Poucos" que perderam as suas vidas terrenas na Batalha da Grã-Bretanha, que, sob a sua vitoriosa liderança, salvou a nossa ilha da invasão das hordas de Hitler, foi a mais dramática de todas. Foi na abertura da Casa de Red Cloud - o reverenciado guia índio realizou ele próprio a cerimónia - em que eu conheci o Rei George da Grécia, um dos seus muitos assistentes altamente colocados.

O Espiritualismo deve muito a Estelle Roberts. É por causa da dívida pessoal que contraí para com ela que eu escrevi este breve tributo às suas notáveis qualidades.

CAPÍTULO UM
1889 - 1919

"Essa garota deve ser chamada de *Estelle*, pois um dia ela se tornará uma estrela."

Estas palavras foram proferidas pela minha avó enquanto ela fixava o olhar na recém-nascida da sua filha que havia entrado neste mundo apenas duas horas antes.

Nos últimos anos, a minha mãe me falou-me desse incidente para o qual não havia razão aparente. A minha avó não tinha reputação de profetisa na família, e sem dúvida ficaria chocada diante de qualquer sugestão de que detinha poderes psíquicos. No entanto, o meu pai tinha ideias diferentes em questão de nomes. Pelas boas e suficientes razões de eu ter nascido a 10 de Maio de 1889, e de nós estarmos a morar em May Cottage em Kensington, ele optou por me chamar May. E assim, no devido tempo, apareceu uma nova inscrição no registo dos nascimentos - Mat Estelle Wills, filha de Edwin Blackstone Wills e Isobel, sua esposa.

Os meus pais eram pessoas boas e gentis, típicas da era vitoriana. Eles tinham uma família de oito filhos, cinco meninas e três meninos, e todos nós moramos em Kensington em confortáveis, mas não ricas circunstâncias. Na companhia dos meus irmãos e irmãs, cresci uma criança muito comum e em nada notável, com a única exceção de que desde que me lembro sempre ouvi vozes que os outros membros da família não conseguiam ouvir. Embora eu nada soubesse do Espiritualismo eu logo as reconheci como as vozes daqueles do espírito, e tendo consciência de ser parte deles assim como eles eram parte de mim, eu nunca tive o menor medo delas.

O meu pai, porém, não compreendia tais coisas e, embora ele sempre tivesse sido um homem justo, ainda assim, ele frequentemente sentia ser seu dever corrigir-me a imaginação supostamente turbulenta por meio do seu cinto de couro! Foi-me repetidamente dito que tal coisa era má, e que por causa de isso até o dia da minha iluminação, eu vi-me assombrado pelo medo que talvez minha mente fosse pouco "desequilibrada."

Um dos meus irmãos, o Lionel, que morrera antes de eu nascer, estava entre os meus primeiros visitantes. Ele costumava vir de manhã ou à noite e eu conversava com ele. Ele era então apenas uma criança, mas eu assisti ao seu crescimento ao longo dos anos até atingir a maturidade. Ele ainda vem ao meu encontro. Outras crianças espirituais da minha idade também me visitavam e eu falava com eles em voz alta. Era ouvir-me a falar aparentemente comigo própria nessas ocasiões que se tornou na principal fonte de alarme dos meus pais.

Olhando para trás após as longas experiências de fenómenos psíquicos, eu estou convencida de que essas visitas iniciais foram uma preparação para o meu trabalho futuro, para me permitir acostumar-me à sua presença e para conversar livremente com eles em qualquer altura.

A minha primeira grande experiência psíquica em criança foi na forma de visão, e a impressão que me deixou permanece tão vívida hoje como então, com a idade de sete anos. Ocorreu por volta das oito horas da manhã de um dia ensolarado de Maio, quando a minha irmã Dolly e eu estávamos a vestir-nos, prontas para partir para as nossas aulas diárias na escola local. Eu tinha uma massa de cabelo preto grosso, e estava de pé diante de um espelho em frente da janela a esforçar-me para o arranjar quando me tornei ciente de um movimento além da janela. Olhando para cima tive uma visão deslumbrante de um cavaleiro de armadura brilhante, em perfeito equilíbrio no céu.

De imponentes proporções em tamanho natural, ele achava-se envolto da cabeça aos pés por uma armadura. Cada perna achava-se embainhada em chapa de aço que corria até aos pés e terminava nas pontas dos dedos dos pés. O seu corpo estava revestido por uma cota de malha, na frente do qual se via uma cruz vermelha ardente. Na cabeça tinha o capacete, e embora o seu rosto estivesse coberto por uma viseira eu podia ver um par de olhos penetrantes a brilhar através pelas fendas dos olhos.

Na parte de trás do capacete ele usava uma crista, que eu não consegui ver suficientemente bem para descrever, e na sua frente, ele empunhava uma espada ambidestra a apontar para o céu. A sua mão direita agarrava o punho que se estava cravejado de pedras preciosas, enquanto a mão esquerda agarrou o seu pulso direito a apoiá-lo. Nas mãos dele tinha luvas. Toda a figura, e particularmente a espada, brilhava como a luz do sol refletido pela neve, e a partir desse momento eu sempre pensei nele como o meu Cavaleiro Branco.

Enquanto eu o observava, ele abaixou lentamente a lâmina da espada e estendeu a ponta na minha direção como a saudar-me. Essa ação deve ter liberado poderosas vibrações na direção do meu corpo, pois eu de repente senti fraqueza nos joelhos, e o meu estômago parecia virar. A visão persistiu. Três vezes eu lancei o olhar para longe, para o ver ainda lá quando olhava para trás. Então chamei a minha irmã: "Dolly, vem ver!" A Dolly olhou, e um instante depois para meu horror, ela tinha caído desmaiada. A visão então desapareceu tão misteriosamente como tinha surgido.

Alarmada pelo desmaio da Dolly, chamei os meus pais, que acorreram e levaram a minha irmã com eles. Quando ela recuperou suficientemente, o meu pai interrogou-a, no decurso do que ela descreveu a figura exatamente como eu a vira. Provocou uma enorme impressão em mim por ter sido a primeira vez que qualquer membro da minha família tinha visto ou ouvido algum ser espirituais de que eu tinha tão bom conhecimento.

Os meus pobres pais ficaram muito perturbados e confusos com a ocorrência, particularmente por eu não ter tido oportunidade de falar com a minha irmã e de trocar impressões com ela antes do meu pai a questionar.

Eu vi meu Cavaleiro Branco apenas uma vez desde então. Isso foi anos mais tarde, por ocasião da minha primeira reunião no Queens Hall em Londres. Normalmente eu sentia-me um pouco nervosa na perspetiva de falar na minha primeira reunião, mas assim que me levantei para falar, de repente eu o vi suspenso acima do público. Novamente ele abaixou a espada e apontou para mim, fazendo-me tremer violentamente, como se os raios da espada estivessem a desintegrar-me o corpo pela força das suas vibrações. Shaw Desmond, o distinto escritor, encontrava-se na plataforma comigo e, inconsciente do que estava a acontecer, perguntou ansiosamente se eu estava doente. Eu abanei a cabeça e fiquei à espera, a questionar-me se iria ouvir a voz do meu cavaleiro. Não emitiu qualquer som, mas na minha mente surgiram as palavras: *"Servir sem ceder."* Eu sabia que elas tinham vindo dele.

Uma médium que tome o seu lugar numa plataforma pública, depende inteiramente dos seus amigos espirituais, pois sem eles ela não pode fazer nada. É apenas no momento final antes de abordar o público que ela percebe se o seu dom se manifestará ou não. Nenhum ensaio geral, nem ninguém nos bastidores poderá ajudá-la. Ela fica sozinha exceto os seus auxiliares do espírito, e era a primeira vez que eu era chamado a subir à plataforma no Queen's Hall. Foi o começo de uma importante série de reuniões quinzenais e um momento altamente significativo da minha carreira.

Não podia haver outra explicação a não ser a de que o Cavaleiro tinha surgido para me mostrar que eu não estava sozinha na minha missão de espalhar a verdade da sobrevivência após a morte - que a cruz vermelha em chamas no seu peito era

simbólico da cruzada na qual eu estava a partir. Eu tive uma escolaridade normal na escola municipal, que eu deixei com a idade de catorze anos. Eu tinha continuado sem interrupções a ver os seres espirituais. Elas agora tinham começado a avisar-me dos eventos, que posteriormente se vieram a passar. Em tais momentos eu recebia impressões intensamente fortes sobre acontecimentos futuros, acompanhada de determinado conhecimento de como eles iriam resultar.

Um dia, pouco depois da morte do meu pai alguns anos depois, ele retornou na forma de espírito à casa da minha mãe. Eu podia vê-lo agora de pé no topo da escada a dirigir-me palavras que me enchiam de alarme. *"Minha querida,"* disse ele, *"estou preocupado com a Bella."*

A Bella era minha irmã, e nos dois ou três dias seguintes eu estreitei as palavras do meu pai secretamente para mim mesma numa febre de preocupação e ansiedade. No quarto dia finalmente deu-se o baque. A Bella adoeceu - ficou muito doente - e por uma vez eu estava certa de que a hora derradeira dela tinha chegado. Então, para meu alívio intenso, ela começou lentamente a recuperar e, eventualmente, ficou novamente muito bem.

Era natural que o meu pai estivesse preocupado com o bem-estar da Bella. Não era menos natural, tendo em conta a tenra idade em que eu me encontrava e as circunstâncias da visita que o meu pai me fez, que eu devia interpretar as suas palavras da forma mais sombria e pavorosa, e, em resultado disso, sofri uma desnecessária agonia com a expectativa. Pareceu que havia uma moral a ser tirada daquela experiência, e uma lição a ser aprendida. Essa foi, pelo menos, a forma como eu encarei a questão.

Em consequência, a partir desse dia, eu sempre me protegi cuidadosamente contra a menor tendência de ler mais nas palavras que me chegam pelas minhas vozes do que se pretendia, ou, do que na verdade, encerravam estritamente. Aos quinze anos fui

trabalhar como ama-seca para uma família de Turnham Green. Eu amava crianças e lá tinha três por quem olhar. Elas ocuparam quase todo o meu tempo nos três anos seguintes.

Então conheci e casei-me com Hugh Warren Miles. Hugh nasceu em Cumberland Lodge, Windsor Park, e recebeu uma educação de Bluecoat Boy (uniforme azul) no Christ's Hospital. A madrasta dele, cujo nome de solteira era Evelyn Galt, era irmã da esposa do presidente Wilson. Ele era dotado de uma natureza gentil e simpática, e nós éramos tão felizes quanto quaisquer jovens podem ser. Foi uma grande alegria para mim estar na companhia de alguém com quem eu pudesse falar livremente sobre os seres espirituais, alguém que ouviu e entendeu. Uma dessas ocasiões foi numa manhã em que acordei e lhe disse que tinha visto a sua tia Mary caminhar pelo nosso quarto durante a noite. Eu na verdade jamais chegara a conhecer essa tia, mas de alguma forma eu sabia intuitivamente que a figura que eu tinha visto fora a dela. Mais tarde soubemos que ela tinha morrido naquela noite.

No devido tempo, descobri que tinha novamente três crianças para cuidar, mas desta vez eles eram meus, a Ivy, a Evaline e a Iris. Esses foram dias felizes, embora tivéssemos pouco com que viver, e superássemos as dificuldades com base no escasso salário de escriturário do meu marido. Hugh era o mais generoso dos homens, e tinha o mais afável dos corações. Um dia, enquanto caminhava para casa no final de uma semana de trabalho, ele ficou tão comovido por uma história de infortúnio que um homem pobre lhe contara que ele lhe deu o salário da semana inteira! Imaginem o que eu não senti quando eu não tinha dinheiro com que comprar comida para os nossos próprios filhos!

Oito anos depois de nos casarmos, Hugh adoeceu. Inicialmente pensou-se que ele estava a sofrer de tuberculose. Sir William Fairbanks, médico da família real, amigo da família do meu marido, arranjou a ele ser examinado no Brompton Hospital.

O diagnóstico revelou que ele estava a sofrer da doença de Bright. Ele nunca mais foi capaz de trabalhar com regularidade de novo, embora ele o tenha tentado arduamente.

Eu tive que ser o ganha-pão. Com um marido inválido e três as crianças para manter, o nosso subsídio de doença de dez xelins por semana era totalmente inadequado. Eu encontrei emprego fazendo trabalho doméstico das oito da manhã até as duas da tarde numa casa de repouso em Twickenham. O pagamento foi pequeno e insuficiente para as nossas necessidades, mas permitiu-nos continuar embora eu muitas vezes tivesse passado sem refeição, a fim de alimentar os meus pequenos. O que vestir era uma dificuldade ainda maior, e a única solução que eu podia encontrar para os sapatos era revestir as solas por dentro com jornal. O que não era muito eficaz no tempo de chuva.

Uma manhã em que estava a nevar, comecei a trabalhar sem ter comido e colapsei na neve. Eu fui encontrada pela polícia, que me levou para casa, onde tive que ficar de cama vários dias. O médico que me assistiu aconselhou-me vivamente a levar o meu marido a viver junto ao mar e eu, disposta a fazer qualquer coisa para o ajudar, prontamente concordei. Fomos para Hastings.

Mais uma vez, Hugh tentou trabalhar, mas a sua condição de edema que contraíra impedia-o. Alugamos um apartamento em Hastings e comecei a admitir convidados que pagavam, mas em resultado de tentar cuidar do meu marido, de olhar pelas crianças, e de cuidar dos convidados, a minha saúde deteriorou-se e eu caí novamente à cama.

O meu marido chamou um médico, um Francês que me examinou e me fez o diagnóstico óbvio de que eu precisava descansar. Quão bem eu sabia disso, mas que descanso poderia ter com quatro bocas famintos dependentes dos meus esforços? Eu tinha emagrecido muito, e Hugh indicou isso ansiosamente ao médico, que respondeu com galanteria Gaulesa: "Você já conheceu algum cavalo puro-sangue que fosse gordo?

A vida foi desesperadamente dura nesses anos, cheia de preocupação, trabalho e desconforto. Mas, olhando para trás, estou convencido de que tudo fizera parte do padrão das coisas que estavam por vir - treino indispensável para o trabalho que eu iria fazer. Se não tivermos sofrido, como poderemos compreender o sofrimento dos outros?

Sem simpatia por aqueles que estejam na aflição, como poderemos ajudar a aliviar o fardo? Na altura, é claro, tais pensamentos não m e passavam pela cabeça; eu estava demasiado ocupada a lidar com os problemas do imediato. Nem sequer entendia o significado da presença dos seres espirituais que continuavam, como sempre, a partilhar da minha vida quotidiana. Eles eram parte de tal modo integrante do meu ambiente quanto o eram as pessoas comuns na rua; o mundo teria parecido um lugar estranho e vazio se de repente, eles tivessem deixado de existir.

Os meses foram-se passando. O meu marido foi ficando progressivamente mais fraco, até o dia em que voltei para casa na hora do almoço e encontrei duas das crianças ao lado de cama dele. Ele estava obviamente muito doente, muito pior do que quando eu o deixara naquela manhã. Com uma enorme sensação de choque eu soube que ele estava a morrer.

Rapidamente enviei as crianças para uma vizinha, que eu sabia que cuidaria delas. Depois sentei-me sozinha no quarto com ele e peguei-lhe na mão. Ele estava apenas espasmodicamente consciente e durante a maior parte do tempo não sabia o que estava a dizer. Mas de vez em quando ele tinha momentos de lucidez, num dos quais ele me disse: "Tu vais ficar bem, querida. Deus cuidará de ti."

Eu fiquei com ele até tarde da noite. Ele morreu a olhar para mim. No instante da sua morte, ouvi barulhos estranhos e aterrorizantes vindos da cozinha. Era como se alguém estivesse a rasgar linho e, de vez em quando, estalasse um chicote. Era uma experiência lúgubre e sinistra que, naquele momento particular

achei enervante. Por alguns momentos sentei-me incapaz de me mexer; então os ruídos cessaram.

Eu olhei novamente para o meu querido Hugh, recordando a felicidade que tínhamos desfrutado juntos, e enquanto ali estive sentada vi o seu espírito deixar o corpo. Ele emergiu da parte de trás da cabeça e gradualmente moldou-se numa réplica exata do seu corpo terreno. Ela permaneceu suspensa cerca de uns trinta centímetros acima do corpo, deitada na mesma posição, e presa a ele por um cordão à cabeça. Então o cordão rompeu-se e a forma espiritual pairou para longe, passando pela parede.

Eu fui para a cozinha pegar um pouco de água para lavar o rosto e as mãos, e defrontei-me com uma visão assombrosa. Todo o papel de parede em um lado do quarto de três metros e meio pendia da parede às tiras. Essa era, pois, a explicação do ruído de rasgar, que eu tinha ouvido quando o meu marido morreu. Foi a primeira manifestação física do poder do espírito que eu havia experimentado. Eu não podia explicar a ocorrência, mas entendi intuitivamente o seu significado. Era, acreditava eu, um símbolo do rasgar do véu.

Eu não tinha dinheiro para comprar flores, de modo que levei as crianças ao Downs, onde juntamos ramos de pequenas flores roxas que o meu marido tanto amara. E todos nos juntamos a tecer uma coroa de flores. Em três noites consecutivas depois da sua morte, ele chamou por mim. Na terceira noite eu ouvi a voz dele a dizer:

"Eu preciso de ti. Eu quero que tu venhas até mim."

"Mas como?" perguntei, incomodada pela dor.

"Morrendo."

"Mas, querido, não posso fazer isso," disse eu. "Há crianças para cuidar."

Ele não disse mais nada. A aflição da sua morte após sua prolongada doença deve ter sido enorme. Era natural que ele me quisesse. Ele apareceu-me na sala mais uma vez antes do enterro,

e disse-me, como se a desculpar-se: "Eu não entendi. Eu agora não preciso de ti. O que tu sempre me disseste é verdade. Aqui, todos vivem e não podem morrer. É maravilhoso." Profundamente emocionada, eu disse; *"Você vive e os outros vivem. Esta é a mensagem que eu devo contar ao mundo."*

CAPÍTULO DOIS
O ADVENTO DE RED CLOUD

Hugh morreu em Maio de 1919, três dias depois do meu trigésimo aniversário.

Desde que a necessidade de viver perto do mar tinha desaparecido, eu decidi-me a deixar Hastings e ir-me estabelecer com os meus três filhos em Hampton-on-Thames. Embora eu tenha passado por muita tensão e tristeza durante os doze anos do meu casamento, a nossa vida familiar tinha sido um feliz e unida. E assim continuou; as crianças, que estavam agora a atingir a idade do companheirismo, trouxeram-me grande alegria e consolação.

Eu nunca falei com elas sobre os seres espirituais, mas inevitavelmente eles tomaram consciência de que eu possuía alguma visão especial que eles não partilham nem poderiam entender. Tornou-se quase como um jogo de salão quando eu previa para sua diversão pequenas coisas sem importância que iam acontecer. Às vezes eu surpreendia-os, dizendo-lhes o que eles tinham feito na minha ausência. Eu obtinha uma diversão infinita derivada da mistificação que fazia com eles, já que as crianças sempre adoram ser mistificadas, e nunca se cansavam de colocar armadilhas para me apanharem.

Um dos seus jogos favoritos centrava-se num velho fonógrafo fora de moda que possuíamos, que tinha uma trompete grande; os discos eram na forma de cilindros. As crianças

adoraram trazer-me esses cilindros, segurar neles atrás das costas para que eu não pudesse vê-los, e testar os meus poderes de clarividência ao exigirem que eu lhes dissesse os nomes dos cilindros particulares que eles traziam.

Quase sempre eu acertava, mas nas ocasiões ímpares em que eu errava, os aplausos do triunfo dos pequenos soavam alegremente ao redor da casa. Mais uma vez fui confrontada com a tarefa de suportar a família e obtive sucesso em conseguir trabalho na fábrica da Sopwith em Kingston. O trabalho que me cabia era costurar o tecido nos *ailerons* das asas dos aviões.

Um dia pediram-me para costurar um barco de lona, que era para ser carregado por Harry Hawker, piloto-chefe de testes de Sopwith, na sua tentativa de sobrevoar o Atlântico. No decurso da costura eu fui-me convencendo cada vez mais de que o barco seria dedicado aos fins para que fora pretendido. A sensação era tão forte que eu falei às minhas amigas sobre isso, acrescentando que ainda seria o meio de salvar a vida do Hawker. Ninguém deu muita atenção à minha previsão, até que se cumpriu exatamente como eu havia previsto. Embora tenha sido infeliz que a tentativa ousada de Hawker não tenha sido bem-sucedida, eu feliz não obstante feliz por a minha costura ter resistido ao teste.

A tensão provocada pela doença de Hugh, o excesso de trabalho e a desnutrição tinha cobrado a paga sobre as minhas forças. A minha saúde cedeu de novo, e por vários meses eu vi-me incapaz de fazer qualquer coisa de natureza de um trabalho constante. Comecei a desesperar quanto a alguma vez me chegar a fortalecer. A necessidade, no entanto, é um capataz persistente. Assim que senti que podia suportar o curso, eu garanti um lugar como garçonete no restaurante do andar de cima da estação de Victoria.

As crianças passavam agora o dia todo na escola, pelo que eu estava livre para sair de casa, mas era um longo e cansativo dia de trabalho. Eu começava às seis da manhã a ocupar-me com o

trabalho doméstico e o preparo das crianças para a escola. Então saía para trabalhar no restaurante e não voltaria para casa até às nove ou dez da noite. A minha filha mais velha e um vizinho amável cuidavam dos mais novos, colocavam-nos na cama e vigiavam-nos até o meu retorno.

Essa rotina árdua continuou até o final de 1920, quando eu me casei com Arthur Roberts. Eu fui então capaz de desistir do meu trabalho como garçonete e voltar com gratidão aos deveres de dona de casa, o que felizmente também significava que eu poderia dedicar mais tempo às crianças.

Os seres do espírito ainda me procuravam com regularidade e o entendimento que eu tinha deles estava a crescer notavelmente. Comecei a dedicar-lhes muito mais atenção do que no passado e cheguei a ponto de falar neles com a minha vizinha do lado, uma tal Sra. Slade, que me convidou para a acompanhar a uma reunião espírita que ela ia participar. Eu concordei e fomos a uma pequena igreja espiritualista em Hampton Hill. Essa igreja, eu recordo, tinha sido construída inteiramente de lata. Nós participamos três vezes.

Cada reunião era dirigida por uma médium diferente, e cada médium, segundo me pareceu, concentrava toda a sua atenção exclusivamente em mim. Comecei a pensar que tudo fazia parte de uma conspiração para me converter ao Espiritualismo. No terceiro encontro, a manifestante psíquica era a Sra. Elizabeth Cannock, a quem mais tarde cheguei a conhecer como uma médium muito boa, altamente respeitada pelos seus dons e pela sua integridade. Ela chamou-me imediatamente, e disse-me em termos inequívocos:

"Você é médium e tem muito trabalho a fazer. Escolhida pelo Mundo Espírito, você não deve ignorar o chamado. Por favor venha ver-me depois da *reunião."*

Foi o que fiz e discutimos as pessoas espírito que me apareciam e as suas vozes. Eu disse-lhe que muitas vezes eu

temera estar a sofrer alucinações, tão forte tinha sido a ideia implantada na minha mente em criança pelo meu pai. Mesmo agora, eu não me chegava a convencer quando ela declarou que sabia para além de toda a dúvida que eu era médium.

Eu pedi-lhe uma prova do que dizia, ou por um acontecimento qualquer que não tivesse qualquer ugar na minha ideia e não estivesse ligada a mim por forma nenhuma. Apenas em tais circunstâncias eu poderia ficar convencida da fé que em mim e no trabalho místico que ela dizia ter pela frente. Só então eu sentiria que eu poderia voltar-me para o mundo e dizer com convicção: *"Eu sei."*

Ela prontamente admitiu o meu argumento e disse: "Vá para casa e sente-se a uma mesa. Estou confiante de que *eles* estabelecerão contacto físico consigo."

Eu fiz aquilo que me convidara a fazer. Fui direto para casa e sentei-me sozinha a uma mesa expectante e apreensiva. Nada aconteceu naquela noite nem em nenhuma das seis noites seguintes em que eu repeti o procedimento. Eu apenas fiquei ali sentada, sozinha em silêncio, até que me comecei a sentir mais do que um pouco insensata. A mesa não chegou nem sequer a oscilar. Decidi fazer uma sessão final.

Sentei-me novamente na noite seguinte e o resultado foi exatamente como antes. Quando não aguentei mais levantei-me com repulsa, dizendo a mim própria que outras pessoas podiam ser médiuns, mas eu certamente não era. Peguei a mesa e levei-a pela sala para o seu lugar habitual na parede oposta. Era uma mesa sólida, com pernas de tripé, que me exigiu um esforço considerável erguê-la. "Bem, é isso," pensei.

"Da próxima vez não me deixarei persuadir tão facilmente."

Virei-me e comecei a afastar-me. Ao fazê-lo, a mesa subiu no ar e bateu-me firmemente nas costas. Fiquei momentaneamente em estado de perplexidade, e depois corri em pânico para o outro extremo da sala. A mesa perseguiu-me inexoravelmente, a

centímetros das minhas costas. Quando parei, ela também parou, voltando ao chão com um baque.

Depois que o choque inicial diminuiu, percebi de imediato que essa foi a prova da existência de um poder fora de mim que eu tinha exigido, e com essa perceção veio uma reação de intensa gratidão. Virando-me, coloquei uma mão na mesa e disse: "Obrigado, a quem quer que seja."

Em retrospeto, torna-se difícil analisar uma emoção, especialmente uma que não tenha nenhum paralelo que possa ser usado em termos de comparação. Eu posso apenas descrevê-lo como um momento grave e maravilhoso em que me senti como que todo o meu ser tinha renascido para um novo nível de consciência. Eu ainda estava a tentar ajustar-me ao que tinha acontecido quando vi e ouvi o meu guia pela primeira vez.

Uma voz disse-me num Inglês formal e preciso: "Eu venho servir o mundo. Tu serves comigo e eu sirvo contigo."

Eu perguntei: "Quem é?"

A voz respondeu: "Eu sou Red Cloud."

Quando estas palavras foram ditas, vi a parte de cima da figura de um homem cercado por um halo de luz branca. Tinha pele era cor de oliva, olhos negros e usava uma pequena barba escura. Naquele momento fiquei tão ciente, como se Red Cloud me tivesse dito que tudo aquilo por que tinha passado anteriormente na minha vida - a privação, as longas horas de trabalho manual e, particularmente, as minhas vozes espirituais - tinha feito parte de um padrão preconcebido. E agora o padrão estava completo. Eu sabia com certeza inabalável que a minha verdadeira missão na vida - fosse qual fosse tinha acabado de começar.

Uma semana depois de ver o Red Cloud, convidei Arthur, o meu marido, a sentar-se comigo. Corremos as cortinas certificando-nos de que nenhuma luz do lado de fora entrava, e depois sentamo-nos em duas cadeiras que tínhamos colocados em

frente uma da outra. Arthur sentou-se na maior das duas, uma cadeira pesada estofada a couro, deixando-me por assento uma pequena cadeira barata de madeira franzina perfurada num padrão intricado de pequenos buracos.

Nós sentamo-nos de frente um para o outro na completa escuridão, e aguardamos qualquer manifestação de poder do espírito que eu agora sabia que existia. Nós não tínhamos muito tempo para esperar. Quase ao mesmo tempo uma luz brilhante dourada brilhou acima da minha cabeça, e envolveu-me nos seus raios como um holofote de teatro.

A reação de Arthur foi imediata. "Onde estás, Estelle?" perguntou. "Onde foste?" Eu não tinha ideia do que ele estava a dizer. Eu não me tinha ausentado da minha cadeira e pensei por um momento que ele estava a brincar comigo. Com alguma impaciência respondi: "Eu não fui a lugar nenhum. Estou sentada exatamente onde estive sentada o tempo todo."

"Mas não pode ser," ele disse, "a tua cadeira está vazia. Eu posso ver claramente o assento, as costas, tudo. A cadeira está vazia. Foi a minha vez de me surpreender. "Mas, Arthur, não está vazia. Eu sou sentada aqui como eu estive antes."

"Minha querida," insistiu ele, " não estás. Eu digo-te que a cadeira está vazia."

Eu ponderei naquilo sem entender. Certamente, eu não me tinha afastado da cadeira, e na minha opinião nenhuma mudança tinha ocorrido no quarto desde que nos sentáramos, exceto para na aparência inexplicável da luz por cima.

"Dizes que não me consegues ver," disse-lhe eu, "mas não posso ter desaparecido.

Caso contrário, eu não deveria poder responder-te como estou aqui a fazer."

"Bem, eu não consigo ver-te," respondeu ele, "mas consigo ver a cadeira em que tu estavas sentada. Consigo até distinguir os buracos no assento."

"Então diz-me quantos buracos vês."

Ele inclinou-se para frente e com o dedo indicador traçou o padrão de buracos, contando cada um conforme se chegava a ela. Ele não podia sentir nada do meu corpo sentado na cadeira, nem tampouco eu pude sentir o toque da mão dele.

Poucos minutos depois, o brilho dourado acima extinguiu-se tão misteriosamente como tinha aparecido, e ficamos sentados cara a cara na escuridão. O Arthur levantou-se e acendeu uma luz, voltando-se rapidamente enquanto o fazia para ver se eu realmente ainda estava lá. Então chegou-se a mim e ficou ao meu lado.

"Deixa-me dar uma olhadela naquela cadeira, minha querida" disse ele. Levantei-me e juntos contamos os buracos do padrão do assento. Eles totalizaram precisamente o número que Arthur havia contado cinco minutos antes.

Alguns anos depois, deu-se um acontecimento semelhante, embora no sentido inverso, quando um fotógrafo psíquico me expôs sua câmara. O fotógrafo podia claramente ver-me sentada na cadeira, mas quando a fotografia foi processada, apenas a cadeira era vista no cenário. Eu tinha sido de alguma forma "eliminada."

Em 1922 nasceu o meu filho Terry, e quando estava com um ano de idade toda a família escapou por pouco a um desastre. Uma noite eu tinha ido à igreja espiritualista para ouvir a Sra. SD Kent, uma médium que eu sempre quisera conhecer. Depois da reunião A Sra. Kent voltou a pé para casa comigo. Quando chegamos, encontramos o Arthur a dar a uma cómoda muito necessária um revestimento de tinta branca. Ao entrarmos na sala de estar, a Sra. Kent olhou ao redor e perguntou:

"Por que está a pintá-la de branco quando tudo o mais na sala é preto?"

Nem o Arthur nem eu tínhamos a menor ideia do que ela queria dizer com aquela pergunta, e ela não conseguia explicar o

que dissera. Tanto quanto eu podia ver não havia nada preto na sala, mas como a Sra. Kent não fez mais nenhum comentário, achei melhor deixar morrer o assunto.

No entanto, estávamos prestes a ser esclarecidos. O significado da declaração aparentemente sem sentido foi suscitado, não por acaso, duas noites depois.

O quarto em que dormíamos tinha uma cama de casal, que ficava num canto com um lado encostado à parede. Eu costumo dormir do lado da parede. Eu tinha passado por um sono rápido para alguns momentos quando de repente acordei para me ver deitada no chão. Demasiado atordoado para dedicar ao assunto qualquer reflexão, eu trepei para o meu lado da cama e adormeci novamente. Alguns minutos depois eu acordei de novo, e mais uma vez me encontrava deitada no chão do outro lado da cama. Eu pensei que deveria estar a ter um pesadelo e, mais desperta desta vez, voltei para a cama.

Eu ainda estava meio acordada quando de repente me senti subir no ar e passar por cima do meu marido. Um momento depois eu bati sem cerimónias no chão. Depois desse tratamento fiquei bem desperta. Colocando uma mão no chão a fim de me levantar, eu vi que estava coberto por um vapor branco que, quando eu peguei um pouco na minha mão para cheirar, descobri ser fumo.

Gritei para o Arthur que a casa estava em chamas. Juntos corremos escadas abaixo com as crianças e passamo-las em segurança da janela de trás para o quintal. Os bombeiros posteriormente disseram-nos que a sala de estar deve ter estado num estado de combustão lenta por mais de duas horas mas quando a porta foi aberta todo o lugar foi invadido pelas chamas a rugir.

Com tristeza pesquisamos as ruínas da nossa casa. O que restou dos móveis e das paredes da sala de estar estava carbonizado e enegrecido, incluindo a cómoda, que tinha sido tão

cuidadosamente pintada de branco. Foi então que nos lembramos das palavras que a Sra. Kent tinha proferido, duas noites antes.

Outro aspeto do desastre, no entanto, trouxe-me muito conforto. Agora não tinha dúvida na minha mente que eu estava sob a proteção do mundo espiritual. Ao me jogarem três vezes no chão para me acordar, os meus amigos do espírito tinham mostrado conclusivamente que eles não tinham intenção de permitir que deixasse esta vida até que o meu trabalho estivesse feito.

Eu tinha agora atingido um estágio no meu desenvolvimento físico, em que eu sentia o desejo de ir por toda a parte e de trabalhar entre as pessoas, e de tentar trazer esperança e conforto às suas mentes e cura aos seus corpos. Eu ansiava por partilhar a luz da compreensão que me tinha sido dada, e ajudar a levar mais à atenção das pessoas a verdade que tinha sido demonstrada à humanidade quase dois mil anos antes.

Teve, para mim, início um processo gradual de desdobramento dos poderes psíquicos necessários para o cumprimento da minha missão. Isso foi realizado, não por treino nenhum especial, mas simplesmente pela abertura da minha mente de forma a receber impressões do mundo espiritual e, ao fazê-lo, tornando-me no instrumento para o exercício do poder divino através de Red Cloud.

Eu gostaria de, a esta altura, corrigir um equívoco comum sobre a maneira pela qual os guias espirituais costumam dizer que tratam os seus médiuns. É frequentemente sugerido que os guias forcem o caminho para os médiuns sem qualquer consideração pelos seus sentimentos. Devo salientar enfaticamente não ser esse o caso. Red Cloud sempre me tratou com amabilidade e com a maior consideração pela minha saúde e bem-estar. Ele nunca me pediu para fazer qualquer coisa que eu não tenha dado livre consentimento. Ele sempre insistiu que não apenas os médiuns, mas todos os homens e mulheres dispõem de livre arbítrio para

agir como quiserem, e com isso assumir a responsabilidade pelas suas ações.

Um exemplo interessante é o caso de um jovem que veio a mim em busca de provas da sobrevivência. Ele estava ansioso para entrar em contacto com o pai no mundo espiritual. Red Cloud disse-lhe: "Sinto muito, meu filho, mas não posso trazer-te o teu pai a ver-te. Quando ele esteve na Terra, ele acreditou que depois de sua morte ele dormiria até o Dia da Ressurreição. Eu não posso interagir com o seu livre arbítrio Ele agora dorme numa das casas de repouso do mundo espiritual."

Disto, poder-se-á ver que as pessoas espirituais não podem ser chamadas de volta contra a sua vontade a comunicar com aqueles que se encontram na Terra. Eles só vêm se o quiserem fazer. Não pode dar-se a questão do "ressuscitar dos mortos," como tantas pessoas erroneamente afirmam.

Comecei a participar em muitas reuniões em diversos distritos de Londres, em igrejas espiritualistas em Hampton Hill, Richmond, Surbiton, Wimbledon - para mencionar apenas algumas - palestras de clarividência (um meio pelo qual ouço as vozes espirituais), clariaudiência, cura e transe. Na Richmond Spiritual Church ocorreu um curioso incidente quando uma foto foi tirada por um fotografia psíquica que, embora não fosse profissional, estava a operar sob condições experimentais. Quando a chapa foi desenvolvida continha um raio de luz na forma de uma lança, com a ponta e a haste claramente distintas. Estava inverno. Não havia sol e não havia janelas na direção que a lança apontava. Eu não tinha visto a lança por via clarividente quando a fotografia foi tirada. Só posso depreender que o propósito do seu surgimento tenha sido o de simbolizar o de perfurar a escuridão da ignorância pela luz da compreensão.

De um ponto de vista material, essas reuniões eram tudo menos remuneratórias. No momento em que escrevo, é costume os médiuns receberem cinco shillings por reunião, com o que têm

que pagar as suas próprias passagens. Além disso, não é ocorrência rara um médium aceitar serviços tanto à tarde como à noite, sem qualquer aumento do pagamento. Contudo, isso não me preocupava, por mais útil que um pouco de dinheiro extra tivesse sido. Eu estava muito cheia do zelo do cruzado para procurar um ganho pecuniário. De facto, eu era provavelmente demasiado idealista e séria nas perspetivas que tinha.

É tão fácil tornar-se demasiado ardente com respeito a qualquer assunto que alguém sinta fortemente. Por causa disso, durante os primeiros dias de minha carreira, nas sessões em que eu não me encontrava em transe e, portanto, estava ciente de tudo o que eu dizia, eu era por vezes tentada a ignorar ou a revestir num maior decoro frases ocasionais, o que me chocava por me parecer irreverente ou de mau gosto. Eu recordo um caso desses em que uma jovem mulher, cujo noivo tinha sido morto, veio a uma sessão. Ele imediatamente veio ao meu encontro. Eu o ouvi com perfeita clareza, repeti as mesmas palavras repetidas vezes, mas como elas me chocaram eu senti-me relutante em passá-los à jovem na audiência.

"Diga-me," perguntei-lhe eu, "ele era um homem que usava uma linguagem contundente?"

"Não particularmente," replicou ela. "Por que pergunta? O que é que ele está a dizer?"

"Bem," disse eu duvidosa, "ele não para de dizer: 'Não é muito provável, não é muito provável!'."

Ela riu alegremente disso, e disse-me que eles haviam concordado que quem morresse primeiro deveria tentar voltar e apresentar como senha a famosa frase do *Pigmalião* de Bernard Shaw. (*NT: Not bloody likely*.)

Em breve fiquei a saber que os espíritos se comportam tão naturalmente e individualmente quanto nós. Só por passarem desta vida, eles não se tornam subitamente modelos de todas as virtudes, como algumas pessoas parecem pensar.

Eles mantêm as suas características mortais e, para todos os efeitos, são os mesmos que tiverem sido na Terra, exceto pelo facto de terem descartado corpos enfermos, feridos ou desgastados em troca de corpos espirituais perfeitos.

Red Cloud adora o riso, que ele diz criar harmonia. Ele tem um estilo de diversão cintilante e encantador, que ele frequentemente ativa quando sente que a atmosfera de uma sessão está a ficar muito tensa. Lembro-me de uma senhora, que andava pelos elevados círculos da sociedade, e que sempre se vestia requintadamente e no auge da moda, que certa vez lhe perguntou:

"Red Cloud, por que razão tantos dos guias são índios de cara pintada?"

Ela não o queria dizer com indelicadeza. Era uma pergunta genuína que, por acaso, foi feita diversas vezes. "O índio não devia pintar a face?" Red Cloud respondeu com um piscar de olhos. "Você não faz o mesmo?" A tensão da sessão se dissolveu de imediato com o riso.

Numa outra sessão, quando a atmosfera ficou carregada de emoção, Red Cloud interpôs de repente:

"Há dois dias atrás, outros da minha raça se aproximaram de mim, dizendo: 'Vem depressa, há alguém que quer tirar o escalpe à tua médium.' Fui com eles e encontrei- a sentada numa cadeira com os cabelos presos a uma máquina. Olhei, mas ela estava bem e feliz, pelo que me fui embora."

Eu estava, é claro, no cabeleireiro, a fazer uma permanentemente ao meu cabelo.

Um outro exemplo da identificação do espírito por uma senha pré-combinada era quando uma senhora aparecia, e trazia um objeto pessoal que pertencera a alguém que ela amava. Ela esperava que com a sua ajuda ela pudesse receber uma comunicação. No decorrer da sessão, fiquei perplexa quando a única palavra que conseguia ouvir era "coelhos", repetida várias vezes. A senhora em questão perguntou se havia alguma

mensagem para ela. Eu respondi que havia, embora eu duvidasse que lhe pudesse interessar. Um tanto ou quanto tímida eu disse-lhe que tudo o que recebera era a palavra "coelhos."

"Mas essa é justamente a palavra que o meu marido e eu concordamos que seria uma prova da identificação," exclamou triunfante. Depois disso, eu não mais me surpreendi com nenhuma mensagem que viesse do mundo espiritual.

Foi na Spiritual Church, em Richmond, em 1925, que Red Cloud me controlou pela primeira vez. Tinha um pequeno grupo reunido comigo num experimento para descobrir a extensão dos meus poderes psíquicos. Eu não estava num transe muito profundo, em razão do que tinha algum conhecimento do que estava a acontecer. Era como se eu estivesse parcialmente presente, e em parte desapegada.

Não há dúvida de que Red Cloud escolheu o estado de semi transe para me dar confiança antes de me submeter completamente a um transe, quando toda a consciência é retirada.

Eu podia ouvir o que ele dizia através de mim, embora eu não tivesse controlo sobre o que era dito. Ouvi-o dizer:

"Um dia, esta médium será conhecido em todo o mundo. As pessoas virão de todos os países ouvi-la. Muitas terão que voltar embora, pois não haverá local de reunião grande o suficiente para albergar todos os que desejarão escutá-la. Ela nunca irá querer, nem nunca conhecerá riqueza."

Quando saí dessa semi transe, ri ciente de mi própria dizendo: "Que adorável conto de fadas estive eu a contar?"

Os eventos provaram que era tudo menos um conto de fadas. Eu demonstrei a minha mediunidade em muitas reuniões de massas das quais as pessoas não podiam entrar por não haver espaço. Eu conheci homens e mulheres de muitas raças e credos, de todo o mundo e de todas as esferas da vida, que vieram receber conforto da parte do Red Cloud e ouvir a sua sabedoria. Talvez o

exemplo mais notável da verdade das palavras da Red Cloud seja encontrado numa ocorrência inesperada que se deu na Índia.

O falecido rei George da Grécia, muitas vezes veio falar com o Red Cloud, para receber os seus ensinamentos e orientação. Esse facto tornou-se do conhecimento geral, mas na época as suas visitas nunca eram mencionadas fora do pequeno círculo em que nos sentávamos e eram desconhecidas do mundo em geral.

Ele tinha ido para a Índia e estava com o então vice-rei, Lorde Willingdon. Sendo profundamente interessado por questões psíquicas, ele perguntou a Lord Wellingdon se ele sabia de algum místico com quem ele pudesse discuti-las. O vice-rei lhe contou-lhe o caso de um homem santo que vivia como eremita. O rei George foi ao seu encontro, tomando o cuidado de preservar o segredo da sua identidade. *No caminho,* ele teve que atravessar um vasto planalto. Depois que ele ter percorrido uma certa distância, ele encontrou-se com um homem santo, vestido com uma tanga e um turbante. O eremita ergueu a mão e ordenou ao rei que parasse.

"Não avance mais, meu filho," disse ele. "Você não precisa de mim, porque está sob a proteção da grande Red Cloud." Voltou-se, recusando mais conversa, e foi para a sua cabana.

Quando o rei George voltou a Inglaterra, ele veio imediatamente contar-me a história. Ele ficou muito impressionado com o que tinha acontecido, particularmente por o homem santo não poder ter tido conhecimento por fontes terrenas da associação que o visitante tinha com Red Cloud. Nem poderia o santo homem ter sabido quem o monarca era.

Outros membros da Família Real visitaram a minha casa; o falecido Paul, que fora coroado Príncipe à época, muitas vezes vinha procurar orientação. Nem o rei George nem o príncipe Paul fizeram segredo de grande interesse que tinham pelo Espiritualismo e por Red Cloud, mas eu e minha família sempre nos referimos a eles como o "Sr. Roy" e Sr. Constantine," os

nomes que eles escolheram para viajar incógnitos. A minha filha Iris atuou como minha secretária pessoal em todo a sua vida adulta, e ela considera ser à prova de choque. No entanto, até mesmo o seu aprumo natural foi abalado quando, ao atender o telefone um dia, se deparou com uma chamada do "Palácio de Buckingham."

O Sr. Roy era um convidado oficial no Palácio. Um outro membro a vir ao Red Cloud era a sua irmã, a falecida ex-rainha Helen da Romênia. O Rei George era o visitante mais frequente. Ele adorava o Red Cloud, e gostava de discutir todos os tipos de assuntos com ele. A Grécia estava encontrava-se num conturbado estado de tumulto nessa época. O Rei, exilado na Inglaterra, veio muitas vezes discutir os assuntos do seu país com Red Cloud. Quando por fim foi convidado a retornar ao trono na Grécia, como o guia previra, ele escrevia com frequência, enviando perguntas a que Red Cloud respondia. Eu ainda tenho as suas cartas que cobrem os anos de 1933 a 1940. Elas são, é claro, inteiramente privadas, e nunca será permitido que elas saiam das minhas mãos.

O rei George era o homem mais charmoso, um governante forte, mas gentil, capaz de tomar as suas próprias decisões e de as executar. Apesar da sua posição exaltada, ele era modesto e despretensioso nos seus contactos privados, sempre completamente natural, e possuidor de um forte senso de humor.

Lembro-me de que ele certa vez chegou a uma reunião pública no Aeolian Hall, onde, durante algum tempo, fiz demonstrações de clarividência aos sábados. Um Stewart, apelidado de "Twiggy", era um Cockney do melhor tipo. O rei George perguntou à minha filha, Iris, por um lugar na galeria. Ela, incapaz de deixar seu lugar à porta, ligou para "Twiggy" para ele o conduzir até lá, sem mencionar a identidade do soberano. Quando "Twiggy" retornou, Iris perguntou se ele havia encontrado um lugar para o visitante.

"Sim", disse "Twiggy" de forma complacente," *e* eu dei-lhe um “acid drop." (NT: Caramelo amargo feito de açúcar aromatizado com ácido tartárico)

"Deus do céu!" disse a Iris horrorizada. "Ele aceitou algum?"

"Sim. Vários!"

O rei também assistiu à abertura da Casa de Red Cloud, num adorável edifício antigo em Wimbledon, que anteriormente tinha sido a residência do Sr. Justice Hill. Em Outubro de 1934, foi dedicada à cura de doentes e a demonstrações dos meus dons psíquicos. Também se tornou a sede da qual muitas grandes reuniões espiritualistas foram organizadas em Londres e nas províncias. Elas incluíam aquelas que eram realizadas em conjunto com o *Sunday Pictorial* e uma campanha patrocinada pelo *Daily Sketch*. Muito trabalho valioso foi feito ali até 1941, quando, bombardeada tive que deixar a minha casa em Esher, e fui viver para o oeste do país para, e fechei as portas da Casa do Red Cloud atrás de mim.

A cerimónia de abertura da Casa de Red Cloud foi realizada pela Sra. Gordon Moore na presença do rei George da Grécia, do Sr. Hannen Swaffer, da Rose, da Marquesa de Headford, de Shaw Desmond e de muitos outros notáveis. A Sra. Gordon Moore vinha acompanhada pelo marido, que era médico da princesa Beatrice, cuja irmã, a princesa Marie Louise, se interessava pela cura espiritual e recebera tratamento de Harry Edwards.

A princesa Marie Louise enviava frequentemente pedidos e perguntas a Red Cloud através do Dr. Gordon Moore, que lhe transmitia as respostas de volta. Em mais que uma ocasião Red Cloud enviou mensagens à Princesa de pessoas no mundo espiritual que ela foi capaz de identificar positivamente, mas que me eram completamente desconhecidas.

Durante muito tempo, o Dr. Gordon Moore esteve longe de se convencer da verdade da Sobrevivência ou da existência de Red Cloud. Ele acompanhou a esposa numa das suas visitas a Red

Cloud, e decidiu colocar Red Clou à prova. Ele tinha-se sentido muito angustiado perante o sofrimento de uma jovem criada da sua própria casa que estava a morrer de cancro. "Se você conseguir deter o sofrimento dessa menina, passarei a acreditar," disse ele a Red Cloud. O guia respondeu:

"Não posso curá-la pois a doença encontra-se muito avançada, mas vou pôr-lhe cobro à dor."

O médico dificilmente conseguia voltar ao hospital para ver se essa promessa tinha sido cumprida. Quando lá chegou, descobriu que Red Cloud tinha sido tão bom quanto a sua palavra. A menina encontrava-se livre de toda a dor e continuou a não sofrer até o momento em que acabou por morrer.

Não é de admirar que o Dr. Gordon Moore se tenha convencido completamente da existência do Red Cloud. Mais de vinte anos depois, ele tornou-se vítima do cancro. Red Cloud disse-lhe que revelaria quando a sua hora derradeira estava a chegar, e prometeu ajudar na sua passagem para o outro mundo. Uma vez mais Red Cloud manteve a sua palavra, dizendo que ele estava ao pé dele para esse grande evento. Vinte e uma horas depois, o médico passou.

Outro estranho incidente diz respeito ao homem que era então presidente da Associação Espírita Marylebone. Ele tinha vindo a mim porque disse que tinha uma história interessante para me contar. Ele contou-me como um estranho chegara aos escritórios da Associação e insistira em falar com ele em pessoa. O visitante disse que tinha vindo à procura de uma médium muito conhecida, cujo nome ele havia esquecido. Poderia o presidente ajudá-lo a lembrar-se dele? O oficial estava mais que pronto para ajudar e desbobinou uma série de nomes, incluindo o meu.

"Ah," disse o homem," ela é uma dama de cabelos negros e olhos escuros e muito brilhantes?" O presidente concordou que eu tinha as características descritas. O visitante então fez uma descrição claramente reconhecível de mim própria.

O funcionário perguntou-lhe, surpreendido: "Então, você não a conhece?"

O homem abanou a cabeça. "Não," disse ele, "mas acabo de chegar da África. Lá vivi durante meses com uma tribo primitiva que pouco conhece do homem branco ou do mundo civilizado. No entanto, eles disseram-me que, quando voltasse para a Inglaterra, devia ir à procura da Lady Estelle, que ela me iria ajudar."

Respondendo a outras questões, o homem afirmou que muitos desta tribo eram médiuns. Ele acreditava que eles devem ter ouvido falar do meu nome através do mundo espiritual. Essa opinião foi confirmada por Red Cloud, que afirma que, embora as raças brancas tenham feito muitos avanços na civilização, o Africano primitivo lidera na compreensão que tem das leis psíquicas.

Não sendo de estranhar, eu estava profundamente interessada na história e aguardava ansiosamente a visita do homem que a contara. Havia tanta coisa que eu lhe queria perguntar sobre essa tribo primitiva, especialmente sobre a extensão e as limitações dos seus poderes psíquicos. Certamente nunca me passou pela cabeça que eu nunca mais iria ouvir falar dele. No entanto, esse provou-se o caso. Apesar do problema para o qual ele tinha ido averiguar o meu nome e endereço, ele nunca veio ver-me - ou, se o fez, não se me deu a conhecer.

Claro que tive de lidar com muitas pessoas de cor. Lembro-me vividamente de um africano, um estudante de medicina que ardia de desejo de ajudar o seu próprio povo que, infelizmente, necessitava de atenção médica adequada. Ele veio para a Inglaterra na esperança de se formar como médico num dos grandes hospitais universitários. Infelizmente ele estava com dificuldade em ser aceito. Ele explicou que, embora não houvesse regulamentações que excluíssem os estudantes africanos dos britânicos Hospitais, ele estava a defrontar-se com a resistência que, segundo cria, era devida a uma barreira racial.

Ficou claro para mim que o ávido entusiasmo com que ele embarcara na sua cruzada privada estava a transformar-se em desilusão e desânimo. Ele estava sozinho num país novo e estranho e sentiu-se evitado pelas pessoas ao seu redor. Ele ansiava desesperadamente pelo conforto e encorajamento do seu próprio povo.

Timidamente, ele perguntou-me se eu abrigava qualquer sentimento de preconceito racial ou de cor. Eu respondi que o mundo dos espíritos não reconhecia limites de raça, credo ou cor e que essa era igualmente a minha perspetiva. Ele agradeceu-me essa confiança. No decorrer da nossa sessão, o seu pai e irmão voltaram para ele assim como um cirurgião Africano de quem ele havia sido muito amigo.

Ao sair, ele disse: “Quando entrei nesta casa, vinha sozinho. Eu acreditava que em todo o mundo havia apenas eu e, infinitamente distante de mim, o meu Deus. Agora eu sei que não tenho apenas muitos amigos, mas também o Red Cloud para atuar como intermediário entre mim e Deus.” Mais tarde soube que ele conseguiu entrar num hospital para treino, mas nunca soube se a sua história teve um final feliz.

Um número incontável de pessoas veio até mim em busca de prova da Sobrevivência. Embora a maioria fosse cética, quase sem exceção eles ficavam convencidos por uma abundância de evidências de que os seus entes queridos ainda vivem. Uma mulher, lembro-me, ficou chocada com as possibilidades reveladas pela vida após a morte. Ela era uma mulher solteira e primitiva a quem eu dissera que podia ver por clarividência três homens ao seu redor. Pela descrição que fiz, ela os identificou como o pai e dois irmãos que haviam morrido.

"Muitas vezes eles vêm vê-la depois de você ter ido para a cama," disse-lhe eu.

Nesse momento ela sentou-se bruscamente e disse: “Sra. Roberts, se o Espiritualismo ensina que os espíritos masculinos

podem entrar no seu quarto depois de um deles se retirar, não quero ter mais nada a ver com isso!”

CAPÍTULO TRÊS
CURA

O meu primeiro paciente para cura chegou inesperadamente a uma reunião Espiritualista em Hampton Hill. Uma mãe trouxe um menino que sofria de asma e pediu que eu fizesse o que pudesse por ele. Eu vi a respiração difícil da criança e coração afundou-se-me. O que eu poderia, que sabia tão pouco de cura espiritual e que certamente nunca a tinha tentado, fazer por este pobre coitado que me olhava com olhos ansiosos e confiantes? Mas eu sabia que deveria tentar.

Com um silencioso apelo dirigido a Red Cloud para me guiar no que devia fazer, eu coloquei as minhas mãos suavemente sobre o peito da criança. Eu não tenho ideia de que reação eu esperava. Eu nunca pensei em mim mesma como tendo poderes de cura. Tocar a criança, foi coisa que eu fiz mais em resposta à fé que a mãe depositava em mim do que qualquer fé que eu tivesse em mim própria. No entanto, o que aconteceu foi nada menos do que milagroso.

Num instante a criança estava a lutar por respirar, e no seguinte ela estava respirando com facilidade e normalmente. Foi tão rápido e simples quanto isso e, de todos aqueles candidatos, tenho certeza de que fui o acabou mais perplexo. Eu não podia acreditar na evidência que podia constatar com os meus olhos e continuei não convencida, certa de que os espasmos deviam renovar-se a todo instante.

O garoto continuou a respirar normalmente e continuou a fazê-lo durante os seguintes vinte anos, quando por fim perdi

contacto com ele. Foi, pela sua imprevisibilidade e pela manutenção da cura conseguida, uma experiência profundamente comovente. Embora eu tenha sido, desde então, instrumento em centenas de outras curas - algumas muito mais espetaculares do ponto de vista do espectador - nenhuma me impressionou mais do que o meu primeiro tratamento.

Lembro-me da ansiedade de uma outra mãe que veio perturbada a minha casa numa noite de inverno. O seu filho, disse ela, estava a sofrer de meningite. Tudo o que era possível medicamente fazer pelo menino tinha sido feito. O médico chegou ao limite dos seus recursos. Agora a vida da criança estava na balança. Não havia algo que eu pudesse fazer, perguntou ela, ou Red Cloud, sobre quem ela havia lido tanto? Ela afigurou-se-me uma figura trágica ali sentada, com os olhos vermelhos de tanto chorar, os ombros curvados pela preocupação. Em tais momentos palavras de consolo soam a oco e não perdi tempo com elas.

"Venha", eu disse. "Vamos ver o que pode ser feito." Eu fui para casa com ela e sentei-me toda a noite a dar cura à criança. Passaram-se algumas horas antes que qualquer mudança na condição se tornasse evidente, mas, quando isso aconteceu, foi inegável. A partir daí, a melhoria foi lenta, mas constantemente mantida. Quando o médico chegou na manhã seguinte, foi saudado com alegria, onde poderia ter-se esperado pesar. Voltei para casa e não tive mais contacto com o menino ou a sua mãe. Cerca de quinze anos depois, quando eu estava entrar num carro depois de uma reunião espiritualista em Surbiton, uma mulher e um jovem bateram-me no vidro da porta. A mulher disse: "Este é o meu filho, cuja vida você salvou". Foi um momento feliz para mim quando me lembraram quem eles eram.

Uma grande parte do trabalho da Red Cloud é dedicada à cura. Ele diz que existem dois tipos de cura, a divina e a magnética. A cura divina é realizada por meio de sete raios, cada

um de uma cor diferente, que vêm das esferas superiores do espírito. Dispostas por ordem dos seus atributos, eles são roxo, verde, dourado, azul, aço, pérola e vermelho. O atributo mais elevado nas diversas vibrações é o raio púrpura, que na sua forma espiritual representa o raio da vida.

Este fora o que Red Cloud usou quando curava o garoto com meningite. Sabemos muito pouco destes raios ou como eles funcionam. Acreditamos que eles são irradiados em certos cumprimentos de onda, mas além disso não podemos dizer nada com certeza, a não ser que são manipulados apenas por seres espirituais altamente evoluídos. A cura magnética é feita por meio do raio branco.

Esta é uma vibração magnética ou terrena. A sua cura é útil, mas não permanente. Muitas vezes, quando há casos de doentes que experimentam uma recaída após uma "cura," é porque o curador só pôde entrar em contacto com essa vibração.

Red Cloud disse: "A cura magnética é como a passagem de uma nuvem pela frente do sol. Ela traz o conforto do alívio, mas não a cura. Somente a cura divina traz a força, e estimula a alma ao curar o corpo."

Os guias espirituais usam os diferentes raios de acordo com a capacidade e a força do corpo do curador. Assim, depende muito da capacidade que o curador na Terra tenha de sintonizar a sua consciência ao nível dos mais altos raios possíveis. O mesmo depende, igualmente, do paciente. Mesmo que o curador esteja sintonizado com os raios mais elevados, se as vibrações do paciente não tiverem sido elevadas a um nível suficiente, o contacto será apenas pelo raio magnético, e resultará não mais do que na cura temporária. Até mesmo Jesus fez exigências aos seus pacientes - "Pensas que eu posso fazer isto?"

Red Cloud tem um grupo de ajudantes espirituais que inclui alguns que foram médicos na Terra. Um deles é Sir Morell Mackenzie, cujo retrato tenho na minha lareira. O retrato foi-me

foi dado pelo neto de Sir Morrell, cujo conhecimento eu travei pela primeira vez quando ele veio ver-me e estava a espumar de indignação. Ele tinha vindo, disse ele, "para rechaçar todo o absurdo" que circulava a respeito do seu avô ser um dos ajudantes espirituais de Red Cloud. Conversamos durante um longo tempo e quando nos separamos tínhamos formado uma amizade que persistiu até a sua morte.

Através de minha mediunidade, Red Cloud e Sir Morrel Mackenzie realizaram uma notável "operação" numa jovem mulher, uma enfermeira, que veio à procura de cura. Ela havia sofrido um acidente numa data anterior e agora queixava-se de dor na espinha que se recusava obstinadamente a ceder a tratamento médico. Presentes comigo no círculo achavam-se vários curadores psíquicos. Igualmente presente estava um médico que estava a investigar essa forma de cura.

Colocamos o paciente numa mesa e Red Cloud diagnosticou que a dor era causada por uma lasca de osso. Actuando através de mim enquanto eu me encontrava em transe profundo, Red Cloud pôs a enfermeira a dormir colocando a minha mão sobre a cabeça dela. Ela ficou inconsciente quase imediatamente. Nenhuma forma de hipnotismo ou auto-sugestão foi usada.

O médico examinou-a e, impressionado, disse:

"Para o bem da humanidade, mostre-me como fazer isso, Red Cloud."

O guia respondeu: "Não, meu filho. Tal poder pode tirar a vida tão prontamente quanto a salva, não deixando nenhuma impressão de como a morte tenha ocorrido. Nas mãos de perversos, isso seria uma coisa má. Por essa razão eu não te vou mostrar."

Através das minhas mãos ele começou a massagear as costas da mulher até que apareceu na minha mão direita um pequeno pedaço de osso. “Isto,” Red Cloud disse ao grupo, “é a causa da dor.” O médico quase o arrancou da minha mão na ânsia de o

examinar. De seguida, depois de um exame rápido da lasca de osso, ele virou-se para a paciente e fez uma busca cuidadosa na sua coluna em busca de algum traço de cicatriz ou perfuração através do qual o osso pudesse ter passado. Não havia nenhum.

Poucos minutos depois, a enfermeira recuperou a consciência. Ela sentou-se e inclinou-se experimentalmente primeiro numa direção, depois na outra.

A dor desaparecera completamente. Já se passaram mais de vinte anos desde que isso aconteceu. Vi a enfermeira novamente sobre dois anos depois, e ela disse-me que a dor nunca mais voltara.

Dificilmente preciso acrescentar que a posse do pedaço de osso foi prontamente reivindicada pelo médico. Foi a sua única prova de que a "operação" realmente ocorrera. Ele submeteu o pequeno bocado a todos os testes que ele e os seus amigos médicos conseguiram conceber. Passou por todos eles, e foi definitivamente estabelecido como osso humano. Quer se tratasse de uma lasca de uma das vértebras da coluna vertebral, porém, não podia ser confirmado com o mesmo grau de certeza, embora todos aqueles que a examinaram e estivessem qualificados para expressar uma opinião fossem unânimes em acreditar que sim. Eu tive várias visitas desta ex-paciente, a Sra. Haining, que agora vive em Bournemouth e retomou a sua enfermagem ao cuidando dos idosos.

Outro caso de cura de que me lembro é o de David Short, um menino de três anos, cuja mãe me implorou para ver se havia algo que pudesse ser feito. Sofrendo de pneumonia e gastroenterite, ele estava sendo mantido vivo com uma dieta à base de glicose e água, já que ele não podia manter nenhum outro alimento em baixo.

A minha filha Iris foi comigo e quando chegamos na casa, o menino estava claramente muito doente. Eu coloquei as minhas mãos no seu corpo, enquanto Iris segurava na cabeça, e por meia

hora dei-lhe a cura proveniente de Red Cloud. Então eu sugeri que lhe devia ser dado um pouco de comida. Ele aceitou prontamente, quase avidamente, e para nosso deleite foi capaz de retê-la. Ele ficou visivelmente menos inquieto e finalmente adormeceu.

O médico apareceu mais tarde nessa noite e ficou surpreendido ao encontrar o menino num sono profundo e natural, com a respiração muito melhorada. Acho que ele receava o encontrar mais com vida. Essa mudança repentina para melhor foi completamente inesperada. Iris e eu fomos à casa para renovar a cura por três dias consecutivos, e foi maravilhoso observar a reação da criança. Nós podíamos vê-la a reunir forças do tratamento. A sua recuperação foi completa. Em sinal de gratidão, ele traz um monte de flores todos os anos no meu aniversário.

A cura espiritual pode ser eficaz em certos casos de doença mental. Lembro-me de um caso interessante em que um jovem era objeto de uma obsessão terrível. Normalmente ele era uma pessoa de charme e sucesso, mas tinha períodos em que era vencido por um desejo quase irresistível de matar a mãe.

O clímax foi atingido quando ele foi descoberto a caminho do quarto dela com a intenção fixa de lhe tirar a vida. Algo obviamente tinha que ser feito, e fui abordada para dar a ajuda que pudesse. Organizei uma sessão com os membros do meu grupo e convidei o rapaz a comparecer. Red Cloud controlou-me através do transe profundo e dirigiu-se ao jovem:

"Há dois anos visitaste uma casa de má reputação em França," disse ele, "e quando vieste embora, não vieste embora sozinho. Um espírito do mal acompanhou-te na tua aura, vendo em ti um canal para a expressão terrena dos seus próprios desejos pecaminosos."

O jovem ficou espantado com a menção de uma visita que ele vergonhosamente admitia ser verdadeira. Mas como teria Red

Cloud conhecimento de uma escapadela que nunca contara a ninguém?

"Meu filho, muito se sabe que está além da tua compreensão," disse o guia. “É suficiente que saibas apenas que o espírito que agora te possui esta noite se afasta da tua aura. E com a sua saída a tua saúde vai voltar para ti e o teu corpo."

O exorcismo que se seguiu foi, nas palavras das testemunhas, um estrondoso e turbulento desempenho no qual as ameaças e as blasfémias e a gritaria surgiram por meu intermédio - Red Cloud permitiu que a entidade me controlasse temporariamente - eloquentemente traíram o espírito como sendo de uma ordem muito baixa. Os protestos deram lugar a gemidos e a soluços, enquanto os membros do círculo acrescentavam a convicção das suas palavras à força que Red Cloud estava a exercer para desalojar a criatura indesejada. O fim veio de repente e sem aviso. Os gemidos e soluços cessaram e tudo se fez silêncio.

A seguir vi o rapaz dois ou três anos depois. Ele apareceu, trazendo uma jovem com ele. Ele perguntou-me se eu me lembrava dele e por um momento eu não me lembrei. Pedi desculpas, explicando que conheci muita gente.

"Eles estavam a começar a dizer que eu estava louco," prosseguiu ele, "mas Red Cloud disse que eu estava possuído por um espírito maligno. Você lembra-se, agora?

Eu assenti. "Lembro. E quem tinha razão?”

"Red Cloud," disse ele enfaticamente, "embora eu à época não estivesse convencido. A ideia do espírito maligno é tão medieval! Mas eu não tive outro ataque a partir daquele dia, e isso é prova suficiente para mim. Também convenceu a minha esposa, não é, querida? Ele olhou para ela com confiança enquanto ela sorria para ele.

"Completamente, querido," disse ela.

"Isso foi tudo por que viemos," disse ele, voltando-se para mim, "isso e dizer obrigado. Eu lhe devo mais do que posso pagar. Quero que você saiba que lhe estou grato."

Quando eles se foram, pensei naqueles dois jovens, que obviamente se adoravam tanto um ao outro. Era agradável sentir que eu havia desempenhado algum papel na tentativa de tornar a sua felicidade possível, especialmente quando eles se deram ao trabalho de vir dizer-me isso.

Lembro-me de um outro caso de obsessão em que a cura foi mais drástica. Diz respeito a uma garota de vinte e três anos que estava obcecada por uma entidade masculina. Ela estava perfeitamente normal durante algumas semanas e então o espírito invasor de repente tomava posse dela com resultados angustiantes e surpreendentes.

A dificuldade em lidar com ataques intermitentes desse tipo é como estar à mão quando algum ocorre. Como os ataques são imprevisíveis, só é possível passar o maior tempo possível com a pessoa afetada e aguardar os resultados.

Um plano foi arranjado para que eu pudesse mantê-la sob observação ou estar rapidamente disponível quando ela precisa precisasse. Logo descobri que ela era uma companhia inteligente e encantadora. Ela era aparentemente tão saudável e normal que parecia que podíamos partilhar da associação que tínhamos uma da outra por um longo tempo antes que a sua obsessão estivesse novamente pronta para revelar a si própria. No entanto manifestou-se dentro de poucas horas.

Durante a manhã que passávamos juntas conversamos sobre muitas questões. À tarde fomos dar uma volta, e voltávamos a tempo do chá. Subimos para o meu quarto, eu a liderar o caminho e numa conversa inconsequente sobre o meu ombro. Quando abri a porta, vi que alguém havia colocado uma linda taça de violetas na minha mesa. Corri até elas, exclamando:

"Olha só! Não são perfeitas?

Naturalmente eu esperava que ela respondesse em termos igualmente elogiosos.

Mas não deu qualquer resposta. De repente, recordada do motivo da sua presença, olhei rapidamente por cima do ombro para ver o que ela estava a fazer. Fiquei surpreendida com a transformação com que me defrontei.

A moça de rosto adorável com quem eu passara as últimas quatro horas tinha-se, numa metamorfose tipo Doctor Jekyll - Mister Hyde transformado num homem de aspeto grosseiro, que falava alto. É difícil de explicar. As características eram como eram antes, mas diferentes de alguma forma indefinível. Elas tinham-se fortalecido e endurecido, e a sua feminilidade fora substituída por algo inteiramente masculino. Aqui não podia haver a menor dúvida de que era um homem que me encarava por aqueles olhos anteriormente dóceis.

A voz também era completamente diferente. Havia baixado vários tons, e as palavras que agora pronunciava eram próprias da sarjeta. Com um desplante descarado a criatura esparramou-se numa cadeira e desafiava-me a dar um passo à frente. Lançando-me terríveis ameaças de injúria se eu não obedecesse às suas ordens, ele gabava-se da força e da determinação de se manifestar no corpo da menina sempre que ele se sentisse disposto a isso.

Eu fora instruída a nunca temer o desconhecido. Com absoluta certeza, eu sabia que o Red Cloud estava comigo naquele instante e não poderia ter chamado um campeão maior. Quando comecei a avançar sobre o intruso, defrontei-me com uma onda de pragas e de obscenidades. Eu disse-lhe que ele devia abandonar o corpo da garota para sempre.

Com isso, ele silvou mais ameaças de violência, mas não fez nenhum movimento para as realizar. Ele apenas se esparramou na cadeira, a boca afrouxada e humedecida, os olhos furtivos e assustados. Cheguei onde ele estava sentado e agora, sob a orientação de Red Cloud, coloquei as minhas duas mãos na testa

da criatura. O grito que essa ação produziu pode ser descrito apenas como um bramido de terror, seguido de súplicas solitários para o deixar em paz.

Mais uma vez, pedi-lhe que deixasse o corpo da menina. Mais uma vez ele recusou. Senti a minha mão começar a mover-se sob alguma gentil compulsão até que os polegares tocaram o centro da testa e os dedos, esticados em toda sua extensão, curvaram-se em torno da cabeça e rodearam-na parcialmente. Mais uma vez veio o bramido de terror, seguido pelos soluços assustadores. A seguir sobreveio um silêncio, interrompido alguns minutos depois, pela voz de Red Cloud que me invadia a consciência com as palavras: "Tudo acabou. Ele não retornará mais." Com a partida da entidade, a garota rapidamente voltou ao normal, e nunca mais passar pela repetição da provação que sofrera.

Nem todos os casos de cura são consumados a uma velocidade espetacular; em alguns casos, leva meses e até anos a conseguir-se uma cura. Mesmo assim eles não são menos notáveis, porque a maioria são casos em que todos os outros medicamentos foram tentados e falharam. Os infelizes sofredores vêm à cura do espírito como medida de último recurso, sem uma esperança efetiva, mas prontos a tentar qualquer coisa. A percentagem de tais curas é muito elevada, mas elas levam mais tempo a serem efetivadas.

O caso de Ewart Dudley, um autor por opção, mas funcionário público de profissão, que inicialmente me chamou a atenção em Fevereiro de 1955, foi um desses. Os seus médicos diziam-lhe que ele sofria de uma condição conhecida como síndroma de irritação do cólon (espástico) crónica, complicada por diverticulose e diverticulite (inflamação do forro do intestino grosso) do cólon transversal e descendente. Traduzido em linguagem menos complicada, queria dizer que ele estava a sofrer de um grave achaque que dez anos do melhor tratamento médico

não tinham conseguido curar. O uso regular de drogas poderosas contribuiu para diminuir a dor intensa, mas a dieta rigorosa minou-lhe as forças. Ele estava numa desesperada condição de falta de peso e não estava em condições de se submeter à grande operação que seria necessária caso o cólon fechasse, o que se afeiçoava uma perspetiva sombria para qualquer homem enfrentar.

Essa era a condição em que ele se encontrava quando veio a mim pela primeira vez, um homem muito doente, que estava em queda acentuada, um homem em contínuo sofrimento que estava a perder as forças e a começar a perder o controlo. Eu dei-lhe uma cura de contacto proveniente do Red Cloud. Ao final de três semanas, ele começou a mostrar os primeiros sinais de melhoras. Nós continuamos o tratamento. Durante doze meses ele visitou-me uma vez por mês durante quarenta e cinco minutos. No final desse período, a enfermidade intestinal mostrava-se muito menos aguda e a sua saúde geral tinha melhorado para além de toda a pretensão. Após os primeiros seis meses, ele tinha sido capaz de reduzir a ingestão de medicamentos de três vezes para uma vez por dia e após um ano ele foi capaz de passar inteiramente sem eles.

Seis meses depois, ele parou de fazer lavagens ao cólon, e as visitas que me fazia foram reduzidas a um período de uma a cada dois meses. Em dezembro de 1957, os seus intestinos pareciam perfeitamente normais. Embora ele ainda tivesse que tomar cuidado com a sua dieta, ele alegou que estava em melhor estado de saúde e que se encontrava mais ativo do que em qualquer momento desde 1944. A cura levou tempo, mas foi bem-sucedida.

Ao registar estas participações especiais na cura espiritual, nem por um momento sugiro que a medicina ortodoxa deva ser substituída pela cura espiritual. Enquanto tivermos corpos físicos, médicos o tratamento será necessário ao tratamento quando se esgotarem. Mas há instâncias em que a medicina fica aquém do

que é necessário. É então que a cura pelo espírito, com suas reservas muito maiores, pode, a qualquer momento, desempenhar um papel surpreendente.

O cético entre os meus leitores, se tiver lido até aqui, sem dúvida dirá que o curador não é a pessoa certa para relatar tais histórias de curas milagrosas - que é o testemunho do "curado," e não do curandeiro, que ele quer ouvir. E assim é que deve faze-lo. As palavras que compõem os parágrafos que se seguem não são minhas, mas foram escritas e publicadas há alguns anos pela Sra. Emma Cunliffe-Owen, OBE. Elas não carece de comentários da minha parte.

"As palavras deixam-me ficar mal quando tento exprimir a profunda gratidão a Deus Todo-Poderoso e ao Red Cloud por toda a maravilhosa ajuda e proteção que recebi, e pela cura da artrite reumatoide. O extraordinário conhecimento de todos os assuntos médicos que Red Cloud tem, e as enérgicas e claras explicações que dá em todos os detalhes relacionados com a doença da mente e do corpo, vão além das palavras. A amável orientação e os ensinamentos da Santa Vontade de Deus são a maior ajuda para os que se encontram em dificuldades e têm fé em Deus. O principal objetivo e objeto de Red Cloud é, aparentemente, fazer com que os seres humanos percebam mais plenamente que, para Deus, nada é impossível; e fazer aos outros o que gostaríamos que nos fizessem a nós.

Red Cloud, o grande médico do espírito, continua o seu trabalho para o nosso Pai celestial aqui nesta Terra, curando e ajudando a alma e o corpo. Sabiamente, carinhosamente, Red Cloud orienta e conduz aqueles que dele precisam, e que escutam sua voz; o seu trabalho espiritual é interminável.

Quando jovem, eu estava repleta de ácido úrico, e sofria continuamente de reumatismo e da assim chamada gota. Mais tarde, tive uma doença muito grave, pneumonia séptica em ambos os pulmões e flebite em quatro veias. Então, uma reincidência de

um veneno qualquer no meu sistema reavivou o reumatismo, e todos os remédios médicos falharam. Eu decidi entrar em contacto com o controlador da Sra. Estelle Roberts, Red Cloud, que, segundo entendia, era um médico espiritual.

Eu candidatei-me à Associação Espírita Marylebone para uma sessão com a Sra. Estelle Roberts em Outubro, apenas para ser informada de que as exigências do tempo dessa senhora eram tão grandes que eu não poderia ter uma sessão com ela até o dia 3 de Janeiro seguinte. Eu hesitei, dizendo: "Suponha que eu não esteja viva em Janeiro?" A resposta foi: "Você não precisa temer: poderíamos marcar-lhe uma consulta se houvesse qualquer probabilidade de você estar no Outro Lado."

Quando, finalmente, chegou o dia para eu ter a minha sessão com a Sra. Roberts, provou ser um dia festivo na minha vida. Red Cloud contou-me todos os detalhes do meu anterior sofrimento e prosseguiu dizendo: “Todas as tuas articulações estão enferrujadas, e isso é o que está a causar a dor. Eu vou-te ajudar se tu tiveres fé em Deus e fizeres o que eu disser.” Naturalmente eu prometi isso, e nunca me arrependi da promessa que fiz, nem retrocedi por um só momento.

Red Cloud perguntou-me se eu poderia ter o tratamento em Londres sob a sua orientação, mas como isso me era impossível devido ao facto de eu estar a viver em Leicestershire, ele disse-me para ter um tratamento antes de eu sair de Londres e que ele então me iria dar um tratamento toda noite quando eu estivesse a dormir. Red Cloud então falou-me de muitas questões familiares, nomeou os queridos que eu tinha no mundo dos espíritos, e instruiu-me sobre muitos assuntos familiares particulares relacionados com a vida que tinham tido aqui na terra.

Todos esses detalhes estavam corretos. Gostaria igualmente de aqui mencionar que, quando reservei a minha sessão em outubro não revelei o nome de Cunliffe-Owen. Não havia, portanto, nenhuma hipótese da médium ter sequer conhecimento

do meu nome, quanto mais de fazer perguntas sobre a minha família! Todos os meus inchaços, dores e desconforto diminuíram gradualmente, mas comecei a sentir dores no fundo das costas. Quando isso continuou, achei que elas pudessem estar ligadas ao tratamento, de modo que fui a Londres para ter outra sessão com a Sra. Roberts.

Red Cloud disse-me de imediato que estava arrependido de ter sido obrigado a fazer-me sofrer de dor nas costas, mas que estava a livrar-se do ácido úrico através dos meus rins, o que para a minha mente de leiga soou plausível e senso comum. Havia muitos sinais externos desse ser o caso. Em conexão com isso, uma observação muito particular, feita sobre o assunto, à minha experimentada e fiel empregada de trinta anos, foi-me repetida a mim por Red Cloud em termos literais, mesmo a ponto de mencionar o nome da minha empregada. Red Cloud informou-me que as dores nas minhas costas desapareceriam, e elas desapareceram. Ele também me informou que eu não devia ter mais dores de cabeça violentas depois de três dias, e elas também desapareceram e eu não voltei a ter dores de cabeça desde então.

Numa ocasião, enquanto estava de férias eu caminhei muito, e a minha empregada massageou-me as costas à noite e manhã por dois dias. Na noite seguinte, enquanto estava acordada, ouvi uma voz dizer:

"Não deixes a Hoare esfregar-te as costas, é perigoso."

Na minha sessão seguinte com Red Cloud ele disse-me:

“Fico contente por me teres ouvido quando estiveste fora; Eu disse-te para não deixares o Hoare esfregar-te as costas por ser perigoso. 'Vês, querida filha, tu não pareces velha, não se sentes velho, mas os teus órgãos internos *estão* envelhecidos e os teus rins têm tendência para a flacidez. Consequentemente, qualquer massagem, é perigosa e pode causar sérios problemas.

Red Cloud pode ver no corpo humano o que nenhum olho humano pode ver. Terna e carinhosamente, ele deu-me

tratamentos diários e instruções simples, que eu levava ao pé da letra; O resultado é que agora, treze meses depois do meu primeiro tratamento, estou completamente curada de artrite reumatoide. Os meus joelhos, que eram seis polegadas maiores que seu tamanho normal, agora estão normais novamente. As minhas juntas duras e enferrujadas são agora bastante indolores, e dizem-me que pareço vinte anos mais jovem do que dez anos atrás.

Mas, por mais verdade que isso possa ou não ser, prevalece o facto de que agora posso andar e deslocar-me de maneira normal e saudável.

O que tratamentos elétricos (que no meu caso eram inúteis), vacinas e todos os remédios terrenos não conseguiram realizar, Red Cloud enquanto agente divino, realizou. Antes de eu conhecer Red Cloud, disseram-me repetidamente que eu nunca deveria ser curada, mas iria piorar constantemente. Tenho certeza de que Deus me guiou até Red Cloud, por, sob os seus sábios e amáveis cuidados, estou curada. Sempre que agradeço a Red Cloud pelo que ele fez por mim, ele sempre respondeu: 'Minha filha, não me agradeças; dá graças a Deus Todo-Poderoso, o Mestre, a quem sirvo.'

Desde que conheci o Red Cloud, a minha fé e gratidão a Deus aumentaram mil vezes, e nunca deixarei de estar grata por ter tido permissão para entrar em contacto com o seu mensageiro - Red Cloud. Espero e oro por que estas palavras possam ajudar outros sofredores, e lhes provem que "a Deus, nada é impossível," e que Deus, na sua grande misericórdia, permite a esse médico espiritual ajudar e curar os pobres mortais se tivermos fé suficiente."

CAPÍTULO QUATRO
PSICOMETRIA

A psicometria é um aspeto da mediunidade que eu sempre achei fascinante por causa dos resultados notáveis que produz. Baseia-se no facto de que tudo quanto é material pulsa com vibrações. A aura que envolve o corpo humano também emite vibrações que são constantemente absorvidas pelos objetos inanimados que se encontram dentro do seu campo de influência.

As pequenas posses pessoais, como as que são transportadas regularmente nos bolsos ou bolsas, são ideais para fins psicométricos. O manuseio repetido deles após um período de tempo os impregna-as com as vibrações do seu dono. Essa impregnação pode persistir por muito tempo - muitas vezes depois que o objeto ter sido permanentemente deixado de lado ou, como acontece em muitos casos, após a morte do dono.

Não é apenas dos objetos pessoais que obtenho mais leituras psicométricas interessantes. Artigos que não tenham uma associação pessoal frequentemente revelam fortes vibrações reunidas dos arredores onde foram encontrados. Aqueles que tenham permaneceu inalterados durante um longo tempo - centenas de anos, em alguns casos - frequentemente revelam o histórico de associações mais interessante.

Como a psicometria transmite a sua "mensagem" ao médium é um dos mistérios do oculto que eu achei quase impossível de explicar aos não iniciados. É fácil até para o indivíduo mais terra-a-terra entender a clarividência, porque estar acostumado a ver as coisas com a visão física.

Quando se lhe diz que vemos as formas dos espíritos tão clara e nitidamente como ele pode nos vê através da sala, ele não tem dificuldade em entender o que queremos dizer embora intimamente possa pensar que estejamos um pouco desequilibrados. Similarmente com clariaudiência. Ele está acostumado a ouvir as vozes dos seus amigos, pelo que não

precisa de um grande esforço de imaginação para entender que pode haver quem consiga ouvir vozes que não lhe são audíveis.

Ele provavelmente não acreditará nisso como uma possibilidade, tal como não aceitaria a viabilidade do rádio e da televisão há cinquenta anos atrás, mas pelo menos ele consegue entender o que estamos a dizer.

Mas e a psicometria? Com ela o médium não vê nada e não ouve nada. Não recebe qualquer imagem mental em que ela possa olhar e descrever em detalhes, nem nenhuma voz distante que lhe penetre a consciência com mensagens verbais. Então, como é que as vibrações do objeto que ela está a segurar lhe comunicam a sua mensagem?

No que concerne à minha experiência pessoal, a resposta é inexplicável, por não haver nenhuma equivalente correspondente física com que fazer a comparação. Posso apenas dizer que assim que eu pegar o objeto oferecido na mão eu *tomo conhecimento* da sua mensagem. Eu não posso dizer-lhes como é que eu sei, só posso dizer que sei.

O leitor observador sem dúvida notará que ao descrever a experiência de psicometria em outras partes deste livro, eu por vezes contradigo o que eu acabei de dizer usando as palavras "Eu capto uma imagem de" ou "eu o ouvi-o dizer." Na verdade, eu não obtenho nenhuma, mas eu vejo-me forçada a usar tais expressões por não conseguir pensar em nenhuma outra maneira de expressar o que quero dizer. O que é popularmente conhecido como "intuição feminina" é talvez o paralelo mais próximo que posso propor. Muito humor é regularmente colhido desta matéria, e alguma pode ser justificada.

No entanto, a intuição desempenha o seu papel nas vidas de todos nós, independentemente do sexo. Muitas pessoas têm em algum momento um palpite inconfundível que lhes vem espontaneamente à ideia.

De repente, elas *sabem* que tal ou tal coisa aconteceu ou está prestes a acontecer. Não é uma questão de especulação mas de certeza. Sem nenhum facto em que nos baseiem, mesmo sem terem consciência de pensar sobre o assunto, a resposta é-lhes milagrosamente fornecida. Questionadas sobre isso, eles irão dizer-lhes que elas sabiam "intuitivamente," que é o seu modo de explicar que elas não sabem como elas têm conhecimento, ou porque terão tido conhecimento disso, mas apenas que souberam. E na maioria dos casos os seus palpites são provados como absolutamente certos.

Essa súbita "sensação" - se dissermos que é instintiva ou intuitiva não importa - não pode ser explicada por raciocínio nem pela lógica. É como se todos os outros pensamentos tivessem sido momentaneamente varridos da mente, que normalmente atravancam a sua superfície, deixando-a atenta e suscetível a alguma força latente que esteja à espera de se lhe forçar a si própria.

Se, então, estiverem preparados para concordar que todo homem e mulher podem ocasionalmente experimentar tais momentos de "visão clara," também poderão concordar que alguns, que por natureza e treino são médiuns, podem desenvolver uma extensão disso. Não que eu sugira que a psicometria seja uma extensão direta do que é popularmente conhecido como intuição. Ela vai muito mais fundo. Mas na busca de uma resposta para a pergunta muitas vezes repetida de como eu sou capaz de dar as descrições e mensagens verbais que dou ao demonstrar a psicometria, só posso adiantar a intuição como o interesse paralelo.

Um médium experiente que manipule um objeto pessoal pode traduzir as suas vibrações numa descrição detalhada do seu dono, do seu caráter, das idiossincrasias e talentos. Em alternativa, ela pode invocar uma cena ou era distante do tempo ou local atual. Eu

recordo vividamente um exemplo do passado distante que assumiu visivelmente o primeiro plano.

Eu tinha sido convidada para jantar com uma mulher muito charmosa chamada Sra. Hackney. Embora ela tenha me tivesse visitado em diversas ocasiões, eu nunca tinha ido a sua casa antes, nem tampouco cheguei a conhecer o marido. Após a refeição, o Sr. Hackney colocou-me um pequeno pedaço de sílex na mão e perguntou se eu poderia captar alguma coisa dela. Eu obtive uma reação imediata e fui capaz de lhe dizer que até recentemente tinha estado durante muito tempo profundamente enterrada na terra e que, antes disso, tinha sido parte de um implemento de pedra - provavelmente um machado.

O Sr. Hackney sentia-se intensamente interessado porque podia confirmar a precisão da primeira parte da minha leitura. Ele disse-me que era engenheiro de minas e que ocasionalmente examinava minas e trabalhos de fossas. Ele havia pegado esse pedacinho de sílex numa mina e trouxe-o à superfície para o examinar mais de perto.

Se era uma lasca de um machado da Idade da Pedra ele não estava qualificado para o dizer, mas ele estava suficientemente interessado em procurar a opinião dos especialistas. Ele levou o bocado para o Museu Britânico onde o meu diagnóstico foi pronunciado como acertado, na medida em que eles eram capazes de o avaliar.

Um outro pedaço de pedra que me foi trazido conjurou uma impressão de um castelo medieval e uma batalha atroz em torno dele.

Especialmente claros eram as aberturas deixadas nas paredes maciças. Eu disse ao homem que mo tinha dado que essa lasca de pedra tinha sido tirada de uma das fendas. Ele confirmou-me isso em detalhe, e disse-me que tinha vindo de um castelo em North Wales cuja nome eu esqueci. Lembro-me apenas que era reputado local de nascimento do Príncipe Llewellyn do País de Gales.

Numa outra ocasião tirei de uma bandeja com uns trinta objetos, cada um rotulado com um número para que o proprietário pudesse identificar as próprias posses, um pequeno cubo de mármore branco do tamanho de um pedaço de açúcar. Fui de imediato capaz de identificar o proprietário - a quem eu não conhecia - e disse-lhe que ele habitualmente carregava o mármore em memória da sua esposa cujo corpo tinha sido enterrado em Itália. O mármore, disse-lhe eu, ele tinha-o tirado da base do túmulo. Desse modo, em verdade, são os sermões escritos nas pedras.

Um dia, uma bola de metal pesado, obviamente uma bala de canhão, encontrava-se entre a coleção de artigos apresentados à psicometria. Ao colocar a minha mão sobre ele, eu não tive dificuldade em identificar a batalha em que tinha sido usado - a luta pelo Quebec nos Heights of Abraham em 1759. Algum tempo depois da morte da sua primeira esposa, Sir Hugh Cunliffe-Owen colocou um anel na minha mão. Eu fiquei ao mesmo tempo ciente de uma sensação de tragédia a que ele estava ligado. Na verdade, foi mais do que tragédia - foi como se o anel tivesse uma maldição. Embora eu não tenha captado imagem mais detalhada do que isso, eu senti-me repelida pelo mal que emanava e disse que gostaria de o jogar no mar. Aí, o Sir Hugo disse-me que o anel, que tinha pertencido à sua esposa, fora incrustado com uma pedra tirada da tumba de Tutancâmon.

Numa sessão de psicometria ocorreu uma coisa estranha que impressionou a todos quantos a testemunharam. Eu tinha estado a segurar num colar de contas grandes que não tinha fecho. Era um colar barato longo o suficiente para deslizar confortavelmente pela cabeça. Ao entregá-lo de volta ao dono, encontrei uma das contas soltas na minha mão. Por um instante pensei ter quebrado os fios nos quais as contas se achavam enfiadas. Mas um exame mostrou que o fio estava tão intacto como sempre estivera.

Um outro incidente ilustrou a influência que o poder do espírito tem sobre a matéria com respeito a uma cigarreira prateada. Encontrava-se embrulhada em tecido de papel quando me foi entregue por uma mulher e eu não removi o embrulho. Através do papel frágil, eu podia sentir que cigarreira estava muito amassada. Com a ajuda dela, estabeleci um contacto bem-sucedido com o espírito de um jovem aviador que havia sido abatido recentemente num acidente de aviação.

Quando a sessão terminou, eu devolvi o pacote ao meu visitante, que a depositou por abrir na bolsa e, logo depois ela foi-se embora. Mais tarde ela escreveu-me, bastante perplexa. A cigarreira, ela disse, tinha sido danificada no acidente que tinha matado o sobrinho e, consequentemente, só iria abrir e fechar com dificuldade. "Bem," prosseguiu ela, "ela não está mais danificada. Quando cheguei a casa, tirei-a da bolsa e coloquei-a num local mais seguro. Eu desembrulhei-a antes de a guardar e, para minha incredulidade, o amassado que tinha desapareceu por completo. Você fez alguma coisa para que isso acontecesse porque, senão, um ocorreu um milagre."

"Eu não fiz nada," assegurei-lhe eu em resposta. "Como poderia eu ter feito? Você esteve comigo o tempo todo; você devia ter visto se eu tivesse feito algo. Mas o que foi feito foi realizado através de mim. Eu fui apenas o instrumento através do qual o poder do espírito operou."

Ela aceitou minha explicação porque era a verdadeira, a única possível em que encaixar todos os factos. Mas ela fê-lo, pensei, com reserva mental.

O reconhecimento que fiz da cigarreira através do embrulho foi, claro está, puramente a partir da sensação que transmitia. Era um objeto muito familiar para carecer de ajuda espiritual na sua identificação. Contudo, esse nem sempre é o caso, como pode ser julgado a partir desta história de uma mulher e do seu filho que veio a uma reunião na Casa de Red Cloud.

Da bandeja à minha frente contendo uma diversidade de artigos, peguei um pequeno pacote embrulhado em papel macio. Eu apontei-o para as mulheres e disse: "Vou começar por lhes revelar o conteúdo deste pacote. No interior tem uma (caul) cápsula tirada por altura do nascimento, da face do jovem que se encontra sentado ao vosso lado."

"Mas como pode você saber?" perguntaram as mulheres incrédulas.

"Eu sei por mo terem dito as vozes dos meus amigos espirituais," respondi eu. "Como mais eu poderia saber?"

Elas olhavam para mim com uma expressão espantada, apreensivos por poderem estar na presença de espíritos que tudo veem, cujas vozes eu poderia ouvir, mas elas não. Muitos e variados foram os bens pessoais dos falecidos entes queridos que os seus amigos me trouxeram na esperança das vibrações dos objetos me ajudarem a contactar os donos.

Lembro-me de uma velha senhora que foi causa involuntária de alarme geral no famoso Queen's Hall. Pouco antes do serviço um mordomo veio e disse-me que ele acreditava que um membro da plateia tinha vindo armado com um revólver. Ele havia captado um vislumbre de um metal opaco a brilhar dentro de um saco de papel no colo da mulher. Pelo seguro, ele havia colocado um mordomo corpulento ao lado dela com instruções para observar o mais pequeno movimento suspeito.

A ansiedade que sentia não era tão alarmista quanto poderia parecer à primeira vista por se ter verificado uma perturbação indisciplinada num encontro anterior em que eu fora ameaçada a partir do centro do salão. Um homem - presumivelmente um Espanhol - pôs-se de pé de um salto e numa voz ruidosa exprimiu o desagrado perante a "blasfémia" daquilo que havia testemunhado. Ele berrou em Espanhol enquanto os assistentes o escoltavam à porta: "sabemos como bem como lidar com o seu

tipo de gente." Talvez ele tivesse a inquisição em mente para mim.

O meu amigo, o mordomo, provavelmente teve justificação para se prevenir. De qualquer forma eu fui para a plataforma logo depois e o serviço foi realizado sem quaisquer resultados desfavoráveis. Quando terminou o mordomo veio e disse que a mulher com a arma andava a perguntar por mim. Acharia eu prudente vê-la? Eu disse-lhe que estava confiante de que ela não me queria qualquer mal e pedi-lhe para ma enviar ao meu encontro. Era uma mulher pequena e engraçada que se apressou a entrar, a segurar um saco de papel marrom.

"Mrs. Roberts," disse ela com tristeza. "Eu tinha tanta esperança de receber uma mensagem do meu marido esta noite. Você vê, eu pensei que poderia ajudar se eu trouxesse os suspensórios dele."

Ela retirou o aparelho da bolsa e, ao fazê-lo, constatei o reflexo da luz a brilhar nas fivelas. Assim, aquele era o 'revólver' do meu mordomo!

De vez em quando apreciava discutir com indivíduos céticos e mulheres de todas as esferas da vida. Na maioria são inteligentes, pessoas justas e imparciais que vinham com um espírito de genuína investigação. Eu sempre fiz o meu melhor que pude por responder às perguntas deles o máximo que podia.

Muitas vezes eles contra-atacavam as explicações que lhes dava com teorias próprias. O problema de todas essas teorias é que elas jamais resistem a um exame num campo de experimentos mais amplo. Podem fornecer uma explicação completa e satisfatória do fenómeno particular em discussão e, de facto, de uma ampla gama de fenómenos semelhantes. Mas estendamos o campo da investigação e imediatamente a mais convincente das explicações cai irremediavelmente por terra.

Uma teoria popular, por exemplo, é a de que a telepatia explica a clarividência. A existência da telepatia é geralmente aceita por maioria das pessoas nos dias de hoje. Assim, dizem os teóricos que não é completamente de surpreender que uma pessoa mais do sensível que o costume (a médium) estabeleça comunicação mental com o seu consulente. Eles até chegam a sugerir que o médium o consulente podem não chegar a ter consciência da transferência de pensamento entre eles.

Esse é um possível raciocínio que pode ser feito para explicar alguns fenómenos, como a história da coifa há pouco relatada, por exemplo. Aparentemente atende a todos os requisitos. As mulheres tinham vindo a minha casa completamente conscientes do estranho conteúdo de seu pacote. Nós encontramo-nos juntas na mesma sala e ao pegar no pacote eu tomo milagrosamente consciência do que contém não por via mediúnica, conforme eu afirmo, mas pela transferência de pensamento que é transferido do subconsciente delas para o meu. O que poderia ser mais simples?

Em benefício de qualquer leitor que possa ter raciocinado nestes termos, eu exponho a seguinte narrativa de uma experiência que eu conduzi recentemente, que, na minha opinião, recusa a teoria da "telepatia" de uma vez por todas. Não começou como um experimento, mas como uma sessão ordinária que se tornou notável apenas pelo facto de um visitante médico ter atuado por procuração de alguém que vivia em Canadá.

Por via da clarividência descrevi um ato de suicídio, onde ocorrera e como tinha sido efetuado. Cada palavra que eu disse ao médico foi fielmente gravada para ser transmitida para o Canadá. No final da sessão ele leu o que eu havia dito, dizendo que a sua amiga no Canadá era esposa de um homem que se matara. No devido tempo, veio uma resposta do Canadá, a sugerir que o médico me devia ter inadvertidamente sugerido detalhes do suicídio ou, não sendo isso possível, eles deviam ter sido os detalhes mais importantes que tinha em mente na sessão.

Como o próprio médico foi célere a reconhecer, na época da sessão que tinha tido conhecimento do suicídio, mas nenhum conhecimento dos detalhes que eu tinha fornecido. Ele ficou surpreendido em vê-los confirmados em todos os aspetos pelo seu correspondente canadense. Perguntou se havia alguma maneira pela qual poderíamos convencer sua amiga canadense da existência de Red Cloud. Eu sugeri um experimento.

A meu pedido, o médico escreveu à viúva a pedir-lhe para escolher um objeto que tivesse estado ligado ao marido e para lho enviar para a Inglaterra. O objeto deveria ser colocado numa caixa rígida para não revelar o seu conteúdo por forma ou sensação nenhuma, e deveria ser embrulhado e selado de tal forma que não pudesse ser aberto sem quebrar os selos. Quando o pacote chegou ao endereço do médico, ele ficou encarregado de mo trazer fechado.

Essas instruções foram levadas a cabo. Quando o médico a seguir veio à minha casa trazia o pacote misterioso. Tinha cerca de oito por seis por duas polegadas. A julgar pela maneira como tinha sido fortemente selado a viúva não quisera correr riscos.

"Você tem alguma ideia do que esta caixa contém?" Perguntei eu ao médico.

"Nenhuma," foi a resposta enfática que me deu.

Quando peguei na caixa com as minhas duas mãos, soube imediatamente que conteúdo continha.

"Dentro deste pacote há uma fotografia do falecido," disse eu. "Fora originalmente uma foto de duas pessoas uma ao lado da outra, mas foi cortada ao meio, de modo que apenas um retrato permanece - a do homem falecido."

Com os selos ainda intactos, o pacote foi devolvido ao Canadá juntamente com a descrição que eu fizera do seu conteúdo, que vim a saber, estava correto em todos os pormenores.

É claro que poder-se-á argumentar que a viúva e eu tenhamos estado em comunicação telepática inconsciente; a distância, poderá até ser o argumento, não é obstáculo. Mas como essa mulher e eu não nos conhecíamos um ao outro, nem nunca nos correspondemos, e a data e a hora de nosso experimento não lhe foi divulgado, dificilmente é teoria que possa ser seriamente aceite.

Tampouco a telepatia poderia explicar o caso seguinte em que nenhum dos dois, nem a médium nem as duas consulentes tinham conhecimento do que foi comunicado. A primeira dessas consulentes teve uma sessão privada de clarividência. Uma mensagem veio do seu pai, que se encontrava no mundo espiritual.

Eu disse: "O seu pai está a transmitir-me o nome 'Florence.' Você sabe quem é?"

"Sei," respondeu ela. "Florence é a minha mãe."

"A mensagem é: 'A Florence padece de uma aflição no coração. Ela logo irá revelar-se e ela vai ficar muito doente. Mas não vai morrer."

A minha consulente foi embora com este aviso alarmante, mas reconfortada, com o aviso a soar-lhe nos ouvidos, e sem conseguir pensar em muito mais. Sem me dizer o que quer que fosse, enviou a irmã a uma sessão (comigo) e deliberadamente não lhe contou a mensagem que tinha recebido. A irmã veio como uma perfeita estranha, no entanto ela recebeu uma mensagem idêntica. Duas irmãs, uma mãe e a mesma mensagem proveniente da mesma fonte!

A mãe adoeceu alguns dias depois e, no devido tempo, ela conseguiu uma excelente recuperação. A primeira consulente voltou para me contar a toda história.

Numa sessão, um marido retornou à esposa com diversas mensagens, incluindo uma em que afirmava que conhecera o

irmão no mundo espiritual. Tal declaração deixou-a confusa por ela sempre ter acreditado que o marido fosse filho único. De acordo com os pais adotivos, que o tinham criado na Irlanda, ele era um órfão e sem amigos nem família, de modo que ele próprio acreditou nisso toda a sua vida terrena. Agora aqui estava ele, pouco tempo depois de ter passado, de regresso a falar de um irmão que ele nunca tinha sabido que tinha.

Ao debater isso comigo depois da sessão, a esposa dispôs-se a achar que tinha sido cometido um erro em algum lugar, embora ela não pudesse pensar onde. Determinada a investigar mais a fundo, ela decidiu escrever à mãe adotiva na Irlanda para ver se ela poderia lançar alguma luz sobre o estranho caso.

Passaram-se algumas semanas antes de ela receber uma resposta à sua carta e, de modo que ao ler nas entrelinhas, pensei que o intervalo poderia muito bem ter sido gasto pelo remetente a debater-se com a própria consciência quanto à conveniência de revelar uma confidência.

Ela disse-nos que, em relação à existência do irmão - que tinha sido criado nalguma outra família adotiva, não havia qualquer menção dos pais verdadeiros - por ter sido mantida como um segredo bem guardado desde o momento do seu nascimento. Por aquilo que ela sabia, ela era agora a única sobrevivente daqueles que tinha feito parte disso. E pedia à esposa se lhe fazia o favor de dizer como ela havia tomado conhecimento desses factos que tinham sido tão zelosamente ocultados por quase quarenta anos?

Dadas as circunstâncias eu pensei que era um pedido justo, e um que dificilmente poderia ser explicado pela conveniente teoria da "telepatia."

Tampouco poderá explicar as seguintes evidências incontestáveis. Um advogado da Commonwealth estava a fazer uma turnê mundial, e durante a estadia prolongada que fez neste país, ele ouviu-me falar em várias reuniões, inclusive numa que se

deu no Albert Hall. Ele chegou à conclusão de que eu tinha "implantado" pessoas na plateia, dando, aliás, lugar a uma interminável demanda de chantagem! Ele decidiu provar a sua teoria tendo uma sessão privada comigo.

A mãe dele que havia passado muitos anos antes, contou-lhe o caso de dois filhos que ela teve com ela, ambos nascidos e falecidos antes do seu nascimento. Ele negou-o veementemente, insistindo que ele tinha sido filho único, mas a sua mãe foi igualmente insistente. Ele ficou suficientemente intrigado para escrever para o Notariado de Registos da cidade natal dos pais, que distava cerca de 500 quilómetros de onde ele estava a morar.

Para seu espanto, dois certificados, um de um menino e outro de uma menina, foram-lhe enviados. A comprovação era válida; não havia possibilidade de transferência de pensamento porque a sua mãe era a única pessoa que tinha conhecimento, e ela estava 'morta'! Ele finalmente ficou convencido, e publicou os detalhes num livro que posteriormente escreveu.

Durante os primeiros vinte anos da sua vida, o meu filho Terence foi um cético implacável em relação a tudo quanto estivesse relacionado com fenómenos psíquicos. Muitas vezes eu ouvi-o afirmar que eu nunca conseguiria ser bem-sucedida em convencê-lo. Eu sabia que poderia facilmente tê-lo feito isso caso tivesse desejado, mas eu preferi que ele chegasse ao Espiritualismo sem qualquer sugestão da minha parte.

O dia do seu esclarecimento ocorreu durante a guerra, quando ele chegou a casa com uma licença de fim-de-semana da Royal Air Force, e trouxe uma jovem mulher com ele. Disse-lhe que eu era médium e ela, nunca tendo entrado em contacto com o oculto antes, ficou ansioso por saber o que era tudo aquilo.

Nisso ela não teve qualquer encorajamento da parte do Terry, que era quase beligerante na antipatia que nutria pelo Espiritualismo. Ela persistiu com as suas perguntas até Terry, com a graça que conseguiu mobilizar, ofereceu-se para a levar a uma

reunião pública naquela noite. Mas, claro, ele tinha-se esquecido era tempo de guerra e que as reuniões espiritualistas públicas eram poucas e distanciadas entre si.

Enquanto nos sentávamos em volta da fogueira depois do jantar, os meus pensamentos centraram-se na estranha resistência que o Terry evidenciava em relação às convicções tão firmemente mantidas por outros membros da minha família. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, ele mudaria os pontos de vista que defendia e que em circunstâncias normais eu não deveria preocupar-me.

Mas isto foi diferente. Era tempo de guerra; os ataques aéreos eram quase uma ocorrência noturna habitual; nenhum de nós sabia no dia-a-dia se iríamos viver até vermos o dia seguinte. Achei que iria sentir remorso se o Terry ou esta garota de rosto agradável passassem para a vida seguinte ignorantes quanto ao conhecimento que eu tinha a dar-lhes.

E assim, violando o hábito de uma vida inteira, ao me voluntariar para demonstrar os meus poderes sem ter sido convidada, eu disse:

"Se quiserem, eu faço-lhes aos dois uma pequena demonstração do que o Espiritualismo pode fazer. Tens um amigo teu ao teu lado neste instante, Terry."

"Ai sim?" respondeu-me Terry, questionando-me: "Como se chama?"

Ele diz que se chama Jimmy Macfarlane. Conheces algum Jimmy Macfarlane?

"Conheço, sim. Ele morreu?"

"Ele foi morto há quase um ano. Diz-me por que razão está ele continuamente a chamar-te Toady?"

"Toady? Meu Deus, eu já não sou tratado assim há anos! Isso remonta a uma altura em que eu era criança de escola e mantinha alguns sapos como animais de estimação. Queres dizer que realmente consegues ouvir o Mac a chamar-me Toady?"

Pela primeira vez na sua vida Terry ficou meio convencido com as vozes dos meus espíritos.

"De que outra maneira haveria eu de o saber?" perguntei-lhe eu. "Uma mãe não inventa um nome tão desagradável para o filho."

"Como foi que ele morreu? O que é que conta do que lhe aconteceu?"

"Ele esteve na Marinha, na Escócia. Houve um ataque aéreo. Ele estava lançado borda fora ao mar e afogou-se. Ele diz que a mãe dele ainda vive na casa velha."

Terry esperou até não ouvir mais nada. Ele puxou a companheira para os pés, e disse: "Eu sei onde o Mac costumava viver. Nós vamos juntos até lá verificar."

Eles voltaram duas horas depois, cansados, mas convencidos. Eles tinham falado com a mãe de Jimmy. Ela tinha tido relutância em discutir os detalhes do falecimento do seu filho, mas disse-lhes o suficiente para confirmar tudo o que eu havia dito. Foi um momento de revelação para eles. Antes de irmos para a cama nessa noite, eu disse:

"Jimmy me passou-me uma outra mensagem para ti, Terry. Ele disse: 'Diga ao Toady eu lhe vou dar um sinal que ele irá recordar. Diga-lhe que eu vou ficar a tomar cuidado segunda-feira de manhã às nove horas.'"

No domingo, terminada a licença, Terry e a sua amiga voltaram para os seus aquartelamentos em diferentes partes do país. Terry ficara de apresentar relatório às 9 horas da segunda-feira e, como quase sempre acontecia, adormeceu. O resultado foi uma corrida louca para chegar a tempo.

Ao correr do seu aquartelamento para o acampamento, o Jimmy deu o sinal prometido. Terry estava a passar por um cemitério quando o relógio da torre soou as nove. Ao fazê-lo, um ramo de um teixo que estava pendente tocou no boné e deitou-o ao chão. Ao se inclinar para pegar nele, ele de repente lembrou-se

da promessa do Jimmy. Lembrou-se também que muitas vezes, quando eram meninos e andavam juntos, Jimmy tinha feito isso ao boné da escola.

Claro que poderia ter sido uma coincidência essa ação característica ter ocorrido precisamente à hora prometida, mas não houve dúvida na mente do Terry. Eu tenho-o frequentemente ouvido a contar essa história, embora até este momento eu nunca tenha pensado em perguntar se ele tinha sido castigado por chegar atrasado. Se ele o foi, ele seria o primeiro a concordar que terá valido a pena, porque a partir daquele dia ele não se rendeu a mais ninguém nas convicções Espiritualistas que defende.

CAPÍTULO CINCO
ASSOMBRAÇÕES

Casas assombradas e por vezes os móveis são de especial interesse para as pessoas sensíveis às emanações psíquicas por causa da imensa energia que se acha quase sempre presente. Até pessoas que normalmente não são recetivas aos fenómenos psíquicos podem com frequência sentir a sua presença, embora possam não avaliar a sua fonte. Ponham-nas à prova com isso e elas dir-lhes-ão vagamente que é "apenas uma sensação" e provavelmente negá-lo-ão se sugerirem que elas estão a ser influenciadas pelo sobrenatural. Por causa da minha mediunidade, uma visita a um dos esses lugares constitui uma experiência fascinante. As emanações são tão fortes que revelam cenas de detalhes incomuns e de uma clareza cristalina.

Maurice Barbanell, um dos mais experientes e mais bem informados investigadores psíquicos, convidou-me para o acompanhar a casa de uma mulher que tinha uma loja de antiguidades em Hammersmith. Não tenho conhecimento de antiguidades. Pelo que me disse respeito a cama grande

ornamentada que me foi mostrada à chegada pode ter sido feita em qualquer país e em qualquer século. A única informação avançada foi que a cama estava assombrada, coisa que eu não tinha necessidade de ouvir.

Assim que eu entrei no quarto fiquei consciente das associações sinistras que emanava. Tão fortemente eles me atingiram e me inundaram a mente, que quase fiquei impressionada com as impressões que recebi.

Fui inundada por fragmentos da sua história e eu descrevi-os em voz alta ininterruptamente. Foi, disse eu, um grande património e ocupou a sala principal de um castelo ducal medieval. Eu vi um homem adormecido na cama, e observei-o a ser esfaqueado enquanto ele dormia. O assassino então revistou a sala em busca de alguns papéis, que eu sabia que ele não iria encontrar por estarem escondidos numa perna oca da cama. Fracassando na sua busca, o assassino arrastou o corpo da cama e lançou-o no fosso.

Esse fora o terceiro assassinato a ser sido cometido nessa cama.

A primeira vítima foi envenenada e a segunda foi espancada, tendo a cabeça do ocupante sido esmagada de modo que o sangue jorrara sobre a cabeceira da cama.

A atual proprietária concordou que esses detalhes confirmavam informações que ela obtivera de outras fontes. Ela contou-nos que, embora muitos clientes em potencial tivessem vindo ver a cama, nenhum tinha gostado o suficiente dela para a comprar. A sua opinião, com que eu concordei, foi que os potenciais compradores teriam sido influenciados pelas emanações do mal da cama, embora não tivessem consciência da razão de ser disso. Ela falou de um artesão que ela havia chamado para fazer alguns reparos na cama pouco depois de a ter comprado.

Depois de fazer um levantamento do trabalho a ser feito, ele disse-lhe que ele preferiria não ter mais que ver com aquilo. "Há alguma coisa sobre essa cama de que eu não gosto," disse ele. "Há uma sensação de assassinato ao seu redor, e eu prefiro não a tocar." Mais tarde, ela mesma tomou consciência da influência perturbadora da cama, e começou a pensar que havia algo nos medos que o artesão vagamente expressara. Nessa fase eu fui chamada. Eu não tinha dúvida de que leitura que fizera da história da cama estava correta em todos os detalhes. A clareza das impressões que recebi não permitiram qualquer outra versão.

A assombração era causada pela ansiedade do homem esfaqueado pela segurança de papéis ocultos, importante, talvez para os herdeiros da sua propriedade.

Se os documentos foram encontrados mais tarde na perna oca da cama eu nunca vim a saber. Provavelmente não foram, já que notícias da sua descoberta certamente me teriam chegado ao conhecimento. Mas o fracasso em encontra-los não me surpreenderam em nada porque, como eu disse, era uma cama ornamentada com uma talha muito rica. O artesão que pudesse produzir um trabalho tão requintado não teria tido dificuldade em esconder o acesso a qualquer esconderijo que se desse ao trabalho em forjar por trás da sua elaborada ornamentação. Eu aconselhei o dono a destruir a cama, não numa tentativa de provar que continha esse recetáculo secreto, mas porque irradiar tanto terror e tristeza. Senti que nenhum bem poderia advir da preservação de um pedaço de tal memória melancólica.

Em novembro de 1935 fui convidado para investigar uma casa que, como acabou por se revelar, também fora assombrado por um espírito preso à terra em busca de papéis em falta. A casa, no Surrey, era propriedade de um rico empresário e era partilhada pela sua secretária e governanta. Desde que eles tinham tomado posse eles foram perturbados por visitas esporádicas, mas estas

aumentaram em frequência a tal ponto que os ocupantes estavam a ficar completamente transtornados.

O proprietário tinha sido acordado diversas vezes pelo comovedor uivo de um cachorro Dálmata que partilhava do seu quarto. De cada vez o uivo era seguido pelo som de passos a mover-se pela casa em locais onde não se achava ninguém presente. A secretária havia sido despertada várias vezes à noite para encontrar um rosto fantasmagórico a olhar para ela na escuridão. A governanta teve uma história enervante semelhante a contar.

No geral não era o tipo da atmosfera em que alguém pudesse viver confortavelmente por tempo nenhum. Acompanhada por dois companheiros homens fui investigar. Depois de andar pelos quartos, nós três paramos numa longa galeria não decorada que dava dos apartamentos habitados para uma sala vazia numa torre ornamental que formava um canto da casa. Aqui, onde as vibrações eram mais fortes, eu estava confiante de virmos a obter os resultados mais positivos.

Em breve juntaram-se-nos, na nossa vigília, os três ocupantes da casa. Todos os seis sentados, um pouco tensos e no limite, à espera de ver o que iria acontecer. Red Cloud deu o primeiro passo. Tomei consciência de que ele estava com a gente quando ouvi a voz dele a dizer-me para caminhar ao longo da galeria em direção ao quarto vazio. Eu pus-me de pé e tinha dado apenas dois ou três passos quando vi, à minha frente, um homem no que parecia ser o hábito de um monge.

"Algum de vocês consegue ver aquela figura?" perguntei aos meus companheiros. Nenhum deles conseguia.

“Terá algum daqueles que vivem aqui visto um homem vestindo com um manto e capuz?

"Sim", a secretária e a empregada responderam quase em uníssono.

"Ele está aqui agora," eu disse, "à procura de um armário." O armário era antiquado e pesado, a única peça de mobília em toda a extensão da galeria.

"Ele não encontrará nada nele," disse o dono da casa.

"Está vazio."

Como se tivesse ouvido e entendido, a figura de espírito deixou o Gabinete e passou para a sala da torre, onde ele usou uma pequena escada de ferro, desaparecendo no topo através de uma porta fechada que levava ao telhado.

Como havíamos feito tudo o que podíamos na galeria por enquanto, partimos para o conforto da sala de estar. Aqui Red Cloud assumiu o controlo e falando através de mim, ele disse-nos o que estava por trás daquelas visitas. A forma espiritual que eu vira era um irmão de um anterior proprietário da casa que havia sido estrangulado até a morte num quarto no andar de cima. Antes da sua morte, o homem assassinado escondera alguns manuscritos antigos que o seu irmão preso à Terra andava agora perpetuamente a caçar.

"Os papéis terão alguma coisa de particular?" perguntou o atual proprietário a Red Cloud.

“Eles são de pergaminho, escritos em Latim e Hebraico, cada um lacrado com um grande selo.”

"O que deve ser feito com eles quando forem encontrados?"

Não haverá descanso para este espírito infeliz nem para aqueles que habitam esta casa até que os pergaminhos tenham sido destruídos.”

Quando saí do transe, o nosso anfitrião desculpou-se e voltou alguns minutos depois com uma grande caixa de metal cravejada. Ele colocou-a na mesa e abriu a tampa para que todos pudessem ver o interior. Então, quase reverentemente, ele retirou alguns documentos em pergaminho, carregando o maior selo que eu já tinha visto. O selo já estava quebrado e o nosso anfitrião cuidadosamente abriu cada documento à vez.

“Como você verá”, ele disse calmamente, “eles estão escritos em Latim e Hebraico”.

Nunca me disseram se os papéis foram destruídos ou não.

Dado que, no ano passado, ouvi dizer que as assombrações prosseguiam, tenho certeza de que não foram destruídas.

Uma mensagem particularmente desagradável foi-me trazida ao conhecimento pelo coronel Castello. O Coronel, que tinha experimentado muitas reuniões com o seu filho piloto de guerra através da minha mediunidade, agora procurava a minha ajuda para dois dos seus amigos. Eram um casal que morava numa casa de campo que eles declararam ser objeto de algum tipo de vudu. Desde que se mudaram para lá, tinham-se abatido de modo crescente grandes e pequenas calamidades, sobre eles.

No mesmo período de meses, ocorreram meia dúzia de mortes, que variaram de animais domésticos à própria mãe da moça. Esse acúmulo de infortúnios tinha-lhe atormentado a mente de tal modo que ela estava a começar a ficar obcecada por um medo irracional com a vida do seu filho pequeno. É claro que tudo isso poderia ter sido simplesmente explicado como uma cadeia de circunstâncias simplesmente exposta por uma sequência excessiva de má sorte. Ou podia haver algo na teoria do vudu. O Coronel Castello pediu-me para descobrir a resposta.

Um grupo de seis de nós viajou para a província. Assim que entrei na casa, fui abordada pela forma espiritual de um proprietário anterior, que andava a perambular ao redor num estado de espírito altamente descontente, a protestar: “Veja o que eles fizeram! Cortaram todas as minhas malditas árvores!” Embora ele se sentisse infeliz com o derrube das árvores, ele era um velho inofensivo, inteiramente destituído de malícia. Se os infortúnios do lar fossem atribuíveis a influências sobrenaturais, eu estava certa de ele não tinha mão neles.

Comigo à frente, levando, nós os oito então começamos a andar em volta da casa. Tudo correu bem até que entrarmos num

quarto onde, da cama, vinha uma das mais poderosas manifestações do mal que eu já experimentara. Era tão forte que me surpreendeu a ponto de me parar, e os meus olhos foram atraídos irresistivelmente para a cama. Nela vi lá o que eu nunca tinha visto antes - o centro da emanação do mal que eu podia sentir ao meu redor. Era como um gigantesco e obsceno tumor tipo fungo, a pulsar suavemente com um aspeto tão malévolo quanto indubitavelmente era.

A minha reação natural foi afastar-me daquilo, mas Red Cloud apresentou-se-me à minha visão clarividente e disse-me para continuar de pé onde eu estava. Então, impulsionada pela sua presença reconfortante, permiti-me avançar para a cama. Involuntariamente, as minhas mãos irromperam e, com um intenso sentimento de repulsa, senti os meus dedos afundarem-se profundamente na massa nojenta. Talvez umas seis vezes senti senti-a estremecer ao meu toque quando Red Cloud lhe destruiu a energia maligna com vibrações de um poder purificador. Então a "coisa" começou a encolher e a diminuir, e não tardou muito desapareceu.

Os meus companheiros observaram as minhas ações, fascinados, mas sem compreenderem. Quando tudo terminou, expliquei o que tinha visto e feito e prometi aos donos da casa que o seu vudu tinha desaparecido.

"Mas o que era, e o que o levou a vir aqui?" Eles queriam saber.

"Era o que é conhecido como um poder psíquico," disse-lhes eu. "Red Cloud diz que tal poder pode acumular-se em qualquer lugar onde haja uma forte concentração de maldade."

"Mas não existe concentração de maldade aqui," protestaram.

"Talvez não mais, mas quem sabe o que aconteceu aqui antes da vossa vinda?"

"O mal que os homens fazem sobrevive-lhes...' Citou alguém.

"Precisamente," apressei-me a concordar. "Eu acho que se vocês se derem ao trabalho de fazer uma pequena pesquisa, vocês poderão descobrir que esta casa foi cenário de uma tragédia ou outra esquecida."

"Eu vou tratar de descobrir," disse o coronel. E assim o fez. E rapidamente descobriu que a casa fora construída no local de uma contenda sangrenta que, com base na luxúria e no ódio, tinha sobrevivido lugubremente neste local. A história, no entanto, tem uma nota mais feliz. Os donos da casa viveram em paz desde então, o que para mim é a maior conquista.

Nas poucas ocasiões em que relacionei essa história a amigos, ela suscitou as mesmas perguntas:

“Como é que você é capaz de ver coisas que não existem - pelo menos, no sentido físico? E, vendo-as, por que é que lhes reage como se fossem materialmente sólidas? As respostas são, presumivelmente, que a minha mente esteja a funcionar no plano astral da consciência, uma condição na qual as visões que tenho se tornam claras e nítidas, como se as estivesse a ver com os meus olhos físicos. Além disso, as reações e emoções que elas geram não são diferentes daquelas produzidas por cenas semelhantes que vejo no plano físico. A reação que tive ao poder psíquico, por exemplo, foi de repulsa, não distintas das que eu deveria ter sentido se tivesse sido uma coisa tangível e crescente.

Pouco antes da última guerra, testemunhei um exemplo notável do elevado sentido de dever moral de um homem. Desde então, pensei muito sobre este episódio e interroguei-me, não demasiado cinicamente, espero, quantos outros homens se teriam comportado como ele. Em circunstâncias semelhantes, não teriam adotado o caminho mais fácil e destruído as poucas páginas de evidências que ninguém sabia existirem?

Foi-me solicitada a investigação de uma casa cujos ocupantes estavam a sofrer violência física nas mãos de uma entidade espiritual presa à Terra. Os ataques sempre seguiram um padrão

similar. De vez em quando, um dos moradores que usava a escada era derrubado. Não era apenas desconcertante, mas perigoso.

Quando cheguei à casa, fiquei ao fundo da escada a olhar para cima. Lá, a meio das escadas, estava a figura espiritual de um velho de cabelo grisalho que foi diretamente ao assunto.

"Se você subir, vou empurrá-la para baixo de novo," disse ele.

"Eu acho que não," respondi eu. “Estou chegando e, se você for sensato, também subirá. Vamos resolver a coisa quando chegarmos ao topo. Eu vou ficar aqui,” respondeu ele, sem rodeios.

"Muito bem. Se você quer dar corpo à luta, estou pronta. As minhas palavras soaram ousadas e pretendiam sê-lo. Nunca se deve mostrar medo quando se lida com uma entidade maligna ou mesmo com uma entidade irrascível.

Subi as escadas na direção dele... ele manteve-se firme. Quando cheguei ao seu alcance, ele estendeu a mão. Em vez de me empurrar para trás, como eu esperava, ele puxou o colar de contas que eu usava e espalhou-as em todas as direções.

"O que está acontecendo? O seu colar quebrou-se," exclamaram os observadores no fundo da escada.

"Está tudo bem," assegurei-lhes. "Não foi feito dano nenhum." Eu fui subindo as escadas enquanto o velho recuava diante de mim. No topo parei e disse:

“Diga-me qual é o problema. Talvez eu o possa ajudar."

"Esta é a minha casa," respondeu ele. "E aquele homem lá em baixo furtou-me a ela."

"Furtou-o? Como conseguiu ele fazer isso?

“Bem, na realidade não foi ele. Foi o pai dele antes dele. O velho enganou-me quanto ao local e eu pretendo recuperá-lo.

"Você pode provar isso?" perguntei.

"Eu posso. Os papéis estão num pacote numa prateleira no porão, exatamente onde o velho diabo os escondeu. Estão todos lá. Você não vai precisar de nenhuma outra prova.

Com o dono da casa, desci ao porão. Lá, no alto de uma das paredes, havia uma prateleira de suportes toscos. Nela encontramos um pacote, densamente coberto com pó de carvão. Retirámo-lo e removemos a sujeira. Então levamo-lo de volta para cima e cortamos-lhe o cordel. Dentro continha uma pilha de papéis, tal como o velho predissera.

Um exame subsequente provou que o velho tinha sido enganado quanto à sua propriedade. Foi então que o atual proprietário adotou um comportamento magnânimo. Sem mais delongas ele transferiu as ações da propriedade para os membros sobreviventes da família do velho. Essa ação altruísta acabou com o reinado do irrascível espírita intruso, cuja presença na escada se tinha tornado numa ameaça para todos na casa.

CAPÍTULO SEIS
ASSASSINATO E SUICÍDIO

Quando recebi um telefonema de Douglas Sladen, um velho amigo de cujos livros eu gosto, imaginei, pelo tom da sua voz, que ele se sentia inseguro quanto a ir direto ao assunto. Depois de algum cantarolar e rir, ele disse: “Olha, Estelle, acabei de falar com um editor. Ele perguntou se eu achava que pudesses fazer alguma coisa para ajudar a encontrar esta criança.

Eu soube imediatamente o que ele quis dizer com “esta criança.” Foi em 1937, quando o desaparecimento de Mona

Tinsley, de dez anos de idade, vinha a fazer manchete há vários dias. A criança havia desaparecido de sua casa em Newark e os esforços da polícia por todo o país não haviam conseguido encontrar qualquer vestígio dela. Sinto muito, Douglas," respondi, "mas já sabes o meu ponto de vista que defendo. Farei qualquer coisa para ajudar, mas não posso associar-me a nada a algo que possa ser condenado como um estratagema assim que os outros jornais souberem disso.

"Eu estava com medo que dissesses isso, e tens razão, é claro. Mas há o outro aspeto para além do sensacionalismo. Pensa nos pais da criança, como eles devem sentir-se, à espera, a pensar, sem saber se a criança está viva ou morta. Tu podias ajudá-los, Estelle, nem que fosse a acabar com a terrível incerteza.

O Douglas sempre soubera como brincar com as minhas emoções e não hesitava em fazê-lo agora. Ele sabia perfeitamente bem que eu não suportaria argumentos desse tipo.

"Tudo bem," concordei eu por fim. "Farei o que puder, mas não deixes que eles o transformem em notícia de jornal."

"Podes confiar em mim," disse ele, e desligou.

Eu recebera muitos convites tentadores para utilizar os meus poderes de clarividência com propósitos materiais, mas invariavelmente rejeitava-os. Ter aceitado teria sido expor-me a acusações de sensacionalismo e de Espiritualismo barato e tudo o que isso representa. Mas o presente exemplo era um tanto diferente. No caso de Mona Tinsley, havia os pais a considerar e a agonia mental pela qual eles estavam a passar.

Se eu pudesse ajudá-los na sua provação, senti que devia fazê-lo, mesmo que isso sacrificasse os meus princípios.

Escrevi para o chefe de polícia de Newark-on-Trent e disse-lhe que achava que poderia trazer algum consolo aos pais infelizes se ele me enviasse alguma peça de roupa pertencente à garota desaparecida. Recebi uma resposta em que o chefe de polícia Barnes dizia: "Isto é encaminhado a pedido dos pais de

Mona Tinsley e ficarei feliz se você se abster de dar à minha ação qualquer interpretação oficial." Como isso estava em conformidade com o meu desejo de evitar toda a publicidade, ambos ficamos satisfeitos.

No pacote que me chegou no dia seguinte havia um vestido de seda rosa pertencente a Mona. Ao tirá-lo do embrulho e ao segurar o material macio nas minhas mãos, soube imediatamente que Mona estava morta.

Nesse momento, o meu velho cachorro, que dormia em silêncio sobre um tapete, subitamente pôs-se de pé e começou a correr loucamente pela sala. Não é incomum que gatos e cães reajam estranhamente na presença de fortes fenómenos psíquicos, mas essa foi a primeira vez que vi isso acontecer com o meu próprio animal de estimação. Puck, normalmente a mais quieta e gentil das criaturas, comportava-se agora como uma coisa possuída e finalmente teve que ser trancado numa outra sala antes de se acalmar.

Então, com a ajuda de Red Cloud, Mona falou comigo, dizendo que havia sido levada para uma pequena casa onde fora estrangulada. Ela transmitiu-me uma imagem de uma casa, com uma vala cheia de água de um lado, um campo nas traseiras, um adro de igreja próximo e a vista de uma pousada.

Na minha visão, fui levada a um cemitério, a uma ponte e a alguns campos e a um rio mais além. Ali parei, incapaz de ir mais longe. A imagem que me era projetada era tão clara que minha secretária telefonou para a polícia de Newark para verificar os detalhes junto deles.

Evidentemente, a minha descrição coincidiu com o local do desaparecimento da criança, porque, antes de desligarem convidaram-me a visitar o local. Se eu fosse a Newark, foi-me dito, mandariam um carro ao meu encontro à estação do caminho-de-ferro. Apesar das apreensões anteriores, eu estava profundamente interessada e aceitei prontamente ir.

Na estação ferroviária de Newark, encontrei o carro à minha espera e, sem qualquer perda de tempo, partimos. Logo chegamos a uma pequena casa, que reconheci da visão que tivera, embora nunca a tivesse visto com a minha visão física. Dois polícias acompanharam-me pelo caminho em direção à porta da frente. Antes de chegarmos, no entanto, e sem saber por que o fizera, eu desviei-me do caminho e encaminhei-me para o lado da casa onde encontrei outra porta. Foi desbloqueada e eu entrei.

No interior, a casa estava despojada de cima a baixo; todas as peças de mobília tinham sido removidas. Deixada a vaguear como quisesse, dirigi-me primeiro para a escada e subi para os dois quartos acima. Não recebi nenhuma impressão psíquica no primeiro quarto em que entrei, mas no segundo, nos fundos da casa, particularmente perto do tanque de água, pude sentir a presença de Mona.

Desci novamente e dei a volta nos dois quartos inferiores. Tinha sido no da frente que Mona tinha passado o tempo dela - disso eu tinha certeza por a criança mo ter dito de forma clariaudiente.

Quando me juntei aos policiais do lado de fora, eles questionaram as minhas descobertas. Eu disse-lhes que a garota tinha ocupado o quarto dos fundos do andar de cima, e eles disseram que era o quarto em que alguns móveis haviam sido encontrados. O quarto da frente estava completamente vazio.

Eles acenaram quando eu mencionei o tanque de água e disseram que tinham encontrado um lenço lá, que posteriormente foi apresentado como prova no julgamento. Lá em baixo, disse-lhes eu, ela passou a maior parte do tempo na sala da frente. Isso tinha-mo Mona dito, acrescentando que ela se divertiu a copiar algo de um livro. Isso também foi confirmado posteriormente no julgamento.

Eu disse: “Eu soube antes de aqui vir que a criança estava morta. Agora posso dizer-lhes que ela foi morta naquele quarto dos fundos.

“A morte da criança ainda precisa ser comprovada,” recebi como resposta cautelosa. “Nós não encontramos nenhum corpo. Mas, supondo que você esteja certa, pode contar-nos como o crime ocorreu?

“A morte foi por estrangulamento. O assassino então colocou o corpo num saco e saiu de casa pela porta lateral.

"Por que não pela porta da frente?"

"Eu não sei. Tudo o que posso dizer é que foi a porta lateral que ele usou.

“Na verdade,” admitiu um dos polícias, “a porta da frente não abre. Nodder estragou-a tudo pelo que ficou permanentemente fechada.”

"Esta é a casa de Nodder?" perguntei.

"É."

"Eu achei que pudesse ser."

O nome de Frederick Nodder tinha sido muito noticiado. Ficou claro aos leitores dos jornais que a polícia estava muito interessada nos movimentos de Nodder no momento do crime e pouco antes, mas o interesse e a suspeita não são suficientes para substanciar uma acusação legal. A polícia precisava de provas e não as conseguiam obter. Também não conseguiram encontrar Mona Tinsley, viva nem morta.

"Supondo que a criança tenha sido morta, onde diria você que o assassino tenha escondido o corpo?" perguntaram-me.

"A alguma distância daqui," disse eu. "Eu não posso dizer exatamente onde, mas se você se der ao trabalho de andar um pouco comigo, eu farei o que puder para o ajudar."

Juntos, passamos pelo adro da igreja, onde vi que alguns dos túmulos haviam sido abertos - sem dúvida, pela polícia, que não

deixara nada ao acaso. Atravessamos a ponte e chegamos aos campos, exatamente como eu havia visto.

"Além desses campos há um rio," disse eu.

"Há sim."

“O rio guarda o segredo do paradeiro da criança. Se já o dragaram e não encontraram nada, devem dragá-lo de novo.”

Não lhes pude dizer mais nada e, pouco depois, eles me levaram de volta à estação.

Alguns dias após a minha visita a Newark, a polícia acusou Nodder de ter sequestrado Mona Tinsley. Ele foi considerado culpado e condenado a sete anos de prisão. Mas a caçada pela criança nunca foi interrompida. Muitas semanas depois, o seu corpo foi encontrado ainda dentro do saco no Rio Idle além dos campos. Ele havia ficado preso na boca de um dreno, o que explicava por que as buscas anteriores não tinham conseguido trazê-lo à luz.

Nodder foi trazido da prisão para ser julgado por assassinato. Ele foi condenado e devidamente executado.

Eu nunca gostei de lidar com casos de assassinato por ser uma experiência de assédio para o médium reviver as impressões dos últimos momentos da vítima na Terra. Aconteceu várias vezes que eu embarquei sem saber num caso que envolvia assassinato, mas foi necessário apenas alguns segundos de comunicação espiritual antes que eu soubesse que a vítima morrera por meio de violência.

Um exemplo desses foi quando o *Sunday Pictorial* perguntou se eu procuraria ajudar duas mães enlutadas sem revelar os seus nomes ou o motivo do seu luto. Só podia haver uma resposta para tal pedido e, no devido tempo, um jornalista chegou à minha porta trazendo as duas senhoras com ele. O repórter, cujo nome era John Ridley, escreveu um relato da nossa sessão daquela tarde que foi publicado numa edição subsequente do jornal. Estou em débito com o Editor do *Sunday Pictorial* pela permissão para

reimprimir esse artigo exatamente como apareceu no jornal. O Sr. Ridley escreveu:

"Aqui e agora devo admitir que estou completamente desconcertado e estupefacto. A foto da garotinha que vocês veem nesta página é de Sheila Wilson. Vocês podem recordar-se dela, já que há três meses Sheila, então com onze anos de idade, foi brutalmente assassinada numa casa em Londres.

Eu não conhecia Sheila. Até três dias atrás eu nunca tinha visto os pais dela. Mas acontece que a Sra. Wilson leu no *Sunday Pictorial* que eu estava a investigar as alegações de espiritualistas que diziam ser capazes de comunicar com as crianças no mundo espiritual. Então a Sra. Wilson escreveu-me esta carta:

'Caro senhor, acabo de ler com interesse o artigo que publicou no *Sunday Pictorial*. Se é possível que você consegue falar com seu ente querido que passou, por favor me informe onde ir, como a minha pobre queridinha Sheila foi assassinada há três meses atrás. Eu não consigo acreditar que seja possível falar com ela de novo. Sinceramente, Edith Wilson.'

Eu disse-lhe que eu levaria três mães enlutadas às sessões, sem revelar os nomes delas nem nada sobre elas de antemão às médiuns. Depois de receber a carta da Sra. Wilson eu Decidi levá-la a visitar Estelle Roberts. Eu escolhi a Sra. Roberts para este teste supremo por, em Círculos espiritualistas, ela ser reconhecida como uma excelente médium. Deixe que acrescente que, até há três dias atrás eu não tinha tido qualquer conhecimento da Sra. Roberts, mas aqui e agora, deixe que lhe diga que estou preparado para jurar em qualquer tribunal de justiça que o seguinte relato do que aconteceu na nossa sessão com a mãe da pequena assassinada Sheila Wilson é verdadeiro. Sentamo-nos em círculo à plena luz do dia numa sala comum.

Não de todo num quarto em que se esperasse que coisas estranhas nos acontecessem. Aí a meu lado estava a mãe de Sheila e a pouco mais de um metro estava a sra. Estelle Roberts. Ao

nosso lado estava a outra mãe enlutada, a Sra. Pugh, de Broad Lane, Birmingham, que entrara em contacto comigo exatamente da mesma maneira.

Quase imediatamente, a Sra. Roberts começou a 'arranhar' a garganta.

Não se tratava de ela se encontrar "em transe." Ela parecia perfeitamente normal. Mas então ela falou - e dirigiu-se à mãe da Sheila.

'A sua filhinha,' disse ela,' passou para o mundo espiritual com um terrível choque. Eu sinto uma sensação de constrição ao redor da garganta - de sufoco. A sua garotinha foi estrangulada.

Agora, lembra-se do caso de Sheila Wilson? Ela foi, de facto, estrangulado por um homem que já foi executado pelo crime que cometeu. "Esse espírito," prosseguiu a senhora Roberts, "passou pouco tempo atrás. Ela está morta há menos de seis meses. Tem dificuldade em comunicar... ela ainda não se ajustou à sua nova vida.'

Depois da sua morte, você foi ver a sua filhinha - mas você só a viu através do vidro.

A sra. Wilson assentiu. Era verdade - tudo verdade. A Sra. Roberts parecia estar a ver e a conversar com as pessoas durante todo esse tempo; para pessoas que não me eram visíveis ou audíveis a mim nem a mais ninguém na sala. Então a médium disse novamente:

'A sua filha está a perguntar o que você fez com os seus pequenos sapatos coloridos. Você os tirou do armário no andar de baixo.'

A Sra. Wilson, agora fascinada, concordou. Ela disse que os tinha tirado, um par de sapatos de dança vermelhos da sua filha, e que os dera.

"Sua filhinha envia-lhe todo o seu amor," continuou a Sra. Roberts, e o seu amor a Baby, Rosie, Jim, Peter, John, May, Nelly, Margery, Vi, Ruby, Doreen e aos três."

Todos esses nomes foram instantaneamente reconhecidos pela Sra. Wilson como sendo das relações de Sheila e amiguinhos.

"Dá um beijo ao Peter por mim, diz ela," prosseguiu a Sra. Roberts.

Peter é o irmão mais novo de Sheila.

Houve uma outra pausa, depois da qual a médium prosseguiu: “Escute! A criança está a dizer-me que você continua a manter na sua mente uma imagem dela como tendo sofrido muito. Mas você está errada. Ela não sofreu. Ela ficou muito tranquila antes de passar.

A Sra. Wilson sentou-se de olhos arregalados de espanto. Tinha a mente às voltas a tentar compreender a imensidão da revelação.

A Sra. Roberts virou-se para a Sra. Pugh. Depois de um tempo ela disse: 'O seu menino é um filho querido, de cabelo castanho encaracolado. Ele encontra-se de pé ao seu lado neste instante.

A Sra. Pugh deu à Sra. Roberts um brinquedo que pertencera ao seu filho. Mas a médium não ficou satisfeita e perguntou: `Ele diz que ele quer o outro brinquedo que você trouxe consigo na sua bolsa.'

A Sra. Pugh abriu a bolsa e mostrou um pequeno boneco de lã. Ninguém, a não ser ela mesma, poderia saber que estava ali.

A Sra. Roberts disse à Sra. Pugh que o seu filho estava sendo cuidado por uma velha senhora alta chamada Emily. Ela descreveu em detalhes essa velha senhora. Mas a descrição não transmitiu nada à Sra. Pugh. Nada - até que a senhora Roberts disse que essa senhora era a mãe de Mary, a avó do menino.

Então ela lembrou que uma vez mais a médium tinha descoberto um facto de que ela mesma mal tinha conhecimento. Pois ela lembrou-se que Emily era na verdade o nome da bisavó do menino. Como ela ainda estava sentada quase paralisada por

essa revelação, a Sra. Roberts no mesmo tom de conversa prosseguiu: 'Ontem você foi até o túmulo do seu filho e colocou lá algumas flores. Ele agradece-lhe as flores. Houve também alguns crisântemos que foram enviados - mas eles não se encontram no túmulo dele.

A Sra. Pugh admitiu que ela visitara o túmulo da criança no dia anterior com algumas flores, mas que tinha deixado em casa alguns crisântemos enviados pela sua irmã. A sessão terminou. Durante um tempo as mães sentiram-se demasiado oprimidas para falar. Mas gradualmente as suas mentes ajustaram-se a essa experiência incrível e quando nos separamos eles partiram felizes. Afirmo deliberadamente - eles estavam mais felizes do que nunca desde que elas se separaram dos seus entes queridos.

Essa não foi a minha única experiência nas investigações da semana passada, embora depois dessa sessão incrível com a Sra. Roberts, as outras tenham empalidecido na minha lembrança...

Eu tive uma sessão com outra médium, Lilian Bailey. A ela eu levei uma outra mãe enlutada de Birmingham, a Sra. Ethel Wright. A Sra. Wright perdeu a sua filha de cinco anos há nove meses - e a médium disse a ela que a criança morrera há dez meses. A Sra. Bailey também descreveu a criança razoavelmente bem e acrescentou: 'Ela quer que você remeta o seu amor ao pai e diga que ela é ainda a sua "queridinha."

Era verdade que o pai da criança costumava usar essa frase para com a garotinha.

Comecei esta investigação completamente cético, e até à semana passada eu não vi nada que me fizesse mudar de ideias.

Após os testes da semana passada, não fiquei mais cético. Estou completamente mistificado, simplesmente por não poder esperar explicar como isso aconteceu comigo e com aquelas mães.

A questão está em saber se os pais aflitos podem encontrar na experiência Espiritualista conforto e consolo após a morte dos seus amados filhos.

Antes de irem às sessões, a Sra. Wilson, a Sra. Pugh e a Sra. Wright, eram três mães enlutadas, que vivam toldadas pela tristeza. Mas depois todo o seu aspecto mudou, como que por magia. Foi a pressão e a tensão. Elas conversaram brilhantemente umas com as outras, trocaram anedotas sobre os seus filhos, e ficaram com as mentes em repouso.

Nem todos os espíritas têm o poder da Sra. Estelle Roberts e da Sra. Bailey. Há, tenho certeza, chantagistas e charlatães que tentarão tirar-lhes o dinheiro e dar-lhe nada, senão uma exposição de ilusionismo.

No entanto, se tiverem este aviso em mente, então não os vou desencorajar de procurar conforto no Espiritualismo e direi mesmo que, ainda que não considere o caso delas como prova, a experiência que sucedeu com a mãe daquela criança assassinada na minha presença na semana passada tornou impossível eu continuar a dizer: "Eu não acredito." Pois foi algo que eu nunca deverei esquecer."

O suicídio não é uma ofensa menor contra as leis espirituais do que é contra as leis da civilização feitas pelo homem. E, como acontece com uma assim como com a outra, há graus de transgressão. Ambas as leis reconhecem não haver qualquer falha a atribuir à pessoa infeliz cuja mente se acha tão desequilibrada que ele não tem consciência do pecado que está a cometer. Em tais casos tão desafortunados, não pode haver castigo, mas apenas amor e simpatia. Ambas as leis condenam igualmente o suicídio naqueles que são responsáveis pelas suas ações, por a lei espiritual ser meticulosamente justa, como Red Cloud deixou claro em muitas ocasiões.

Todos têm liberdade de ação para fazer o que quiserem, diz Red Cloud. Cabe-lhe escolher, mas ao escolher deve igualmente

aceitar as consequências da sua escolha. Ele pode destruir o seu corpo terreno, mas por lhe ter sido concedida a vida eterna o espírito é indestrutível. Ao passar para o plano seguinte da vida, não sofre mudança, exceto que o corpo terreno imperfeito não existe mais. O indivíduo continua a existir, e expressa-se através do corpo espiritual, que é a réplica do corpo da Terra, exceto pelas suas imperfeições. Aquele que tiver sido cego poderá ver novamente; aquele que tiver sido mutilado será íntegro. Individualidade e caráter permanecem inalterados, pois a alma começa após a morte a partir do mesmo estágio de evolução que tiver atingido. Os problemas dos quais o suicida esperava fugir permanecem com ele, assim como a perceção de que a morte tem não terá resolvido nada.

Pelo ato de suicídio, o homem passa por um nascimento prematuro no mundo espiritual. Ele não consegue alcançar imediatamente o plano de consciência para ao qual a sua evolução lhe daria direito se ele cumprido o seu tempo na Terra. Em vez disso, ele permanece suspenso entre a Terra e o plano astral, que é o primeiro estágio além da terra. Neste estado, ele vê-se privado, por ora, da companhia dos seus entes queridos no mundo espiritual, incapaz de cruzar a barreira erguida pelo seu nascimento prematuro. Só quando ele tiver avançado na sua evolução para o grau exigido pode voltar aqueles que ele tiver conhecido e amado.

Quão fúteis, pois, são os esforços daqueles que cometem suicídio para se juntar mais rapidamente aos entes queridos que os precederam! Quão fútil tentar por este meio acabar com os sofrimentos terrenos! Somente se a vida na Terra for suportada até o fim, o espírito poderá progredir na sua evolução.

Há alguns anos, o *The People* publicou uma série de artigos sobre Espiritualismo. Escritos por Maurice Barbanell, a série despertou tanto interesse e gerou tanta correspondência que o editor convidou os leitores enlutados e que nunca tinham assistido

a uma sessão a enviar-lhe as suas histórias. Das que foram submetidas, o Editor empreendeu a seleção de alguns leitores a terem sessões sob condições de prova rígidas. Maurice Barbanell não participou na escolha dos leitores cujas histórias sugeriam que precisassem mais de ajuda psíquica; tampouco, é claro, eu tive. No caso de um desses leitores, a história que se desenrolou foi profundamente comovente. Ele era um homem chamado Proctor, que me fora trazido a minha casa por um repórter do *The People*. O seu nome e todas as circunstâncias que o rodeavam foram-me deliberadamente ocultadas.

O preâmbulo da nossa sessão não foi mais do que um comentário educado sobre o estado do tempo. Assim que a sessão começou, tomei consciência de uma mulher com cerca de trinta e cinco anos de idade que tinha claramente passado desta vida não muito antes. Ela estava muito consternada e eu sabia que a sua morte tinha sido trágica. Ela quase me atacou com a urgência por que eu falasse ao meu visitante que, segundo ela, era seu marido, e ela disse:

"Querido, eu não te queria deixar. Eu não consigo lembrar o fim; foi muito rápido. Não fiques com nada na tua consciência, querido; não foi culpa tua. Eu estava a sufocar e depois simplesmente dormi, e dormi e dormi sem parar.

Os bebés ainda estão comigo. Nós os três sempre estaremos perto de ti, à tua espera. Eu quis muito dizer-te estas coisas, e dizer-te que não há morte, mas eu nunca fui capaz de chegar até ti. Agora que o consegui, fico feliz, muito feliz."

Pelo marido, eu fiquei mais tarde a saber os detalhes completos do que acontecera. Cerca de oito meses antes ele voltara para casa e encontrara a sua esposa morta no chão após ter ingerido uma overdose de comprimidos para dormir.

Ela tentara primeiro envenenar-se por inalação de gás, mas o gás acabara, e assim ela recorreu às pílulas. (A sensação de asfixia

a que ela se tinha referido na sua mensagem deve ter sido o efeito do gás.)

Ao lado dela estavam os corpos dos seus dois filhos; um com quatro anos, o outro com cinco meses. A pobre mulher tinha passado por um péssimo estado nervos desde o nascimento do bebé, e embora ela parecesse estar a ficar melhor, de repente sofreu uma recaída que terminou com esse ataque. Pelo jeito como ela quase se atirara a mim na ansiedade que sentia por assegurar ao marido que ela ainda vivia, não podia haver dúvidas de que o envio desta mensagem foi tão importante para ela como recebê-la fora para ele.

O meu visitante ficou muito impressionado com os acontecimentos da nossa sessão; não menos, parece, pelos meus gestos involuntários do que pela mensagem que eu lhe tinha transmitido. Ele comentou com o jornalista que o acompanhara que, enquanto eu estava em comunicação com a sua esposa, eu não parava de apertar as minhas mãos na frente do meu rosto. Eu não tinha consciência de ter feito isso, nem mais tarde me consegui lembrar de o ter feito. Contudo, o significado disso não se perdeu para ele. Ele explicou que os movimentos de minhas mãos tinham sido uma reprodução fiel de um gesto característico da sua esposa. Muitas vezes ele tinha visto as mãos dela fazerem os mesmos gestos nervosos que os meus fizeram, especialmente nas manhãs quando ele precisara sair para ir para à sua vida.

Um relato da visita do Sr. Proctor foi publicado em *The People* no domingo seguinte. Foi uma descrição completa, muito mais detalhada que o breve resumo que acabei de fazer. No final do artigo o repórter, Alan Bestic, escreveu:

"Existe, é claro, uma outra interpretação possível do que aconteceu. A Sra. Roberts tem uma mente sensível e perspicaz. O Sr. Proctor foi até ela com um problema terrível a dominar-lhe o pensamento. Talvez essa mente sensível tenha alcançado e captado esses pensamentos como um recetor de rádio capta sinais

delicados e persistentes. Pode ter sido telepatia. Mas essa teoria não é válida num outro teste que a Srs. Roberts conduziu na minha presença naquele dia. Desta vez os sujeitos eram a Sra. P. e a sua filha, que, por razões de família, deseja permanecer anónima. Nenhuma das duas tinha visto a Sra. Roberts antes. E ela nada sabia delas.

A Sra. P. queria informações sobre o seu filho, Will, que tinha sido reportado morto, num bombardeio sobre a Alemanha 15 anos atrás. Tanto ela como a sua filha foram informadas por vários médiuns que ele ainda se encontrava vivo, e que andava a vagar pela França, tendo sofrido perda de memória. A Sra. Roberts disse que estava em contacto com um homem, o marido da Sra. P. Ela descreveu com precisão como ele tinha morrido de cancro e como a sua mente tinha estado instável por alguns dias antes da sua morte.

Mas, do Will não pode dizer mais do que as outras médiuns. O pai dele, disse ela, disse-lhe que estava a olhar pelo menino, que ainda estava vivo na Terra. Mas, por o Will estar a sofrer de amnésia, fora-lhe difícil influenciar-lhe a mente. Ela sentiu que ele tinha estado na Alemanha, talvez na zona Russa. Ela não conseguiu identificar a sua posição exata. Naturalmente, a Sra. P. e sua filha ficaram desapontadas. Mas o experimento não foi de forma nenhuma um fracasso.

A Srs. Roberts deu-lhes informações que possivelmente não podiam ter tido nas suas mentes quando eles a foram ver.

Ela disse: 'Ele está a tremer de entusiasmo. Ele fala de uma mulher chamada Lizzie. Quem é Lizzie?

Nenhum deles a conhecia. "Sim, conhece sabe," disse a Sra. Roberts. Ela está ligada ao pai dele.

"Isso mesmo," sorriu a Sra. P. "O meu marido teve uma tia chamou Lizzie - a irmã do seu pai. Eu não cheguei a conhecê-la.

A Sra. Roberts disse: ‘Ele está a falar de Jim. Não... é Jenny. Quem é Jenny?’

Tanto a Sra. P. quanto a filha pareciam não ter qualquer ideia. ‘O nome dela era Jane,’ disse a médium. ‘Eles estão juntos agora. Todos a chamavam de Polly.’

Mãe e filha começaram a rir. ‘Tia Polly!’ bradaram elas em uníssono.

Estou convencido de que a Sra. P. e a sua filha não tinham pensado nessa gente havia anos. E alguns elas mal conheciam."

Houve muitos casos em que os meus poderes mediúnicos preveniram tragédias. Lembro-me de uma rapariga-esposa que tinha perdido o marido e ficado inconsolável. O pai e a mãe trouxeram-ma a mim, sem adiantarem qualquer informação além de que ela precisava da minha ajuda. A moça e eu fomos sozinhas para a minha pequena sala de sessões.

O marido dela comunicou rapidamente, e deu irrefutável prova de que haver sobrevivido ao túmulo. Ele referiu-se a pequenos incidentes, acontecimentos domésticos que tinham ocorrido muito recentemente, mostrando desse modo que ele ainda estava com ela. A solidão resultante do luto que ela sofrera tinha terminado. Na sua alegria por esta reunião, ela correu rapidamente para o carro, situado lá fora, sem parar para se juntar aos pais dela que estavam a aguardar num outro compartimento.

Compreendendo a sua ação, eu fui até eles para lhes falar da sua recém-descoberta felicidade.

Quando entrei no quarto, a mãe pôs-se de pé de um salto, ansiosa por conhecer o resultado da sessão. Eu assegurei-lhe que o marido da garota havia retornado e provado a sua sobrevivência. A mãe ficou cheia de lágrimas nos olhos quando ela me apertou as mãos, dizendo:

"Sra. Roberts, a senhora salvou-lhe a vida. Se ela não tivesse vindo, eu não sei o que ela faria ter feito. Várias vezes a pobre criança tinha dito resolutamente que acabaria com a própria vida."

Naquele momento dei-me conta do pleno sentido da responsabilidade do meu trabalho. Eu fiz uma oração silenciosa para nunca cair em falta.

Um caso mais dramático de tragédia devastadora ocorreu no Queen's Hall, em Londres. Eu estava a fazer uma demonstração de clarividência quando, em obediência à sugestão de Red Cloud, eu apontei para a parte de trás da galeria lotada. Lá, dirigi-me a um homem, e implorei-lhe para ele me vir ver antes de sair da sala. Quando a reunião terminou um camareiro veio dizer-me que o homem estava a pedir para me ver.

"Por favor, traga-o aqui," disse eu, e voltando-me para o Sr. Hannen Swafer, que estava a falar comigo, eu disse-lhe que eu ficaria encantada por o ter como testemunha do que eu me propusera fazer.

O homem chegou um minuto depois, mal vestido, de olhar desanimado, alguém que claramente conhecera dias melhores. Ele disse educadamente:

"Você pediu para me ver, Sra. Roberts?"

"Pedi, sim," disse-lhe eu. "Você tem uma garrafa de veneno no bolso, e eu não acho que a deva ter consigo. Quer-ma dar?"

Imediatamente ele começou com uma fanfarronice.

"Veneno," disse ele. "Eu não tenho qualquer veneno."

"Tem sim. E com um propósito não muito bom." Estendi a mão a pedir-lho.

Ele olhou para mim de forma firme por vários segundos e depois deu de ombros.

"Desde que você sabe muito sobre isso, é melhor ficar com a navalha, também."

Ele entregou-me uma pequena garrafa de ácido prússico e uma navalha enferrujada.

"Gostaria de nos dizer a que se deve tudo isto?" perguntei-lhe. Uma vez mais ele encolheu os ombros, como se não importasse contar-nos ou deixar de contar.

"É a história de sempre", disse ele, por fim. "Sem emprego, fracassado e na bancarrota!

Não foi tão mau quando a mulher esteve viva; quando completamos dois parecemos sair-nos melhor. Mas ela morreu há uns meses atrás, e de alguma forma deixou-me descoroçoado. Eu vim a tentar há um par de semanas arranjar coragem para me suicidar. Mas não é tão fácil quando chegamos a pensar nisso. Eu pensei inicialmente em usar a minha velha navalha. Então, um dia eu vi este frasco de veneno, tão conveniente, e então coloquei-o no bolso. De qualquer modo parecia mais limpo do que uma navalha."

Ele fez uma pausa, refletindo sobre os méritos rivais do ácido e do aço. O continuou:

"Bem, esta tarde, enquanto eu estava num banco no parque, eu decidiu usar o veneno. Eu estava sentado lá, a pensar quando e onde fazer isso quando um jornal atravessou a grama e se veio envolver nas minhas pernas. E no topo da página vinham as palavras: "Você pode falar com os seus mortos."

"Foi escrito pela Sra. Shaw Desmond," disse-lhe eu.

"Talvez, eu não sei quem o escreveu, mas dizia para vir aqui. Não cobravam nada pelo ingresso, dizia, razão por que pensei em vir. Eu não tinha nada a perder, e aqui dentro estaria mais quente do que ficar sentado no parque até ficar escuro o suficiente para beber o veneno sem que nenhum intrometido se apercebesse do que eu estava a fazer. Eu também calculei que, se pudesse conversar com a minha esposa, poderia descobrir se ela está melhor lá em cima do que eu estou aqui em baixo. Assim, aqui estou. É por isso que estou aqui e o que lhe disse que é a verdade."

Nenhum de nós que ouvimos essa história triste teve a menor dúvida da sua verdade. Swaffer pegou num chapéu e começou uma coleta no local. Mais tarde, ele pôs o homem sob a sua alçada e, com a bondade que lhe era característica, continuou a ajudá-lo

até que ele finalmente se estabeleceu num emprego e se firmou de novo. Muitas vezes eu refleti nas forças combinadas que conduziram aquele homem ao salão da rainha naquela noite memorável. Talvez tenha sido simplesmente a sua esposa, a cuidar fielmente dele, como sempre fizera no passado.

CAPÍTULO SETE
CLARIVIDÊNCIA PÚBLICA E PRIVADA

No curso de uma longa carreira como médium eu demonstrei clarividência na maioria dos principais salões públicos do Reino Unido. As minhas maiores reuniões foram, claro, no Royal Albert Hall, onde, na maioria das vezes em que eu apareci lá, cada um dos sete mil lugares esteve ocupado. Mas o mais muitas vezes, as aparições que fiz em Londres foram no Queen's Hall, onde eu demonstrei muitas e muitas vezes, e no Seymour, Caxton, Kingsway e no Aeolian Halls.

Eu não exigia qualquer pagamento pelos meus serviços, apesar de generosas quantias serem frequentemente oferecidas. Eu queria apenas levar o meu dom ao maior número de pessoas possível, sem pensar em ganho pessoal. A única exceção a essa regra foi quando eu fiz demonstrações na Escócia, na Irlanda, ou no continente. Os meus limitados recursos não podiam ser esticados de modo a cobrir os custos dessas viagens, e nessas horas eu ficava feliz por aceitar uma contribuição para os meus gostos próprios.

Essas demonstrações públicas geralmente seguiam um padrão similar.

Eu sempre fiz questão de chegar ao local, com tempo suficiente, e de seguir direto para a antessala onde eu comungava silenciosamente com os do espírito.

"Eu vim aqui como uma ponte entre vocês e os vossos entes queridos na plateia," dizia-lhes eu. "Ajudem-me a ajudá-los e a eles."

Não que eles alguma vez tenham falhado comigo, ou que fosse provável que isso acontecesse - disso eu tinha certeza. Foram as minhas próprias deficiências que as minhas dúvidas estabeleciam. Imagino que poucas pessoas se terão acostumado a aparecer no palco ou numa plataforma que tenha superado por completo os "nervos" que invariavelmente precedem a grande ocasião.

Esse aumento da tensão está quase obrigatoriamente obrigado a surgir em tais momentos; os meus receios não eram que as pessoas espirituais falhassem para comigo, mas que eu pudesse de alguma forma falhar para com elas. Era um fardo de responsabilidade que sempre pesava sobre mim até que eu me levantava para falar. Então, magicamente, desapareceria, para ser substituído por um sentimento crescente de poder e de confiança.

Na hora anunciada para o início da reunião, eu deixava a antessala e tomava o meu lugar na plataforma. Às vezes nós começávamos com um hino e uma oração; outras vezes apenas com uma oração. Isso seria seguido pelos comentários introdutórios do presidente. Geralmente ele era famoso em algum outro campo de atividade e tinha um bom número de pessoas famosas sentadas em ambos os seus lados. Quando ele se sentava, era o sinal para eu subir. Eu andava até à frente do palco e, falava por um microfone e citava a frase bíblica: "Eu ouvi uma voz do céu dizer..." Habituei-me a começar sempre com essas palavras para que o público soubesse que eu estava em contacto com o mundo espiritual.

Uma médium que tome lugar na plataforma numa reunião de massa encontra-se numa posição muito diferente da de qualquer outro palestrante ou orador público. O palestrante vem para a reunião preparado com antecedência; ele sabe por quanto tempo ele se propõe falar e exatamente aquilo que vai dizer. A médium não conhece nenhuma dessas coisas. Ela está lá para transmitir as mensagens dos outros e continua a fazê-lo por tanto tempo quanto eles vierem, ou até que o seu guia a convoque a parar.

No meu caso, não me lembro de uma demonstração onde não tenha havido muito mais mensagens espirituais do que eu poderia dar. Enquanto eu lhes prestava atenção eu ouvia porventura até uma dúzia de vozes todas animadamente a reivindicar a minha atenção: "Diga isso à minha mãe..." "Diga ao meu irmão que..."

Muitas vezes eu tinha que lhes pedir para ficarem sossegados, e implorar por uma oportunidade de fazer a sua vontade. Lembro-me de um comentário que certa vez foi feito sobre isso a Red Cloud, depois de uma reunião lotada no Albert Hall. "Porque será?" perguntei, "que todos esses entes queridos se amontoam sobre mim sem uma pausa ou interrupção?"

Ele respondeu:

"O salão esteve preenchido com as pessoas do teu mundo esta noite por eles conhecerem e confiarem em ti. Não te passa pela mente que tu não és igualmente menos conhecida e objeto de confiança pelas pessoas do meu mundo?"

A receção e transmissão de mensagens é sempre uma experiência emocionante. Eu sinto-me a vibrar com o poder do espírito enquanto ando de um lado para o outro na plataforma, a apontar para pessoas em todas as partes da plateia, até à parte de trás da galeria. Algumas mensagens são curtas e diretas, outras são longas e outras tão enredadas que pouco significado têm para quem quer que seja, senão os destinatários.

Então, geralmente depois de cerca de três quartos de hora, Red Cloud vem até mim e diz gentilmente: "Já chega." Ele sempre sabe quando o alto estado de tensão ao qual eu sou levada está a começar a ter efeito. Ele nunca me permite prosseguir para além da minha resistência. Então eu curvo-me para a plateia e volto ao meu lugar. Como esta ação é invariavelmente recebida por um suspiro audível de pesar, eu com regozijo sei que não falhei para com os meus amigos de nenhum dos dois mundos.

Durante a década de 1930, as demonstrações públicas de clarividência que fiz foram regularmente preenchidas até transbordar. Costumava preocupar-me o facto de tantas pessoas interessadas precisassem ser rejeitadas. Um dos meus locais de

reunião regulares nessa época era o Victoria Hall, Bloomsbury, que, na verdade, não era um salão, mas dois. Alguém sugeriu que ajudaria a resolver o problema "Casa Cheia" se nós uníssemos esses dois salões adjacentes por meio de um microfone. Essa provou ser uma excelente solução, que me permitiu facultar clarividência a audiências empacotadas em ambas as salas ao mesmo tempo.

Antes das primeiras performances "gêmeas," eu interroguei-me se seria capaz de projetar os meus poderes de clarividência além do ambiente imediato para uma assembleia inteiramente separada, embora o a distância entre as duas salas fosse insignificante.

Contudo, não necessitava ter-me preocupado. Eu descobri que era capaz de enviar mensagens e descrever gente do espírito para um público no segundo salão com sucesso como se eu tivesse estava sentado entre eles. Um arranjo bidirecional de microfone permitiu que aqueles que se encontravam na segunda sala conversassem comigo e reconhecessem as mensagens que eu passava.

Foi numa dessas reuniões "a transbordar" que Ishbel, Marquesa de Aberdeen e Temair recebeu provas convincentes da sobrevivência do marido. Em resultado disso ela tornou-se uma entusiasta Espiritualista. Quando, aos oitenta e quatro anos, ingressou na Casa de Red Cloud, ela não pensou em voar de volta de Paris expressamente para assistir às minhas sessões de voz direta. Durante a sua vida terrena o Marquês sentiu-se profundamente interessado nos ensinamentos de Red Cloud, e na realidade passou para o outro mundo enquanto lia pacificamente uma das palestras do seu guia. Numa outra dessas reuniões, um homem recebeu provas abundantes da sobrevivência da sua esposa pelas mensagens que eu lhe transmiti. Ele reconheceu a verdade de tudo o que eu disse a ele até que eu mencionei a colocação de flores no caixão da sua esposa.

Diante disso, o marido explicou: "Que pena que você tenha dito isso, senhora Roberts, porque nenhuma flor foi colocada no caixão!

"Não fui eu quem disse isso," lembrei-lhe. "Foi a sua esposa quem estava a dizê-lo."

Mas, ele insistiu que tinha a certeza de que nenhuma flor havia sido colocada dentro do caixão, e enfatizou que estava em melhor posição para saber do que eu.

No entanto, ele no dia seguinte telefonou-me. Quando ele repetiu as mensagens ao chegar a casa, a sua filha disse-lhe o que ele não sabia anteriormente - que ela tinha incluído um pequeno ramalhete para a sua mãe nos últimos instantes antes do caixão ser selado. Foi amabilidade do homem confessar o seu erro tão prontamente.

O Espiritualismo é um assunto que constantemente interessa à imprensa.

Vários jornais nacionais realizaram investigações e convidaram a minha colaboração. Eu sempre estive disposta a cooperar e invariavelmente descobri que eles são atenciosos e justos nas reportagens que fazem. Lembro-me bem do Sr. Hugh Cudlipp, o então editor do Sunday Pictorial, ter vindo tomar o seu lugar numa de uma série de reuniões públicas que o seu jornal havia organizado. Algumas horas antes ele tinha sofrido uma pesada perda, provocada pela morte da esposa em pleno parto. Mas mesmo assim ele apareceu no seu lugar, e salientou que nada deveria ser dito sobre essa tragédia, granjeando desse modo a minha gratidão e admiração.

Mais recentemente um outro jornal de massas de domingo, o The People publicou uma série de artigos sobre sobrevivência após a morte, baseando as suas descobertas em alguns dos meus casos. Eu não fiquei anormalmente orgulhosa quando eles me classificaram entre as cinco mais mulheres conhecidas no país, mas fiquei embaraçada com a resposta inesperada que recebi.

Durante os dias seguintes, chegaram-me mais de cinco mil cartas de pessoas de todo o mundo. A maioria delas era de

estranhos, embora pelas suas palavras eles pudessem ter sido velhos amigos. Assim forte é o vínculo que une todos que se acham convencidos da comunicação espiritual.

O meu casamento com Arthur Roberts terminou no tribunal de divórcio em 1938. Foi-me concedida uma pena em razão de crueldade após defender com sucesso uma ação alegando má conduta. A audiência dessas acções suscitou amplo interesse na imprensa. Ingenuamente eu esperava que elas passassem pelos tribunais tão desapercebidas quanto a grande maioria dos casos semelhantes, mas neste eu fiquei tristemente desapontada.

O caso foi amplamente divulgado em todos os seus infelizes detalhes e, em alguns casos, os relatos impressos não se ficaram pela reportagem direta. Fiquei surpreendida ao ler num jornal, por exemplo, que Red Cloud me justificaria no meu encontro público seguinte. Tanto quanto eu sabia esse era um boato completamente sem fundamento. Deixou-me muito zangada o facto das pessoas pensarem que eu poderia misturar a minha vida privada e profissional dessa maneira.

Por essa altura eu estava a falar todo domingo à noite no Aeolian Hall na Bond Street. Embora o tribunal tivesse estabelecido claramente a minha inocência, eu não ansiava para essa primeira reunião após a o veredicto ter sido anunciado. Como representante de uma religião em que eu sincera e devotamente acreditava, eu estava com medo da reação do público em geral à publicidade generalizada que recebi. Foi com trepidação que fiz a minha entrada através das grandes portas de vaivém. No interior, o amplo vestíbulo e a escadaria que conduzia ao hall estavam apinhados com pessoas à espera.

Não reinava o menor murmúrio de conversa, mas apenas um sinistro silêncio enquanto eu caminhava para o pé de as escadas. Então alguém começou a bater palmas... e o aplauso foi repetido por toda a volta - batidas de palmas, batidas com os pés, aplauso espontâneo. A apreensão deu, no meu coração, lugar ao júbilo, e uma felicidade opressiva varreu-me. Aos olhos do público em geral eu tinha sido julgada e não considerada culpada.

Eu abri a reunião com uma negação absoluta do boato da "justificação" de Red Cloud. Red Cloud, eu lembrei ao meu público, era um mestre espiritual e alheio aos meus assuntos materiais, por mais desagradáveis que possam ser para mim. Ao dizer isso, no entanto, eu não estava totalmente certa. Nessa reunião, Red Cloud enunciou uma das suas palestras, falando, como sempre, através de mim depois que eu entrei em transe.

O discurso de transe durou cerca de trinta minutos e quando acabou, ele voltou-se por breves instantes para o assunto do meu recente sofrimento. Referindo-se à agonia mental pela qual eu tinha acabado de passar, ele agradeceu a todos os presentes pelo "amor e simpatia revelado ao nosso pequeno instrumento durante a sua hora de julgamento."

Por centenas de anos a feitiçaria foi motivo de terrível punição de acordo com a lei Inglesa. É contada a história da navegação que o rei James I fez para conhecer a sua noiva, Ann da Dinamarca, em 1589. O mar encontrava-se agitado e Sua Majestade estava muito enjoado. O rei acreditava de forma inabalável em demonologia e declarou que o desconforto era provocada por espíritos malignos invocados por bruxas que trabalhavam em equipa contra os seus inimigos.

Determinado a proibir qualquer reincidência de tal infortúnio, ele deu início à emissão de um decreto que tornava a feitiçaria uma ofensa punível. Em 1735, no entanto, a opinião pública respeitante à eficácia da feitiçaria sofreu uma modificação considerável pelo que o novo Decreto foi traçado pela mudança do delito para "alegação da evocação de espíritos."

Em 1824, a Lei da Vagabundagem tornou-se a lei da terra. Isso foi projetado para proteger as pessoas ingénuas dos "ladinos e vagabundos" como ciganos itinerantes que praticavam adivinhação. Embora a Vagabundagem e os atos de Bruxaria se tornassem lei antes do início do surgimento do Espiritualismo moderno, eles foram usados com sucesso para processar médiuns. Winston Churchill, enquanto primeiro-ministro, pronunciou-se fortemente contra essa prática quando, lá por meados da guerra, o

Decreto da Vagabundagem foi invocado para processar uma médium que foi presa. (NT: Helen Duncan)

Estes dois Decretos, que tiveram o efeito de tornar as sessões espiritualistas ilegais e de negar a liberdade religiosa aos espiritualistas, ainda constavam do Livro de Estado no final da Segunda Guerra Mundial. Uma campanha para revogar as secções que afetavam os médiuns começou a ganhar impulso, e foi feita uma tentativa vigorosa para acabar com essa legislação arcaica.

Um membro do Parlamento, Espiritualista, o Sr. T.J. Books, convidou-me para participar na primeira de uma série de jantares de todos os partidos da Câmara dos Comuns, a encontro cuja finalidade é a de se conseguir a cooperação dos Primeiros-Ministros na emenda dos nossos agravos.

Essa função foi assistida por um grande número de homens conhecidos e mulheres das esferas política e social. Depois do café ter sido servido fui chamada a contar algumas das experiências psíquicas porque tinha passado. Eu fiz isso e segui minhas palavras com uma demonstração prática de algumas das coisas que eu tinha falando. Um homem, um escocês cético sentado ao lado de Maurice Barbanell, foi vocalmente persuadido pelo preâmbulo de abertura que fiz, e sentou-se para receber a demonstração de clarividência que fiz na mesma atitude mental de cético. Poucos minutos depois, no entanto, dei-lhe inadvertidamente mais motivos de reflexão nesse sentido do que ele acreditava ser possível.

Entre as mensagens espirituais que transmiti veio uma dirigida ao Escocês - da parte do seu filho. O menino tinha terminado a sua vida terrena num incêndio de aeronave e isso eu disse ao pai, juntamente com as palavras de conforto que o filho lhe estendia. Tenho certeza que ele deixou a mesa de jantar num estado de espírito bem menos cético do que quando ele tinha chegado.

A Sra. Helen Hughes foi a médium convidada num outro jantar, e eu estive presente num terceiro. É impossível estimar até que ponto as mentes dos Primeiros-Ministros que vieram foram

influenciadas por essas demonstrações, embora alguma coisa possa ser aferida do facto de que vários deles terem participado mais que uma vez. O facto é que não muito tempo depois, o Parlamento alterou a Bruxaria e o Decreto da Vagabundagem, substituindo-os pela Lei dos Médiuns Fraudulentos em 1951.

Devo confessar que embora sob o Decreto, como estava, eu pudesse ter sido presa como um patife ou vagabundo, eu não tinha nem sido dissuadida nem amedrontada pela ideia de tal acontecimento. A minha família ficou um pouco mais descansada após a emenda, no entanto, por ser habitual com o Hannen Swaffer, quando se apresentava na mesma plataforma, geralmente desafiar o polícia de plantão nas traseiras do salão a prender-me, por causa do grande público.

Não havia mais a necessidade deles trazerem o número de telefone do meu próprio Solicitador, caso surgisse a necessidade de ter que me libertar!

Muitos deputados do Parlamento participaram nas minhas reuniões públicas e tiveram sessões privadas comigo. Alguns dos mais conhecidos, homens como Ernest Bevin e George Lansbury, mais de uma vez partilharam a plataforma comigo. Sir William Stewart veio muitas vezes falar com o Red Cloud. Em maio de 1959, Sir William ocupou a cadeira numa reunião pública em Londres em que eu demonstrei clarividência e atestei abertamente a ajuda que ele recebeu do meu guia.

No decurso de uma conversa, Red Cloud avisou-o de que a roda do carro dele estava insegura. No final da sessão Sir William partiu, esquecendo o aviso até que ele ligou para uma garagem próxima à procura de gasolina. Então ele se lembrou e pediu ao assistente para fazer uma rápida verificação das porcas das rodas. O homem fez isso e relatou que estava tudo bem.

Um ou dois dias depois, Sir William estava para visitar a mãe. Ele sabia que isso significaria uma viagem rápida para voltar a tempo de se sentar na Câmara dos Comuns no dia seguinte, e não tinha esquecido o aviso de Red Cloud. Decidiu fazer uma segunda verificação. Ele dirigiu-se a uma outra garagem e

acompanhou o mecânico numa excursão de inspecção. Desta vez, eles descobriram que as porcas de retenção de uma das rodas traseiras estavam tão perigosamente folgadas que a roda teria saído se o carro tivesse viajado para longe ou rápido.

Eu sempre me lembro com prazer de uma ocasião em que o Sr. Ewart Dudley, a quem eu conhecia bem pelas visitas regulares que fazia em busca de cura, trouxe a sua irmã a minha casa para uma sessão. Foi um encontro particularmente satisfatório porque, para meu desconhecimento, os meus dois clientes tinham-se preparado para ele com cuidado e inteligência e os resultados foram gratificantemente convincentes.

A sessão começou de maneira comum. Um ou dois parentes vieram com mensagens curtas do espírito e foram de imediato reconhecidos pelo irmão e irmã. Então, eu disse: "Ah, aqui vem alguém muito especial; ela dá o nome dela de Maria. Ela é muito bonita e está muito animado por chegar até vós. Ela diz que é sua mãe."

"Por favor, tome isto e veja se isso a ajuda," disse o irmão. Ele empurrou-me para as mãos um grande envelope lacrado. Como meus dedos se fecharam a envolve-lo, eu podia sentir que continha algum tecido dobrado. A mãe conversou quase sem parar, e deu o nome de outro dos seus filhos, e o marido que estava com ela no mundo espiritual. E então eu acrescentei: "Ela diz que esse envelope contém alguns dos seus bordados. Contém um texto trabalhado em algodão vermelho.

"Quais são as palavras que o texto encerra?"

Senti a mãe gentilmente pegar na minha mão e traçar as letras com um dedo no braço da minha cadeira:

“VENHAM A MIM TODOS OS QUE TRABALHAM E ESTÃO SOBRECARREGADOS E EU DAR-LHES-EI DESCANSO. Mary Baker"

"Ele encerra uma data," disse Dudley. "Você pode dizer-nos qual é?"

De novo o meu dedo traçou as letras no braço da cadeira, à medida que eu a repetia em voz alta: "Junho de 1869."

Então, ainda sem pausa, vieram as palavras:

"O envelope também contém duas frentes em renda que eu costumava usar com minhas blusas de gola descida. Uma é quadrada e a outra de forma triangular. Há Também contém uma faixa estreita de trabalho bordado à mão que foi feita pela minha mãe, tua avó."

Depois da sessão, os Dudleys abriram o envelope e estudaram o seu conteúdo, cuidadosamente embrulhado em papel de seda. Também me mostraram uma fotografia da sua mãe. Não podia restar dúvida de que o a figura do espírito que eu tinha visto era a mesma pessoa, embora ela tivesse parecido mais jovem e mais bonita.

Ocasionalmente, uma médium recebe a satisfação de um cruzamento das provas dadas que se torna mais impressionante e convincente à medida que as prova se acumulam. Um exemplo notável disso foi posto em movimento quando uma mulher telefonou para minha casa de Manchester a marcar uma consulta comigo. Na nossa subsequente reunião eu disse-lhe que o filho dela estava a comunicar. O garoto, de cerca de doze anos de idade, fez uma descrição gráfica de um incêndio que se dera na sua escola na França que lhe havia ceifado a vida e a de outros jovens. A mãe ficou muito feliz com essa prova da sua sobrevivência e eu fiquei muito feliz por ela.

Alguns meses depois, um homem e a esposa, que eram inequivocamente recém-chegados ao Espiritualismo, estavam numa sessão comigo quando um jovem bem-formado de cerca de doze anos comunicou. Muitas vezes acontece que pessoas que nunca pensaram no Espiritualismo durante muitos dos anos despreocupados voltam-se para ele de forma ávida, senão incompreensível, nas horas de pesar.

Foi o pesar, estava certa, que explicava a presença no meu compartimento. Eu não fiquei surpreendida quando o filho deles se manifestou e apresentou as provas habituais da identidade. O que me surpreendeu, contudo, foi que, tendo-se estabelecido para além da dúvida na mente dos seus pais, ele passou a fazer uma

descrição idêntica de um incêndio numa escola francesa como a descrita pelo outro menino alguns meses antes.

Essa experiência foi repetida outras duas vezes nos meses seguintes. No final, eu tinha convencido os quatro casais de pais, que me eram estranhos, e de cujos antecedentes eu não poderia ter tido qualquer conhecimento possível. Em cada um dos casos, eles tinham perdido um filho nas circunstâncias descritas.

Normalmente emprego a prática de deliberadamente procurar apagar da minha ideia lembre-se qualquer mensagem que possa ter passado, assim que minha consulente me tiver deixado. Afinal de contas, essas mensagens, sendo pessoal para minha consulente e o comunicador, não são da minha conta. Por essa razão eu frequentemente não lembro do que aconteceu de uma semana para a outra.

No todo, o cultivo desta "ausência profissional de memória" funciona muito bem, mas ocasionalmente pode ser embaraçoso como quando a consulente, que provavelmente passou a semana toda a ponderar nos acontecimentos da visita anterior, chega a contar que eu me lembre detalhadamente do que aconteceu sete dias antes.

No entanto, as circunstâncias da passagem trágica do primeiro dos quatro meninos foram tão incomuns que eu não conseguia esquecê-las facilmente. Eu ouvi-as de novo em mais três sessões. Em cada um dos casos, os pais confirmaram o que eu lhes disse e maravilharam-se por eu conseguir descrever esses eventos com tal detalhe. Imaginando como fora que quatro casais de pais devessem ter vindo a mim, perguntei à minha secretária se ela tinha algum conhecimento deles.

Ela não me pode dizer nada, exceto que eles tinham vindo de diferentes partes do país. Eu acho que é provável que eles fossem todos conhecidos entre si e por acordos prévios entre eles próprios tenham vindo um após o outro em busca de uma prova de sobrevivência e, talvez, para testar os meus poderes de mediunidade.

Uma autoridade bem conhecida e conferencista em assuntos psíquicos é o Brigadeiro R. C. Firebrace. Estou em dívida para com ele pelos detalhes de uma extraordinária sequela de uma das minhas sessões de voz onde os comunicadores falam de uma réplica dos seus tons terrenos. Red Cloud anunciou que o Brigadeiro viria a ter mais experiência de mediunidade de voz direta "em algum outro momento e em algum outro lugar." Pouco depois o brigadeiro Firebrace foi enviado para a Letónia como adido militar.

Lá ele e sua esposa travaram conhecimento com uma mulher russa que se interessava por comunicação espiritual. Não demorou muito para que os três formassem um círculo para desenvolvimento psíquico. Eles reuniram-se duas vezes por semana no apartamento de Firebrace e, como de costume, colocaram no círculo um trompete, não um instrumento musical, mas um megafone para intensificar som.

No começo eles não foram muito bem-sucedidos, mas eles sabiam que estavam a fazer progressos quando começaram a receber curtos sussurros através da trompete. Isso foi satisfatório, na medida em que se produzia, mas também suscitou a intrigante questão sobre qual era o médium. Eles não foram mantidos por muito tempo em suspense como uma noite a trompete começou a mover-se acentuadamente pelo quarto enquanto os Firebrace estavam do lado de fora e apenas a russo se encontrava presente.

Eles continuaram a progredir até que para espanto do Brigadeiro espanto, soou através da trompete uma menção ao nome de Red Cloud. A voz do espírito disse que a Red Cloud tinha vindo para ajudar até o guia da médium russa ganhar maior proficiência no uso do trompete. Essa declaração foi encerrada por uma risada que os Firebrace instantaneamente reconheceram como o riso distinto de Red Cloud. Daquela noite em diante, Red Cloud continuou a visitar o círculo até que foi interrompido pelo retorno de Firebrace à Inglaterra. Na primeira visita que os Firebraces me fizeram depois de seu retorno a casa, Red Cloud apresentou uma referência ao círculo e aos acontecimentos da

Letónia, dando mais provas do conhecimento sobrenatural com que eu nunca deixei de me maravilhar.

As descrições que fiz de eventos relacionados com uma multiplicidade de pessoas, algumas delas recém-chegadas ao Espiritualismo, têm sido episódios solitários com a finalidade de ilustrar um ou outro aspeto do assunto. Mas se bem que esses acontecimentos tenham sido apresentados como casos isolados muitas vezes eles não foram nada disso, mas ou elos únicos numa longa cadeia de experiência, ou então o primeiro elo aos quais muitos outros mais tarde conduziriam.

É extremamente raro que alguém faça uma primeira incursão no Espiritualismo, e testemunhando algum fenómeno psíquico, não investigue mais a fundo. De facto, a própria natureza do Espiritualismo insiste que deveria faze-lo. Na minha experiência, quanto mais sabemos sobre fenómenos psíquicos, mais queremos saber. Essa opinião tem sido corroborado pelas dezenas de consulentes que vieram a mim com um conhecimento de praticamente nada e permaneceram para fazer do estudo psíquico quase o trabalho da sua vida.

Um desses foi o diretor de uma grande escola de meninos, um homem com uma mente crítica e bem treinada. Ele visitou-me pela primeira vez há seis anos, sete meses depois do seu mundo ter desmoronado quando a sua esposa e o filho mais novo, Roger, morreram num desastre de inundação. Ele não sabia mais do espiritualismo do que lera na imprensa popular, e era quase agressivamente cético em relação a ele, embora por uma questão de cortesia mo tentasse esconder. Ele veio em parte por curiosidade, mas principalmente por amigos terem instado com ele para que o fizesse. Tal, pois, era o seu estado de espírito quando nos conhecemos - certamente não as condições ideais para produzir uma demonstração convincente.

No entanto, eu fiz o melhor que pude, começando por fazer um retracto detalhado da sua esposa e do filho. O que se seguiu foi mais tarde descrito pelo próprio homem:

"Eu me sentei perplexo à medida que uma corrente de referências relativa às pequenas coisas que tinham composto o nosso mundo vinham do Outro Lado na linguagem de um menino. Na maior parte eram coisas que ninguém exceto eu poderia conhecer - o relógio premiado do Roger que tinha sido encontrado nos destroços deixados pelo dilúvio; a verruga na sua coxa; o dente lascado que nos incomodou ao tentarmos evitar que interferisse com o clarinete que ele tocava; o paradeiro atual da sua caixa de brinquedos; a fotografia que eu tinha guardado porque eu não podia mais suportar olhar para ela. Menção a todas essas coisas e muitas mais foi derramada numa torrente de palavras e de termos de expressão que não poderia ter pertencido a ninguém exceto ao Roger.

"A seguir Estelle disse: -“A sua esposa está a falar de uma contusão que fez na bochecha esquerda da cara.” As minhas ideias voltaram-se imediatamente para o pavor que eu tinha sentido como eu entrei no necrotério com medo de que os meus entes queridos tivessem sido desfigurados na morte. Então veio o alívio de descobrir que a única marca que qualquer deles apresentava era uma pequena contusão sob o olho esquerdo de Alice.

"Em resultado daquela primeira sessão com Estelle, li tudo em que pude pôr as mãos em relação aos fenómenos psíquicos. E continuei a voltar para outras sessões. Com cada nova sessão eu consegui uma maior evidência, evidência irrefutável, da sobrevivência eterna. O meu pai veio e falou comigo, assim como os pais da Alice, um primo e dois velhos amigos, cada um contribuindo com um apoio substancial para os conceitos que me corriam pela mente...

"Eu fiquei a saber que Estelle era uma curandeira e perguntei-lhe ansiosamente se ela trataria uma amiga que tinha ferido a coluna cinco anos antes. Ela prontamente concordou que os médicos disseram que a lesão era incurável e que a infeliz menina se resignara a gastar o resto da sua vida num colete espinal

(órtese). Estelle dedicou-lhe cura, e por seis meses não houve mudança aparente.

Então, de repente, surgiu uma melhora, e ousamos ter esperança de novo. A melhoria, uma vez iniciada, avançou rapidamente. Numa questão de semanas toda a dor cessou e, alguns meses depois, o uso completo da coluna foi restaurado.

"Eu continuei a consultar Estelle, e um dia veio uma mensagem de Red Cloud a indicar que a cura da minha amiga era um exemplo do que poderia ser feito através da cura espiritual. Eu também poderia exercer tais dons, disse ele, se eu me dedicasse às coisas que deviam ser feitas. Eu senti-me muito humilde e insuficiente, mas imensamente orgulhoso de ter sido assim escolhido. Apliquei-me à aprendizagem, e sob a orientação de Estelle, tive o privilégio de produzir muitas curas conseguidas pelo trabalho do poder divino através da oração.

"Assim, da tragédia crescera um novo entendimento. A recuperação que obtive da dor da perda da minha esposa e filho tem ficado a dever-se às amplas provas da natureza da vida, aqui e no futuro. No pesar cheguei a saber o verdadeiro significado da existência terrena e a minha própria vida é agora ordenada em conformidade. Na verdade, dificilmente poderia ser de outro modo porquanto ’conforme pensamos no nosso coração, assim somos.’"

Esta foi a sequela muito afortunada da história, já que agora tenho a prazer de frequentemente me encontrar com este diretor e a sua segunda esposa, a senhora do colete espinal, e a mais adorável pequena que eles têm por filha.

Um exemplo interessante de amizade terrena que permanece intocada pela morte é a de Sir John Marshall e do falecido Marquês Curzon de Kedlestone. Sir John, um distinto académico, o autor de uma quantidade de notáveis obras sobre antiguidades da Índia, foi o único Diretor Geral de Arqueologia na Índia. Lorde Curzon era vice-rei da Índia quando os dois homens se encontraram pela primeira vez.

O amor mútuo que sentiam pela arqueologia rapidamente os uniu e cementou uma amizade que foi quebrada com a morte de Curzon em 1925 mas que renasceu trinta anos depois. Foi em 1954 que Sir John veio ver-me pela primeira e única vez. Já nessa altura ele era um homem velho, incapaz de viajar como ele poderia ter desejado. Desde então foi a sua filha, Margaret, quem veio em seu lugar. Muitas foram as vezes que ela visitou a minha casa e levou mensagens de Curzon para o pai. A ocasião da visita solitária de Sir John foi memorável. A sessão começou de maneira pouco auspiciosa até que mencionei nome, Curzon de Kedleston. Instantaneamente, Sir John ficou ansioso.

"O que diz ele?" perguntou ele.

"Ele pergunta se você se lembra dos dois elefantes de pedra."

"Lembrar-me deles? Claro que sim."

Essa referência aos elefantes convenceu Sir John para além de todas as dúvidas de que ele estava em comunicação com o seu velho amigo, porque ninguém além de Curzon poderia ter tido conhecimento da alusão. Explicando isso, Sir John disse-me que ele e Curzon, cinquenta anos antes, tinham trabalhado juntos na reunião dos fragmentos de dois elefantes de pedra negros, que haviam descoberto no Forte de Delhi. Quem, senão ele e Curzon se iria lembrar, ou até mesmo estar ciente de um incidente que, em comparação com as suas muitas outras atividades mais importantes, era quase uma trivialidade?

A partir desse momento, Lord Curzon sempre se comunicava quando Margaret Marshall estava comigo. Uma vez ela levou uma mensagem para o pai da parte de Red Cloud. O guia disse que ele queria que o pai dela soubesse que ele o visitava de vez em quando e estava familiarizado com o seu ambiente. Como prova das suas palavras, ele falou de uma imagem um pouco curioso que se encontrava no quarto de Sir John, que tinha uma inscrição na base. Margaret conhecia bem a imagem, mas ficou intrigada com a inscrição. Tanto quanto sabia, não tinha nenhuma. Ao voltar para casa, o seu primeiro acto foi o de examinar a

imagem, cuja inscrição era tão minúscula que era precisou olhar de perto para a ver.

Dois anos antes disso, a Red Cloud tinha deixado Margaret confundida e a mim ao falar de um ser espiritual altamente evoluído sendo quem estava a ajudar Sir John que estivera pela primeira vez em contacto com ele muitos anos antes na Índia. Vez após vez ele soletrou o nome, mas por alguma razão eu nunca consegui ir além das primeiras seis letras - MAHAMO. Mais seis letras se seguiam a essas, mas, por mais que tentasse, eu não conseguia obtê-las.

As primeiras seis letras, no entanto, foram suficientes para Sir John; ele reconheceu logo o nome como um dos dois principais discípulos de Buda. Ele disse a Margaret como ele havia reconstruído certa vez um túmulo em forma de monte que continha as relíquias de Buda e dos seus seguidores Mahamogalana e Sariputra.

Ele havia passado tempos infinitos e interesse no restauro do monumento e supôs que, no decurso disso ele deve ter chegado a ficar sob o reparo de Mahamogalana. É um exemplo significativo da insignificância do tempo e da distância para aqueles que passaram para além da morte. Sir John estava interessava-se apaixonadamente pelas muitas evidências de sobrevivência que ele recebeu da Red Cloud, e insistiu muito que eu devia incluí-las neste livro. Ele também já passou desta vida. Margaret, no entanto, continuou a vir até mim, e recebeu do pai repetidas provas da sua sobrevivência além do túmulo.

CAPÍTULO OITO
MATERIALIZAÇÃO E APORTES

Enquanto eu morei em Teddington, organizamos uma sessão de voz direta especial que se centrou na apreciação do longo serviço prestado ao círculo por um dos nossos membros. Foi uma ocasião importante para cada um de nós já que a sessão tinha sido

organizada em colaboração com Red Cloud e nós tivemos motivos para acreditar que ele poderia tomar parte.

O nosso círculo era composto por nove pessoas, todas dotadas de considerável experiência. O processo começou com a trompete a tornar-se mais animada, a circular por entre os assistentes e a tocar primeiro um e depois outro.

Isso foi seguido por uma conversa animada que durou alguns minutos entre um dos nossos membros e a voz do espírito do pai dela. Então a trompete voltou ao centro do círculo onde permaneceu imóvel, com as manchas da sua tinta luminosa a brilhar na escuridão. Seguiu-se silêncio, um silêncio expectante pesado como se todos soubessem que o que acabara de se passar não fora mais do que o prelúdio para os negócios mais sérios da noite. "Ectoplasma; olhem aquilo!" exclamou alguém, e todos os olhos se voltaram para uma nuvem ondulante que estava a tornar-se lentamente mais visível, à medida que crescia em volume. Todos assistiram à medida que o ectoplasma se contorcia no ar imóvel e lentamente se iluminou.

"Há um rosto nele," disse um dos assistentes em voz baixa. "Alguém reconhecerá o rosto?

"É Donald," disse a mãe. "Ele foi médico certa vez, agora ele cura com Red Cloud."

Tão misteriosamente quanto veio o rosto desapareceu e não mais foi visto.

A trompete ganhou de repente vida. Saiu rapidamente disparada pela sala, acompanhada de duas placas luminosas, e pela primeira vez nessa noite ouvimos Red Cloud falar.

"Dá-me a tocha," disse ele. "Estende-ma para eu poder pegar nela."

A tocha a que ele se referia era uma lanterna de bolso comum, que tinha o vidro protegido por material de algodão vermelho, que eu às vezes usava no decurso de uma sessão. Íris estendeu a mão para pegar nela e estendeu-a ao comprimento dos

braços. No instante seguinte, encontrava-se alto sobre as cabeças do círculo, a piscar como se estivesse a ser testada. Despois, acendeu-se e permaneceu acesa. Lentamente, atravessou a sala até onde o ectoplasma pairava no ar e brilhava a sua pequena luz vermelha onde a nuvem era mais espessa. Mais uma vez apareceu um rosto, mas não o mesmo rosto.

Desta vez eram as características fortes e bem marcadas de Red Cloud. A materialização permaneceu lá claramente visível para todos por cerca de quinze segundos. Então, como o primeiro rosto tinha feito, dissipou-se. A lanterna vermelha apagou-se e o quarto ficou novamente na completa escuridão, excepto pelo brilho da trompete e das placas à medida que elas seguiram os seus cursos aparentemente sem sentido entre chão e o teto.

Mas não acabou logo tudo. Afastando-se do uso do trompete, a voz de Red Cloud encheu novamente a sala. "Eu tenho algo para todos vós," disse ele. Durante os dois minutos seguintes ele presenteou cada um dos presentes com uma jóia, que variava em tamanho que ia de pequenos pedaços brilhantes cortados na hexagonal de ônix e âmbar negro que mediam uma polegada e um quarto em comprimento. Presentes como esses são conhecidos como "aportes." Eles são altamente apreciados por aqueles que têm a sorte de os receber, e foram especialmente apreciados na presente ocasião como lembranças de uma noite particularmente memorável.

Dois ou três anos depois, na Casa de Red Cloud, o meu guia materializou-se de novo na presença de cerca de vinte pessoas. A sessão começou quando eu entrei num pequeno armário elevado alguns centímetros do chão com uma cortina na frente. Levei uma tocha elétrica vermelha na caixa comigo, e assim que eu me sentei as luzes na sala foram apagadas. Não demorou muito Red Cloud estava a controlar-me em transe profundo e todos o ouviram a falar na sua voz característica. Fico em dívida com Maurice

Barbanell pela descrição completa que fez do que ocorreu, ao se encontrar presente e escrever este relato no *Psychic News:*

"Eu recebi um presente de um espírito na semana passada. Quase outros vinte também tiveram presentes. Aqueles que têm muito pouco conhecimento do Espiritualismo lerão estas palavras e sorrirão. Mas este não é o primeiro aporte que eu recebi. Há alguns anos atrás, numa sessão de voz direta, Red Cloud prometeu trazer-me um aporte. Na semana passada, ele resgatou a promessa no seu centro de Wimbledon. A ocasião foi bastante especial. Uma vez por ano, Red Cloud realiza uma sessão em benefício daqueles que se encontram estreitamente associados a ele. É uma espécie de reunião anual - na realidade é quase uma festa.

Ele já havia pedido que trouxessem duas placas luminosas e uma tocha vermelha para a sala de sessão, de modo que soubemos que iria haver materializações. A sessão foi uma noite de risadas e gracejos. Não foi triste nem esquisita, como os nossos adversários pensam que as sessões geralmente sejam. Red Cloud insistiu numa conversa brilhante. A tensão teria arruinado tudo que ele nos dissera logo no começo, quando ele falou através da sua médium em transe, que se sentou dentro de um armário improvisado às pressas.

Fora feito de quatro pedaços de madeira com algumas cortinas dobradas na frente. Ficava a cerca de um metro e meio de altura.

"É o Portugal dos pequenitos," disse a filha de Estelle, a rir.

Eles insistiram que eu devia examinar o gabinete e a sala, para eu poder dizer que o tinha feito. Não tardou muito para que a materialização começasse. As duas placas luminosas foram erguidas do chão por mãos invisíveis. Logo se pode ver entre eles a silhueta de um rosto. Era Red Cloud.

"John," disse ele, chamando-me pelo apelido que me dera anos atrás, "vem aqui para a frente." Apalpei o meu assento e

fiquei ao alcance de três ou quatro polegadas da abertura do gabinete.

“Dá-me a tua mão,” foi-me dito. Uma mão masculina, certamente não a de Estelle - agarrou a minha.

“Sente o meu cabelo!” disse Red Cloud. Eu senti-o. Era longo e sedoso e chegava quase à altura dos ombros dele. Aquilo era extraordinário, por o cabelo de Estelle ser enrolado e forte e ter tendência a mostrar-se enrugado. Encontrando-me tão perto dele, pude ver a barba na sua encantadora face oval. Quando eu lho disse, ele pediu-me igualmente para a sentir. Eu senti. Era uma barba curta, de textura macia e sedosa.

"É um cabelo muito macio," disse eu. Uma outra pessoa teve esse privilégio, a Sra. Constance Treloar, que sentiu o cabelo e a barba de Red Cloud. "Isso é conhecido como a barba dos guias," disse eu, a brincar. Red Cloud riu.

Pelo menos seis vezes eu saí do meu lugar e fiquei muito perto da forma materializada de Red Cloud. Por duas vezes, ele arranjou com que a luz da tocha vermelha se focasse no seu rosto para se mostrar tão claramente quanto podia. Era um rosto bonito, com olhos eloquentes. Eu pude ver o ectoplasma envolto ao redor da sua figura. Aferi que tivesse uma altura de vários centímetros mais do que a da sua médium.

Aqui estava um 'milagre' - a materialização de um 'morto' que podia mover-se e falar quem apresentava vida e volição. Aliás, a voz que saiu pelos seus lábios em movimento era um pouco mais suave do que a que eu costumava ouvir, mas era sem dúvida a voz da Red Cloud que eu ouvira muitas vezes através da sua médium de transe e através da trompete nas suas sessões de voz direta.

Então, o guia convidou todos os presentes a passarem pelo gabinete para que eles pudessem ver o seu rosto. Ele segurou nas duas placas luminosos bastante imóvel por quase dois minutos, tanto quanto eu pude juiz, enquanto, um por um, os presentes

foram entraram no gabinete e cederam a vez. Pouco depois, todos nós assistimos a um espetáculo extraordinário.

As cortinas do armário foram lentamente apartadas. Numa extremidade, havia uma figura materializada, que segurava a tocha vermelha que iluminou uma outra materialização, de aparência branca e deslumbrante. Para mim, a figura iluminada parecia estar sentada.

A parte mais marcante da materialização foi o facto de, no centro da testa haver uma jóia brilhante a cintilar. Depois disso vieram os aportes. Vimos, pelas duas manchas luminosas pintadas na trompete, que estava a mover-se. É fez umas batidas no chão. Logo ouvimos um som de chocalho dentro dela.

'Isto é para John; estende a mão, Rachel," disse Red Cloud, dirigindo-se a Constance Treloar - Rachel foi o nome que ele lhe deu.

Quando ela a estendeu, o aporte caiu nela. Ela passou-mo a mim. Eu podia sentir que era uma jóia de algum tipo. Esse processo foi repetido diversas vezes até que todos na sala tinham recebido um presente da Red Cloud. Esse foi sempre o mesmo procedimento - a trompete tocou no chão, ouviu-se o som de chocalho e, em seguida, o aporte caiu na mão de Rachel.

'De onde vêm eles?' Perguntei eu a Red Cloud. A rir, ele respondeu: "Da terra de toda a parte."

Red Cloud diz que os espíritos da natureza o ajudam a produzir os aportes. O problema é que, depois de os ter na sua posse, eles sentem-se relutantes em libertá-los, e eles têm ser persuadidos. Durante todo o tempo em que esses aportes estavam a ser produzidos, Red Cloud brincava, ria à sua maneira característica, tratando tudo como uma enorme graça. Quando as luzes foram acesas, as flores que haviam sido colocado na parte superior do gabinete e mesmo à sua frente foram encontradas por todo o quarto, algumas delas no colo dos presentes.

Mesmo onde me encontrava sentado, havia sido colocado uma pequena mão cheia de violetas. Todos nós examinamos os nossos presentes. O meu era uma ametista belamente cortada. Um ou dois tinham safiras, enquanto outros águas-marinhas. Um tinha uma pequena cruz - notei que tinha marcado "Prata Esterlina" - outro tinha um amuleto oriental.

Quando recebemos um aporte trazido por um 'morto,' os 'milagres' da Bíblia não parecem tão ‘exagerados.’ Quinze dias depois, realizamos outra sessão de materialização. Nessa ocasião para a materialização de figuras espirituais, Red Cloud e um outro guia conhecido de nós como Archael. Archael, desempenhando a parte mais proeminente, materializou-se durante uma hora, permitindo que cada os sessenta presentes passassem em fila a menos de meio metro de distância dele. Durante todo esse tempo ele segurou uma tocha vermelha para que os seus raios brilhassem sobre a cabeça e os ombros dele. Quando todo mundo se encontrava de novo sentado Red Cloud chamou Constance Treloar para lhe entregar uma tesoura.

Ele então cortou uma mecha de cabelo da cabeça de Archael e entregou-lho a ela. Tinha cerca de quinze centímetros de comprimento, fino e sedoso e, para benefício dos céticos entre os meus leitores, não tinha qualquer semelhança com o meu próprio. O cabelo de Archael era liso, bem diferente da textura do meu, e inequivocamente mais belo do que o meu, com os seus sinais de cinza e os seus cachos permanentemente ondulados.

A mecha foi posteriormente examinada por Clarksons, o fabricante de perucas teatrais e pronunciado como cabelo genuíno. Eu tenho-o na minha posse hoje assim como um documento assinado por todos aqueles presentes a testemunhar o que tinham visto.

Uma das formas mais agradáveis de fenómenos psíquicos são os aportes, presentes do mundo espiritual para amigos na terra. Como já tem sido mostrado, eles geralmente compreendem pedras

preciosas de natureza semipreciosa, embora ocasionalmente eles incluam pequenas pedras preciosas como rubis e esmeraldas. De um modo geral eles não têm um grande valor intrínseco, embora sejam altamente apreciados por aqueles que os recebem. Porque as pedras nunca se encontram no estado bruto da natureza quando são passados aos destinatários. Houve muita especulação quanto à sua proveniência. Desde que elas foram cortadas e polidas pelo homem, argumenta-se, alguém deve presumivelmente tê-los possuído em algum momento. Como terão chegado à posse de guias espirituais, para serem dados mais tarde como aportes?

Red Cloud é bastante claro nesse ponto. Não pode restar, é claro, dúvida quanto a terem sido roubados do seu legítimo dono; isso simplesmente não acontece. A explicação é que num momento ou noutro eles tenham sido perdidos ou abandonados. Muitos são dragados do mar.

Red Cloud tem por diversas vezes dado presentes dessa natureza para aqueles que se sentam comigo, para o que geralmente nos avisa com antecedência da sua amabilidade de intenção. Como não é anormal, encontramo-nos ansiosos por tais ocasiões com grande expectativa. Lembro-me da discussão de uma prometida distribuição de aportes entre a minha filha Iris, o seu marido Kenneth e Charles Tilson-Chowne, com quem mais tarde me casei. Decorreu ma boa dose de graça e animação entre eles à medida que eles especulavam sobre o que cada um deles poderia receber.

"Para vocês está tudo muito bem," disse Kenneth, "todos vocês já tiveram aportes antes. Eu não tive, e acho que isso me dá direito a algo especialmente bom."

"O que considerarias que fosse 'especialmente legal'?" perguntou a Íris.

"Ah, eu não sei. Algo interessante... algo incomum. Eu poderia receber algo do Egipto, não achas?"

"É melhor você ter cuidado," preveni-o com um sorriso. "Se vier do Egipto, provavelmente será um escaravelho. Tenho certeza que é tudo quanto mereces."

"Um besouro seria ótimo," disse Kenneth com enorme satisfação.

Íris, sabendo que provavelmente seria sua tarefa distribuir os aportes conforme eles chegassem pela trompete acrescentou: "Eu espero que seja um morto. Eu odeio escaravelhos."

Eramos cinquenta presentes quando nos reunimos para receber os presentes de Red Cloud e reinava uma forte atmosfera de expectativa enquanto eu tomei a minha cadeira no centro da sala escura. Red Cloud pôs-me em transe e então dirigiu a companhia através da trompete. Ele estava de excelente bom humor ao nos acolher para a sua "festa" e esperava que nós aproveitássemos a nossa noite.

Então a trompete saiu disparada pela sala como um vaga-lume brilhante. Um instante depois, quando surgiu um chocalhar alto no seu interior, fez uma pausa nos seus giros e entregou os seus aportes a Iris, que tinha as mãos em concha. Ao fazê-lo a voz Red Cloud pronunciou o nome do destinatário.

Um após o outro, os presentes vieram a chocalhar de dentro do trompete, às vezes para ser entregue nas mãos de Iris, às vezes diretamente nas mãos dos acompanhantes a quem se destinavam. Incluíam pequenas figuras requintadas de pedra, como imagens de Buda e pedras preciosas e semipreciosas. Muitos dos presentes eram demasiado grandes para passarem pelo estreito gargalo da trompete - como foi claramente demonstrado no final da sessão - ainda assim eles passaram, e sem qualquer ajuda externa. Depois de cerca de trinta presentes terem sido distribuídos, Iris foi chamada pele Red Cloud para receber o presente de Kenneth. Como o aporte veio a trepidar através da trompete, Red Cloud disse:

"Tome cuidado. É frágil e quebra-se com facilidade. Tu és afortunado meu filho, nesta concessão do teu desejo. Para ti é dado um escaravelho sagrado de Egipto."

"De que parte vem do Egipto?" perguntou Maurice Barbanell.

"Abidos," veio a resposta instantânea, escrita letra por letra.

Foi assim que Kenneth recebeu o seu escaravelho do Egipto, e que belo espécime que era - verde brilhante, contornado a ouro. Embora não fosse mais do que uma casca oca e extremamente frágil, era perfeito em todos os detalhes. Kenneth ficou fascinado por isso.

Determinado a descobrir mais sobre isso, ele levou-o ao Museu Britânico onde foi dado como genuíno e onde foi dito Abidos seria a sua fonte bastante provável.

Charles, o meu marido, recebeu presentes de Red Cloud em várias ocasiões, presentes esses que ele invariavelmente mantinha numa pequena pouco bolsa de couro. Quando chegou a sua vez agora para receber um aporte, Red Cloud falou com um tom de piada na sua voz da boa sorte que tinha permitido que Charles fizesse essa colecção de troféus.

Desta vez, disse ele, ele presentearia Charles com dois aportes retirados da bolsa de couro. Seguiu-se um chocalhar no trompete e lá saiu um grande pedaço de ônix e um pedaço de âmbar negro que Charles reconheceu de imediato como seu. Para ter certeza, o exame subsequente o conteúdo de sua mochila de apport mostrou que esses dois eram os únicos pedaços que se encontravam em falta.

A manifestação terminou com uma avalanche de uma dúzia ou mais de aportes a jorrar da trompete como a água de uma torneira. Todos os presentes tinham sido nomeados e receberam um aporte, mas o mais notável de tudo foi a manifestação inexplicável de um pedaço de granada na mesinha de cabeceira de uma mulher que esperara participar na nossa reunião, mas que no último instante tinha sido impedida de o fazer.

Numa outra ocasião, Red Cloud usou uma técnica diferente para trazer um aporte a uma pessoa presente. Foi o mais notável por que ocorrido em plena luz do dia. Nesse caso, por a pessoa presente ser uma mulher médica que regularmente vinha de Bournemouth para participar comigo, não só pelo próprio interesse que sentia pelo espiritualismo, mas também por representar outros que não puderam fazer a viagem. Encontrávamo-nos Charles, ela e eu nessa sessão. Red Cloud, controlando-me como de costume quando eu me encontrava em transe profundo, conversou com a minha visitante durante algum tempo.

De repente, ele disse: "Pegue nas mãos da médium nas tuas,"

Ela fez como ele lhe dissera. Red Cloud falou novamente: "O que vê nelas?"

"Nada," respondeu ela, olhando atentamente para as minhas mãos e virando-os. "Nada mesmo."

"Fecha os dedos da mão esquerda até que fiquem num punho apertado. Agora dobra os dedos da mão direita em volta dele. "

Mais uma vez ela seguiu as instruções.

"Envolve as mãos dos médiuns nas tuas e espera."

Ela sentou-se a apertar as minhas duas mãos enquanto Charles olhava, e imaginava o que iria acontecer a seguir. De repente, ela disse animadamente: "Há algo duro na minha mão. E está crescer."

"Fica quieta," advertiu Red Cloud. "Não soltes o teu aperto."

De acordo com Charles, talvez tenha passado um minuto inteiro antes de Red

Cloud falar novamente. "Solta as tuas mãos," disse-lhe ele.

Ela fez isso. Na palma da mão direita dela surgiu um círculo de ônix preto, do tamanho de uma moeda de tostão.

Eu acolhia nos meus círculos o investigador sério ou o cético inteligente. As ocasiões em que eles não tenham ido embora com um muito em que pensar foram de facto raras. Recordo-me de

uma sessão com particular satisfação, por ter sido realizada sob condições de testes principalmente em benefício de um homem. Ele foi-me apresentado como um especialista em transtornos mentais, mas além disso eu sabia nada dele, nem de onde ele vinha.

O círculo compreendia dez pessoas e, assim que eu fui posta em transe Red Cloud fez uma palestra para os presentes. O assunto que abordou, abstruso e complicado, foi a passagem da matéria através da matéria, mas o seu significado, vários membros do círculo depois confessaram, passou-lhes em grande parte ao lado. Sem dúvida Red Cloud tomou rapidamente consciência disso, pois disse:

"Vou demonstrar o significado das palavras que usei. Encontramo-nos aqui dentro de quatro paredes, num quarto no andar de cima, com as janelas fechadas para excluir toda a luz, e além fica o jardim da médium. O que há no jardim que você gostaria que eu trouxesse aqui?"

Charles disse posteriormente que a sua mente passou para o rolo de jardim, mas foi dissuadido de lho pedir por estar ciente de que alguns dos que se achavam presentes o virem a acusar de leviandade. Shaw Desmond respondeu à pergunta de Red Cloud.

"Podemos ter um periquito do galinheiro do fundo do jardim?" perguntou ele baixinho.

"O pequeno homem Desmond" - este é um típico epíteto que Red Cloud usa - "pediu um periquito," disse o guia. "Será assim."

Quando ele terminou de falar, uma das duas placas luminosas que se encontravam no chão voou e saiu disparada rapidamente pela sala. Depois voltou para o centro do círculo, onde permaneceu equilibrada no meio do ar, com o seu brilhante fundo de fósforo a mostrar a clara silhueta de periquito australiano.

"Cheguem-se para frente cada um de vocês e toquem-no," solicitou Red Cloud.

"O pássaro não tem medo; ele está em transe."

Um por um os presentes fizeram-no e sentiram o pássaro, maravilharam-se ao acharem-no quente ao toque, e espantaram-se igualmente por não voar para longe. O último dos presentes a apresentar-se foi a Sra. Treloar. Assim que ela estendeu a mão para sentir o pássaro, Red Cloud disse: "Arranca uma pena do peito dele. Ele não irá sentir dor. Faz isso para que a pequena médica não possa pensar que eu os hipnotizei para acreditarem que viram esse pássaro. Arranca-lhe a pena e dê-lha a ele como prova da presença do pássaro aqui esta noite."

Ela fez o que ele lhe instruiu, e voltou ao seu assento com três pequenas penas seguras entre os dedos. Quando ela se sentou o pássaro desapareceu de vista.

No fim da sessão a médica cética sentiu-se naturalmente interessada nas penas, e examinou-as com todo o cuidado. Eu assisti enquanto ela percorria com os olhos a sala, observando cada detalhe, mas não encontrando nada que pudesse explicar o fenómeno que ele acabara de testemunhar. Ela não ofereceu quaisquer explicações - como poderia? Mas ela voltou muitas vezes para aprender mais sobre a filosofia de Red Cloud.

Enquanto família sempre apreciamos piqueniques, e aproveitamos cada oportunidade de sair a campo aberto sempre que o tempo estivesse bom.

Eu fiz muitas dessas excursões com a minha filha, Eveline, e o seu marido Bill, e em duas delas ocorreram fenómenos psíquicos inesperados que são certamente dignos de nota. Nós tínhamos ido a um local de beleza imaculada, cercado por dois lados de belas árvores da floresta. O almoço acabou e nós estávamos a aquecer-nos ao sol quente. Bill, sempre dotado de uma mente indagadora, estava a interrogar-me sobre Red Cloud e as demonstrações de poder psíquico ele tinha dado tantas vezes:

"Ele virá até si onde quer que você esteja?" perguntou ele.

"Eu acredito que sim. Ele nunca falhou comigo até agora."

"Mas aqui fora, entre as árvores e o sol, ele viria até aqui?"

"Eu não vejo porque não."

"Tente," pediu Bill.

"Vou-lhe perguntar primeiro," disse eu. Eu fiz isso e Red Cloud concordou controlar-me de bom grado. Pelo que Bill e Eveline me disseram depois, eu entendi que Red Cloud aproveitou a oportunidade para fazer uma pequena palestra sobre metafísica que os dois ouviram com atenção, se nem sempre com compreensão.

"Isso significa," Bill interrompeu por um momento, "que você pode controlar os elementos - o vento, a chuva e não sei mais o quê?

"Observa," disse Red Cloud, "eu vou-te mostrar. Vira os teus olhos para a linha de árvores que estão atrás de ti. Vê como se encontram quietas e imóveis. Não há vento que lhes perturbe os galhos nem brisa que lhes sussurre por entre as folhas. Mas se a médium apontar a mão para a esquerda, vê o que acontece. O vento inclina a copa das árvores para a esquerda. Se ela a apontar para a direita, elas inclinam-se para a direita. Isso responde à tua pergunta, meu filho?"

Certamente que sim. Para demonstração prática, deixara o par sem fôlego e ansioso para me contar sobre o sucedido. Eu saí do transe para ouvir os dois a falar ao mesmo tempo:

"Você apontou para a esquerda e todas as árvores se inclinaram para a esquerda," disseram.

"Depois você apontou para a direita e elas se inclinaram para a direita. Foi incrível!"

"Não tenho dificuldade em acreditar," disse-lhes eu sinceramente. E, na verdade, não tinha.

O outro caso ocorreu no final do verão, ao fim de umas seis semanas de seca. A paisagem estava seca como palha, pelo que o senso comum nos deveria ter dito para não fumar enquanto estivéssemos deitados confortavelmente de costas na erva longa e

acastanhada. Mas Eveline gosta dos seus cigarros. Ela descontraiu com os olhos fechados, e um cigarro entre os dedos.

Todos nós devemos ter adormecido porque a coisa seguinte de que tomamos consciência foi que a erva estava em chamas, e que as chamas se estavam a espalhar a uma velocidade alarmante. Nós pulamos e tentamos apagar as chamas, mas foi inútil.

Alimentadas por uma brisa morna as chamas avançavam rapidamente para o local onde o nosso carro estava junto com vários outros. Os outros piqueniques das proximidades recolheram apressadamente os seus pertences, com os motoristas a correr o mais rápido que podiam para remover o seu veículo da zona de perigo.

Zelando pela retaguarda do retiro da minha família, eu fiquei de repente assustada. O fogo achava-se claramente fora de controlo e não havia nada que pudéssemos fazer além de nos salvar a nós próprios e aos nossos pertences. Mas danos incalculáveis podem ser causados à propriedade das outras pessoas em consequência da nossa ação descuidada.

Desesperadamente, eu procurei por algo que pudéssemos fazer para interromper aquela conflagração. Então eu pensei em Red Cloud. Ele dissera que era mestre dos elementos; ele poderia ajudar-nos agora. Eu parei de correr e invoquei a sua ajuda. Então eu levantei a minha mão e fiquei parada e em silêncio. E quando fiz isso as chamas cessaram, como se por milagre. Foi um momento que eu nunca esquecerei por mais tempo que viva.

O mundo do sobrenatural varia do espetacular e aparentemente milagroso, como o episódio que acabei de descrever, até ao insignificantemente trivial que dificilmente vale a pena ser registado. No entanto, são as trivialidades que, vindo-nos à ideia sem ser solicitadas, na maioria das vezes compõem o nosso dia-a-dia, e muitas vezes produzem vislumbres interessantes. Eu conheci muitas intrusões divertidas na minha vida doméstica, das quais o seguinte é um bom exemplo:

Eu estava um pouco doente e tive que permanecer na cama. Durante a manhã Iris veio ao meu quarto, e disse-me que Charles tinha ido fazer as compras da casa.

"Sim," disse eu, "eu sei. Alguns minutos atrás eu vi-o a sair da loja de flores. Ele foi-me comprar uma mão cheia de violetas."

Quando o pobre Charles voltou para casa meia hora depois carregando as suas violetas, Iris disse: "Você não precisa se incomodar em surpreendê-la. Ela já sabe."

"Eu bem que poderia ter suspeitado," respondeu Charles com um sorriso de pesar. "Eu nunca conheci mulheres assim!

"Não importa, meu querido," disse eu. "Obrigado pelo pensamento. As violetas são adoráveis."

* * *

NT: Um outro testemunho da vidência de Estelle, relatado por FW Fitzsimons, Fellow da Sociedade Zoológica, FR M. S., também contado por Maurice Barbanell.

Depois de uma visita à Itália, voltei a Londres e fui a um culto dominical no Grotrian Hall, onde me sentei na plateia com um amigo. O salão estava lotado e muitos não conseguiram entrar. A Sra. Estelle Roberts era a clarividente da ocasião. Após o discurso de entrada, ela fez clarividência, selecionando membros da plateia aleatoriamente.

Esta médium é notável por geralmente usar nomes e sobrenomes cristãos. Se a pessoa não reconhecer o nome ou a descrição do espírito que está a descrever, ela apresenta provas adicionais; muitas vezes é mais convincente. Por exemplo, ela escolheu-me.

"Você está aí" e apontou. Eu ergui a minha mão.

"Sim, está certo," e então ela começou a dizer:

“Há uma jovem com um manto cor de malva em pé junto a si; ela usa um cinto de corda trançada a ouro, preso à esquerda e com três franjas amarradas. Ela dá o nome de Annie - Annie

Russell; ela é sua prima e passou desta vida por volta dos vinte anos de idade. Ela diz que o doutor está aqui - o Dr. Charles Morgan. Você tem dois filhos, ela tem um terceiro com ela no muno espiritual. Estará isso correto? perguntou ela.

"Está," respondi, "cada palavra."

De facto, toda vez que a minha prima apareceu, ela foi-me descrita exatamente como ela a descreveu. Levantei-me, encarei a grande audiência e declarei publicamente que tudo o que o médium disse era verdade, até mesmo os detalhes.

Pouco tempo depois desse incidente, encontrei um clérigo que eu conhecia, e reservamos sessões privadas com a sra. Estelle Roberts através da Associação Espírita de Marylebone (agora conhecida como SAGB). Fomos a sua casa em Teddington e o meu amigo sentou-se primeiro. O guia da Sra. Roberts, "Red Cloud" assumiu o controlo e passou em detalhe capítulos íntimos da vida dele, e deu mensagens precisas surpreendentes da sua falecida esposa. A minha sessão foi igualmente bem-sucedida.

Nós a visitamos como estranhos perfeitos, e a médium não era de forma alguma curiosa. Ela nem nos perguntou os nossos nomes. Ao se despedir de nós, ela, a título de reparo, chamou-nos enquanto seguíamos pelo caminho do jardim, e estendeu-nos convites para sermos o seu próximo círculo privado de Voz Direta, que seria realizado na sexta-feira seguinte. Naturalmente nós aceitamos e fomos lá à hora marcada.

A sessão foi realizada numa sala no andar de cima reservada para o propósito. Estava sem móveis, exceto as cadeiras nas quais as pessoas sentavam. O círculo consistia em oito amigos pessoais da médium, fora nós os dois. A porta foi trancada, a luz apagada e os presentes entoaram hinos.

Então, ouvimos a Sra. Roberts a respirar de forma audível, facto que se prolongou durante a sessão. Parece que ela afunda num transe profundo e permanece assim durante todo o tempo da sessão. Uma luz vermelha foi acesa no término da sessão. Então

vi o seu corpo numa condição flácida numa poltrona, e o que parecia ser uma rede branca macia, ocultava-lhe a cabeça e a parte frontal do seu corpo. Para nós a sessão foi literalmente surpreendente; ficamos espantados. Ficamos apenas alguns minutos sentados quando uma das trompetes foi levantada, e percorreu o círculo, batendo no joelho de cada pessoa em saudação.

Todos, a propósito, tinham as mãos dadas com os do lado. Então, do alto, ouvimos a voz baixa e gutural de Red Cloud, o guia. Ele cumprimentou o meu amigo e a mim, e disse que éramos cordialmente bem-vindos.

Um certo número de pessoas do espírito falou através da trompete; entre cada uma, Red Cloud fazia algumas observações, geralmente de natureza humorística; aparentemente com o objetivo de manter a taxa correta de vibração e criar uma atmosfera mais brilhante e feliz. A tristeza, o pessimismo e um estado de espírito hostil, cético ou desconfiado reduzem o "poder" de forma mais ou menos considerável, e às vezes é completamente negativo. A música, seja instrumental ou vocal, aumenta as vibrações e promove resultados de sucesso. De facto, é, na maioria dos casos, indispensável.

Nessa sessão, o canto diminuiu para um simples zumbido quando um espírito começou a falar, de modo que até um sussurro podia ser ouvido. Todas as pessoas do espírito que vieram eram, aparentemente, parentes e amigos próximos dos diversos presentes. Um deles, com a voz de um homem, veio, não alto, mas bastante forte e vibrante de emoção.

“Doris; Doris; minha querida, é Harry, o teu marido Harry. Consegues ouvir-me?"

“Sim, sim, continua a falar; Eu consigo ouvir-te você, querido,” respondeu a viúva (para propósitos de evidência, Harry entrou em assuntos familiares íntimos e privados).

"O livro - o livro" disse ele. “Envia-o para os editores de vez, por favor. Quero vê-lo impresso.” Após de uma pausa, ele comentou: “O velho muro, o muro do jardim, vejo que paraste os trabalhos. Minha querida, vejo que estás a pensar em passar três meses na França; Vai, eu quero que vá e que fiques bem e forte de novo. Agora preciso ir por o poder estar a diminuir. Deus te abençoe, Doris, adeus,” e com um soluço ele se foi.

(Parece que Harry acabara de completar um manuscrito quando morreu. O antigo muro do jardim estava a ser demolido e um novo deveria ter sido construído. Ninguém sabia da intenção da viúva de ir à França num feriado, a fim de se afastar da casa e das suas associações.)

Uma outra voz falou, alegando ser um filho falecido de um dos presentes.

"Mãe, mãe," gritou ele, com a voz a vibrar de afeição. "Sou eu, Reggie, o seu filho Reggie. Você deve acreditar que sou mãe. Não sofra mais; isso doí-me e faz-me sofrer também. Eu estou vivo e feliz.”

(Esta foi a primeira experiência do fenómeno de voz da mãe)

Recuperando-se da sua surpresa, ela disse: "Reggie, se és tu quem está a falar, diz-me como foi a tua passagem, e qualquer outra coisa que me convença."

Imediatamente veio a resposta: “Eu fui morto nas trincheiras em França; fui atingido por um pedaço de estilhaço.” Após uma pausa, ele recomeçou. "Eu vi-a esta manhã lá em cima no seu quarto."

"O que é que eu estava a fazer?" perguntou a mãe.

“Você pegou numa moldura e tirou a minha foto dela; você colocou-a na bolsa que tem seu colo.”

Eu perguntei posteriormente a essa senhora se as declarações eram verdadeiras, e ela disse: "Sim, absolutamente, em todos os detalhes, como o meu menino afirmou."

Em relação à foto: ocorreu-lhe que ao trazê-la para o círculo poderia, de alguma forma, ajudá-la a obter contato com o seu filho.

CAPÍTULO NOVE
VOZ DIRETA

Na clarividência, clariaudiência e psicometria, a médium nunca perde a consciência. Se for uma boa médium, ela pode perder alguma consciência das coisas materiais que tenha ao redor ela, mas não mais do que se esperaria de qualquer outro artista que é completamente absorvido pelo trabalho que tem em mãos. Para todas as aparências externas ela encontra-se tão viva para o que ocorre ao seu redor quanto qualquer outra pessoa que aconteça de estar presente.

Há, inevitavelmente, certos perigos associados a isso, já que é uma das características da natureza humana receber os companheiros - especialmente estranhos - com um olho de avaliação secreta e tentar julgar do seu vestir, voz e comportamento as suas prováveis circunstâncias e fundo. Esse é um factor que os investigadores do psíquico muitas vezes atacaram com desconfiança. Mas a verdade é que todo médium experiente há muito tempo aprendeu a barrar as evidências visuais desse tipo rigorosamente à sua mente, embora eu esteja preparada para acreditar que o novato pode ocasionalmente ser vítima disso, ainda que inconscientemente.

Desde o momento em que comecei a dar sessões de clarividência nunca me permiti tirar qualquer inferência da aparência ou comportamento dos meus visitantes. Eu não o fiz porque achasse que uma ideia preconcebida baseada em considerações das circunstâncias materiais de uma pessoa podem influenciar a minha clarividência, mas puramente como medida de precaução para minha própria satisfação. Pela mesma razão eu

sempre prefiro não ser informada de nada da história passada e associações daqueles que se sentam comigo. Eu sou mais feliz quando confrontada com estranhos de quem eu não conheço absolutamente nada.

Então eu aprecio a confiança reconfortante de que nada que eu diga pode concebivelmente ser tingido pelo pré-conhecimento.

Casos de pessoas que procuram orientação sobre os seus problemas não são de forma alguma raros. É o conselho da Red Cloud que eles querem evidentemente, não o meu. Nesses casos, é muito mais satisfatório do meu ponto de vista trocar a condição consciente para o estado de transe antes de transmitir qualquer comunicação. Ao fazer isso eu sei que tudo o que é dito em transe terá que vir direto do meu guia e não será influenciado por quaisquer ideias sobre o assunto que eu possa guardar.

O transe profundo é uma condição que deve ser conquistada gradualmente e por etapas fáceis, se o médium não quiser sofrer danos. Eu já contei a minha primeira experiência quando a Red Cloud me colocou em transe. Nessa ocasião, e em muitas outras que se seguiram, eu fiquei não mais do que em leve transe. Neste estado, o espírito é apenas parcialmente retirado do corpo. Eu mantenho uma sonolenta consciência do que está a acontecer. Eu ouço as vozes dos presentes - incluindo a minha própria - como se de longe.

Eu tenho um forte senso de desapego, de ser espectador em vez de participante. É quase um sentimento de desamparo quando percebo que as palavras que me são colocadas na boca não são minhas. Esse é o estado de transe que impõe a menor tensão sobre aos sistemas nervoso e físico do médium. Red Cloud, é claro, totalmente consciente disso, foi muito paciente no seu processo gradual de me preparar para os transes profundos a que eu estava para ser submetida no devido tempo.

Muitas vezes me perguntaram quais são as sensações do estado de transe profundo. É uma questão para que nunca achei

mais fácil responder do que é possível descrever as sensações do dormir. Eu sento-me na minha cadeira, relaxada mas ainda com uma forte consciência de o que está prestes a ocorrer. O que acontece a seguir pode ser comparado aos efeitos de um anestésico. Da consciência plena vem um breve período de tontura durante o qual eu pairo entre a consciência e o esquecimento. Esse é o momento em que o espírito está a ser retirado do corpo e é marcado particularmente por uma respiração pesada - seguida por um sono pesado e sem sonhos.

Enquanto estou profundamente em transe, não estou consciente de nada. As formas espirituais que eu vejo através da clarividência e as vozes espirituais que ouço pela clariaudiência, companheiros constantes das minhas horas de vigília, deixam de repente de existir. Eu não vejo nada, não ouço nada e, em demonstração de voz direta, não digo nada. Eu sento-me na minha cadeira como se estivesse num sono drogado e só retorno à consciência quando o meu guia e os seus médicos espirituais tiverem decidido que eu faça isso. Eles normalmente despertam-me depois de um período que pode ir até noventa minutos. Eu volto para o mundo material, física e mentalmente cansada, mas ansiosa por ser informada do que aconteceu na minha ausência.

O estado de transe não é necessariamente essencial para a bem sucedida demonstração da voz direta. Há um certo número de médiuns, especialmente nos Estados Unidos da América, que regularmente realizam sessões de voz direta, que permanecem plenamente conscientes de tudo que está a acontecer, mas eu não faço parte deles. As minhas demonstrações de voz direta sempre ocorreram enquanto eu me encontrava em transe e, salvo uma exceção, todas foram realizadas em particular, embora se encontrassem muitas vezes até sessenta presentes. A minha maior demonstração pública desse fenómeno foi o Kingsway Hall em Londres como é descrito em outra parte deste livro. Eu tenho, é claro, sido frequentemente posta em transe em reuniões públicas

em que Red Cloud quer fazer uma palestra, mas tais ocasiões são "discursos de transe" em que Red Cloud falou através de mim e não pela voz direta que implica o uso da trompete.

Essas palestras, que muitas vezes estão para além do meu entendimento, eram avidamente estudadas quando transcritas por muitos dos cérebros filosóficos e científicos do país, e foram frequentemente altamente elogiadas. Uma característica notável foi a velocidade com que elas eram entregues. Até os escritores mais especializados de taquigrafia tinham dificuldade em manter o ritmo, e só conseguiam fazê-lo por alguns minutos de cada vez. Por causa disso, às vezes tínhamos quatro escritores de taquigrafia a trabalhar em retransmissão, a fim de se certificarem de que nenhuma palavra era perdida.

Nas páginas que seguem descrevo algumas das mais notáveis sessões em que fui posta em transe profundo. Mas, claro, eu sou incapaz de fazê-lo a partir de recordações pessoais. Para minha informação eu fico em dívida com as descrições das pessoas que participaram comigo, e pelas notas dos escritores de taquigrafia que estavam invariavelmente presentes nas minhas demonstrações de voz direta e para com os relatos contemporâneas que regularmente iam parar quer à imprensa nacional ou psíquica.

Não foi até eu ter tido três ou quatro anos de experiência de mediunidade de transe que Red Cloud me pediu para formar um círculo para que eu pudesse treinar o desenvolvimento de voz direta. Eu estava mais do que disposta.

Não houve dificuldade em organizar um círculo tendo como núcleo

Maurice Barbanell, Hannen Swaffer, Shaw Desmond e Constance Treloar. Estes quatro compareceram regularmente e foram aumentados em cerca de quinze a vinte outras pessoas, que variavam de sessão para sessão. Nenhum compareceu sem a prévia aprovação de Red Cloud. Ocasionalmente os seus nomes eram do meu conhecimento, mas eram principalmente estranhos,

introduzidos por outros membros. Os nomes raramente foram mencionados, e nunca quando um membro do círculo pedia a permissão de Red Cloud para trazer um amigo para a sessão seguinte.

Os recém-chegados eram avisados no momento da sua chegada contra dar qualquer informação que pudesse posteriormente ser vista como causa da destruição do valor comprovativo que tinham recebido. Tudo isso era bastante conspirador e era francamente bastante desnecessário por os nomes nada significarem para nós quando nos encontramos em transe. No entanto, foi uma prática em que persistimos, se por nenhuma outra razão do que satisfazer o visitante cético.

A comunicação por voz direta é talvez a evidência mais convincente da sobrevivência após a morte. A parte desempenhada pelo médium é inteiramente passiva, pois não é através das suas cordas vocais que as vozes do espírito são tornadas audíveis. Antes que estas vozes possam ser ouvidas pelo círculo precisa ser construída uma réplica de uma laringe.

A laringe é formada por ectoplasma (extraído em parte dos assistentes, mas em grande parte do médium) que age sobre hastes psíquicas de poder, que são delicadamente direcionadas para as vibrações mentais da médium. A laringe quando construída, é cercada por paredes de luz a protegê-la de intrusos espirituais indesejados.

Aquele que tiver sido escolhido passa para dentro das paredes pelo guia com instruções para comunicar o mais claramente possível. Dentro das paredes de proteção as vibrações do comunicador colidem com a laringe e são traduzidas por um discurso audível que é claramente ouvido através da trompete.

Uma demonstração bem-sucedida de voz direta é tão dependente do comunicador espiritual como do médium. Ele deve saber precisamente a mensagem que quer transmitir - Red Cloud diz que não é incomum ensaiar os hesitantes - e ser capaz de

transmitir a sua mensagem com clareza. O comunicador deve ter permissão para entregar a sua mensagem sem interrupção. Aqui os membros do círculo desempenham um papel importante. Eles precisam ser simpáticos e recetivos.

Qualquer tentativa da parte de um dos presentes de projetar as suas próprias ideias em tais momentos irá derrotar o objeto da sessão por os pensamentos fortes imporem barreiras que o comunicador não consegue romper. É fácil atormentar e confundir um comunicador colocando uma pergunta para a qual ele não tenha vindo preparado com uma resposta. Normalmente, quando isso acontece, ele perde o controlo da trompete.

Nós reunimo-nos a cada quinze dias num quarto superior na minha casa em Teddington, e durante os primeiros dez meses não fizemos nenhum progresso. Foi muito dececionante. Apenas o conhecimento de que estávamos reunidos em resposta ao pedido de Red Cloud me impedia de desistir em desespero. No entanto, ele dava-nos a sua bênção e encorajamento de tempos a tempos.

Num estágio inicial, ele pediu que qualquer doação resultante dessas reuniões devesse ser paga a uma médium que tivesse adoecido e não conseguisse trabalhar. Somas úteis foram-lhe regularmente passadas a ela durante vários meses até Red Cloud nos dizer que o tempo de necessidade dela acabara e que, posteriormente, as doações recebidas deviam ser enviadas para a Associação Espiritualista de Marylebone.

As nossas sessões eram realizadas na escuridão. Isso Red Cloud tinha dito que era essencial para criar os bastões psíquicos, e mais de uma vez ele atraiu-nos a atenção para as fendas de luz que apareciam por cortinas mal desenhadas. Houve, no entanto, uma ocasião em que um pequeno raio de luz passou despercebido por todos nós. Eu lembro-me disso agora só por posteriormente ter formado o teor de uma carta impressa num diário psíquico. O escritor, o Sr. Pillow, que à época participava do círculo, disse que viu a trompete passar entre ele e a fenda de luz da cortina. Na

fração de tempo que foi iluminado por trás, parecia-lhe que a trompete era sustentada por uma coluna de fumo.

A trompete que usávamos era de variedade comum, esboçada na sua extremidade mais ampla com tinta fosforescente que a tornava claramente visível na escuridão. De acordo com relatos de testemunhas oculares movia-se pela sala com uma velocidade incrível, mas nunca batia acidentalmente no chão, nas paredes, no teto nem nos móveis; nem nunca cometeu um erro, ao transmitir uma mensagem, dirigindo-se ao membro errado do círculo.

O único outro dado essencial para as nossas sessões era a escritora de taquigrafia cujo trabalho era fazer um registo literal de tudo o que era dito. Ela ficava sentada do lado de fora do círculo, numa alcova posta à parte com uma luz vermelha fraca, mas suficiente para permitir que ela fizesse as notas. Durante o período inicial em que não houve sucesso, ela certamente não ficava muito ocupado, mas à medida que os resultados começaram a chegar ela foi mantida cada vez mais ocupada com anotações que muitas vezes chegavam a dezenas de páginas.

O procedimento de abertura de cada reunião era invariavelmente o mesmo. Os membros tomavam os seus lugares, cada um de mãos dadas com o vizinho do lado. Música suave de um gramofone proporcionava um agradável fundo sonoro e as suas vibrações contribuam para as condições necessárias para esta forma de fenómenos psíquicos.

Enquanto isso, eu era posta em profundo transe por Red Cloud e não demorava muito para ele cumprimentar o círculo com as palavras: "Deus abençoe a todos vocês." Uma vez que o nosso período de dez meses de iniciação terminou, as vozes começaram a aparecer e continuaram a chegar, quase sem parar.

Os tons característicos dos comunicadores espirituais não eram sempre reconhecíveis - o que não é totalmente surpreendente se nos lembrarmos que todos eram reproduzidos através da mesma laringe artificialmente construída - mas,

ocasionalmente, os presentes ficavam perplexos com a semelhança.

Uma pessoa dessas foi a Sra. Ellen Hadgeld, que ficou tão profundamente impressionada com o que tinha ouvido que escreveu para a Imprensa sobre o sucedido. Não era, disse ela, tanto a característica da frase que a convencera de que ela estava a falar com a filha que partira, embora isso fosse prova suficiente, mas a qualidade tonal da própria voz. Não teria sido mais ninguém. Ela concluiu com as palavras: "Mesmo que a Sra. Roberts quisesse, ela nunca poderia ter reproduzido por nenhum outro meio senão o do verdadeiro Espiritualismo, a voz de uma garota que ela nunca conhecera."

Mais frequentemente, no entanto, é o fraseado típico e a expressão verbal que fornece a prova real da identidade. Poucas pessoas passam a vida sem adquirir pelo menos um ou dois hábitos de fala que lhes sejam peculiares, e aqueles que os tenham conhecido bem raramente demoram a recordá-los quando os ouvem de novo. Mas se provas adicionais forem necessárias, há sempre a prova factual que os comunicadores do espírito se esforçam por fornecer para decidir a sua identidade e demonstrar a sua sobrevivência.

À medida que as nossas sessões se tornaram mais bem-sucedidas, mais e mais vozes se manifestaram, cada uma distinta do anterior, embora, nos estágios iniciais, poucas fossem identificáveis apenas pelo tom. Às vezes as conversas mostravam-se longas e íntimas, outras a conversa adotava carácter generalizado. A trompete movia-se rapidamente em torno do círculo, parando aqui e ali e cutucava gentilmente o presente com quem desejava falar. A maioria das comunicações era breve e não se repetia em reuniões posteriores, mas houve importantes exceções à regra.

Em especial entre as exceções encontrava-se Sir Henry Segrave, o piloto de carros que perdeu a vida numa tentativa num

barco a motor na competição mundial no Lago Windermere. A história é que Sir Henry primeiro se interessou pelo Espiritualismo enquanto preparava a sua investida na corrida de velocidade terrestre em Daytona Beach, na Flórida. Eu nunca ouvi falar nos detalhes precisos, mas esta é a história em traços gerais que me foi contada.

Enquanto se encontrava na América, Sir Henry recebeu uma carta de um correspondente desconhecido da Grã-Bretanha. O escritor explicava que numa de uma série de sessões a que ele assistira tinha surgido uma mensagem de advertência dirigida a Segrave, alegando emanar de algum antigo ás do mundo das corridas de automóveis.

O escritor então citou a mensagem na íntegra e expressou a esperança de que teria algum interesse e valor para Sir Henry na sua nova tentativa de conseguir um recorde mundial. Aparentemente isso era de grande interesse e valor, e a sua fonte espiritual despertou de tal modo a curiosidade de Segrave que ele decidiu olhar mais de perto o assunto quando ele voltou para a Inglaterra.

Ele assim o fez e, voltando-se para o seu velho amigo Hannen Swafer em busca de esclarecimento, ele não podia ter escolhido um mentor melhor. Swaffer, que tinha o seu próprio círculo de participantes, convidou Segrave para ir e conhecer o seu médium. Aí, Sir Henry teve a sua primeira experiência de fenómenos psíquicos - um piano que foi erguido do chão. Ele disse que fora a única vez na sua vida que ele tinha tido muito com medo de fazer qualquer coisa além de olhar!

Sua morte no Lago Windermere foi um grande choque para o mundo. Foi uma profunda tragédia pessoal para Lady Segrave. Alguns dias depois, alguns acontecimentos estranhamente significativos no apartamento de Swaffer, sem condições de explicação normal, sugeriu-lhe que talvez Segrave estivesse tentando estabelecer contacto com antigos amigos e associados.

Swaffer descreveu esses acontecimentos curiosos numa longa carta que endereçou a Lady Segrave. Foi a primeira vez que alguém lhe sugeriu seriamente que ela poderia ser capaz de se comunicar com o marido e ela, como era típico dela, ficou a refletir nisso. Levou-lhe doze meses e um estudo cuidadoso do próprio livro de Swafer sobre o Espiritualismo, a decidir o que ela queria fazer. Então, escreveu uma carta a Swaffer. Iria ele fazer-lhe o favor de a pôr em contacto com um médium que a ajudasse a comunicar com o marido? A resposta de Swaffer foi no sentido de referir Lady Segrave a Maurice Barbanell.

E foi assim que recebi um telefonema uma manhã da parte de Barbanell em que ele perguntava se ele poderia trazer uma recém-chegada à nossa reunião de voz direta a realizar-se naquela noite.

"Mas você conhece a regra," salvaguardei eu. "Ninguém assiste a estas reuniões sem referência prévia de Red Cloud."

"Eu sei," disse ele, "mas se eu esperar até logo à noite para perguntar a Red

Cloud, pelo menos duas semanas perder-se-ão antes que eu possa trazer a minha amiga de volta. Estou ansioso para evitar

isso, se for possível. Eu acho que você pode confiar na minha discrição, Estelle."

"Eu posso," eu disse pensativamente. "E acredito que o Red Cloud também pode.

Então traga a sua amiga. Tenho certeza de que Red Cloud irá aprovar."

Então Barbanell ligou para Lady Segrave para lhe estender o seu convite, mas ela foi incapaz de aceitar. Um compromisso anterior tornou impossível a presença dela naquela noite, mas ela ficaria grata por ser convidada para a seguinte. Barbanell veio, pois, sozinho. Logo no começo da sessão ele perguntou a Red Cloud o que ele sabia da convidada que ele tinha contado trazer com ele.

"Sê paciente e espera," respondeu Red Cloud, com um toque enigmático na voz.

Com essa resposta, é claro, ele teve que se contentar até que a sessão estivesse bem adiantada. Finalmente surgiu uma voz através da trompete a chamar "Barbanell."

"Sim," respondeu ele. "Quem é que fala?"

"Segrave. Obrigado por tentar trazer a minha esposa."

"Tudo bem," Sir Henry. Só lamento que ela não tenha conseguido vir. Você tem alguma mensagem para ela?

Sir Henry tinha. Era uma breve saudação pessoal sem qualquer significado particular para qualquer dos presentes, mas cheio de significado interior. Lady Segrave ofereceu-se quando foi dito por telefone. Antes de a sessão terminar, Barbanell pediu permissão a Red Cloud para trazer Lady Segrave à sessão seguinte, a qual foi prontamente concedida.

Uns quinze dias depois, Barbanell chegou com a sua convidada. Ela não foi apresentada a ninguém presente, embora o punhado de assistentes que tinha assistido à sessão anterior, sem dúvida, adivinhasse a identidade dela. Não tardou muito para que

a trompete se movesse na sua direção e Red Cloud falasse com ela.

"Não me conheces," disse ele.

"Não," respondeu ela. "Eu sou uma estranha aqui."

"Ah não, não és nada. Em breve eu trarei o teu pequeno homem a ti."

Este fragmento de diálogo foi interrompido por quinze minutos por conversas entre os outros presentes e os seus comunicadores espirituais antes que a trompete retornasse a Lady Segrave.

"D!" disse ela.

Lady Segrave ficou de tal modo comovida por ser abordada pelo apelido carinhoso que só o marido usava e que era desconhecido para qualquer um mais presentes que foi incapaz de responder.

"D!" repetiu a voz, mas ainda assim ela não conseguiu responder.

"Fale com ele," insistiu Barbanell, mas ela ainda estava dominada pela emoção. A trompete afastou-se dela e equilibrou-se na frente de Barbanell. A mesma voz o cumprimentou. "Você está aí, Barbanell?" disse.

"Sim, Sir Henry," respondeu ele, mas por favor fale com a sua esposa.

A voz do espírito novamente chamou o nome dela. Desta vez ela tentou dar uma resposta, mas a tensão tornou o ato impossível.

"Isso está a ser muito difícil," disse Segrave, e o trompete caiu.

Esta sempre fora uma indicação de que o comunicador não mantinha o poder de falar. A voz gentil do Red Cloud foi novamente ouvida, oferecendo simpatia e encorajamento e prometendo ajuda no futuro. Foi uma promessa que foi amplamente cumprida. Na sessão seguinte e nas muitas que se seguiram, Lady Segrave ficou completamente à vontade. Sir

Henry conseguiu tais progressos na mecânica de manipular o trompete que foi capaz de o levar até ao ouvido dela e de lhe sussurrar, para que ninguém mais ouvisse o que ele dizia.

Numa ocasião anterior, ele mencionara:

"Eu estive contigo no dia 14, D."

"Você se lembrou do dia 14?"

"O teu aniversário."

Ele explicou, numa das suas comunicações iniciais, que ele não achava fácil comunicar, e acrescentou com humor: "Eu sabia para dirigir um barco ou um carro, mas raios me partam se eu consigo fazer com que isto funcione."

Mais tarde, ela perguntou-lhe: "Estás comigo no carro, rapaz?"

"Sim," foi a resposta. "Toma cuidado."

"Por quê? Eu sou boa motorista."

"Sim. Eu também era."

Os meses passaram enquanto uma sessão se seguia à outra. Sir Henry e Lady Segrave sempre tiveram conversas longas e íntimas. Eles discutiram dezenas de assuntos domésticos relacionados com a sua casa, os seus amigos, o pai de Sir Henry, itens que não eram de interesse dos outros membros do círculo, exceto pela abundância de provas da identidade que forneceram e aqui estavam duas pessoas agora completamente reunidas sobre o abismo da morte. Uma noite, Lady Segrave pediu permissão a Red Cloud para trazer um amigo à sessão seguinte. Embora ela tenha tido o cuidado de não mencionar o facto, o seu convidado estava para ser Lord Cottenham [o sexto Earl] um velho amigo dos Segraves.

Passado pouco tempo Sir Henry falou e cumprimentou primeiro a sua esposa e depois Lorde Cottenham. "Hallo Mark," ele disse, repetindo o nome que ele sempre usara. Seguiu-se uma conversa animada entre os dois, tão natural quanto tantas outras que devem ter ocorrido entre eles antes de ser interrompido pela

morte. Agora eles até brincavam sobre a mecânica da comunicação de voz.

"Podes-me dizer como trabalhar esta coisa?" disse Segrave, indicando o trompete.

"Colocas a boca no buraco, suponho eu, e falas" respondeu Cottenham.

"Mas diz-me primeiro, onde está o buraco?" foi a resposta espirituosa que deu.

Então, num espírito mais sério, ele disse:

"Eu tenho medo da D. Ela está tão triste."

"Mas não mais," assegurou Cottenham. "Ela tem andado mais feliz nestes últimos meses do que em qualquer momento desde a tua passagem."

"E você anda mais feliz também," interveio Barbanell, "muito mais feliz do que a primeira vez em que voltou a nós."

"Isso é verdade e é isso que me deixa assim. Eu não queria deixá-la. Nós tivemos todas as nossas lutas terrenas juntos e assim como o sucesso veio, aconteceu isto. Eu aceitei-o pela minha parte, mas não pela dela."

"Não se preocupe com D.," tranquilizou-o Cottenham. "Nós estamos a cuidar dela ao máximo."

"Eles estão de facto," Lady Segrave reconheceu com gratidão. "Eu agora saio muito mais do que saia. Vou jantar com o Bill (um parente) na segunda-feira. Vou-lhe dizer que falei contigo, mas ele não vai acreditar em mim."

"Graças a Deus que Mark, pelo menos, tem algum bom senso," foi o comentário de Segrave. Mais tarde Lord Cottenham desenvolveu o seu próprio dom de escrita automática e recebeu regularmente mensagens de Segrave. Além disso ele conseguiu estabelecer contacto directo com Red Cloud. Em duas ocasiões separadas, foi-lhe dito por escrito, pelo meu guia que, se ele viesse ver-me num momento específico, ele me encontraria pronta para o receber. Ele seguiu as instruções e em cada instância eu fui

igualmente informada pelo Red Cloud. Quando ele chegou à minha porta ele encontrou-me à espera com uma nota que eu tinha feito com instruções de Red Cloud para mim. As duas versões correspondiam em todos os detalhes.

Numa sessão, Lady Segrave perguntou se ela poderia trazer dois visitantes para o encontro seguinte. Quando Red Cloud concordou, ela não mencionou nomes. Tampouco esse jovem e a mulher foram apresentados quando chegaram. Segrave provou que sabia quem eles eram tratando-os pelo nome. Um era seu irmão e a outra esposa do seu irmão.

Doze meses após a sua primeira visita a mim, Lady Segrave tornou publicas as provas que ela recebera, principalmente das vozes dessas sessões, e provou a sobrevivência do marido após a morte. Eu sempre achei que ela era uma mulher de grande charme, com uma reserva natural forte. Ela recuou instintivamente de proclamar a sua nova convicção ao mundo por se ver compelida a entrar em detalhe entre as provas tanto do que era essencialmente pessoal e privado. Qual foi o motivo que a levou a abandonar a relutância inata? Aqui estão as suas próprias palavras:

"Eu sinto que é meu dever ajudar os outros que passaram pela tristeza do luto, para que eles possam tornar-se felizes novamente como eu sou."

Numa sessão subsequente, Red Cloud elogiou Lady Segrave na sua coragem. Ele foi seguido pelo seu marido, que, depois de uma longa conversa com ela, disse que ele tinha trazido um pequeno tributo. Da escuridão algo caiu levemente no seu colo e tocando-a, ela soube que era uma flor.

Quando a sessão acabou e as luzes foram acesas, vimos que era uma única rosa vermelha, quase tão fresca como quando tinham sido cortadas. No entanto, havia chegado no final de uma sessão que durara uma hora e meia, com portas e janelas bem fechadas, e a sala opressiva de tão quente e sem ar. Se a rosa

tivesse estado dentro daquele espaço o tempo todo deveria ter mostrado sinais de declínio. Assim que ela a viu deitada no colo de Lady Segrave, Iris foi ao andar de baixo à sala de estar onde, alguns minutos antes do círculo começar, ela tinha arranjado uma dúzia de lindas rosas vermelhas, um presente para mim. Contou-as e encontrou apenas onze e a metade inferior do talo da décima segunda.

Um episódio extraordinário deve ser incluído nesta narrativa das comunicações de Segrave. Foi inesperado e dramático. A história começou a revelar-se quando Red Cloud disse a Lady Segrave que um menino desejava falar com ela. O guia foi seguido por uma jovem voz proveniente do trompete. O orador espiritual deu o seu nome e acrescentou que ele gostaria de agradecer a Lady Segrave pela bondade que ela mostrou para com a sua mãe. Será que ela poderia dar uma mensagem à sua mãe? Lady Segrave prontamente concordou e a voz prosseguiu:

"Agradeça-lhe pelo que ela fez pelo chofer depois que ele a levou a visitar o meu túmulo."

"Qual era o nome do motorista?" perguntou ela.

O menino repetiu o nome Francês, e depois soletrou letra por letra.

Nesse instante, Red Cloud interveio para ajudar os jovens que estava obviamente com dificuldades em levar fazer passar a sua mensagem.

"O menino diz que a sua mãe foi a Paris para visitar o seu túmulo. Lá ela conheceu e foi conduzida pelo motorista de táxi que foi o último homem a ver o menino vivo."

Então, tipicamente, Red Cloud adicionou um comentário próprio:

"Quando o menino passou dessa vida, pensava-se que ele tinha tirado a sua própria vida. No entanto, esse não foi o caso. Ele bebeu veronal, mas apenas para dormir. Ele não conhecia a sua força e bebeu demais."

Lady Segrave conhecera a mãe do menino num encontro casual cerca de um ano antes, e desde então só a vira uma ou duas vezes.

Ela não perdeu tempo em levar a mensagem às infelizes mulheres, que confirmaram maravilhadas, cada detalhe que tinha sido revelado. Quando ela foi informada de que o seu filho não tinha intencionalmente tirado a própria vida, lágrimas escorreram-lhe pelos olhos, mas de alegria, não de tristeza.

Em dezembro de 1968, Lady Segrave voltou para o marido, Sir Henry. Ela manteve contacto comigo ao longo dos anos, e depois da sua morte eles voltaram juntos para me agradecer pela felicidade que eu trouxera aos dois.

CAPÍTULO DEZ
FALANDO EM MUITAS LÍNGUAS

Muitas vezes me perguntaram sobre a fala no mundo espiritual. Existirá uma língua comum, ou existe uma Babel de todas as línguas que nós conhecemos na terra? Esta é uma pergunta difícil, que ninguém pode alegar poder responder com certeza. Há uma forte escola de pensamento que acredita que não há linguagem alguma, uma vez que nenhuma é necessária. Esse argumento é baseado no facto do pensamento ser fundamental e comum a ambos os mundos.

A fala, por outro lado, é essencialmente física, enquanto a linguagem não é mais do que um dispositivo criado pelo homem para transmitir o pensamento através da fala. É, portanto, apenas no domínio físico que o pensamento precisa ser traduzido por sons fonéticos. No mundo espiritual, um pensamento precisa apenas ser projetado por um habitante para ser perfeitamente entendido por outro.

Eu aceito isso como uma teoria interessante, mas acredito que seja apenas parcialmente correta. É certamente verdade em

relação às almas avançadas que estão nos mundos espirituais há eternidades porque, durante os ensaios iniciais de comunicações de transe e de voz direta, há é ampla evidência que mostre que eles perderam a facilidade do uso da palavra.

Red Cloud disse-nos que ele enfrentou esse problema quando ele retornou à terra como instrutor espiritual. Por falta de uso ele desacostumou-se da prática lenta e laboriosa do discurso. Quando ele falou pela primeira vez através de mim, as palavras que proferiu mostravam-se hesitantes e empoladas, de um Inglês de sala de aula estrangeira.

Mas ele rapidamente melhorou pelo que agora ele é capaz de usar uma linguagem expressiva e eloquente ou, quando ele está de humor jocoso, o idioma coloquial dos dias atuais. No entanto, ele ainda mantém uma certa pronúncia característica - e "spurrit" em vez de "espírito" é um exemplo notável - que serve apenas para o tornar mais encarecido no coração dos seus ouvintes.

É na aplicação aos mais novos recém-chegados à vida espiritual que eu não concordo com a teoria de que nenhuma língua seja falada por eles. Eu não acredito que aqueles que tenham passado recentemente gozem de imediato da faculdade de comunicação do pensamento. Acredito que eles continuam a falar a língua do seu idioma materno por muito tempo após a sua passagem, uma perspetiva que é apoiada pela facilidade com a qual eles voltam para a sua língua nativa quando comunicam com os seus amigos.

Através de comunicações de voz direta eu tenho sido instrumental na transmissão de mensagens numa variedade de idiomas de que não tenho o menor conhecimento, seja quanto ao significado das palavras faladas, ou da sua pronúncia. Quando eu demonstro clariaudiência sou capaz de repetir palavras que ouço faladas em línguas estrangeiras do meu completo desconhecimento. Nos primeiros dias da minha carreira psíquica, esses sons estrangeiros iludiam-me. Eles chegavam-me ao ouvido,

confusos e incompreensíveis. E por mais que eu tentasse, eu não conseguia distingui-los ou reproduzi-los em qualquer forma reconhecível.

Um exemplo típico disso ocorreu muitos há anos atrás na Holanda, quando a pedido de Estelle Stead, filha de WT Stead, a famoso jornalista e espiritualista que terminou a sua vida terrena no desastre do Titanic, eu dei uma demonstração de clarividência em Haia. Estava além da minha capacidade repetir os estranhos sons do Holandês falado pelos comunicadores espirituais, e assim, para meu benefício, as mensagens tiveram que ser traduzidas para o Inglês por um intérprete espiritual.

Eu então repetia-as em voz alta em Inglês e, devido a que poucos por entre o público entendessem a língua Inglesa, as mensagens foram traduzidas de volta para o Holandês por um intérprete que se encontrava ao meu lado na plataforma.

Tudo isso soa, e foi, um desempenho tipo carrossel, mas foi necessário porque naquela época não havia nenhum método alternativo.

Dada uma situação semelhante hoje, no entanto, eu deveria conduzir muito melhor. Pela experiência, o meu ouvido ficou mais sintonizado em captar os sons de uma língua estrangeira, e a minha língua está mais prática na sua reprodução. Mesmo assim, ainda não é fácil e é um processo muito trabalhoso já que cada palavra tem que ser falada lentamente e cada sílaba cuidadosamente enunciada.

Uma comunicação de transe que me ficou claramente gravada na mente teve lugar em meados dos anos trinta, quando fui visitada pelo chefe Oske-nonfifty Ton, um índio Mohawk, que ficou encantado por conversar sozinho na sua língua com Red Cloud. Ele tinha vindo a Londres para a produção de palco de *Hiawatha* em que ele desempenhava o papel de um feiticeiro e, de acordo com a sua própria narrativa, ele era controlado pelo espírito ao longo do seu desempenho. Ele alegou que o seu rosto

mudou completamente e assumiu as características cansadas e enrugadas de um homem de noventa anos.

Uma sessão memorável por causa da variedade de idiomas que produzido ocorreu em 1937. A Federação Internacional Espiritualista estava a realizar um congresso em Londres. Com a aprovação de Red Cloud, Hannen Swaffer convidou alguns dos delegados estrangeiros para uma sessão de voz direta no meu centro. Entre os presentes estava a Sra. Helmi Krohn da Finlândia, que depois publicou um relato da sua comovente experiência. Ela escreveu: “Uma voz espiritual chamou claramente pelo meu nome - Helmi. Eu respondi em Finlandês, "Isso é mãe?" De volta veio a resposta na mesma língua, `Sim, é a tua mãe.' Então perguntei se meu pai estava com ela e ela respondeu que ele estava. Eu podia ouvir cada palavra com clareza. Foi a primeira vez que me lembrava de ouvir a voz da minha querida mãe, porque eu ser criança pequena quando ela passou.

Em vista do facto da Sra. Krohn não ter lembrança da voz da mãe, pode parecer que a alegação de tê-la identificado o visitante espiritual tenha sido impetuosa. Talvez fosse, mas não altera o facto de alguém ter falado com ela em Finlandês, e da única pessoa na sala com qualquer conhecimento dessa língua ser a própria Sra. Krohn. T. Biginelli, da Suíça, foi outro dos delegados a receber uma comunicação espiritual que lhe causou uma profunda impressão.

Ele foi abordado pela sua filha, que falou com ele num tom claro de voz. Após a sessão, ele confessou: "Foi realmente maravilhoso. Não foram apenas as palavras da minha menina, mas foi também a voz dela.” A criança disse ao pai que ele trouxera uma fotografia dela e que a tinha no bolso. No final da sessão ele passou-a ao redor para nós a vermos.

A Sra. Edith Hammerstrom declarou ter sido abordada por um voz de espírito que, depois de dar o seu nome, falou com ela em Sueco. Surgiu uma mensagem em Holandês do Dr. Goedhart

que, antes de passar desta terra havia representado a Holanda em reuniões anteriores. A Sra. Helene Fry foi abordada em Francês pela irmã que tinha no mundo espiritual. Descrevendo o sucedido numa carta, a Sra. Fry escreveu: "Eu tive a extrema alegria de ouvir a minha irmã de vinte e oito anos de idade, Marguerite, que passou em trabalho de parto em 1917, conversar comigo por voz direta. Embora eu não pudesse entender cada palavra do que ela disse, eu ouvi-a responder claramente às minhas perguntas sobre o bebé dela. 'Tenho o meu filho a meu lado,' disse ela."

Um outro comunicador dessa noite foi Sadie Perkins, uma menina de cor, que voltou para falar com a sua irmã, Mamie, a delegada de Chicago no congresso. Não restaram dúvidas sobre o distinto dialecto já que as duas meninas, uma viva e outra "morta," livremente discutiram com os seus amigos e parentes. Das duas, Sadie era a mais animada. "É bom demais para ser verdade," ela borbulhava de prazer. "Eu estou a falar na minha própria voz."

O último a comunicar nessa sessão das nações foi o autor, Louis M. Nesbitt, que falou longamente com a sua amiga Eva Barrett de Roma. Ele contou-lhe uma história envolvente sobre dois amigos mútuos Italianos que terminava com as palavras: "Que história para o *Standard* ! "Isso referimos nós ao *Evening Standard de* Londres que estava a serializar o livro dele, *Desert e Forest* no momento do seu acidente fatal de avião.

Essa sessão única terminou com Red Cloud pronunciando a seguinte bênção. "Se eu tornei algum de vós feliz, então fico feliz. Amem a Deus, sirvam os vossos semelhantes e possa o poder do Grande Espírito Branco sempre ensina-lhes a verdade da imortalidade do homem."

Eu fui a médium de uma sessão extraordinária que combinou a voz direta e a escrita espiritual, numa língua de que eu não tenho qualquer conhecimento. O meu cliente foi o Sr. ES Van Jonge da Holanda, que foi endereçado pela voz do espírito do seu

irmão num Holandês perfeito. O Sr. Van Jonge apresentou que a voz falara num excelente Holandês idiomático sem qualquer vestígio de sotaque, como seria de esperar do seu irmão. Esta sessão foi uma de uma série. É melhor descrita na narrativa que o Sr. Van Jonge forneceu:

"Na primeira sessão que tivemos com a Sra. Estelle Roberts, Red Cloud disse-nos que o meu irmão se encontrava presente e estabeleceu a sua identidade ao submeter detalhes evidenciais. Nas sessões seguintes, o meu irmão esteve sempre presente e comunicou connosco através do Red Cloud. O ponto notável foi que nem uma só vez durante essas sessões o seu nome foi mencionado, seja por Red Cloud ou por nós. A questão do seu nome nunca foi levantada, por outras provas terem sido mais do que suficientes.

"Na manhã de 30 de janeiro, voltamos a reunir-nos. Lá pelo final da sessão Red Cloud disse-nos que havia uma sessão de voz direta a ser realizada nessa mesma noite, e convidou-nos a participar. Nós sentimo-nos muito interessados em fazê-lo, especialmente quando Red Cloud prometeu que o meu irmão tentaria falar connosco pela voz direta. Nós dissemos que esperávamos que ele desse o nome dele, como seria a maneira mais fácil e rápida de estabelecer a sua identidade, que nunca tinha sido mencionada antes. A sessão foi realizada numa pequena sala em completa escuridão. A Sra. Roberts era a médium e a Sra. Treloar presidiu. Além de nós, havia outras sete pessoas presentes. Tão logo todos nos sentamos ligamos as nossas mãos, de modo que não havia qualquer mão livre.

"Depois de alguns momentos, a voz de Red Cloud foi escutada em voz alta a cumprimentar claramente os seus visitantes. Vozes do Espírito foram logo ouvidas a dar a conhecer as suas identidades e a falar com os seus amigos no nosso seio. Então Red Cloud anunciou que um jovem que não tinha experiência anterior, tentaria fazer-se ouvir.

Depois de alguns ruídos, o que para nós soou muito como exercícios de respiração, uma voz muito lenta e deliberadamente falou o seguinte: ‘ik-zal-het-niet-kunnen-doen' (‘não vou ser capaz de fazer isto’). Essas palavras foram repetidas duas ou três vezes e precisa ser observado que, embora não pudéssemos reconhecer a voz, para nós o Holandês fora pronunciado perfeitamente e sem a menor sotaque. Numa palavra, ninguém além de um Holandês nato poderia possivelmente repeti-las, especialmente o 'i' como 'ik', o 'z' como 'zal' o ‘h' como ‘het' e o ‘oe como ‘doen' sem o menor vestígio de falha.

“Apesar disso, era óbvio que o comunicador se encontrava muito excitado e encontrara uma considerável dificuldade em falar. Isso foi logo confirmado por Red Cloud, que nos contou que outra experiência estava prestes a dar-se. Então solicitou a um tal de Sr. Buckingham para deixar o círculo, depois de ligar as mãos de seus vizinhos.

O Sr. Buckingham foi então instruído a colocar no chão, fora do círculo, uma lousa que estava pendurada na parede da sala e que, conforme depois disso nos foi assegurado, se encontrava pendurada na parede sem ter sido usada para que alguém presente se pudesse lembrar dela.

“Quando o Sr. Buckingham retomou o seu lugar no círculo e deu as mãos como antes, Red Cloud anunciou que ele tinha colocado o pé direito da médium sobre o do presente à sua direita, onde deveria permanecer durante a sessão. Depois de alguns momentos de silêncio um som de arranhar veio da direção do quadro negro e soubemos que algum espírito estava ocupado com o giz.

Então mais espíritos vieram comunicar com os seus amigos, e a nossa atenção foi distraída pelos sons da escrita. Então, interrompendo uma conversa que estava a ocorrer entre uma esposa do espírito que conversava com o marido presente no nosso círculo, veio o som de algo frágil a cair ao chão. Eu pensei

ter reconhecido o som de um pau de giz a cair e a quebrar. A esposa em espírito também ouviu, e interrompeu o que ela estava a dizer para nos dizer animadamente que o jovem que tinha vindo ao cavalheiro Holandês havia escrito uma mensagem.

Ela estava muito animada com isso. No final da sessão, quando a médium, que estivera em transe, recuperou a consciência, as luzes foram acesas. Vimos que uma mensagem havia sido escrita em Holandês no quadro de lousa. As duas metades de um bastão de giz encontravam-se no quadro, evidentemente quebrado pela queda.

"A mensagem dizia:
'Mijn Vader Broeder
Ikben heir
Ik vond het zeer moeielijk (te) spreek (en)
Mijn les is moeielijker dan de uwe
Ik kon de deur neit open doen
Ik moet een Brief Schrijven
Ik zal morgen avond aan U (denken?)
Wiltt U mij helpen
Om het te doen
Schrift
Ap.'

Tradução:
'Meu pai irmão
Eu estou aqui
Eu achei muito difícil (falar)
A minha lição é mais difícil que a tua
Eu não consegui abrir a porta
Eu devo escrever uma carta
Eu devo (pensar?) em ti amanhã à noite
Você vai ajudar-me
A fazer isso

Ap.

“Com relação às condições sob as quais esta escrita direta fora conseguida, é importante notar o seguinte:

(1) A sessão foi realizada em total escuridão.

(2) A médium foi inteiramente controlada quanto aos seus movimentos pelo contacto do seu pé sobre o da pessoa que estava a seu lado.

(3) Todos os membros do círculo estavam ligados pelas mãos.

(4) A porta estava trancada.

(5) O quadro de lusa estava no chão e a escrita foi feita com giz, impecável e com clareza, com precisão de espaços entre a maioria das palavras, em linhas retas e correta pontuação de tudo.

“Com relação à mensagem em si mesma, deve-se notar o seguinte:

“(1) As palavras entre colchetes não foram realmente escritas. Elas devem ter sido omitidas com a pressa de escrever sob tais condições.

“(2) As maiúsculas de Brief e Schrijven são supérfluas e eu as atribuiria à mesma razão apontada.

“(3) Apenas as palavras 'heir' e 'neit' estavam escritas de froma errada. O ‘e’ e o ‘i’ mudaram de lugar, o que é um erro comum em Holandês e um erro que o meu irmão houvera feito muitas vezes quando escrevia com pressa. À primeira vista, também pensei que as palavras "moeielijk" e 'moeielijker' (a última das quais é o comparativo da primeira) tinham sido erroneamente soletradas.

Eu ficara com a impressão de que o segundo "e" era supérfluo, embora quando falada essa letra seja realmente pronunciada. No entanto, procurando num dicionário, descobri que é igualmente correto escrever moeielijk ou moeilijk. As letras 'ij' foram escritas no quadro como a letra 'y' com um ponto sobre

ela. Isso é Holandês correto e só na língua Holandesa é essa letra alguma vez pontilhada.

(4) As três primeiras palavras da sexta linha não tinham sido bem espaçadas, o que eu novamente atribuiria ao sentido de urgência em que a mensagem fora escrita. Da mesma forma, apresentava uma grandeza crescente no tamanho nas últimas linhas, provavelmente devido à diminuição do poder e perda de controlo.

"Com relação à escrita em si, o carácter não é Holandês. Parece-nos Inglês e não é do meu irmão. Isso poderá ser explicado pelo facto do ato real de escrever não ter sido feito pelo meu irmão apenas, mas com a ajuda de um espírito experiente, assim como uma criança pequena escreve as suas primeiras letras com a ajuda de um dos seus pais. Na nossa opinião, contudo, este é um pequeno aspeto em comparação com o resto da evidência. A assinatura é inegável. O nome do meu irmão era Albert, que a família encurtou para Ap, que não é a abreviatura habitual de um nome na Holanda. Além disso, como já salientei, esta foi a primeira e única vez que o seu nome foi alguma vez mencionado em toda a série de sessões. Comentários adicionais são certamente desnecessários."

Outro exemplo da facilidade com que a mediunidade supera os problemas de linguagem ocorreu há alguns anos, quando eu dei uma sessão a um visitante Indiano chamado Dass. Dentro de alguns minutos, a sua esposa manifestou-se-me, falando em hindustani. Assim que a ouvi falar, resolvi pedir a ajuda de um intérprete espiritual porque ter que transmitir os sons estranhos dessa língua teria tornado a comunicação extremamente lenta e difícil. Pedi ajuda a Red Cloud.

Ele concordou, mas insistiu que a esposa devia primeiro apresentar uma prova essencial da identidade ao marido na sua própria língua, coisa que ela fez ao enunciar lentamente várias palavras e nomes em Hindustani que, pelo melhor que fui capaz,

repeti ao marido. O Sr. Dass admitiu prontamente compreendê-las e a importância que tinham para ele.

Então, com Red Cloud a interpretar, a esposa falou dos três filhos que tinha na terra. Ela deu-me a letra "B", que o Sr. Dass disse que era a inicial do nome do seu filho mais velho, e ela disse-me que o aniversário menino era a 13 de julho. Ela então falou da preocupação que Dass tinha com o bem-estar do seu segundo filho, que estava em turnê pelos EUA.

O Sr. Dass confirmou que estava preocupado com o bem-estar do menino. De seguida a esposa mencionou um objeto qualquer não específico que se encontrava na carteira do marido que ele interpretou como referindo-se a uma foto que ele carregava com ele. Mas nisso ele estava errado. Mais tarde durante a sessão a esposa falou do objeto novamente, dizendo que era algo que ela tinha usado.

Eu pedi a Red Cloud informações mais específicas, e ao fazer isso a esposa interrompeu proferindo o termo isolado "ainak." Eu repeti-o e imediatamente o Sr. Dass tirou do bolso um par de óculos. Aparentemente "ainak" é o termo Hindustani para óculos. A sorrir, ele explicou que a sua esposa acabara de lembrá-lo de algo que ele tinha esquecido, que depois da sua morte ele mandara ajustar as suas próprias lentes à armação dos óculos dela.

A partir desse momento quase todas as palavras que a esposa empregou vieram carregadas de provas indiscutíveis. Ela falou de alguns problemas que tivera com a rótula que havia ferido num acidente de automóvel. Ela remeteu o seu amor a Shakuntda, a filha mais velha deles, e "Agye," diminutivo de Agyavati, um amigo de quem ela tinha gostado muito de Nairobi. Ela então falou dos "três R" e deu me o nome Rajan. Rajan, explicou o Sr.Dass, era o mais velho dos seus três netos. Ele nasceu duas semanas depois da morte da esposa; os outros dois, Rajesh e Rupindar, seis anos depois. Ela falou também de Veena e Rohini, as suas duas netas, a mais jovem das quais não nascera senão

quatro anos após a passagem da esposa. E assim prosseguiu com detalhes familiares íntimos, que o Sr. Dass silenciosamente confirmou.

A observação final que fez não foi menos notável. Ela disse que ela agora tinha o anel de ouro que o seu marido lhe tinha removido do dedo na hora da morte. Assentindo com a cabeça, o Sr. Dass explicou que o anel tinha desempenhado o seu papel de acordo com o costume nos ritos funerários. Com artigos de vestuário e outros itens pessoais, foi oferecido cerimoniosamente para conforto do espírito que partira. Agora a esposa estava a usá-lo na forma espiritual.

Quando o Sr. Dass me deixou, eu ponderei sobre as maravilhas do que acabara de ocorrer. Além das poucas palavras isoladas do Hindustani que eu repetira foneticamente, toda a comunicação teve que ser interpretada por Red Cloud e tinha estado relacionada com pessoas e eventos dos quais eu não poderia ter tido o mínimo conhecimento. Além disso, nos incidentes de espetáculos, houve referência a uma ocorrência de cuja existência o meu cliente se tinha esquecido por completo. Seria surpreendente que o Sr. Dass tivesse ficado muito impressionado com a sua sessão?

CAPÍTULO ONZE
MAIS VOZ DIRETA

Sir Henry Segrave ajudou outra vítima de lancha de corrida a provar a sua identidade quando uma visitante japonesa assistiu a uma das minhas sessões de voz. A comunicação que ela recebeu não apenas lhe deixou a mente em repouso mas atenuou-lhe a dor do sofrimento do filho. Ela era a Sra. Kingi Yano e o seu filho chamava-se Haro. O seu marido e o seu irmão, Shingi, haviam colaborado em corridas de barcos a motor e ganho a merecida reputação nesse desporto. Então veio o dia em que Shingi fora

morto enquanto praticava uma corrida. Kingi nunca superou isso. Durante cinco meses ele lamentou a morte do seu irmão e depois morreu em resultado de não mais do que um resfriado.

Esse foi o pano de fundo para a visita de Dulce Yano, e desde a primeira hora da sessão ela ficou interessada em silêncio, e não tomou parte ativa. Então Red Cloud disse:

"Há um pequeno homem aqui a quem eu preciso ajudar. Aguardem!"

Os membros regulares do círculo sabiam que um estranho iria manifestar-se pela primeira vez. Deliberadamente a trompete mudou-se no sentido da Sra. Yano e deteve-se. Então uma voz disse num Inglês perfeito: “Eu digo, Dulce, sou eu, Shingi.

"Sim, Shingi," respondeu ela, "o que tens a dizer?"

“Kingi e eu estamos aqui juntos. Nós não queremos que Haro esteja sempre a afligir-se. Ele viu-me morrer no barco... mas nós tínhamos pressa. Ele precisa fazer o exame da universidade em dezembro.

“Como posso fazê-los entender no Japão que devemos ficar aqui até o final do ano?

"Diz-lhes que Kingi e eu o dissemos."

"Muito bem," disse a Sra. Yano baixinho.

"Eu digo, Dulce," a voz continuou rapidamente com traços óbvios de estar excitada. “Sabe quem nos trouxe aqui esta noite? O senhor Henry Segrave. Diz à Lady Segrave que o marido faz muito em nossa ajuda aqui. Ele ajudou muito o Kingi e a mim. Kingi quis vir esta noite, mas não conseguiu. Ele diz que vai tentar da próxima vez. Ele diz: “Diz ao Haro para não se afligir mais. Tudo está bem com a gente e nós estamos sempre com ele.”

A Sra. Yano escreveu as próprias impressões que colheu em relação a essa sessão, de que eu cito:

“A voz era de Shingi e ele tinha os mesmos maneirismos como quando ele estava aqui connosco. Ele invariavelmente usava o prefixo nas observações que fazia de 'eu digo' e quase a

primeira coisa que ele disse na sessão foi 'eu digo, Dulce. Eu mal podia acreditar no que ouvia quando ele anunciou o seu nome, Shingi Yano, mas depois ele repetiu-o mais alto e com maior clareza.

“Sir Henry Segrave e Shingi eram do conhecimento um do outro. O meu filho Haro, foi muito afligido pela perda após o acidente, e isso interferiu muito nos seus estudos.

“Shingi tinha decidido atingir um certo record de velocidade na corrida. O meu marido estava a cronometrá-lo. Tinha terminado uma volta encontrava-se no começo de outra quando o barco virou.

“A afirmação que fez estava correta. Ele alcançou a velocidade que queria.

Uma das dificuldades em escrever um livro do ponto de vista do médium é que quando você está em transe profundo você está dependente das lembranças dos presentes para fazer uma descrição precisa do que aconteceu. Por isso, a presença do escritor de taquigrafia nas sessões de voz era inestimável. Foi-me facultado o estudo das transcrições palavra por palavra do que fora dito.

O resultado, no entanto, foi curioso, por à medida que eu lia as narrativas literais isso me ter produzido uma sensação de completo desapego dos eventos descritos, embora eu tivesse participado intimamente neles.

Muitas vezes, porém, os registos literais não eram disponibilizados (o uso atual do gravador de fita resolveu este problema) e por isso ninguém ficava dependente dos factos apresentados por testemunhas oculares fiáveis.

Eu sempre tive a sorte quanto àqueles que testemunharam eventos que ocorreram enquanto eu ficara em transe. Muitas vezes foram homens distintos e mulheres de muitas esferas da vida, escritores e jornalistas frequentemente conhecidos, cujos

nomes são amplamente conhecidos e de integridade inquestionável.

Tais pessoas, cientes de que o Espiritualismo é um assunto controverso, trazem mentes equilibradas e inquiridoras a cada nova manifestação que testemunham. Eles não aceitam nada com base na confiança e quando escrevem sobre o assunto eles fazem-no com base na experiência e não em boatos.

É por eu apreciar o valor das testemunhas oculares que eu pedi permissão a Maurice Barbanell para usar o seguinte extrato do seu livro recentemente publicado e profundamente absorvente '*This Is Espiritualismo.'* Diz respeito ao caso de Bessy Manning, de cuja existência nenhum de nós tinha conhecimento até ela ser introduzida por Red Cloud no decurso de uma sessão.

É notável, penso eu, não só na evidência da sobrevivência após a morte que apresenta, mas também como um exemplo da resposta a uma oração. É notável, também, por ter sido estendida de modo a incluir não só Bessy e o seu irmão, como a sua mãe, também.

É assim que Maurice Barbanell descreve o caso de Bessy Manning no seu livro:

"A experiência mais emocionante que tive na sala de sessões de Estelle Roberts surgiu quando fui abordado por um comunicador espiritual desconhecido.

Mais ou menos lé pelo meio de uma sessão, Red Cloud disse-me de modo quase casual: "Tem uma garota aqui que me abordou para entrar em contacto com a sua mãe na Terra. Ela transmitirá a sua própria evidência.

"Eu a conheço-a?" perguntei.

"Não", respondeu o guia, "mas podes ajudá-la."

A trompete moveu-se lentamente na minha direção e uma voz, obviamente pertencente a uma jovem garota, disse: "Eu faço, tudo bem. Eu faço..."

Pela longa experiência eu sabia que a melhor maneira de obter os melhores resultados era incentivar os comunicadores a falar, não assediá-los com perguntas que poderiam ter um efeito de rejeição.

"Venha," insisti eu: “vai tentar dar-me uma mensagem. Venha e fale comigo."

A voz respondeu: “Eu falarei se me for permitido. Um homem amável trouxe-me aqui." Então, muito lenta mas distintamente, ela declarou: “O meu nome é Bessy Manning. Eu morri vítima de tuberculose na Páscoa passada. Eu trouxe o meu irmão Tommy comigo; ele foi morto por um automóvel. A minha mãe rezou por ter lido o seu artigo, e pediu se algum dia o grande guia, Red Cloud, me traria aqui."

Na revista psíquica que eu editava à época, eu tinha descrito algumas destas sessões de voz direta, e Bessy dava a entender que a sua mãe havia lido o que eu havia imprimido. “Vou enviar uma mensagem à tua mãe amanhã,” disse eu à garota. Bessy expressou gratidão e continuou: “Diga à mãe que eu ainda tenho as minhas duas longas tranças. Eu tenho vinte e dois anos e tenho olhos azuis. Diga-lhe que eu quero que ela venha aqui. Você poderia trazê-la? Melancolicamente ela acrescentou: "Ela não é rica - ela é pobre."

"Vou ver se posso trazê-la," respondi.

"Ela é tão infeliz," Bessy continuou. “Ela diz que perdeu aos dois. Você vai ajudá-la, não vai? Deus vai abençoá-lo se você a ajudar. Obrigado... obrigado... obrigado...”

"Antes que eu possa enviar uma mensagem à tua mãe," disse eu a Bessy, "eu preciso saber onde ela mora, por não a conhecer.”

A resposta de Bessy veio sem hesitação. "Eu vou-lhe dizer," disse ela. Lenta e distintamente ela deu o endereço: “14, Rua Canterbury, em Blackburn.

"Red Cloud," disse eu, "deve haver milhares de pessoas que oram por conforto como a mãe dela.”

"Eu tenho apenas um instrumento," respondeu ele, com uma nota de tristeza na voz.

"Você vai convidar a mãe dela para a próxima sessão?" Perguntei-lhe eu.

"V*ou*?" Respondeu ele. "*Você convidaria*?"

Eu nunca tinha ouvido falar de Bessy Manning. Eu não sabia se existia alguma Sra. Manning, ou se havia uma em Blackburn na Rua Canterbury, mas a minha confiança, acumulada com anos de experiência com Red Cloud era tal que eu sabia que a informação do espírito estava correta.

Na manhã seguinte, sem a menor dúvida na minha mente, enviei este telegrama para a Sra. Manning, no Nº 14 da Canterbury Street, em Blackburn: “A sua filha, Bessy, falou connosco no círculo de Red Cloud na noite passada." Eu não recebi resposta, pelo que telegrafei de novo. Dois dias depois, na segunda-feira, havia duas cartas de Sra. Manning. A primeira dizia:

“Eu não sei a quem devo agradecer pela grande alegria que me deu. Eu agradeço-lhe de alma e coração pelo telegrama que me enviou no sábado passado. Eu queria gritar dos topos das casas. Eu ria e chorava ao mesmo tempo. Que espírito maravilhoso Red Cloud é, e quão bom e gentil todos vocês são! Eu tenha a certeza de que você vai levar a sua gentileza ainda mais longe e dizer-me o que a minha Bessy disse. Oh, a felicidade gloriosa para mim e para os meus! Na minha próxima carta eu retribuirei o custo do telegrama.

Por favor não se ofenda. Isto é mais do que justo. Como poderei alguma vez agradecer-lhe o suficiente? Aquele pedaço de papel é mais importante para mim do que um monte de ouro. Eu vou rezar com todo o meu coração por todos vocês, e especialmente pela Sra. Roberts. Você vai-me dizer, não vai, se ela me mandou alguma pequena mensagem. Esta é uma verdade

maravilhosa e gloriosa e mais uma vez agradeço muito. Também o meu marido e as minhas duas outras filhas lhe agradecem."

Na carta seguinte, a Sra. Manning escrevia: "Recebi o seu segundo telegrama. Lamento ter causado o envio de um segundo, e fico grato pela sua maravilhosa bondade. Você não deve ter recebido a carta que lhe remeti no domingo. Eu fiquei muito feliz por ter sido capaz de lhe enviar um telegrama de volta, já que as coisas não estão muito brilhantes presentemente. Eu quero que saiba o quão gratos todos estamos. Nós faríamos qualquer coisa possível para pagar sua a enorme bondade. Você não sabe o que isso significa para nós.

"A minha filha faleceu na última segunda-feira de Páscoa e o meu filho foi morto há quase nove anos atrás. Se não tivesse entrado em contacto com a família Espiritualista, eu teria ficado louca. Eu anseio por saber o que Bessy disse. Eu quero confortar os outros como eu tenho sido confortada. Nós não temos muito bons médiuns por aqui. Deve ser ótimo ouvir a Sra. Estelle Roberts e os outros grandes médiuns. Quem dera que eu tivesse tal glorioso dom. Mais uma vez, muito obrigado."

Eu considero o retorno de Bessy Manning como evidência perfeita da vida após a morte. Nenhuma teoria de telepatia ou da mente subconsciente a pode explicar. Nenhuma sugestão de conluio ou qualquer outro tipo de fraude pode ser entretida. A Sra. Manning nunca conheceu Estelle Roberts, ou se correspondeu com ela ou qualquer outro membro da sua família. Nem ela me tinha escrito nem ou a quem assistiu a essas sessões de voz direta. No entanto, o nome completo da filha e endereço da mãe tinham sido dados, acompanhados de uma mensagem completa e precisa em cada detalhe.

Mais tarde, quando conheci a Sra. Manning, ela disse-me que tinha orado noite e dia por evidências de que a sua filha vivia para além da sepultura. A sua oração fora escutada e atendida. Como uma oração proferida em Blackburn pode produzir uma resposta

em Middlesex, eu não sei. Tudo o que sei é que aconteceu. Esta sessão de comunicação prova que alguns pedidos são escutados e que existe uma organização no Além capaz de fornecer a resposta quando as condições são apropriadas.

Eu organizei maneira da Sra. Manning vir a Londres à sessão de voz seguinte. O marido dela estava desempregado. Era obviamente um tempo de dificuldade para ela. Eu a conheci na Estação St. Pancras, na sua primeira visita a Londres. Ela ficou emocionada quando lhe mostrei alguns dos pontos turísticos da cidade antes de a levar até Teddington, onde as sessões de voz eram realizadas. Não tardou muito para que Bessy, falando através da trompete, se dirigisse à sua mãe muito feliz. "Mãe," disse ela animadamente, "é Bessy quem fala."

"Sim, Bessy," respondeu a mãe.

A sua filha estava tão cheia de emoção que a meio da conversa a trompete caiu, sinal certo de que ela não conseguia manter o "poder."

"Bessy," disse-lhe a mãe, "isto é maravilhoso. Sabes como a tua mãe te ama, não é?

"É maravilhoso," respondeu Bessy. "Deus a abençoe, mãe. Diga ao pai que não se preocupe. Tommy também está aqui." Acrescentou ela. "Estamos aqui juntos. O Tommy está igualmente ansioso por falar consigo, mãe. É tão maravilhoso que eu nem sei como falar... Estou tão animada.

O dialeto de Lancashire era óbvio na voz da mãe quando ela respondeu:

"Não fiques excitada, amor. Fala com a mãe. Tu vens a casa, Bessy?"

"Você sabe que sim," respondeu ela. "Vou tentar falar consigo lá. Dia após dia você fala para a minha fotografia. Você põe-se na frente dela, pega nela e beija-a, e eu assisto a isso o tempo todo."

Mais tarde. A sra. Manning garantiu-me que isso era verdade. Muitas vezes, na sua dor, ela pegava na foto da filha, beijava-a e falava com ela. Bessy, para mostrar que ela sabia o que estava acontecer na sua própria casa, disse à mãe: “Você esta manhã falava com o pai sobre as suas botas, não foi, mãe?”

"É verdade," respondeu a sra. Manning.

"Você disse que eles precisavam de um conserto, não foi, mãe?"

"Entendo o que queres dizer com isso Bessy," respondeu-lhe a mãe.

"Minha Ma, eu chamava-lhe Ma," disse Bessy. Ao repetir as palavras de Bessy para permitir que a estenógrafa as registasse textualmente, eu pensei que Bessy disse uma vez "Mãe." Ela corrigiu-me instantaneamente dizendo: "Ma," era a saudação habitual que usava para com a mãe.

Seguiram-se mais evidências se quando Bessy se referiu às contas que a mãe usava, dizendo que tinham sido certa vez propriedade sua, e que ela as usara antes de morrer. Isso, eu cheguei mais tarde a saber, era exato.

"Foi um grande choque para si quando o Tommy foi morto," foram as últimas palavras de Bessy para a sua mãe. Red Cloud veio a seguir e disse:

"Ela trouxe o menino, Tommy, com ela."

Então, como ele costumava fazer, ele colocou outro item de evidência em sua próxima frase: “Tommy foi batizado com o nome do pai.”

Quando a sessão terminou, a Sra. Manning estava a chorar, mas eram lágrimas de alegria e não de tristeza. “Eu sou a mulher mais feliz do mundo," disse ela.

Na manhã seguinte, antes de voltar para Blackburn, Estelle Roberts fez para a Sra. Manning uma sessão privada na qual, mais tarde ficou a saber que Bessy continuava a provar a sua identidade com detalhe após detalhe, nenhum dos quais a médium poderia ter

tido conhecimento. Ela enviou mensagens para outros membros da família, e um para o seu noivo - “Diga a Billy” - disse ela - que ainda me lembro do anel que ele me mandou, aquele que eu usava quando fui enterrada.

Alguns dias depois, a Sra. Manning enviou-me esta carta, sem dúvida para que eu pudesse ter seu próprio testemunho:

“Estou a escrever isto para conforto dos outros, sabendo que serei ridicularizada por alguns, objeto de chacota por outros, mas abençoada por muitos. O meu único filho, a quem eu adorava, foi morto por um automóvel. Ele era um pequenino muito querido, que me amava muito. Eu fiquei desvairada - completamente esmagada. Eu perdi toda a esperança. Todas as minhas ambições foram enterradas no seu túmulo.

“Oito anos depois, a minha filha Bessy faleceu, uma das meninas mais amáveis e doces que já viveram. Pouco antes do final ela disse: "Se for possível, voltarei." Eu sabia que ela faria por manter essa promessa. Ela veio da maneira mais inesperada.

Eu já ouvira falar do círculo de Red Cloud.

“Foi uma enorme surpresa receber um telegrama do Sr. Barbanell a dizer-me que a minha filha tinha vindo, e a perguntar pela sua mãe e a dizer-lhes onde ela morava. Fiquei espantado e muito feliz com as notícias. Através da sua gentileza tornou-se possível eu ir a Londres participar do círculo. Foi uma experiência ótima. Eu fui recebida com gentileza em toda a parte. Eu ouvi muitas vozes espirituais e todos foram reconhecidas. Foi incrível.

“Eu ouvi a minha própria filha falar comigo, no mesmo velha maneira carinhosa, e com as mesmas peculiaridades da fala. Ela falou de incidentes que eu conheço como facto positivo que nenhuma outra pessoa poderia conhecer. Eu, a mãe dela, sou a melhor juíza e juro ante Deus todo-poderoso que era a Bessy. Ela disse-me que ela tinha trazido o irmão com ela, contou que ele foi morto e disse o nome dele. Ela falou de muitas coisas que se

passaram em nossa casa, coisas que estavam longe da minha mente na época.

“Agradeço a Deus de todo meu coração e alma. Ele respondeu às minha orações, e *tenho* orado, longa e frequentemente. Eu não tenho medo da chamada morte. Estou ansiosa pelo encontro glorioso com os meus entes queridos.”

Os anos se passaram e eu esqueci a Bessy e a sua mãe. A guerra havia intervindo e havia muito o que fazer. Estelle Roberts decidiu renovar as suas sessões de voz direta na nova casa para que ela se tinha mudado. Fiquei muito feliz por descobrir que a sua mediunidade se revelava tão poderosa como sempre, e que os resultados eram igualmente impressionantes.

Numa delas, Red Cloud disse-me: “Eu tenho uma visita para ti. Espera.”

Através da trompete, manchada como de costume, com a sua pintura luminosa, ouvi a palavra "Olá" proferida três vezes. Como isso parecia ser um comunicador a fazer o primeiro esforço, eu proferi palavras de encorajamento. Num tom de voz de mulher a voz que surgiu através da trompete disse:

“Eu conheço essa voz. Você ajudou-me muito ao me permitir falar com a minha filha.”

Rápido como um flache, antes de ela dar o nome, eu imaginei que era a Sra. Manning quem falava, embora eu não tivesse ouvido dizer que ela tivesse passado. Ela tinha retornado para completar a história, para dizer “que o glorioso encontro com os meus entes queridos” que ela havia antecipado era agora uma realidade. "Eu tenho Bessy e Tommy aqui comigo," disse ela através do trompete. “Você pode contar à minha família? Remeta-lhes apenas o meu amor e diga eu estou a ajudar. Os meus queridos gostariam de saber.”

Eu enviei uma cópia desta mensagem espiritual para o velho endereço de Blackburn, mas a minha carta voltou com o envelope marcado "Mudaram-se.” Fiquei desapontado por a família da Sra.

Manning não poder receber a mensagem da mãe. Então, para minha surpresa, recebi uma carta de um outro endereço em Blackburn. Tinha sido dirigida por uma senhora J. Smith, que se descreveu como uma filha da Sra. Manning. Alguém tinha visto uma referência impressa que eu fizera ao facto da mãe dela voltar e enviara uma cópia à Sra. Smith.

"Eu sou a filha mais nova dela", escreveu ela. "A minha irmã e eu somos os únicos remanescentes da família nesta terra. Eu não posso transmitir-lhe a alegria e o contentamento que a mensagem me trouxe. Eu senti vontade de correr mundo fora e dizer ao mundo. Em vez disso, sentei-me e chorei. Eu senti-me humilde e envergonhada por ter começado a sentir dúvida e desespero por eu jamais ter ouvido essa pessoa amada novamente."

A sua mãe, acrescentou ela, morrera de repente sem hipótese de dizer adeus. Ela encontrava-se sozinha quando sofreu uma convulsão. Quando as filhas chegaram ao seu lado, era tarde demais para a mãe deles falar.

"Foi, pois, um golpe cruel porque, com o seu falecimento, o sol da vida foi-se," escreveu a Sra. Smith. Os anos arrastaram-se e ela estava a começar a desesperar. Agora ela recebeu uma resposta às suas orações. "É a maior coisa que me podia acontecer," resumiu ela.

Esta história de Bessy Manning teve uma sequência divertida que Barbanell não menciona no seu livro, mas que eu muitos vezes o ouvi dizer contra ele próprio. A exemplo das soberbas provas do espírito e da resposta direta à oração, ele relatou o caso de Bessy Manning nas dezenas de palestras que fez pelo país. Nunca a omitiu por ser o caso perfeito. Por último, com relutância, ele decidiu que, para seu próprio bem, por ele se ter cansado de a repetir constantemente, ele precisava excluí-la e referir-se a material mais recente.

Após a primeira reunião em que ele introduziu a matéria alterada, ele foi abordado por uma mulher cujo rosto lhe parecia

vagamente familiar. Mas onde a conhecera? Um conferencista público conhece milhares de pessoas ao longo de mais de trinta anos.

"Você lembra-se de mim?" perguntou a mulher.

Barbanell olhou para ela novamente, mas teve que confessar que não a conseguia situar.

"Eu sou a senhora Manning," disse a mulher, acrescentando, desapontada:

“Pensei que lhes tivesse contado sobre a minha Bessy.”

Pobre Barbanell! Lá estava ele em Blackburn, na cidade da Bessy, e não contara a sua história dramática. Com muitos dos audiência que tinham conhecido Bessy na vida, teria sido uma sensação!

Maurice Barbanell tem um grande senso de humor e eu sei que ele haveria de ser o primeiro a apreciar esta história, que me foi contada por um dos presentes em uma sessão de voz direta. A maior desvantagem para qualquer boa comunicação de voz direta é a tensão. Certa vez o Red Cloud trouxe uma pobre alma que estava a tentar desesperadamente falar, mas a atmosfera ficou tão tensa que ele teve que abandonar o esforço.

O John, como Red Cloud trata o Barbanell, disse: "Red Cloud, vamos orar por ele. ”Renomado pela resposta pronta e ao desejar animar os presentes Red Cloud riu e respondeu: "John, a caridade começa em casa!" Com o riso que se seguiu a atmosfera foi descontraindo e passado um curto momento, ao tentar novamente o comunicador foi capaz de fazer contacto.

Tive na minha experiência muitos casos como o de Bessy Manning quais são o resultado direto da oração. Um ocorreu numa Reunião do Royal Albert Hall em que a Red Cloud me deu uma mensagem para um homem com um nome que eu pensei ter reconhecido. Como a mensagem era de natureza delicada e particular eu não fiz nenhuma menção ao público mas anotei-o para uma atenção posterior. Após a reunião, perguntei sobre o

nome, que soava familiar e não me surpreendeu apurar que pertenceu a um membro proeminente do parlamento.

Perguntei aos comissários se esse senhor ou a esposa tinham estado presentes, mas ninguém mo pode dizer. Num dilema eu telefonei a Maurice Barbanell. Ele ofereceu-se para dar a conhecer às pessoas envolvidas a existência dessa mensagem espiritual da sua filha. Em menos de dez minutos a esposa estava a ligar para mim e eu entreguei-lhe a mensagem.

Agradecendo-me por isso, ela confessou: O meu marido e eu estávamos no auditório. Eu rezei a cada minuto em que estivemos lá, orei com cada fibra do meu ser, para que pudéssemos receber uma mensagem da nossa filha. Obrigado, ah obrigado, pelo que você fez."

Outra comunicação dentro dessa categoria chegou a uma sessão pública de voz que dei no Kingsway Hall, em Londres. Os detalhes chegaram-me pela Sra. Gertrude Brooke de Cricklewood, que estava presente no reunião e diretamente interessada no que aconteceu depois. Durante a sessão Red Cloud anunciou que uma jovem enfermeira no mundo espiritual apresentaria a sua própria evidência. Foi então escutada uma voz que disse: “O meu nome é Olive May Mann. Eu fui enfermeira na Enfermaria Leicester.

Eu fui morta na minha bicicleta enquanto andava com outras enfermeiras. A minha mãe vive em Tansley, perto de Matlock. Por favor diga-lhe que eu ainda vivo, mas que não posso ser feliz até que ela pare com o luto. Ela foi a uma igreja espiritualista e orou que eu dese algum sinal da minha sobrevivência.

A trompete então caiu no chão com o desvanecimento do poder. Após reunião, a Sra. Brooke e mais alguns amigos, ao tomar café, discutiu esta mensagem impressionante. Todos eles lamentaram que a mãe da menina ou algum amigo ou parente não tivesse estado presente para testemunhar o retorno do espírito da enfermeira.

Durante vários dias a Sra. Brooke deliberou, incapaz de decidir se não seria intrometer-se com coisas que não lhe diziam respeito caso ela adoptasse uma ação positiva. Finalmente ela decidiu que nenhum dano poderia vir de uma confirmação da evidência do espírito junto do secretário da Enfermaria Leicester. Ela escreveu uma nota breve a perguntar se uma enfermeira com aquele nome tinha estado empregado no hospital. Ela não fez menção à fonte de sua informação.

A resposta que ela recebeu foi que esta enfermeira tinha estado ligada às alas mentais até uns dezoito meses antes. Infelizmente ela enfrentara um acidente e tinha morrido no hospital. Sem muita dificuldade, a Sra. Brooke obteve o endereço completo da mãe da menina em Tansley, e escreveu a dar os detalhes completos da comunicação. Uma resposta grata chegou na volta do correio, a expressar uma intenção imediata de vir a Londres apelar à Sra. Brooke. A mãe era tão boa quanto a sua palavra e as duas tomaram chá. Depois sentaram-se a uma mesa na esperança de receber uma mensagem. Eles não ficaram desapontados, pois a mesa soletrou:

“Mãe, você deixou-me muito feliz. O meu amor a todos. Oliva."

Era inevitável que a minha mediunidade me trouxesse contacto frequente com Sir Arthur Conan Doyle. Ele participava regularmente nas minhas reuniões na Associação Espiritualista de Marylebone e mais de uma vez falou da plataforma comigo no Salão da Rainha. Eu também conhecia a esposa e a família, e os filhos Adrian e Denis eram visitas ocasionais nos meus círculos de voz direta.

Após a morte de Sir Arthur, Lady Doyle e a família ouviram a sua voz numa dessas sessões. Em uma sessão posterior, quando eles não estavam não presente, ele veio e falou longamente. Nesta ocasião o círculo compreendia algumas das figuras mais conhecidas do Espiritualismo. Sem rodeios, a voz de Sir Arthur

interrompeu a reunião. “É Doyle quem fala,” disse, “pedi permissão para vir por um minuto para oferecer parabéns pelo novo jornal. (Essa era uma referência a um novo jornal psíquico que acabara de ser lançado.) Vão em frente. Defendam sempre a verdade e não tenham medo de homem nenhum.”

Hannen Swaffer agradeceu-lhe por falar num círculo familiar de que ele era membro e disse que esperava que ele viesse novamente.

"Eu virei sempre que puder," respondeu Doyle, "mas não é tão fácil quanto parece. O Sr. Craze está aqui?”

George Craze, Presidente da Associação Merylebone, que muitas vezes presidiu ao Doyle em reuniões públicas, disse que estava presente.

“Cuide desta médium,” insistiu Doyle. "Ela está a fazer um trabalho maravilhoso. E você, Swaffer, vigie os nossos interesses na batalha pela verdade que está agora a ter lugar. Grandes forças estão a opor-se-nos, contudo precisamos ir em frente.”

Ele continuou nesse sentido durante algum tempo. Antes de sair ele enviou uma mensagem à esposa com "todo o meu amor e carinho" e uma para o filho Denis, "diga-lhe para ir em frente com o seu trabalho."

Numa outra ocasião Sir Arthur voltou e pediu para falar com Shaw Desmond. Embora Desmond não tenha duvidado da genuinidade da comunicação, ele pensou que nada se perderia por pedir ao agente comunicador que provasse a sua identidade.

"Se você é Conon Doyle," disse ele, "diga-me onde nos encontramos pela última vez."

Instantaneamente a voz respondeu que eles se tinham encontrado pela última vez por acidente numa das entradas de acesso no Victoria Street, para a qual cada um tinha corrido a escapar de um pé de água repentino. Desmond recordou esse incidente.

Seis dias depois de Sir Arthur Conan Doyle ter deixado esta vida, um serviço memorial espiritualista foi realizado no Royal Albert Hall, que foi lotado do chão ao teto. Muitos dos presentes esperavam que Sir Arthur fosse dramaticamente voltar e, assim, cumprir uma promessa que tinha feito. Ele retornou nesse grande encontro, mas não na maneira sensacional esperada pela sua audiência.

Lady Doyle sentou-se no centro da plataforma. Ao lado dela foi deixada uma cadeira deliberadamente vazia como um símbolo da sua ausência física, mas em sinal da sua aguardada presença espiritual. A todo o redor estava um grande concurso de pessoas espirituais ansiosas por comunicar com os amigos.

Durante meia hora, por meio de clarividência, eu transmiti as suas mensagens às pessoas que se encontravam entre a massa de pessoas no corredor. Mas não havia sinal de Sir Arthur. Eu não arava de olhar ao meu redor, na esperança de que ele aparecesse.

Não foi senão até o público ficar em silêncio por dois minutos em homenagem a ele, que de repente me dei conta de que ele estava ao meu lado. Com essa perceção fiquei momentaneamente confusa e agitada. Ele viu logo e rapidamente me acalmou. “Continue com o seu trabalho. Vá em frente, filha” disse ele de modo tranquilizador. Então ele foi e sentou-se na cadeira "vazia" junto à esposa.

Continuei a transmitir mensagens espirituais até Sir Arthur se pôr de pé e vir para o meu lado. Lenta e deliberadamente ele deu-me uma mensagem de teste para Lady Doyle. Era íntima e sobre outro membro da família e referia-se a um evento que ocorrera justo naquela manhã. Convenceu Lady Doyle que devia ter vindo do marido, como só ela e o outro membro da família tinha consciência de que o pequeno incidente descrito tinha ocorrido.

Enquanto estava a dar uma leitura clarividência nessa noite uma cena estranha apresentou-se à minha visão, que teve uma sequela marcante alguns anos depois. Eu fui levada a um homem

que vestia uma camisa de pescoço aberto, e se encontrava sentado perto da plataforma.

"Há uma mulher aqui que foi morta por um cavalo," disse eu.

“O nome dela é Emily Wilding Davision. Ela diz que ela disse a uma amiga no corredor que ela ia aparecer esta noite.”

O homem pôs-se lentamente de pé e limpou a garganta. "Isso é verdade," disse ele. “Ela disse-me que ia comunicar esta noite. Emily é a Suffragette que em 1913 se jogou na frente de um cavalo Derby e morreu dos ferimentos provocados. Enquanto figura espiritual ela é bem do meu conhecimento.”

Nove anos se passaram e eu estava a dar uma demonstração de clarividência numa reunião pública. Eu tinha trazido uma mensagem para um homem na plateia da parte de um soldado.

“A mulher que tem ao seu lado acompanhou-o aqui esta noite?” perguntei-lhe eu.

"Acompanhou."

“Ela esteve em algum momento ligada ao movimento do sufrágio feminino," disse eu.

Virando-me para essa mulher, eu disse: "O soldado que esteve aqui há um instante atrás vinha acompanhado de uma Suffragette. Ela está aqui agora. Ela diz que o conheceu bem antes de morrer na pista de corridas. Ela diz-me que você tem um irmão no Outro Lado.

O nome dela é Emily e ela envia-lhe a seguinte mensagem: ’Eu lutei por uma causa; luta pela tua. Ainda há muito a ser realizado.' “Agora ela está a referir um nome, uma Sra. Despard.” "Está familiarizado com Sra. Despard?” perguntei eu. "Eu posso obter uma mensagem para ela."

Eu passei a ela a mensagem e as mulheres disseram-nos que o destinatário seria a militante Charlotte Despard, heroína do Movimento sufragista e agora com noventa e cinco anos de idade. A Emily então enviou uma mensagem de inspiração ao homem e

o incidente foi encerrado. Não foi senão algum tempo depois que eu soube quem o homem era. O nome dele era Harold Sharp; ele era um médium e o homem que eu havia destacado nove anos antes no serviço fúnebre de Conan Doyle.

CAPÍTULO DOZE
MAIS INFORMAÇÕES DE COMUNICAÇÃO

Já se passaram mais de trinta e cinco anos desde que o mundo foi surpreendido pela publicação num jornal psíquico de uma série de escritos intitulados "My Life After Death," de Edgar Wallace. Apesar de eu não ter tido parte na origem deste escrito que veio através de um médium no País de Gales, eu fui parte interessada em estabelecer a sua autenticidade. Durante os últimos anos de sua vida, Edgar Wallace sempre esteve nas notícias como romancista, jornalista e dramaturgo.

Ele também era uma “Personalidade,” rico em excentricidades que o público adora e, seja por acidente ou intenção, ele planeou de forma brilhante viver à altura da reputação que ele construíra em torno de si. De fato, tão firmemente ficou Wallace entrincheirado na mente do público, que continuou a viver na memória como uma lenda popular muito depois de ter procedido à sua saída física da terra.

Portanto, não é surpreendente que, quando Maurice Barbanell recebeu uma encomenda que continha os escritos espirituais atribuídos a Wallace, ele devesse tomar todas as precauções para estabelecer a sua genuinidade antes de os publicar. Uma publicação, Barbanell sabia, equivaleria a submetê-los ao escrutínio severo dos céticos, com qual em busca de algum aspeto que os desacreditasse. Como então, ponderou ele, poderia ele ter certeza da sua autenticidade?

Ele submeteu-os ao exame de Hannen Swaffer, um amigo íntimo de Wallace entre os intervalos em que eles foram "inimigos." Esses intervalos ficaram a dever-se às suas respetivas funções de crítico dramático e de dramaturgo. O veredicto de Swaffer foi que o escrito dava provas de ter sido escrito por um repórter treinado, coisa que o médium não era, mas ele não podia dizer se Wallace era o autor pós-morte. Então Barbanell teve uma ideia brilhante. Ele iria consultar Red Cloud, o que fez na sessão seguinte de voz direta.

A resposta que o guia deu a Barbanell foi para não prosseguir até que ele, Red Cloud, consultasse o próprio Wallace. Na sessão seguinte de voz direta Red Cloud relatou que ele tinha inquirido junto do Wallace, que confirmou a sua autoria dos escritos automáticos, pelo que o Barbanell estava livre para prosseguir com a publicação.

A publicação do escrito espiritual, com a sua descrição detalhada da vida após a morte que Wallace tinha encontrado, produziu o esperado furor. Em breve uma das principais controvérsias espíritas de todos os tempos estava ao rubro, com muitos golpes duros dados e tomados por ambos lados. Robert Curtis, durante quinze anos secretário particular de Wallace, foi um dos principais antagonistas, que condenou qualquer sugestão de que os manuscritos poderiam ter emanado do seu antigo chefe.

Enquanto a tempestade grassava, Wallace voltou a juntar-se à batalha com mais uma exposição psíquica, típica da sua auto-afirmação, que ventilou as chamas da controvérsia a novos patamares. Ele fez com que o seu retrato de espírito aparecesse numa chapa exposta durante uma sessão de teste de fotografia psíquica.

Os anti-espiritualistas zombaram da ideia de um retrato espiritual. Nada, afirmaram eles, era mais fácil de manipular do que uma fotografia. Isso é inegavelmente verdade, mas o que eles convenientemente optaram por ignorar foram as condições de

teste sob as quais a foto foi tirada. As chapas usadas na sessão foram fornecidos por uma Agência Fotográfica de Fleet Street após ter sido secretamente marcadas por um dos seus representantes para fins de identificação. Elas foram carregadas na câmara pelo mesmo representante. Dois representantes da agência estiveram presentes o tempo todo em que as exposições foram feitas.

Eles removeram pessoalmente as placas da câmara e encarregaram-se por completo do seu processamento subsequente. Do começo ao fim com o fotógrafo dos espíritos não teve a mão na produção, desenvolvimento ou impressão das fotos além da sua presença na sala e indicação do momento em que cada foto devia ser tirada.

A semelhança de Edgar Wallace que emergiu dessas condições rigorosas foi excelente e, por não se igualar a nenhuma outra foto dele tirada durante a sua vida, até mesmo os escarnecedores não puderam manter a cópia de uma cópia antiga. Fleet Street e os parentes de Wallace foram desafiados a produzir uma cópia. Eles nunca foram capazes de o fazer.

Nesse ínterim, nas minhas sessões de voz direta, Wallace era um candidato dinâmico e determinado a falar pela trompete. Mas de início Red Cloud conteve-o. "Ele ainda não está pronto para falar," ele disse. “Ele não sabe usar o poder. Nós não podemos permitir que ele possa prejudicar a nossa médium, por mais feroz que seja a sua impaciência. Ele vai falar quando eu disser que ele está pronto e não antes.”

No caso, tivemos que esperar apenas duas semanas. Na nossa sessão seguinte

Wallace apareceu. Foi um Wallace truculento, que tornou abundantemente claro que ele não suportava de bom grado os tolos que ele tinha deixado na terra.

"Eu redigi o escrito," disse ele. “Eu posei para a fotografia. O que mais querem eles? É incrivelmente difícil ser desacreditado

quando todos vocês querem é levá-los a entender. Eles podem rir, eles podem zombar, mas eu vou mostrar-lhes onde está a verdade.” Ele continuou nessa veia por alguns minutos, terminando a sua censura das loucuras do mundo com uma referência à negação do secretário dos escritos do espírito.

"Diga ao Bob Curtis para não ser tão estúpido," disse ele com desgosto. "Eu vou-lhe dar algo em que pensar. Vocês vão ver se eu não dou.”

E Wallace certamente deu! Ele fez com que uma réplica da sua voz inconfundível aparecesse num cilindro Dictaphone para benefício do Curtis. Por mais que o Curtis tentasse, e apesar da assistência voluntária de especialistas da Dictaphone Company, ele não encontrou outra explicação racional de como a voz surgiu que não pela simples gravação que Wallace, embora morto, havia feito.

Pouco depois da morte do jovem talentoso diretor Dennis Neilson-Terry, a sua esposa atriz, Mary Glynne, e a sua irmã atriz, Phyllis, começaram a frequentar regularmente as minhas sessões de voz direta. A primeira vez que a voz de Dennis foi ouvida foi fraca e débil enquanto chamava pelo nome da esposa.

"É o Dennis," acrescentou. "Conseguem ouvir-me? Eu tenho que me acostumar a isto. ”

"Eu consigo ouvir-te," disse Mary Glynne, de forma encorajadora.

Com um esforço óbvio, a voz passou a dar mensagens curtas a amigos e parentes. Então ele disse:

"Isto é terrivelmente difícil, mas não se preocupe, da próxima vez farei melhor.

As minhas duas visitantes estiveram presentes na sessão seguinte, ansiosas para renovar a sua comunicação com Dennis e esperançosas de que ele seria capaz de manipular o trompete mais habilmente. Mas quando a trompete finalmente se posicionou na

frente de Mary Glynne, não foi a voz de um homem que surgiu. Foi uma voz de mulher, alegre, calma e confiante.

"Esta é a tia Laura," dizia.

"Oh, eu não estava espera de falar consigo," disse Mary Glynne, um pouco surpreendida.

“O Dennis trouxe-me, querida. Ele está comigo aqui.

"Tia Laura," disse Mary Glynne, de repente recordando-se de alguma coisa. “Eu pensei em você no início deste ano. Você sabe em que circunstâncias?"

"É claro querido. Quando estavas na África do Sul, foste para Port Elizabeth especialmente para ires ao meu túmulo. Colocaste flores nele.”

"Sim eu fiz isso. Você disse que o Dennnis estava aí?”

“Ele está aqui e pronto para falar contigo. Remete o meu amor à tua mãe e diz-lhe que estou muito viva.”

"Olá, querida," surgiu a voz de Dennis quase imediatamente, e seguiu-se uma conversa típica de tais reuniões. Quando acabou, Red Cloud dirigiu-se à Mary Glynne.

“Veja, senhorinha,” ele disse, “o seu homem faz progresso. Desta vez ele conseguiu melhor, mas ainda está muito tenso. Mas ele vai melhorar cada vez mais; ele vai ficar cada vez melhor.”

"Red Cloud," ela disse. "Por favor, diga-me. Por que você trouxe a tia Laura para falar?

“Para uma maior prova, senhorinha. Todo mundo tinha conhecimento do seu famoso marido, até a Medi aqui. Ninguém conheceu a tia Laura - nem mesmo a Medi aqui.”

Na ocasião seguinte, Dennis Neilson-Terry disse à esposa que tinha melhorado imensamente a técnica de falar e era capaz de sustentar uma conversa quase perfeita com ela. No decurso dela, ele fez um comentário que aparentemente era irrelevante para o que elas estavam a dizer, mas teve um efeito profundamente comovente na esposa. "Eu trouxe algumas flores para ti," disse ele.

No final da sessão, Mary Glynne explicou o significado dessas palavras. Ela disse-nos que ela também participara em sessão com outra médium através de quem, alguns dias antes, ela havia recebido comunicação do Dennis. Sempre em busca de uma prova maior, mais convincente, ela pediu-lhe uma mensagem de texto, umas palavras apenas que ele iria repetir na visita seguinte que me fez.

"Eu vou dizer," prometera ele, "eu trouxe algumas flores para ti."

Emma Cunliffe-Owen foi uma das mais animadas e gentis mulheres que me tem calhado na sorte conhecer. Ela participou das minhas sessões de voz durante um longo período e seguiu com a maior atenção tudo o que aconteceu. Ela tinha dons psíquicos consideráveis que, se ela tivesse tempo e inclinação para desenvolver, poderia ter feito dela uma médium poderosa.

Houve uma ocasião em que o pai dela falou através do trompete e, ao fazê-lo, mostrou-se um daqueles comunicadores capazes de se manifestar com uma reprodução perfeita do tom de voz terreno de memória. Com um abandono animado e alegre ele tirou os nomes daqueles da família dela que se agruparam em volta dele. Havia o marido dela, Edward e o avô Charles Havia Agnes e Jenny e Dorothy; Alexandra e Henry e Frank e a pequena Clare. Para ele, era apenas uma grande festa em família. Ele falou um pouco sobre cada um, e então de repente exclamou: “E aqui está alguém que você conhece bem. Tommy Lipton vem e fala com Emma, Tommy.

Uma nova voz soou da trompete à medida que Sir Thomas Lipton, fundador da cadeia de supermercados com o seu nome e muitos vezes candidato à Copa da América nos seus iates Shamrock I até V apresentou-se.

"Estou feliz por esta oportunidade para lhe agradecer por se lembrar de mim," disse ele.

"Foi pouco."

"Foi muito." Então, dirigindo-se ao círculo em geral, ele acrescentou: “Ela decorou a carruagem na qual trouxeram o meu corpo para casa. Pano roxo, louros verdes e crisântemos amarelos.

"Você fez muito pelos outros," disse Emma Cunliffe-Owen. "Era vez que alguém fez algo por si.

"Eu fiz uma coisa por você, Sir Thomas," interpôs Hannen Swaffer com uma risada.

"Eles tiraram-me da cama para escrever o seu obituário.

"Ai sim?" veio a resposta encantada. "Bem, você pode fazer negócio de lhes dizer que eu não estou morto no final de contas."

"A Dorothy ainda está aqui, à espera." Era o pai de Emma Cunliffe-Owen a interromper essas amabilidades em nome da menina.

"Mãe, é a Dorothy," veio a voz de uma menina.

"Sim querida."

“Mãe, você tem dons psíquicos maravilhosos. Por que você não os usa?"

“Eles não estão suficientemente desenvolvidos, querida. Há tanto que é preciso saber.”

Seguiu-se uma longa troca do tipo que se espera entre mãe e filha, uma conversa sem importância para ninguém exceto os dois principais envolvidos.

Quando acabou a Sra. Cunliffe-Owen reconheceu que tinha tido uma das « noites mais gratificantes da sua vida.

Logo após os eventos que acabei de descrever, Lord Northcliffe, o fundador do *Daily Mail*, e o homem que transformou os jornais da Grã-Bretanha veio como visita do espírito. Ele recusou-se a dar o nome e, embora a sua voz fosse clara e firme, ninguém podia inicialmente acertar na sua identidade. Foi Louise Owen, sua ex-secretária quem adivinhou. Assim que ela mencionou o nome dele, Hannen Swaffer e Shaw Desmond, que estavam presentes, ambos souberam que ela estava certa.

"Senhor Northcliffe," disse Louise Owen.

"Alfred Harmsworth," corrigiu-a ele. "Não há aqui lugar para títulos."

"Eu pensei que poderia ser você," disse Desmond.

"Sendo feérico, você sem dúvida pensou," retrocou Northcliffe rapidamente.

"Que bagunça terrível em que as pessoas têm o mundo!" prosseguiu ele em tom desesperado. "Nada além de guerra e fome e futilidade. Por que vocês não podem se reunir e conseguir algo?"

"Você não mudou. Eu tive que ouvir muitas palestras suas," disse Swaffer.

"O mundo inteiro precisa unir para parar a guerra," continuou Northcliffe, ignorando a interrupção. "Este encontro de grupos rivais é um simples suicídio." Ele continuou a estender-se, incitado e seduzido periodicamente pelo Swaffer e pelo Desmond, mas sem se preocupar em responder aos seus desafios.

Um parente próximo do Cónego "Dick" Sheppard, um dos mais famosos e mais amados de todos os clérigos, visitou-me para uma sessão privada de clarividência. Ele voltou para lhe transmitir esta mensagem: "Eu não percebi que estava prestes a morrer. Eu sentei-me à minha mesa sentindo-me não mais do que cansado e quando acordei eu estava neste outro mundo. Eu sofri apenas pelo choque que a minha morte provocou naqueles que estavam ao meu redor."

Mais tarde, ele veio novamente à minha sala de sessões e dessa vez falou pela voz direta. O Dick estava chateado e a voz dele veio com grande dificuldade. Ele estava preocupado por causa de uma alegação de que ele tinha falado através de um médium numa reunião pública. Isso, disse ele, não é verdade.

Então pediu-me que uma mensagem fosse entregue à sua filha, a pedir-lhe para ir em frente com os planos das suas memórias, e a dar o nome de alguém que se opunha à sua

publicação. Ele enviou saudações carinhosas a George Lansbury, acrescentando que ele e o filho do Lansbery eram amigos inabaláveis. Ele completou o que ele tinha a dizer com as seguintes palavras:

"A bênção de Deus esteja sobre todos vocês."

Dick falou por não mais de três minutos, ainda durante o breve tempo o comando da trompete aumentasse de forma inacreditável. Ele começou hesitante, e com maior esforço do que qualquer outro espírito comunicador que o círculo poderia recordar, mas ele terminou de forma praticamente eloquente. Questionado sobre isso, Red Cloud respondeu:

"Ele estava ansioso e angustiado quando começou, mas essas coisas passaram com a transmissão da sua mensagem."

Entre as vinte pessoas presentes na minha sala de sessões de Teddington certa noite encontrava-se o conhecido geógrafo E.A. Reeves. Por mais de cinquenta anos o Sr. Reeves estivera na equipe da Royal Geographical Sociedade. Durante a maior parte desse tempo, ele foi Curador do Mapa e instrutor em levantamento para a Sociedade. Nessa qualidade ele conheceu os líderes de todas as principais expedições de descoberta para deixar as margens da Grã-Bretanha durante a primeira metade do século.

Homens como Scott, Shackleton, Fawcett e Watkins tinham sido seus amigos como, com efeito, haviam sido muitos outros exploradores e cientistas. Reeves, um frequente visitante das minhas sessões, gastou uma grande quantidade de tempo no estudo e investigação de fenómenos psíquicos, fazendo invariavelmente uma contribuição ponderada e inteligente para cada problema que surgia. Na noite especial que tenho em mente, o seu irmão, que se tinha afogado quase cinquenta anos antes, acabara de falar com ele, quando uma outra se fez soar pelo trompete.

"É o Watkins, Sr. Reeves, lembra-se de mim?"

"Gino, meu querido menino," respondeu Reeves, surpreendido pela visitante inesperada, "claro que lembro."

"Você conhece a história, espero eu. Eu fui afogado no Ártico. Eu andava à caça de focas, caí para debaixo do gelo e foi assim. Por favor diga ao Sir William eu falei consigo." (Sir William era o atual Presidente da Royal Geographical Society. Reeves conhecia a história muito bem. Gino Watkins tinha liderado uma expedição à Gronelândia, onde a sua morte ocorreu em resultado de um acidente. Como isso aconteceu não chegou a ser definitivamente estabelecido. Tudo o que se sabia era que ele havia saído sozinho na sua canoa (caiaque) e que a pequena nave havia virado.

Esse breve retorno espiritual teve uma sequência inesperada. Alguns dias depois, enquanto Reeves, andava pelo Hyde Park viu um cavalo com cavaleiro a aproximar-se dele. Quando eles chegaram até ele, Reeves notou que o cavaleiro era um homem que ele conhecera um pouco em tempos passados, um que não tinha pouca reputação como explorador do Ártico. O cavaleiro parou o cavalo e disse surpreendentemente: "Ah, Reeves, eu estava de olho aberto para consigo. Eu soube que você esteve em comunicação com Gino Watkins."

"Sim, é verdade. Mas como foi que soube?"

"Ele disse-mo ontem à noite — numa espécie de sonho, conforme suponho que você chamasse isso. O Watkins contou-lhe o que aconteceu?

"Ele disse que caíra para debaixo do gelo."

"Ah, muito provavelmente. A mesma coisa quase me aconteceu certa vez."

"Estou interessado nesse seu sonho," disse Reeves. "Você frequentemente tem sonhos assim?"

"Vez por outra. Eu vou-lhe dizer uma outra coisa. Eu soube antes de sair em casa esta manhã eu deveria encontra-lo a passear pelo Hyde Park."

"Bem, eu fico feliz por não o ter desapontado," disse Reeves com um sorriso. "Não é sempre que eu venho andar por aqui."

A história de Watkins não termina aí. Quase dois anos depois John Myers, cuja mediunidade foi responsável pelo “extra” do espírito do Edgar Wallace, tinha realizado uma sessão no British College de Ciências psíquicas. O rosto do "extra" num prato apresentava uma notável semelhança com Gino Watkins. De facto, tão forte era a semelhança que Reeves e outros a quem ele mostrou a foto não teve dúvida de que se tratava do Watkins.

Alguns meses se passaram e Reeves chegou ao meu círculo de sessões de voz direta com o filho, que tinha recentemente retornado do exterior. Durante a sessão, o filho desfrutou de uma conversa animada com o irmão defunto mais velho, agora presente, que terminou com as palavras significativas: "Diz ao pai que o Watkins conseguiu a sua fotografia.

Um dos mais intrigantes dos mistérios por resolver do mundo — não resolvido, isto é, por meio de prova material — foi a desaparecimento do famoso explorador, coronel P.H. Fawcett, numa selva América do Sul. Expedições tentaram resolver o enigma, livros foram escritos sobre ele e exploradores debateram-no, mas ninguém ainda foi capaz de avançar uma solução que atenda a todos os factos em termos de evidência material. Mas, que dizer com respeito à prova do espírito?

Aqui encontramo-nos em terreno muito mais firme — tão firme, de facto, que podemos falar com certeza onde outros podem apenas entregar-se à especulação.

Fawcett foi um homem notável. Um bom soldado, um experiente topógrafo e explorador intrépido, e também foi um místico de elevada ordem. A sua última expedição começou em 1925 quando, com o seu filho mais novo e um outro companheiro, ele penetrou no interior Brasileiro. Foi uma jornada da qual ele nunca regressou — no sentido físico. Vários exploradores afirmaram tê-lo visto, ou encontrado vestígios dele,

mas nenhuma das suas alegações resistiu a um exame minucioso. Com o passar dos anos, só podia restar uma conclusão lógica — que Fawcett e os seus companheiros tinham perecido nas florestas. Mas da data e da maneira da sua passando nenhuma evidência real foi encontrada.

E.A. Reeves encontra-se entre os muitos amigos que Fawcett deixou para trás. Os dois homens tinham muitos interesses em comum, incluiu um estudo de toda uma vida de questões psíquicas. Quando o Fawcett foi dado como desaparecido, Reeves teve a convicção crescente de que o explorador iria encontrar alguns meios de entrar em contacto com ele, muito embora os canais normais de comunicação estivessem vedados. Contudo, nenhuma mensagem chegou até ele. Eventualmente ele concluiu, tal como o mundo em geral, que tinha ouvido as últimas do seu velho amigo.

Mas então ele lembrou-se de um barómetro aneróide de bolso que o Fawcett tinha usado numa expedição anterior ao interior do Brasil, e que o desaparecido tinha deixado à sua guarda. Seria uma experiência interessante pensou ele, incluir o barómetro, sem revelar o razão, entre os objetos submetidos à minha próxima demonstração de psicometria. Alguma pista, argumentou ele, poderá ser fornecida na minha delineação. Assim, o barómetro encontrou lugar entre a coleção heterogênea de artigos que invariavelmente enchem a minha bandeja em tais ocasiões.

Na verdade, eu peguei nele. Eu não tinha, é claro, nenhuma ideia daquilo nem de onde ele tinha vindo. Devo confessar que nem sequer reconheci o que era.

Nesses momentos, a médium está menos preocupada com a natureza do um objeto do que com as suas vibrações. Pela sua forma geral e aparência dentro do seu pequeno estojo de couro eu supus que fosse um relógio de viagem. Esse erro, no entanto, não prejudicou a imagem clara que me revelou. Falei imediatamente

de uma viagem distante, de florestas fumegantes e de povos primitivos que andavam por elas nus.

Eu pude ver um homem a usar um chapéu de abas largas com um cinto ao redor da cintura, cinto esse ao qual um "relógio" semelhante estava afivelado. Eu disse que, por causa da forte força psíquica exercida, eu acreditava que o homem estava morto.

No final da minha leitura eu perguntei quem era o dono do "relógio."

"Eu sou," disse Reeves.

"O homem que o possuiu antes de si está a enviar-lhe uma mensagem," disse eu. "Ele pergunta se você se lembra da perna ferida dele e quer que você saiba que agora ele está muito bem."

"Não me lembro de ele ter ferido a perna," disse Reeves, pensativo. "Você diz que o homem está morto?"

"Eu acho que ele deve estar. As forças psíquicas são tão fortes. Quem é ele? Eu conheço-o?

"É o Coronel Fawcett."

Ao dizer que acreditava que o coronel Fawcett estivesse morto, porém, eu estava errada. Algumas semanas depois, Red Cloud estava a fazer um discurso de transe, e no final ele falou ao Reeves sobre o Fawcett. Ele disse ele que o Fawcett estava vivo. Ele disse que os poderes psíquicos do Fawcett estavam agora tão altamente desenvolvidos que ele era capaz de se entregar à projeção astral e viajar sem deixar permanentemente o corpo.

Isso, de facto, ocorrera por ocasião da primeira leitura de psicometria e explicava o facto de acreditar que ele estava morto.

As palavras de Red Cloud causaram uma grande impressão em Reeves, que tinha há muito tempo reconhecido Fawcett como um dos mais altamente desenvolvidos místicos do seu tempo, e tanto mais em particular por a mensagem que eu tinha transmitido sobre a perna ferida ter recentemente assumido algum significado. Não fizera sentido para ele na época, mas fez desde que se lembrou que o Fawcett descrevera, pouco antes de partir para a

América do Sul, como o seu cavalo havia sido derrubado para baixo dele e, ao rolar, lhe ferira os músculos da perna.

Doze meses após a Red Cloud ter feito essa divulgação, Reeves trouxe uma mulher para me ver. Seguindo a invariável prática, quando um recém-chegado era introduzido, ele não fazia menção nenhuma do nome nem da razão que tinha para me ter vindo ver. Nós os três fizemos uma sessão e eu não fiquei à espera de uma sugestão da identidade do meu visitante.

O Red Cloud imediatamente se dirigiu a ela como "a pequena senhora Fawcett." Ele disse-lhe que os dois jovens que tinham acompanhado o coronel Fawcett à América do Sul havia passado motivados por febre, mas que o marido ainda estava vivo. Ele descreveu Fawcett como "um psíquico avançado que cultivara uma grande sabedoria oculta. Homens haveriam de dar reinos em troca do conhecimento que ele agora detém."

Ele mencionou um colar que o coronel havia dado à esposa e assegurou-lhe que nada deveriam esperar ganhar (tinham-se passado agora oito anos após o início da expedição) com novas procuras pelo Fawcett. Confirmou que o homem branco que Stephan Rattin, um explorador suíço, conhecera em uma aldeia nativa dois anos antes tinha realmente sido Fawcett. Isso foi particularmente interessante porque a alegação de Rattin foi cuidadosamente investigada pelas autoridades e rejeitada.

Periodicamente durante os três anos seguintes, Reeves teve sessões privadas comigo em que o nome de Fawcett foi frequentemente mencionado. E então, a 14 de Julho de 1936, Red Cloud disse:

"Eu tenho algo a dizer agora que lhe irá interessar muito. O seu amigo Fawcett veio para o nosso lado. "Ele não fez menção da data precisa, provavelmente porque o tempo, como sabemos, não tem significado no mundo espiritual.

A história de Fawcett poderia ter terminado aí, pelo que me dizia respeito, não fora pela ação do Maurice Barbanell. Reeves

tinha mantido o Barbanell em estreito contacto com cada novo desenvolvimento e Barbanell, enquanto editor, estava profundamente interessado. Ele veio para uma sessão especial na esperança de que o Red Cloud preenchesse as lacunas existentes na estranha história de Fawcett. E, como de costume, a Red Cloud não o deixou ficar mal.

Ele descreveu a vida de Fawcett nas selvas infestadas de febres da América do Sul; como ele foi mantido prisioneiro numa aldeia tribal, assistido de forma benevolente contudo ciosamente pelos seus captores; como ele aprendeu a sua magia enquanto ele praticava e ampliava o seu próprio grande dom místico, e como de vez em quando ele estivera doente com a febre que, no fim, lhe drenou as últimas forças terrenas.

"Há quanto tempo é que ele passou?" perguntou Barbanell.

"O vosso tempo é difícil para mim," foi a resposta que o Red Cloud deu, "mas isto eu posso-te dizer. Foi na época da exibição do seu retrato."

Esta foi uma referência que nos permitiu situar no tempo a morte de Fawcett praticamente em poucos dias. No verão do ano anterior John Myers tinha experimentado como de costume a sua fotografia de espíritos e entre os "extras" tinha estado uma do Fawcett. Isso significava que Fawcett havia passado algum tempo durante o início do verão de 1935, data que, como o Barbanell já sabia, embora não fosse do meu conhecimento, tinha sido independente estabelecida ao Reeves por dois outros médiuns.

Talvez um dia todas as circunstâncias do desaparecimento de Fawcett e do seu eventual destino sejam estabelecidas a partir da evidência material a que este mundo atribui tanta importância. Se esse dia chegar, tenho certeza de que os factos serão conforme foram revelados pelo Red Cloud.

Um incidente incomum ocorreu uma noite em uma sessão de voz direta. Entre os presentes estava a Sra. Hutchinson, cuja marido e filho tinham ambos sido médicos antes de passar para o

mundo espiritual. A Sra. Hutchinson não era estranho a fenómenos psíquicos. Em várias ocasiões anteriores ela tivera uma quantidade de conversas com entes queridos seus, especialmente com o seu filho que tinha encontrado um fim prematuro numa motocicleta.

Nessa noite particular ela chegou com um pequeno pacote embrulhado em marrom papel e amarrado com fio. Ela trouxe-o para a sala de sessões e colocou-o no colo quando ela deu as mãos aos vizinhos. Durante a sessão, ela conversou novamente com o filho, embora não tenha feito qualquer menção à parcela.

A sessão terminou e, eu estava a sair do transe, quando tomei consciência de que havia algo na minha cabeça. "O que é isso?" exigi saber, e coloquei a mão para descobrir. Quando o fiz as luzes foram acesas e fui revelada envolta num belo xaile Espanhol.

A Sra. Hutchinson rapidamente olhou para o colo. Lá estava o papel castanho de embrulho dobrado exatamente como antes e mantido preso pela corda amarrada. Ela pegou no embrulho mas mostrou-se tão vazio quanto uma casca de ovo.

"Eu não entendo," disse ela. "Eu trouxe o xale como um presente para si. Eu ia-lho dar depois. Foi um presente que o meu filho me deu. Você trouxe tanta felicidade a nós os dois que eu tinha a certeza que ele iria querer que eu lho desse."

"Parece que ele antecipou a gentileza e mo deu ele próprio," disse eu.

"Esta, claro, poderia ser a única explicação. Alguém deve ter colocado o xale na minha cabeça. Nenhum dos assistentes presentes poderia ter feito isso. Além do facto de que nenhum membro responsável iria quebrar um círculo no meio de uma sessão, teria sido impossível alguém ter feito isso sem ser detetado. Todas as mãos estavam unidas e permaneceram assim durante toda a sessão, conforme foi testemunhado por todos os membros presentes.

O meu marido Charles, que era um curador maravilhoso, e tinha um ótimo registo de curas conseguidas com o seu trabalho na Casa da Red Cloud, estava intrigado com um incidente que ocorreu uma noite numa sessão de voz direta. Anteriormente, nesse mesmo dia ele tinha levado a cura a um mulher que ele vinha tratando duas vezes por semana durante muito tempo.

Recentemente a paciente mostrara grandes melhoras. Ela ficou tão feliz que ela sugeriu ao Charles que poderia ser suficiente agora vir apenas uma vez por semana, permitindo-lhe assim tratar um novo paciente. Charles respondeu que ele teria que perguntar ao Red Cloud.

Naquela noite, ao recordar esse incidente, ele disse ao Red Cloud que queria fazer uma pergunta.

"E eu vou-te dar a resposta antes que faças a pergunta," disse Red Cloud com uma risada. "A pequena senhora precisa vir apenas uma vez por semana. Há um pouco mais de evidência para ti, Zebedeu."

Zebedeu era o nome pelo qual o Red Cloud sempre se dirigia ao Charles — ele tinha os seus próprios nomes para todos os seus amigos íntimos. Ao dizer isso naquele instante, ele bateu levemente no joelho do Charles com o trompete. A prova a que ele se referiu era que ninguém além do Charles e a sua paciente tinha a menor ideia de que qualquer discussão sobre o tratamento dela já tivesse tido lugar.

"Mais, Zebedeu," continuou Red Cloud, "diz à médium que o pequeno homem McKenna virá esta noite. Ele vai trazer uma fotografia de avô dele para ela."

Essa informação foi uma surpresa completa para todos.

Terrence McKenna era neto de Sir Morrell Mackenzie, agora um dos médicos espirituais do círculo de Red Cloud, mas certa vez um ilustre membro da profissão médica. Terence não nos deu nenhum aviso da visita que pretendia fazer de modo que todos

estavam impacientes para ver se ele cumpriria com a promessa de Red Cloud.

Nós não teríamos precisado pensar. Ele chegou assim que o Charles foi atender a um membro do círculo à porta. Debaixo do braço trazia um embrulho plano, e o membro do círculo, aproveitando o momento, disse: "Eu sei o que você trás aí."

Terence, um pouco surpreendido, respondeu: "Você sabe. . . de verdade? E o que é que eu tenho aqui?

"É uma fotografia do seu avô. Você trouxe-a como um presente para a Estelle."

Durante alguns segundos, Terence ficou perplexo e disse: "Não preciso perguntar como foi que você soube. Foi o Red Cloud, é claro."

"Sim, foi o Red Cloud."

"Mas o que eu não entendo é como é que ele soube. Eu estava de saída para vir para aqui e só pensei nisso à última da hora. E só me ocorreu que a Estelle pudesse gostar."

Ele tinha razão. Fiquei encantada com ele.

Conforme já referi, Shaw Desmond era um investigador nato. Jamais ele aceitaria qualquer reclamação sem mais explicações caso isso lhe proporcionasse uma oportunidade para mais pesquisas. Ele era, pois, a pessoa ideal para verificar alguns detalhes inesperados dados sobre estranhos.

Red Cloud disse aos vinte membros de uma sessão de voz direta em minha casa que estava preocupado por um homem e uma mulher que viviam em uma pequena vila do Yorkshire em um endereço que ele deu na íntegra. Ele disse que em dias específicos o casal passava horas regulares todas as semanas em conversa privada em memória do muito amado filho. O garoto era conhecido deles por um apelido, e ele também tinha o seu próprio apelido a dar ao pai. Red Cloud deu cada um dos seus nomes. Ninguém no círculo alguma vez ouvira falar dessa gente da

aldeia. Red Cloud acrescentou que a mãe padecia de uma dolorosa doença que poderia e deveria ser curada.

"Neste momento," disse o guia, "a mulher está a escrever uma carta para o pequeno Desmond. Ela vai chegar a ele dentro de dois dias. Vai-lhe transmitir as coisas que eu lhes disse e vai pedir orientação que ele de bom grado dará."

Dois dias depois a carta chegou. O nome, endereço e os apelidos eram exatamente conforme descritos. A mulher até fez menção do problema interno do qual estava a padecer. Isso foi uma evidência surpreendente, não solicitada, que o Desmond investigou até o último detalhe e ao fazê-lo, ele foi capaz de dar a ajuda que o casal havia pedido. Eu sempre pensei que isso fosse um notável exemplo do zelo com que os chamados mortos velam pelos vivos, e os instruem sobre a melhor forma de enfrentar os problemas que os afligem, e onde procurar ajuda quando o fardo se torna demasiado grande.

Apenas três ou quatro vezes me deparei com o psíquico fenómeno conhecido como "voz independente" à luz do dia. É uma voz de espírito que não é ouvida nem através da trompete nem através da boca da médium. Emana aparentemente em pleno ar, por vezes a uma distância considerável de onde a médium está sentada. Curioso quanto baste esse fenómeno raro ocorreu em duas ocasiões distintas com a mesmo participante.

Ele era um homem chamado Sumpter que tinha vindo a uma sessão privada de clarividência. Sentámo-nos juntos em plena luz do dia. Eu fui-lhe transmitindo mensagens de espírito quando fui interrompida por uma voz forte vinda de perto do teto no canto mais distante do aposento. Atónitos, ambos ficamos em silêncio, a escutar. A voz parou tão abruptamente como tinha surgido, e o Sr. Sumpter disse-me: "Este era o meu irmão."

Nos quinze minutos seguintes, discutimos o que havíamos escutado. Eu nunca tinha tido conhecimento de um exemplo de voz independente que ocorresse à luz do dia e prontamente

concordei que ele deveria trazer a esposa na sua visita seguinte, na esperança de que pudesse repetir-se e convencê-lo de que ele não estava a ser vítima de alucinação. Eu recordei-lhe que era improvável devêssemos ter uma "repetição," mas ele estava por demais ansioso por experimentar.

Ele chegou com a esposa alguns dias depois e o padrão da sessão anterior repetiu-se como que por magia. A voz veio do mesmo canto da sala, como se fosse um ser físico a falar, e foi claramente escutada por todos os três. Embora tentássemos novamente em outras ocasiões, nunca se repetiu e essas duas instâncias ainda permanecem as minhas únicas experiências de voz independente à luz do dia.

Numa sala escura, não é tão raro. Lembro-me de uma ocasião, por exemplo, em que uma voz que emanou da região dos meus quadris e não raramente em sessões de voz direta o Red Cloud parece não se dar ao trabalho de usar a trompete. A voz dele pode por vezes ser ouvida bem longe da trompete, particularmente quando alguns espíritos inexperientes em comunicação espiritual se debate por se fazer ouvir.

CAPÍTULO TREZE
GUERRA

Em Outubro de 1938, Red Cloud fez uma das suas raras previsões em que esteve errado. Ele disse que não iria haver guerra. Foi-me muitas vezes perguntado como é que o Red Cloud poderia ter-se enganado assim, mas jamais tive dificuldade em dar o que me parece uma resposta satisfatória. De facto, a resposta pode ser vista nos próprios ensinamentos de Red Cloud.

Ele sempre ensinou que não existe tal coisa como destino, que nada nesta vida é pré-determinado. Segue-se, pois, que qualquer profecia que seja dependente das ações dos homens para o seu cumprimento deve ser uma expressão de probabilidade e

não de certeza. Não poderia ser diferente num mundo em que os eventos são moldados e remodelados pelo homem a cada dia que passa.

O homem tem total liberdade de vontade e ação. É a forma como ele usa essas liberdades que determina o curso da sua vida, da comunidade em que vive e, em última instância, o curso das nações. Nem homem nem espírito podem dizer com *certeza* que numa dada data certas coisas vão acontecer, porque o futuro depende do homem, e o exercício do seu livre arbítrio é sempre factor desconhecido. Noventa e nove vezes em cem ele sempre reagirá a um determinado conjunto de circunstâncias da mesma maneira. À centésima vez, por algum motivo, ou mesmo sem motivo nenhum, ele fará de maneira diferente.

É por ele ensinar esses princípios que o Red Cloud raramente se compromete a prever eventos futuros. Ao nos explicar isso, ele disse certa vez que podia contemplar o futuro, com toda a sua diversidade de possibilidades expostas como uma paisagem a seus pés. Ele comparou a perspetiva de estar sentado numa colina de onde ele podia olhar para o vale abaixo.

A serpentear ao longo do solo do vale ele vê uma estrada que levava a uma aldeia. A intervalos ao longo da estrada, escondido do viajante, mas visível para o Red Cloud do seu poleiro de onde tudo vê, observa muitos desvios. Olhando para baixo, Red Cloud pode ver que se o viajante se mantiver firme ao longo da estrada, ele deverá eventualmente alcança a aldeia. Mas se, parar num dos desvios, ele será levado pelas distrações que proporciona a deixar a estrada principal, e chegará a um destino inteiramente diferente.

A decisão de se desviar ou não fica inteiramente ao critério do viajante. Não há força invisível que atue sobre ele, e o obrigue ele a conformar-se a um padrão predeterminado. Preguiça, ganância, desejo de poder, qualquer de uma série de tentações, pode determinar a direção que ele toma. A decisão é dele e de

mais ninguém, nem mesmo o próprio homem pode dizer antecipadamente para onde irá com certeza.

O profeta pode, pois, basear a sua previsão apenas em probabilidades, num conhecimento dos factos e na sua cuidadosa ponderação.

Foi isso que Red Cloud fez em Outubro de 1938. Ele pode ver a direção em que a humanidade estava a seguir. Ele podia ver as tentações e os perigos. No entanto, ele acreditava que o homem se iria manter no caminho que evitaria a guerra. A escolha da direção era do homem, e ele escolheu mal. Onze meses depois, a Europa mergulhou em um caos da autoria do homem, que logo iria englobar o mundo inteiro.

Depois que a guerra foi declarada, Red Cloud disse: "Não teria havido guerra se cada um de vocês tivesse aceitado a responsabilidade que tinha aos seus ombros individualmente. A guerra veio porque o homem não pode elevar os pensamentos do abismo do medo para um reconhecimento de que a divindade reside dentro dele. Eu disse que não ia haver guerra porque não deveria ter havido guerra, e ter profetizado o contrário teria deprimido a mente do homem para o vazio mais baixo do qual não poderia haver retorno. A mente molda a matéria — não é a matéria que molda a mente. Só o homem deve trabalhar a sua salvação. Eu só posso mostrar o caminho e proponho que vocês se mantenham sempre vigilantes á porta da vossa mente."

À medida que a guerra adquiria ritmo a minha carreira psíquica continuou sem diminuir. Em 1941, casei-me com Charles Tilson Chowne. Em breve a nossa casa foi bombardeada e mudamo-nos para Oxford, onde eu realizei uma série de reuniões públicas e dei muitas sessões privadas. Voltamos a Londres após doze meses. O meu trabalho intensificou-se à medida que as listas de vítimas aumentavam e cada vez mais vítimas de guerra queriam comunicar com aqueles que tinham deixado atrás.

Entre eles, quatro jovens que haviam morrido em ação. Eles eram David White e Arthur Heath da Marinha Real e Bill Castello e Clive Wilson da Real Força Aérea. Tendo provado a sua própria sobrevivência, esses quatro jovens estavam determinados a ajudar os outros a alcançar um êxito semelhante. Por causa da sua dedicação por essa tarefa, começamos um círculo privado para comunicação de voz direta. Ele compreendia os pais dos quatro rapazes e amigos e parentes de outros comunicadores espirituais que haviam sido capazes de provar as suas identidades. As sessões eram de acesso livre para todos que comparecessem.

Uma das visitas mais ilustres desse círculo foi o Marechal da Força Aérea, Lord Dowding, chefe do Comando de Caça na Batalha da Grã-Bretanha. Ele participou pela primeira vez em Outubro de 1943 no expresso convite dos seus quatro criadores do espírito. A sessão começou pelo toque do trompete do sinal "V" em código Morse, no chão. Então uma voz de uma menina foi ouvida alegremente a dizer: "Senhoras primeiro," a sugerir que havia acirrada competição pela posse da trompete. Ela só conseguiu proferir algumas frases antes que a voz de Clive Wilson fosse ouvida a falar animadamente para os pais. Após uma breve troca, Clive pediu:

"Por favor, apresente-me ao chefe."

A introdução foi efetuada e Clive disse: "Eu estava em reconhecimento quando desci em queda livre e o meu corpo deu à costa mais tarde. Mas, como você vê, eu ainda estou muito vivo."

"É meu entendimento que você teve um apelido estranho na RAF" disse-lhe Dowding. "Diga-me como era tratado?"

"Big Feet," veio a resposta sem hesitação. "Você pode verificar isso. Olhe, senhor, os rapazes e eu queremos agradecer-lhe por transmitir mensagens do espírito onde elas vão fazer o melhor."

"É maravilhoso poder ajudar," respondeu Dowding.

Nesse momento, protestos bem-humorados de impaciência vieram da trompete enquanto outros clamavam por propriedade. Foi David White que triunfou. Ele havia terminado a sua vida terrena com a idade de vinte e dois quando o submarino *Olympus* se perdeu em Malta. Ele falou primeiro com a mãe, e deu-lhe mensagens de amor para transmitir aos membros da família.

"O pai está comigo," assegurou ele. O pai tinha passou alguns meses depois do filho.

"Ah, é bom falar!" David exclamou com um entusiasmo juvenil.

"Vocês conseguem ouvir todos?" demandou ele.

"Sim," responderam em coro os presentes.

"Isto é grandioso! Ouvi dizer que temos o Senhor Dowding connosco esta noite, e outra pessoa que não fez menos por nós, Hannen Swaffer. Eu conheci um amigo seu aqui, Sr. Swaffer. Ele é um jornalista que está aqui há não muito tempo."

"A.B. Austin," interpôs Red Cloud. "Ele foi abatido na Itália."

"Ele também era meu amigo," disse Dowding. "Ele foi correspondente de guerra na minha equipe e um excelente oficial."

"É um oficial de grande valor", corrigiu-o suavemente Red Cloud. "Atenção! Está aqui outra pessoa."

Uma voz disse: "Chamo-me Jenkins. Estás aí, pai?"

"Sim, estou aqui."

"Bem, pára de te preocupar comigo e não andes sempre a incomodar o Ministério do Ar em busca de pormenores. Eles já te disseram tudo o que sabiam. Não foi culpa de ninguém o facto de a nossa velha máquina se ter desfeito no ar. Quando se tem de usar qualquer avião que consiga voar, é inevitável que, por vezes, alguém tenha de andar a recolher os pedaços."

"Tenho um dos pedaços em casa."

"Sim, eu sei. Um bocado da cauda. Olha, pai, tenta fazer a mãe compreender que eu não estou morto. Diz-lhe que há milhares de nós aqui e que todos somos filhos de mãe. Eu estou bem, desde que ela não sofra por mim."

A voz seguinte anunciou: "Sou o Arthur Heath. Afundei-me num contratorpedeiro ao largo de Creta. Mas agora estou bem. Estive na Palestina e vi o meu irmão."

"Ele acredita na sobrevivência?", perguntou a mãe.

"Não. Mas vai aprender. Pensa que morri, mas seria difícil encontrar alguém menos 'morto'."

"Não mudaste nada", disse a mãe. "Estás tal e qual; ficas tão bem com o teu uniforme."

"Continuo a ficar bem com o meu uniforme", veio a resposta indignada.

Nesse momento, Red Cloud interveio para solicitar a ajuda dos assistentes, do que os presentes deduziram que o orador seguinte faria a sua primeira tentativa de voz direta. Houve uma pausa e depois surgiram as palavras:

"Aqui Dick Stevens. Quero falar com a minha mulher."

Tratava-se do Tenente de Voo Stevens, D.S.O., D.F.C. e barra, mais conhecido como "Cat's Eyes" e retratado num famoso quadro da National Gallery. A tela, intitulada *Retrato de um Caça-Noturno*, é de Eric Kennington. Algum tempo antes deste encontro, a Sra. Stevens tinha vindo ter comigo, em privado, para sessões de clarividência. O marido identificara-se recordando pequenos incidentes da vida doméstica e chegou a surpreendê-la com a promessa de que em breve visitaria o Palácio de Buckingham – "Vais lá buscar uma medalha por mim", dissera-lhe. E tinha razão.

Dias depois recebeu um convite para ser condecorada no Palácio com a D.S.O. que o marido ganhara pouco antes de o avião se despenhar. Até então, nada sabia da condecoração, senão pelo que ele lhe dissera através da minha mediunidade. Fiquei

muito feliz quando ela confessou um dia a uma amiga: "Acho que teria enlouquecido se não fosse o Espiritualismo. Estava em total desespero antes de conhecer a Sra. Roberts. Agora tudo é tão diferente."

Agora o marido, Dick, falava-lhe pela primeira vez em voz direta. Falou com entusiasmo da filha, Frances, que aos dois anos fora vítima indireta de um bombardeamento. A esposa mencionou o filho, John, gémeo de Frances. Stevens riu-se:

"Ele continua a rabiscar nas paredes, não continua? Não devias deixá-lo fazer isso."

"É só uma fase passageira", disse ela. "Vai-lhe passar."

"Talvez sim. Sabes, isto é maravilhoso, falar assim. Gostava de trocar umas palavras com o Marechal do Ar.

"De mim lembra-se, senhor?"

"Claro que me lembro", respondeu Dowding, e falaram de assuntos do serviço durante alguns momentos antes de uma nova voz se apoderar da trombeta.

"Lindsay aqui", disse, e a trombeta moveu-se para um oficial da R.A.F. em uniforme, sentado em círculo. "Já lá vai muito tempo desde que líamos todos aqueles livros juntos. Lembras-te de como ficávamos acordados até de madrugada a discutir a filosofia daquele par sombrio, Nietzsche e Schopenhauer? Quanta parvoíce dissemos! Esta é a verdadeira filosofia – a verdade da sobrevivência. A morte não é o fim; ela faz de ti um homem."

A trombeta moveu-se até Lord Dowding e a voz disse: "Sabe, senhor, eu era um dos tolos que acreditava que a morte era o fim. Era comunista, seguidor de Karl Marx, imagine-se! Só quando caí à água percebi quão cego tinha sido."

A voz calou-se tão abruptamente como começara e, no silêncio que se seguiu, ouviu-se a voz de Red Cloud citando as palavras: "Ninguém tem maior amor do que este: dar alguém a vida pelos seus amigos."

O quarto membro do quarteto era o Tenente de Voo Bill Castello, D.F.C. Em vida fora um entusiasta do automobilismo de competição e o seu serviço de guerra incluía incursões na Alemanha, França ocupada, Líbia, Albânia, Iraque e Grécia. No total, realizara mais de cinquenta missões operacionais, e a citação da sua D.F.C. falava de "habilidade excecional, coragem e dedicação ao dever". Quando foi dado como desaparecido após uma incursão sobre Hamburgo, os pais visitaram a sua base aérea, onde lhes entregaram um envelope com a indicação: "Por favor, envie esta carta se eu não regressar."

Era uma tocante carta de despedida, concluída com uma frase típica do autor – "Mantenham a bandeira Castello a tremular."

Pouco depois de ter sido abatido, a Sra. Castello, que se revelou ser naturalmente psíquica, viu-o entrar no quarto de casa e sentar-se numa cadeira à sua frente. Foi a sua primeira experiência de fenómenos psíquicos e, naturalmente, ficou muito impressionada. Sabia que o marido não tinha paciência para "tais fantasias", e por isso procurou uma amiga que, sem ela saber, há muito se interessava pelo Espiritualismo. A amiga ouviu a sua história e depois veio falar comigo.

Bill Castello devia estar muito determinado a contactar os pais, porque quando a amiga entrou na minha sala, ele veio com ela. Descrevi-o pormenorizadamente e disse: "Ele diz que a mãe veio ter consigo porque o viu sentado à sua frente em casa."

Antes de sair nesse dia, a amiga marcou uma consulta para que eu recebesse a Sra. Castello na semana seguinte. Porém, quem apareceu em minha casa não foi a Sra. Castello, mas sim o marido, o Coronel Castello. Pelo seu comportamento cauteloso e reservado percebi logo que não vinha de boa vontade. Disse-me que aceitara vir apenas por insistência da esposa, que fora inesperadamente internada para uma operação de urgência. Colocou-me na mão a caneta com que o filho escrevera a última carta e, em silêncio, desafiou-me a fazer o meu pior.

Sem me perturbar, peguei na caneta e logo senti as suas fortes emanações. Disse ao Coronel Castello: "O senhor tem na sua posse o diário do seu filho. Entre as páginas está prensada uma flor. Se examinar as entradas do diário nas páginas que a ladeiam, verá que se referem ao período em que o seu filho esteve colocado na Grécia. Ele diz que a flor lhe foi dada por uma velha, num dia em que admirava uns jardins perto da Acrópole.

"O seu filho era um entusiasta da mecânica. Quando a guerra começou, estava a construir um carro de desporto, de sua própria conceção, a partir de peças compradas em várias origens. Ele diz que, sem o caderno de capa vermelha onde desenhou todos os planos para montar o carro, essas peças têm pouco valor. Deve encontrar esse caderno."

Apesar de si mesmo, o Coronel Castello mostrou interesse. Admitiu logo que tinha o diário do filho e que havia lá uma flor prensada entre as páginas. Mas não pôde confirmar de imediato se as páginas diziam respeito à estadia na Grécia (o que veio a verificar-se quando conferiu em casa). Sobre a construção do carro estava, naturalmente, ao corrente, mas nada sabia da existência do caderno vermelho; procurou-o durante semanas sem sucesso. Contudo, acabou por ser precisamente esse caderno a convencê-lo da sobrevivência do espírito. Meses depois da primeira visita, o livro foi encontrado numa gaveta pouco usada. Continha de facto os planos e pormenores da montagem, tal como o filho descrevera.

A partir desse dia, tanto o Coronel como a esposa tornaram-se membros regulares do meu círculo de voz direta, onde tiveram muitas conversas com o filho. Bill parecia deleitar-se em dar provas da sua continuação, apresentando sempre novas evidências. Por exemplo, um dia disse ao pai que este, naquela manhã, fora a uma gaveta onde havia dois instrumentos de precisão em aço, pegara num e o trouxera no bolso, onde ainda se

encontrava. No fim da sessão, o Coronel Castello meteu a mão ao bolso e retirou o instrumento para todos verem.

Quase sempre, Bill terminava as mensagens aos pais com a alegre exortação com que concluíra a sua última carta: "Mantenham a bandeira Castello a tremular."

Assim foi que o Coronel Castello passou de um ceticismo rígido em relação a tudo o que fosse psíquico para a aceitação plena do Espiritualismo. Descreveu a sua convicção com estas palavras: "O Bill deu provas tão notáveis que toda a minha visão mudou. Depois de viver em muitas partes do mundo e de conviver com pessoas de todas as religiões, incluindo os chamados pagãos, coube ao Bill indicar-me o verdadeiro caminho. Quando estava na Terra, eu era o seu guia e mentor; agora é ele o meu."

Pai e filho estão novamente juntos, pois o Coronel já faleceu há alguns anos. A Sra. Castello continuou a reunir-se comigo, recebendo abundantes provas de ambos. Durante algum tempo Bill foi guia e mentor do pai, mas com os conhecimentos adquiridos o Coronel rapidamente se adaptou à sua nova vida.

Em todas estas sessões de voz direta, era regra invariável de Red Cloud que nenhum espírito que tivesse sido figura pública em vida pudesse falar, exceto a um amigo pessoal presente no círculo. Foi, portanto, com alguma surpresa que os assistentes ouviram Red Cloud anunciar certa noite:

"Atenção! Temos aqui um visitante que nunca esteve presente e que nenhum de vós conhece pessoalmente esta noite."

Seguiu-se uma voz juvenil, que se fez ouvir com dificuldade pela trombeta: "Olá! Conseguem ouvir-me? Sou o 'Cobber' Kain."

Todos os presentes sabiam quem era "Cobber" Kain. Desde os primeiros dias da guerra, este jovem neozelandês voava com a R.A.F. e, ao abater muitas máquinas alemãs, tornara-se um dos grandes ases. Tragicamente, na véspera de um merecido período de descanso, caiu vítima de um acidente de aviação.

"Estamos a ouvir-te, Cobber", respondeu em coro o círculo.

"Segrave trouxe-me. Disse-me que conseguiria comunicar aqui. Quero enviar uma mensagem à minha mãe e à minha noiva. Digam-lhes que voltei, que lhes envio o meu amor e que estou muito bem."

A trombeta voltou ao chão. Iris estava curiosa para saber porque é que Red Cloud tinha permitido que aquele famoso aviador falasse ao círculo, quando nenhum dos seus amigos estava presente.

"Porque foi um cavalheiro muito valente", respondeu Red Cloud. "E porque estava tão ansioso por enviar a sua mensagem de amor."

A mensagem foi prontamente transmitida e recebida com gratidão.

Uma das grandes crueldades da guerra eram as horas de agonia – que muitas vezes se estendiam por dias, semanas e meses – que tinham de ser suportadas pelos que ficavam em casa quando alguém querido era dado como desaparecido. Presenciei muito desta faceta da ansiedade humana porque tantos pais e esposas, incapazes de aguentar a angústia de esperar pelas notícias oficiais, vinham procurar-me em busca da ajuda que esperavam que eu lhes pudesse dar.

Uma vez, uma jovem doce veio ver-me acompanhada de um repórter de jornal. Não me disseram o nome dela, nem nada do seu passado. Nada no seu vestuário – nem luto, nem insígnia, nem distintivo militar – podia dar qualquer pista sobre a razão da sua visita. Fora claramente instruída para nada deixar transparecer durante as conversas preliminares, pois a maior parte do tempo não falou, apenas acenava com a cabeça.

Quando nos sentámos os três, entregou-me um pequeno embrulho que, como depois contou, continha uma das gravatas civis do marido. As emanações eram fortes, inundando a minha mente com uma sucessão de impressões variáveis que não eram

visuais nem audíveis, físicas nem psicológicas, mas que eu tinha a certeza de serem corretas.

"Capto as iniciais B.N.", disse eu. "Agora capto o nome Nicholls. É o seu marido. A senhora é a Sra. Nicholls. Agora surge outro nome. É Nicky. Ele está a chamá-la de Nicky."

"Então tem de ser verdade", murmurou a visitante, como se falasse consigo mesma. "Ele está mesmo morto."

"Foi num navio, em Dunquerque", disse-lhe. "O navio foi afundado por uma bomba e ele foi um dos muitos que não conseguiram chegar aos botes. Há mais uma coisa – uma velha debilidade do seu marido. Ele andava com um pé ligeiramente virado para dentro, consequência de uma lesão de futebol. Ontem à noite falou com ele; disse em voz alta: 'Buddy, se estás mesmo morto, vem amanhã e prova-o'."

"Sim", respondeu ela em lágrimas. "Ontem à noite, ao deitar-me, usei essas palavras como uma espécie de oração."

"As outras provas estão corretas?", perguntei.

"Que eu saiba, absolutamente. Eu chamava-o Buddy e para ele eu era sempre a Nicky."

"Há uma mensagem", acrescentei. "Ele diz: 'Não fiques infeliz.' Voltará a manifestar-se em espírito."

"Vou tentar não sofrer. Agora será mais fácil, porque sei. O pior era não saber."

Outro caso de um homem dado como "desaparecido, presumivelmente morto" foi o de um jovem aviador, filho de fervorosos espiritualistas. Assim que receberam a notificação oficial, os pais vieram pedir-me que tentasse obter informações do mundo espiritual. Sem dificuldade estabeleci contacto com a filha deles e outros membros da família já falecidos, mas todos declararam não ter visto o rapaz desaparecido. Sabiam que o avião caíra ao mar, mas desde o momento em que tocara na água tinham perdido todo o contacto com ele.

Era, obviamente, um problema para Red Cloud, que o aceitou com o seu habitual bom humor imperturbável. Explicou que o jovem provavelmente estava perdido entre os dois mundos e prometeu "baixar a sua própria vibração" e ir procurá-lo. Foi marcada nova sessão com os pais dois dias depois e, logo no início, Red Cloud disse que queria servir-se de mim em transe. Assim fiz, e ele explicou aos pais o que acontecera após o acidente. Aparentemente, o filho não percebera que tinha "morrido" e regressara em forma espiritual à sua base, com toda a intenção de continuar as suas funções.

Quando Red Cloud conseguiu comunicar com ele, recusou-se a partir, convencido de que ainda podia trabalhar no aeródromo. Só à força de muita persuasão, e mediante a promessa de que poderia falar com os pais, acabou por ceder.

Ao sair do transe e ser informado do que acontecera, observei ser curioso que logo um filho de espiritualistas fosse, de todos, quem se encontrasse preso à Terra. Os pais concordaram, dizendo que talvez isso se devesse ao facto de o rapaz ser o único membro da família que rejeitava o Espiritualismo.

Mais tarde, assistido por Red Cloud numa sessão de voz direta, o jovem falou pela trombeta e deu provas conclusivas da sua existência no mundo espiritual, referindo-se a documentos que deixara na Terra e mostrando saber como os pais os estavam a tratar.

As nossas sessões de voz direta durante a guerra distinguiam-se pela juventude da maioria das vozes que se ouviam através da trombeta. Só em poucas ocasiões os pais ou amigos conseguiam identificar inequivocamente a voz pela sua qualidade individual, mas quase sempre se reconhecia o sotaque característico. Os tons suaves e cultos de Stephen Cohen, por exemplo, eram bem distintos. Stephen falecera num hospital na Índia e, ao falar com a mãe, lamentava que tivesse sido um "bicho" a pôr fim à sua vida

terrena. "Não é uma maneira muito militar de morrer", concluiu, algo contrariado.

O sotaque irlandês de Michael Hughes era inconfundível quando, a brincar, ralhou com a mãe por insistir em pentear-lhe o cabelo muito depois de ele já o poder fazer sozinho. E depois havia o sotaque do Norte de Stanley Burgess, um jovem soldado de vinte e três anos, dado como desaparecido em 1941. Não havia fama nem glamour associado a Stanley, mas, como milhares de outros homens valentes, deu tudo o que tinha ao serviço do seu país.

As circunstâncias da sua apresentação ao nosso círculo não foram muito diferentes das de Bessy Manning, anos antes. Era dezembro de 1943, quando Red Cloud disse numa sessão de voz direta:

"Tenho aqui um jovem cujos pais e amigos não estão presentes. Ele quer chegar até à mãe. Pede a vossa ajuda porque ela não é uma mulher rica e não pode viajar a distância que a separa deste círculo. Atenção!"

Houve uma breve pausa e depois ouviu-se uma voz sair da trombeta:

"Sou Stanley Burgess. Caí em Creta. A minha mãe chora e chora. Ela lê o vosso jornal e eu ouço-a implorar-me: 'Tenta comunicar.' Eu tentei, mas não consigo chegar até ela. Quero que saiba que estou bem e a ajudar o meu irmão na Marinha."

Maurice Barbanell, editor do jornal *Spiritualist* referido pelo espírito, interveio:

"Vamos ajudar-te, mas tens de nos dizer onde vive a tua mãe."

A resposta surgiu com dificuldade: "O endereço é Grange Road, Rudheath, R-U-D-H-E-A-T-H." A mensagem interrompeu-se enquanto Stanley pedia auxílio. Depois prosseguiu: "Northwich, Cheshire. Digam-lhe para não estar triste. Digam-lhe que serei feliz se ela for. Muito obrigado a todos."

Na manhã seguinte, Barbanell enviou um telegrama à Sra. Burgess, resumindo os factos e dizendo-lhe que escreveria com mais pormenores. Recebeu um telegrama de resposta e, alguns dias depois, uma longa carta a confirmar as informações que o filho nos dera.

"Não consigo exprimir o que sinto", escreveu ela.

"É simplesmente maravilhoso. A espera foi horrível, mas o peso saiu de cima de mim. Ele deve ter-me visto a chorar e a falar com a sua fotografia. Éramos tudo um para o outro e rezei sem cessar para ser esclarecida sobre onde ele estaria. Agora que sei que partiu, não sofrerei mais. Quero apenas que ele seja feliz."

Ao receber a carta, Barbanell tratou generosamente de levar a Sra. Burgess a Londres. Trouxe-a até mim, e Stanley falou-lhe em voz direta. O seu sotaque era bem do Norte.

"Mamã, é maravilhoso falar contigo", disse. "Agora vês que eu não morri. Nenhum de nós morre." Continuou a contar-lhe como tinha partido, não com descrição dolorosa, mas de forma alegre, como se fosse uma história de família.

Quando tudo terminou, a Sra. Burgess disse: "Nunca esquecerei isto enquanto viver. Hoje será sempre uma das memórias mais felizes da minha vida."

Uma das grandes figuras da guerra visitou-nos em espírito quando um homem desconhecido veio ao meu gabinete e colocou-me nas mãos um cachimbo muito usado. Disse eu:

"As vibrações deste cachimbo são fortes e reveladoras. O homem a quem pertenceu passou de repente e inesperadamente para o Outro Lado. Envia uma mensagem. Diz: 'Estamos juntos. Não sofram por nós. Quando o fim chegou, foi rápido assim (estalei os dedos). Ouvimo-lo chegar, mas não o sentimos. Estamos gratos por estarmos juntos.'"

Seguiu-se alguma evidência pessoal que me revelou que o visitante era filho do espírito comunicador. Perguntei ao filho: "Porque é que ele me mostra uma montanha?" Mas antes que

pudesse responder, eu próprio percebi: "Estava num avião", disse. "Despenhou-se contra a encosta da montanha. Ele levava a tua mãe consigo. Não dá o nome, mas penso que era um homem conhecido. A próxima mensagem é para mim. É para dizer que em vida experimentou um pouco o Espiritualismo. Dirige-se de novo a ti. Quer que saibas que ele e a tua mãe tentaram comunicar contigo, mas falharam."

"Como tentaram?", perguntou o filho.

"Ao bater", respondi, "batendo no aldraba da tua porta."

"Quando?"

"Um ou dois dias após a morte."

O visitante acenou. "Houve de facto tal bater", concordou. "Vivo num apartamento e, pouco antes de o jornal publicar a notícia da morte deles, houve um bater contínuo à minha porta. Fui ver quem era, mas não estava ninguém. Dizem para onde iam no avião?"

"Iam assumir novas funções. Um novo posto no estrangeiro. Agora há uma mensagem para Lord Dowding. É para lhe dizer que o teu pai falará com ele em voz direta em breve."

"Transmitirei a mensagem."

"Aqui está uma mensagem da tua mãe. Ela diz: 'Dá o meu amor à minha menina. No aniversário da nossa partida, viremos falar novamente.'"

Quando a sessão terminou, fiquei a saber pelo visitante quem era. Era Thomas Leigh-Mallory, filho do Marechal do Ar Sir Trafford Leigh-Mallory, Comandante-Chefe das Forças Aéreas Expedicionárias Aliadas sob o comando do General Eisenhower, na campanha da Normandia. Mais tarde, fora nomeado para dirigir as Forças Aéreas Aliadas no Sudeste Asiático, sob o comando do Almirante Lord Louis Mountbatten, e voava para a Índia para assumir o cargo quando o seu avião se despenhou numa montanha nos Alpes franceses. Interessou-me particularmente a referência de Sir Trafford às suas próprias

experiências com o Espiritualismo, e foi-me dito que, vinte anos antes, recorrera a um médium para tentar comunicar com o irmão, perdido numa tempestade de neve durante uma tentativa de escalar o Evereste.

Thomas Leigh-Mallory publicou um relato da sua sessão comigo, que resumiu nas palavras: "Estou convencido de que a sobrevivência após a morte é um facto consumado e não uma falácia como tanta gente acredita... Tive as provas mais claras de que eles (os seus pais) continuam a viver no Outro Lado e são hoje os mesmos que eu conhecia então." Houve muitas, muitas ocasiões, na minha longa carreira de médium, que provaram que continuamos a viver depois de atravessar o véu da morte. Ao escrever um livro desta natureza, a dificuldade está em saber quais dessas ocasiões incluir e quais deixar de fora, porque todas ilustram esta verdade eterna.

Há uma que não posso omitir, porém, porque, para além das provas inegáveis que oferece, descreve a sequência dos acontecimentos muito melhor do que quaisquer palavras minhas poderiam fazê-lo. Pela autorização para usar este relato independente, estou em dívida para com a conhecida escritora Barbara Cartland, que há pouco tempo escreveu uma encantadora biografia intitulada "Polly - Minha Mãe Maravilhosa". Nesse livro, descreve uma visita que a mãe fez a mim, em Esher, durante a guerra. Lembro-me bem da ocasião, embora então não soubesse quem era a minha visitante.

Olhando para trás, percebo quão triste e trágico deve ter sido esse momento para "Polly". O seu filho, Ronald, um jovem brilhante, com uma distinta carreira parlamentar pela frente, tinha sido morto em ação pouco tempo antes. Entretanto, o seu filho mais novo, Tony, fora dado como desaparecido. Havia, contudo, razão para acreditar que Tony não tinha sido morto, mas era prisioneiro de guerra e, como mãe, Polly aferrava-se heroicamente a essa esperança.

Estas foram as circunstâncias que levaram Polly a visitar-me. Para os pormenores da nossa sessão, cito o próprio relato de Barbara Cartland: Havia ainda nenhuma notícia de Tony. Polly tinha escrito a todos os homens de Lincolnshire que eram prisioneiros; estava em contacto constante com a Cruz Vermelha; e Jim Thomas, no Ministério da Guerra, fazia tudo o que era possível — mas nada conseguiam apurar de definitivo. Havia ainda esperança — na verdade, vários homens escreveram dizendo que tinham ouvido que o capitão Cartland fora feito prisioneiro. Talvez — pensou Polly — ele estivesse ferido, demasiado doente para escrever. Ficava acordada à noite a ouvir o rugido dos aviões alemães por cima e a torturar-se com visões de Tony no hospital, Tony a ser maltratado, Tony infeliz e com dores. Barbara implorou-lhe que fosse ver uma clarividente. Ela própria fora a uma médium que estava absolutamente certa de que Tony estava no "plano terreno", como ela dizia. "Ela diz que ele está num hospital alemão", contou Barbara. "Mas vai tu também a uma. Contigo será muito mais claro, porque és a mãe dele."

Polly deixou-se persuadir e marcou uma consulta com Estelle Roberts, a famosa médium que tinha espantado muitos céticos com os seus poderes extraordinários. Vivia em Esher. Polly não deu o seu próprio nome — marcou a consulta como Sra. Hamilton. Estelle Roberts recebeu-a numa sala de estar agradavelmente decorada e cheia de flores, com janelas para o jardim. Sentaram-se em poltronas, uma em frente da outra, e falaram um momento sobre o tempo e a viagem desde Londres. De repente, a Sra. Roberts disse:

"A senhora veio consultar-me por causa dos seus filhos — eles estão os dois aqui ao meu lado."

"Não ambos", apressou-se Polly, "Um é prisioneiro."

Estelle Roberts abanou a cabeça. "Não, eles estão juntos. O mais novo — traz uma flor na lapela — diz-me que foi morto no

dia antes do irmão. Agora estão os dois a falar ao mesmo tempo; têm tanto que querem dizer-lhe."

Mas Polly não quis ouvir. Não podia ser verdade que Tony estivesse morto — toda a gente tinha a certeza de que era prisioneiro. A Sra. Roberts enganara-se! Fora estúpido ter ido. Voltou para casa — zangada por ter perdido tempo a ir a Esher e, ao mesmo tempo, muito deprimida. Em Littlewood havia tantas coisinhas que era preciso fazer e que a feriam quase insuportavelmente.

As roupas de Ronald para arrumar — os fatos pretos com uma risca branca que ele usava sempre na Câmara; o casaco de tweed com que trabalhava no jardim em Littlewood; os sapatos — sempre tão bem engraxados porque era ele que os lustrava. Havia também o carro dele. Era preto e branco, porque ele achava boa ideia ser distinto na sua circunscrição. As pessoas podiam reconhecê-lo e saber que ele estava entre elas quando passava a conduzir pelas ruas. Ronald tinha tanto orgulho no seu Austin, mas agora tinha de ser vendido. Polly pagou para o mandar pintar de outra cor antes de o deixar ir.

Durante toda a vida, Polly guardara fotografias e álbuns de recortes. Para cada um dos filhos mantinha um livro separado e, quando Ronald e Barbara ficaram conhecidos e passaram a ter tantos recortes de jornal, ela mantinha-se ocupada a colá-los. Logo a seguir a Dunquerque, acrescentara outro livro à sua coleção. Se Ronald fosse prisioneiro, não poderia ver os jornais e odiaria, quando regressasse, estar desenquadrado de tudo o que acontecera durante a guerra, tanto no que respeita aos combates como ao Parlamento. Todos os dias, por mais atarefada que estivesse, Polly recortava as principais notícias e colocava-as no seu "Livro da Guerra". Agora que Ronald fora morto, continuou a fazê-lo por Tony; mas em 7 de fevereiro de 1942, os recortes terminaram abruptamente. Já não havia esperança!

Jim Thomas soubera, pela Embaixada dos Estados Unidos, que Tony estava sepultado em Zuidschote, a norte de Ypres, e uma carta de um prisioneiro de guerra forneceu os detalhes finais da sua morte. Deixado a sustentar a trincheira de retaguarda, foi cercado e parte da sua companhia foi morta.

O oficial alemão pediu aos sobreviventes que se rendessem — a resposta de Tony foi agarrar numa arma automática e abrir fogo rápido. Ficou ferido e foi novamente instado a render-se. Respondeu: "Lutarei até ao último homem e à última bala." Continuou a disparar com uma espingarda automática. Morreu pouco depois. Estelle Roberts tinha razão — Tony fora morto a 29 de maio, no dia antes de Ronald. Cinquenta Anos como Médium 173

CAPÍTULO CATORZE
O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

Nas páginas que leu, tentei dar um retrato da vida de uma médium em atividade. Pelas razões que já expliquei — porque não tenho recordação do que se passa durante as sessões de transe e porque, deliberadamente, procuro apagar da mente aquilo que transmito depois de sessões de clarividência ou de psicometria e de mensagens pessoais que retransmiti — relativamente pouco do que escrevi se funda apenas na memória. Sou, porém, afortunada por possuir um vasto conjunto de reportagens de jornais, artigos de revistas e maços de correspondência privada, tratando em detalhe muitas das minhas experiências e casos psíquicos. Foi a esse material que recorri ao escrever este livro.

Não foi fácil decidir que casos incluir e quais omitir. A minha primeira ideia foi selecionar apenas os exemplos mais notáveis, onde e quando quer que tivessem ocorrido. Suponho que fosse uma inclinação natural. Depois, recordaram-me que o Espiritualismo, aos olhos do público em geral, é, no mínimo, um

tema polémico e que o leigo curioso — e, mais particularmente, o cético renitente — ficaria satisfeito com pouco menos do que prova positiva de cada afirmação que eu fizesse. Refletindo, pareceu-me que essa exigência de prova não era irrazoável. Afinal, por que razão deveria esperar que alguém aceitasse sem contestação as minhas garantias pessoais, por mais honestas e sinceras que fossem?

Por isso dei preferência, na minha seleção, aos casos em que os factos foram atestados por pessoas oriundas de todas as profissões, ocupações e de diferentes estratos da sociedade — em suma, uma amostra transversal da humanidade. Por essa razão, muitos dos episódios descritos devem a sua inclusão tanto aos nomes e à integridade das testemunhas como a qualquer coisa de especialmente fora do comum nos fenómenos que ocorreram.

Do mesmo modo, introduzi uma série de episódios marcantes cujos detalhes foram descritos na imprensa nacional e na imprensa psíquica no momento em que aconteceram, muitos deles vindo posteriormente a figurar nos livros de outros autores. Em alguns casos usei esses relatos apenas em parte. Noutros reproduzi-os exatamente como foram impressos, porque o testemunho escrito da testemunha independente não deve ser descartado levianamente.

É com esta nota sobre a testemunha independente que proponho encerrar estas páginas. Há alguns anos foi publicado um livro intitulado "Porque Acredito em Red Cloud". Consistia numa série de breves ensaios de pessoas de todos os quadrantes da vida. Um dos capítulos foi escrito pelo Dr. A. G. Thompson, M.B., B.Ch. Reproduzo aqui parte dele, não porque faça um apelo inflamado, mas porque as suas frases ponderadas e racionais apresentam o caso do Espiritualismo com clareza e reverência. Serve ainda outro propósito: dar "o outro lado da história" — não o Espiritualismo visto pelos olhos de uma médium, mas pelos

olhos atentos de um membro de um dos meus próprios círculos. Eis o relato do Dr. Thompson:

"O meu primeiro encontro com a Sra. Estelle Roberts deu-se há alguns anos, quando lhe fiz uma visita profissional à casa. Posteriormente, tive várias conversas muito interessantes com ela sobre os espíritos que dizia ver. Como médico, naturalmente, não é raro deparar com pessoas vítimas de alucinações. Sem dúvida que deveria ter suspeitado logo de algum transtorno mental. Nenhuma tal ideia, porém, me ocorreu. A Sra. Roberts era uma pessoa demasiado sensata e equilibrada, e nem um pouco perturbada pelas suas visões, que tomava como algo natural. Depressa comecei a perceber que tivera a boa sorte de encontrar, pela primeira vez na vida, uma dessas pessoas estranhas chamadas médiuns, de quem tantas vezes lera em livros de investigação psíquica e afins.

"Vendo o meu genuíno interesse, a Sra. Roberts teve a amabilidade de me convidar para algumas sessões com outra médium, nas quais tive oportunidade de observar fenómenos físicos muito notáveis. Mais tarde, informou-me de que o seu guia, Red Cloud, dera permissão para eu assistir a um dos seus círculos de voz direta. Naturalmente, aceitei de imediato e, desde então, assisti a muitas dessas sessões de voz direta, bem como a outras de natureza diferente. Estas outras sessões são, em traços gerais, de dois tipos. Em ambas, a médium entra em transe e Red Cloud fala através dela, não sendo necessária a escuridão. Numas, o consulente está a sós com Red Cloud, que com ele conversa e traz parentes e amigos para comunicar; noutras, Red Cloud profere discursos perante uma audiência reunida.

"Nas sessões de voz direta, os assistentes dispõem-se em semicírculo, com a médium reclinada numa poltrona. Uma trombeta de alumínio, decorada com manchas de tinta luminosa, é colocada no centro. Após uma oração inicial, apagam-se as luzes; a sala fica assim totalmente às escuras, não se vendo senão as

manchas luminosas na trombeta. Canta-se um hino, durante o qual a médium entra em transe. Pouco depois, a trombeta começa a mover-se — tocando vários membros do círculo. Muito em breve, ouve-se a voz de Red Cloud sair da trombeta, cumprimentando os presentes. É normalmente o momento de cessar o canto e ligar o gramofone para o resto da sessão. Entre os diversos pequenos requisitos para uma boa sessão está um disco de gramofone. Um trecho de 'Rose Marie', tocado com uma agulha especialmente macia, revelou ser o melhor. Assim, as vozes que se manifestam podem ouvir-se com facilidade. Depois de Red Cloud saudar os assistentes e conversar por alguns instantes, exclama: 'Atenção!' Isto significa que vai fazer com que outra pessoa fale através da trombeta."

Outra voz ouve-se em breve, geralmente chamando um nome. Os assistentes são advertidos antes da sessão para não revelarem provas, pelo que se encoraja a voz a fornecer mais pormenores até que o amigo ou parente a quem veio se tornar reconhecível. Muitas vezes, porém, sobretudo se já se manifestaram antes, as vozes não precisam de tal encorajamento e cumprimentam os seus amigos sem demora. As vozes são de todos os tipos, desde as capazes de um sussurro alto e de algumas frases fragmentárias, até outras cheias de tom e caráter e capazes de conversar com bastante facilidade.

Quanto às minhas experiências pessoais: Em alguns dos círculos de voz direta manifestaram-se vários parentes cuja existência, tanto quanto sei e acredito, a médium não poderia possivelmente conhecer, e de várias pequenas maneiras provaram-me a sua identidade. Numa sessão de transe, uma irmã, falecida há mais de vinte anos, foi trazida até mim por Red Cloud. Deu o seu nome completo e muitos outros pormenores, e referiu-se a uma irmã viva de uma maneira que lhe era absolutamente peculiar. Mencionou um livro dela que disse estar na minha posse, cuja existência eu não tinha consciência. Ao chegar a casa

depois da sessão, encontrei o livro como descrito, após longa busca.

A minha própria crença na realidade da voz direta funda-se não só nas minhas experiências pessoais, mas na evidência cumulativa fornecida pelos outros assistentes — muitas vezes recém-chegados e desconhecidos de todos, incluindo da médium — que vêm ao círculo e com quem depois se comparam notas. Os seus parentes e amigos manifestam-se, dando muitas vezes provas da sua identidade de modo notável e muito específico. Ouvi todo o tipo de vozes — algumas falando no tom e maneira de pessoas bem-educadas, e outras que não respeitavam as suas aspirações e as regras da gramática. Outras, ainda, possuíam sotaques marcados escoceses ou irlandeses.

Ouvi um participante escocês trocar recordações da guerra com antigos camaradas nas trincheiras, lembrando-o o camarada de "o que aconteceu ao velho Ginger, o homem do pescoço comprido" e de "como engraxaram as botas do General!" Tudo isto em escocês cerrado.

Ouvi as vozes de idosos e de crianças, e também de figuras públicas bem conhecidas, já falecidas, a conversar em tons distintivos com os seus amigos no círculo. A explicação popular destes acontecimentos como sendo devidos a fraude por parte da médium e credulidade por parte dos assistentes é manifestamente um disparate. Implicaria a capacidade da médium, ou de eventuais cúmplices, de ver no escuro — de conseguir representar todo o tipo de personagens e fazer ventriloquia no escuro — e, ao mesmo tempo, possuir uma memória prodigiosa para nomes e factos que teriam de ser recolhidos por uma espécie de superagência de detetives, cuja despesa só seria equiparada ao montante de chantagem pago às pessoas de quem se obtivesse a informação. Mesmo isso não explicaria os fenómenos, pois muitos dos factos seriam simplesmente inacessíveis.

Passarei a algo talvez um pouco mais razoável; isto é, às ideias daqueles críticos — alguns deles homens de elevada estatura científica — que, aceitando os factos, invocam as benditas palavras "telepatia, criptaestesia e prosopopeia" para os explicar. Grosso modo, a sua teoria é que o inconsciente da médium pode fracionar-se em qualquer número de personalidades secundárias, cada uma desempenhando o seu papel e extraindo o seu conhecimento não apenas dos assistentes no círculo, mas do que se pode descrever como uma espécie de consciência cósmica impessoal, na qual, enquanto as personalidades desaparecem, os seus pensamentos e memórias persistem.

Estaria fora do âmbito deste capítulo desenvolver estas teorias e criticá-las em detalhe. De qualquer modo, os seus autores não seguem o caminho fácil, trilhado por tantos homens de ciência contemporâneos, de ignorar factos que não se encaixam no seu esquema particular. Mas devo assinalar que, em primeiro lugar, não temos prova de que o inconsciente de qualquer indivíduo possa ser estendido da forma espantosa que seria necessária e, em segundo, que não temos conhecimento de qualquer forma de consciência em que a personalidade não tenha parte.

Para quem teve oportunidade de observar os fenómenos da voz direta em muitas ocasiões, estas teorias parecem tão pouco convincentes quanto fantásticas. Os assistentes, especialmente os recém-chegados ao círculo, não estão predispostos a ser excessivamente crédulos. São gente comum, cuja atitude tende a ser mais crítica do que o contrário. Parece inconcebível que uma mãe pudesse ser tão fácil e invariavelmente enganada quanto à identidade do filho, ou um marido quanto à da esposa, por quaisquer dessas personificações.

Estas hipóteses falham também em cobrir muitos outros factos super-físicos bem verificados. Pessoalmente, sinto que não há outra explicação para os fenómenos da voz direta senão a

aceitação simples e direta da visão de que o guia espiritual é aquilo que afirma ser, e as vozes são aquilo que afirmam ser.

É perfeitamente verdade, como disse um orador na rádio no outro dia, "quando as pessoas se reúnem em círculos comuns no escuro, não podem realmente observar o que se passa", mas é o conteúdo das mensagens que é o cerne da questão, não a elevação sobrenormal da trombeta ou o modo de produção das vozes.

Quanto à elevação sobrenormal da trombeta, qualquer pessoa que tenha estudado a evidência sabe que a telecinesia (o movimento sobrenormal de objetos) e a materialização são factos já não passíveis de refutação. As cuidadosas experiências científicas realizadas com médiuns físicos como Rudi Scheider e Kluski não deixam margem para dúvida. Ora, nestes círculos de voz direta, Red Cloud diz-nos que a trombeta é movida por meio de uma haste ectoplásmica e que as vozes são produzidas dentro da trombeta. Pessoalmente, estou disposto a aceitar as suas declarações. Seria imprudente arriscar possível dano à médium tentando investigar demasiado de perto.

O mais perto que estive de uma confirmação direta foi numa ocasião em que a médium sofria de uma tosse muito distintiva e facilmente reconhecível. Eu estava sentado perto dela e podia ouvi-la tossir ao mesmo tempo que uma voz falava a uns dois metros e meio dela, tanto quanto pude julgar.

Claro que o círculo de voz de Red Cloud é apenas um entre vários em que ocorrem fenómenos semelhantes. De todo o mundo chegam relatos de acontecimentos desta ordem. Publicam-se constantemente livros novos sobre o assunto, relatando experiências pessoais. Os factos já não podem ser negados e são agora admitidos por um número considerável de homens de ciência que procuram explicá-los nas linhas que mencionei. Não posso deixar de pensar que os que sustentam estas teorias não tiveram oportunidades suficientes de observar os fenómenos no seu melhor. Médiuns de primeira grandeza são extremamente

raros e tendem a limitar a sua atividade às pessoas que se mostram propensas a ser amistosas e que realmente precisam deles, evitando a atitude possivelmente hostil do investigador científico — atitude que, por si só, pode inibir os fenómenos.

A este respeito, é interessante notar quão facilmente um círculo se perturba se a atmosfera estiver de algum modo tensa. Red Cloud exorta-nos sempre, durante as sessões, a não ficarmos tensos. De facto, muitas vezes usa uma pequena dança com a trombeta em vez de nos dizer isto, e os assistentes experientes sabem o que ele quer dizer. Uma atmosfera demasiado emocional, seja hostil seja o contrário, também parece prejudicar a facilidade com que as comunicações podem ser efetuadas.

Além disso, não convém pressionar por informação, pois isso parece travar a força. Por exemplo, ouvi uma esposa algo cética exigir repetidamente ao marido — que até então dera boas provas da sua identidade — que lhe dissesse o nome carinhoso por que a tratava. O comunicador começou a falhar na fala e a trombeta caiu. Foi-lhe dito para não ser tão insistente. Mais tarde, quando a conversa reatou, o marido chamou-a exatamente pelo nome que ela queria.

É claro que este incidente poderia muito bem ser explicado por telepatia, mas o ponto que quero deixar claro é que, para obter bons resultados, é melhor deixar as vozes apresentarem as suas próprias provas à sua maneira. Para isso, a conversa deve ser natural e o seu fio não deve ser abruptamente quebrado por exigências ou perguntas súbitas.

Há que lembrar a condição em que se supõe estarem estas entidades — um estado super-físico do qual as suas vibrações são "sintonizadas em baixo" para lhes permitir comunicar connosco na Terra. Um dos meus próprios parentes, manifestando-se pela primeira vez, disse-me que sentia como "tomar uma dose do teu éter" e, quando questionado sobre o que queria dizer, respondeu: "O teu medicamento, claro."

Muitos dos comunicadores ficam muito excitados quando vêm pela primeira vez. É fácil compreender quão difícil deve ser para eles, no seu estado confuso, conseguir responder a todas as perguntas que lhes são atiradas por um assistente irresponsável. Sabemos, nós próprios, como é fácil, na vida quotidiana, quando de repente nos pedem um nome ou um facto normalmente familiar, que este se revele temporariamente inacessível. A mim parece-me surpreendente que, em tais condições difíceis, provas tão maravilhosas da sobrevivência da personalidade após a morte possam ser — e sejam — dadas.

Quando a Sra. Roberts entra em transe, a sua própria personalidade simplesmente desaparece e a de Red Cloud toma o seu lugar. A personalidade de Red Cloud é muito vincada. É dominador e, ao mesmo tempo, uma figura muito atraente. Não só assume a condução dos trabalhos nos círculos de voz, falando e comentando entre as vozes de forma muito inteligente e muitas vezes bem-humorada, como, nas ocasiões em que fala através da médium em transe, profere alocuções sobre todo o tipo de assuntos.

Nessas reuniões não há escuridão; as luzes só são baixadas durante os poucos minutos em que a médium entra em transe e novamente quando dele sai. O entrar em transe é um processo interessante de observar. A Sra. Roberts reclina-se numa poltrona, pondo-se o mais confortável possível, fecha os olhos e começa em breve a respirar ruidosamente. Passados alguns minutos, endireita-se de repente. A expressão do rosto mudou por completo. A cabeça fica inclinada para a frente e os olhos continuam fechados. Red Cloud está aqui. Profere uma ou duas palavras numa língua estranha e saúda-nos.

Podem fazer-se algumas perguntas ou dar-se recados e começa a sua palestra. Nessas exposições, Red Cloud trata de muitos temas — o significado da vida, a natureza das nossas personalidades, a sobrevivência da alma e as condições nas

esferas e nos seus planos. Nunca se cansa de nos exortar a fazer melhor. Insiste em que esta vida é uma escola para a alma e que cada homem deve trabalhar na sua própria salvação. Na sua maior parte, os seus ensinamentos seguem os das grandes religiões da humanidade, despojados dos seus dogmas.

Enfatiza os grandes valores da verdade e do amor e as nossas responsabilidades para connosco e para com o nosso próximo. Difícil como às vezes é acompanhá-lo quando tenta transmitir o seu pensamento — falando com o seu sotaque peculiar e um vocabulário algo limitado —, há sempre, de algum modo, a sensação de estarmos na presença de uma grande alma dotada do inestimável dom da sabedoria.

Algumas das suas ideias, as que dizem respeito, por exemplo, ao poder do pensamento, parecem-me bastante originais. É, claro, impossível testar muitas dessas suas opiniões. Umas podem parecer fantasiosas ou chocar com as nossas crenças científicas preconcebidas. Mas ele está sempre pronto a responder a perguntas e nunca lhe falta resposta. Se o aceitarmos, como eu próprio faço, como uma personalidade autêntica que nos fala de uma esfera de existência diferente, é nosso dever, pelo menos, escutar as suas palavras. Os seus ideais são muito elevados e, por vezes, tende a ser dogmático quanto a eles. Contudo, não reivindica infalibilidade; apenas pretende dar-nos a verdade tal como a vê.

Tomemos, por exemplo, a sua visão sobre o livre-arbítrio. Ele insiste em que o homem tem plena liberdade de vontade, limitada apenas pelo estado mental a que tiver ascendido, e que a iluminação quanto ao que é certo e ao que é errado pode vir a qualquer momento. É reconfortante ter o seu apoio à nossa própria intuição da liberdade de vontade, embora os psicólogos, na sua maioria, entendam que essa liberdade é muito limitada, havendo até quem ainda esteja preso às doutrinas do determinismo estrito. Uma crítica muito frequente sobre estes

assuntos é que nada de importante chega através dos chamados guias.

Ora, parece-me que Red Cloud pode, e efetivamente, discute questões importantes que transcendem a inteligência e as capacidades da sua médium. Esforça-se por transmitir-nos ideias sobre condições do além — a intemporalidade, por exemplo —, que talvez nos não seja possível conceber. Mas, ao mesmo tempo, dá-nos uma riqueza de informações sobre matérias como a natureza e a constituição das nossas personalidades e outros estados de existência que, pelo menos em certa medida, conseguimos apreender.

O professor Richet queixa-se de que nunca chegou do além qualquer ideia nova para a ciência. Mas é bem possível que a ciência tal como a conhecemos — que, como todos os filósofos concordam, é apenas uma abstração da realidade — não se aplique da mesma maneira lá. Talvez o esteja a exprimir de forma algo crua, mas pode ser tão difícil para esses seres super-físicos transmitirem-nos grande parte do seu saber como é, no nosso mundo, transmitir a uma pessoa nascida cega qualquer apreciação do sentido da visão. Em qualquer caso, cumpre-nos tentar agarrar quaisquer fragmentos de saber do outro mundo que guias como Red Cloud consigam comunicar-nos.

Segundo Red Cloud, civilizações há muito sepultadas no esquecimento possuíam esse saber do outro mundo. Fica-se tentado a especular que, se voltássemos a adquiri-lo, ele poderia alargar enormemente — e possivelmente transformar — a nossa atual visão científica, e talvez começássemos a ter alguma noção do nosso próprio lugar no esquema das coisas. O estudo dos problemas transcendentais costuma considerar-se pertença exclusiva da teologia e da filosofia, mas uma é tantas vezes esmagada por dogmas e a outra por palavroso obscurantismo que um método direto, como o que possuímos nas investigações físicas e na comunhão com um ser como Red Cloud, oferece uma

via acolhedora de aproximação à solução de alguns desses mistérios da vida e da morte e do além que há tanto intrigam a humanidade.

CAPÍTULO QUINZE
RED CLOUD

Ao registar algumas das experiências dos meus oitenta anos, fi-lo a pedido de Red Cloud, a fim de "deixar às gerações vindouras uma grande realidade que console os que choram". A realidade a que se refere é, naturalmente, eterna: a de que não podemos morrer, porque os nossos espíritos são imortais. Por essa razão, a maior parte deste livro é dedicada a exemplos de provas de sobrevivência, pois, sem a aceitação deste facto central, todo o edifício da fé religiosa teria de ruir.

O ensinamento de Jesus, de Buda e de todos os líderes religiosos do mundo é destituído de sentido se este conceito não for sustentado. Sem ele, a única filosofia que nos resta é "Comamos e bebamos, que amanhã morreremos", que é, decerto, a perspetiva de um sombrio desespero. Pelo contrário, a verdade da sobrevivência enche a mente de luz e calor. Abre uma vista interminável de vida gloriosa, uma expansão perpétua da consciência, cada avanço trazendo amor e felicidade acrescidos à medida que percorremos o caminho para a Perfeição. Já não choramos os entes queridos que nos deixaram, porque sabemos que vivem e que nos voltaremos a encontrar. Já não tememos a morte e a doença para nós próprios, porque sabemos que não passam de condições temporárias e que despertaremos para uma nova vida num corpo perfeito.

Muita gente teme o momento exato da morte do corpo. Porém, não há motivo para isso. Vi a morte acontecer muitas vezes e sei que não é mais do que adormecer. Sentei-me à beira da cama da minha mãe quando ela agonizava. Nos últimos

instantes, estava num estado semiconsciente, e eu percebi que tinha algo a dizer. Reunindo as derradeiras forças, falou e, ao falar, morreu. Se se apercebeu disso ou não, não sei, mas ela completou na morte o que começara a dizer em vida e eu ouvi as suas últimas palavras por clariaudiência.

De novo, há dez anos, estive na presença da morte quando o meu marido, Charles, morreu nos meus braços. Firme no conhecimento da sua própria sobrevivência, não temeu a morte e as suas últimas palavras para mim foram de doce tranquilização. Dias depois, o seu corpo foi cremado. Quando o caixão deslizava lentamente para a câmara interior do crematório, vi-o, a ele e ao seu primo, o Dr. Charles Gordon-Moore, de braço dado, a sorrirem para mim. As verdades do Espiritualismo, que sempre procurei transmitir aos que choravam, trouxeram-me então consolo a mim própria. Durante a longa doença de Charles, eu tinha deixado o meu trabalho público para estar com ele, pois ele detestava que eu estivesse ausente do seu lado. Inevitavelmente, a sua partida deixou um grande vazio na minha vida, mas, fortalecida pelo saber de que vivia para além da morte, retomei o exercício da minha mediunidade após um intervalo de apenas duas semanas. Três anos depois, voltei à tribuna pública, ansiosa por demonstrar de novo a todos os que quisessem aprender a verdade da vida depois da morte.

Este livro contém inúmeras instâncias de sobrevivência. Se fosse preciso, seria simples aumentar o seu número em cem, ou mil outros casos. Mas, na realidade, é necessário provar apenas um caso para provar todos. Escolhi os episódios citados neste livro pela qualidade das provas que ofereceram e pela absoluta integridade das pessoas que estavam presentes para os atestar.

Trabalho com Red Cloud há quase quinze anos e, durante esse tempo, ele laborou incessantemente para demonstrar a verdade espiritual eterna. Nunca nos disse quem foi na Terra. Quando questionado, respondeu sempre: "Conhecei-me pelas

minhas obras." Sabemos que passou por aqui antes de nós, quando provavelmente habitou o Egito. Cremos também que estava neste mundo, ou muito perto dele, nos dias de Jesus de Nazaré. Uma ou duas vezes deixou-nos quase crer que estávamos à beira de descobrir, apenas para voltarmos a ver a resposta negada.

Sabemos que a sua identidade de Pele-Vermelha é um manto assumido para tornar, para nós, recetíveis as vibrações muito elevadas que são naturalmente as suas, devido ao seu avançado desenvolvimento espiritual. Diz que, há muito, atingiu o ponto da sua evolução a partir do qual, se avançasse, já não poderia regressar a este mundo. A escolha era sua — avançar ou ficar como guia e mestre da humanidade, trazendo paz de espírito e compreensão das verdades divinas. Escolheu a segunda via, explicando-nos: "Como vosso irmão mais velho, que sou, as vossas dores são as minhas dores, as vossas alegrias são as minhas alegrias. Quando recuais, eu recuo convosco. Quando avançais, eu avanço também."

Red Cloud é sempre amoroso e bondoso. Nunca o vi condenar severamente pessoa viva alguma, embora muitas vezes nos indique suavemente os erros. Está sempre pronto a responder às nossas perguntas, ainda que nem sempre de modo tão direto como alguns assistentes desejariam. Nunca é dogmático. Em discussão e debate, é tolerante, nunca impõe leis, lembrando sempre aos ouvintes que a decisão final lhes pertence. Deus deu ao homem vontade própria, diz ele, e só o homem a pode exercer.

Nos muitos anos em que tem sido o meu guia, proferiu dezenas de palestras, tanto em sessões públicas como privadas. Algumas, particularmente as de base científica, têm sido demasiado abstrusas para a compreensão do membro médio do círculo, embora grandes cientistas, como Sir Oliver Lodge, tenham lido muitas delas com respeito e entendimento. Os seus ensinamentos filosóficos seguem de perto os de Jesus de Nazaré,

a quem invariavelmente chama "O Nazareno". Deus, diz-nos, é mente perfeita, que é amor, sabedoria e poder. Deus não é um ser, mas uma força do bem que permeia o universo e é infinita. O mal não é força, mas um erro de pensamento que surgiu no mundo devido ao mau uso do livre-arbítrio. É finito e pode ser superado pela concentração no bem e em Deus.

Como Deus habita em cada um de nós, todo o indivíduo é parte do Todo que é Deus. E, porque somos todos parte do Espírito Infinito de Deus, não podemos morrer. O desabrochar gradual, em nós, da consciência da Mente de Deus é o processo de evolução das nossas almas. Para encontrar Deus, devemos "nascer de novo" para a realização de que somos seres espirituais e para a aceitação da nossa responsabilidade pessoal por cada ato que cometemos. Assim, a extensão da nossa evolução depende inteiramente de nós. Como desejarmos, assim receberemos.

O universo é ordenado por lei divina. Se seguimos essa lei, ela conduz à harmonia perfeita; se a contrariamos, o resultado é o caos. A primeira lei é a do amor. O amor é a capacidade de ver apenas a perfeição latente no nosso próximo. O amor é o atributo da Mente Divina, ao passo que o medo provém da mente material. Amor e medo são dois opostos incompatíveis, um procurando incessantemente expulsar o outro. O amor é a completa negação de si; o interesse próprio é o pai do medo. A expressão natural do amor é o serviço aos outros, não tanto na realização de grandes obras, mas em fazer o que está mais à mão.

Habitar no reino dos céus é habitar na Mente de Deus, que reside dentro de nós. Há que procurar primeiro esse reino e, uma vez achado, todo o resto virá por acréscimo. A oração por nós próprios é inútil, pois já temos tudo quanto poderemos alguma vez necessitar. A única oração verdadeira é a comunhão incessante com o espírito divino em nós. Nunca devemos esquecer que Deus está dentro de nós, não fora de nós; que somos todos partes individuais de Deus, que é o Todo.

Não é de esperar que possamos atingir a perfeição no espaço de uma só vida. Após a morte, vamos para o plano astral, no qual existem muitos mundos de consciência. Decorrido um período, reencarnamos de novo nesta Terra, ou noutro mundo interpenetrante, para o ulterior progresso das nossas almas. Por fim — e quem poderá dizer quanto tempo tal levará? — chegamos a um grau de evolução em que a reencarnação já não é necessária e passamos a reinos mais elevados de existência espiritual.

Em todos os seus discursos, Red Cloud cita livremente a Bíblia, por vezes alterando as palavras de uma versão consagrada para lhes dar um sentido diferente e mais esclarecedor. As palavras "Não nos deixes cair em tentação", tal como ocorrem no Pai-Nosso, por exemplo, Red Cloud nunca as aceita. O significado destas palavras tem sido muitas vezes debatido por teólogos, mas Red Cloud é inabalável no seu juízo. "Como pode Aquilo que é Perfeição conduzir à tentação?", pergunta. "Deus não vos leva para lá, porque essa parte de vós que é Deus não conhece a tentação. Só a mente carnal conhece a tentação e, demasiadas vezes, a ela se submete. Portanto, quando orardes a Deus, dizei antes: 'Não nos abandones quando em tentação'."

O poder do amor para expulsar o ódio tem sido um tema recorrente nas alocuções em transe de Red Cloud. Para vencermos o ódio em nós, devemos tentar ver nos outros apenas aquela parte deles que é Deus ou o bem. E, quando os nossos inimigos parecem destruir-nos, devemos manter-nos firmes no conhecimento de que o bem, no fim, há de triunfar sobre o mal. "Deus está lá para todos os que têm olhos para O ver." São estas as palavras com que Red Cloud começou uma das suas palestras de inspiração e creio que não posso fazer melhor do que citar as palavras com que essa palestra terminou:

"Sabem, meus filhos, neste dia de vida, o maior aspeto que encontram na joia do vosso ser é ver, com olhos de longo alcance,

a beleza do reino de Deus. Vede-a na flor simples, nas suas pétalas que se dobram, nas suas cores raras. No coração dessa pequena flor, buscando a paz, Deus será encontrado.

"Subi ao cimo do outeiro e observai o sol a pôr-se, e no vosso coração sede serenos. Observai a fusão das cores quando caem atrás das colinas e, nessa calma quietude, Deus estará. Ficai entre o amarelo dos ranúnculos nos campos abertos quando o orvalho jaz sobre a relva. Vede a ave erguer-se com um bater de asas, a garganta a tremer com a beleza do seu canto. É aí que Deus será encontrado. No riso de uma criança quando corre para o lado da mãe; aí também Deus será encontrado.

"Que eu possa sempre encontrar, no vosso mundo, a beleza de Deus e a sabedoria do Seu reino expressas numa simples palavra — Amor."

CAPÍTULO DEZASSEIS
CAPÍTULO FINAL

Hannen Swaffer, Swaff, como era carinhosamente chamado, trabalhou comigo em palcos públicos durante muitos anos. A sua ligação à Fleet Street é bem conhecida; o seu interesse em todo o trabalho que fiz com a imprensa foi grande. Ao longo dos anos, a minha mediunidade foi tema de várias séries — algumas a durar muitas semanas — no Daily Sketch, no Sunday Pictorial, como então se chamava, e no The People, o jornal para o qual o próprio Swaffer escrevia um artigo semanal. Como resultado direto de tudo isto, prestou-me um elogio que nunca esqueci: apresentou-me como "Estelle, a médium que tornou o Espiritualismo respeitável". Sei que muitos ainda denigrem o Espiritualismo como fraude, pejado de charlatães, mas, em termos gerais, nunca estudaram o assunto em profundidade. Todas as religiões têm os seus falsos profetas e aqueles demasiado dispostos a tirar proveito pessoal da dor alheia. O Espiritualismo não é exceção.

Nos últimos dez anos, as atitudes mudaram: o Espiritualismo discute-se livremente e pessoas de todos os quadrantes da vida estão dispostas a exprimir a sua opinião. Não obstante, tenho grande admiração pelos que, tendo-se tornado conhecidos — até famosos —, continuam dispostos a ver a sua convicção, muitas vezes questão muito pessoal, expressa por escrito. Peter Sellers é uma dessas pessoas e, no livro "Peter Sellers: the Mask Behind the Mask", de Peter Evans, não deixa qualquer dúvida sobre a sua crença no Espiritualismo. O autor escreve: "Ele (Peter Sellers) discute o assunto com um respeito que não chega à unção, com uma autoridade que não é dogmática; fala com cuidado porque é importante, mas o cuidado não se torna cautela, pois cautela é a defesa dos fracos, a primeira barricada dos não comprometidos."

O meu filho Terry conheceu o Peter no eclodir da guerra, quando ambos estavam em Ilfracombe, e foram-se vendo ocasionalmente ao longo dos anos seguintes. A minha vida sempre esteve ocupada com trabalho; o meu descanso era a jardinagem, e duvido ter visto uma dúzia de filmes em toda a minha vida. Portanto, quando o Terry me pediu que marcasse uma consulta para o Peter Sellers, devo confessar que isso me disse muito pouco, porque nunca o tinha visto nem frente a frente nem no ecrã. Terá sido há cerca de oito anos que ele e a Anne, a primeira esposa, vieram a minha casa em Esher, no Surrey.

Red Cloud, como sempre, estava pronto com as provas que Peter procurava. Trouxera do mundo espiritual um jovem escritor, Larry Stevens, que morrera subitamente e estivera a escrever alguns dos primeiros "God Shows". Foi imediatamente reconhecido por Peter, que disse a Peter Evans: "Ele enviou mensagens sobre as quais Estelle Roberts não poderia, de modo algum, saber. Usou palavras e frases inteiras que só nós usávamos juntos. Foi... convincente." Deram-se outras mensagens e provas de natureza pessoal, e Peter Sellers sabia que eram verdadeiras.

Numa sessão posterior, algum tempo depois, disse ao Peter da presença de Dan Leno, o mais venerado cómico da sua época, e pude assegurar-lhe que ele o guiava e ajudava na sua própria carreira. Eu, sem o saber, ele tinha consciência pessoal, havia muitos anos, de estar protegido e conduzido na sua vida profissional por alguém do outro lado, e aceitou esta informação "com uma espécie de alívio satisfeito, não surpreendido, porque de alguma forma fazia sentido". Peter está convencido de que Dan Leno é a sua força orientadora.

Quando a sua adorada mãe, Peg, passou para o outro lado, Peter voltou a ver-me. Ela provou-lhe estar bem viva, relatando coisas conhecidas apenas de si e de Peter, que não repetirei aqui porque todas as comunicações entre os meus consulentes e os seus amigos e familiares do mundo espiritual não me dizem respeito. O autor, Peter Evans, compara o afeto que me ligou ao Peter, desenvolvido ao longo dos anos, ao de uma "tia sem filhos". Não é inteiramente exato. Reconheci em Peter dois estados de alma que tantas vezes experimentei: a solidão e o desejo de ser perfeccionista.

Ele é psíquico, e tem consciência disso. Com efeito, seria um excelente médium, mas o seu ofício é levar felicidade a milhões de outras maneiras. Pela sua potencialidade psíquica, tem a consciência de acontecimentos antes de ocorrerem; o conhecimento da presença espiritual junto dele; um vislumbre daquela visão mais ampla do que é a vida. De modo inexplicável, essa consciência faz-nos sentir, por vezes, uma pessoa à parte, criando assim um grande sentimento de solidão. Ser perfeccionista num mundo imperfeito causa muitas vezes dor de coração, porque não se pode ceder.

Ginette Spanier vive em Paris, onde está ligada a uma das principais casas de moda francesas, mas, para os ingleses e americanos, será conhecida pelas suas aparições na televisão, pelas muitas conferências e pelos artigos na Imprensa. Pedi à

Ginette, algo a medo, se poderia relatar a sua história sobre a Nancy Spain. A Nancy, naturalmente, foi uma das mais famosas jornalistas e figuras da rádio e televisão do seu tempo. A resposta dela foi um pedido para poder escrevê-la ela própria. E aqui está:

Nancy Spain morreu a 21 de março de 1964, quando o avião privado em que seguira para reportar o Grand National se despenhou junto à pista. Uma semana depois, amigos meus, que não estavam muito intimamente ligados à Nancy Spain, receberam uma enigmática mensagem espiritual a dizer: "Spain, diz à Jenny ainda fio vivo."

Conheciam-me pelo nome, Ginette, mas, não estando ao corrente de qualquer outra amiga da Nancy, telefonaram e perguntaram, com cautela, se ela alguma vez me chamara "Jenny". Expliquei que, ao contrário de quase todos os meus outros amigos, ela nunca me chamara outra coisa. Jenny, de facto, é o meu nome verdadeiro. E, curiosamente, eu quase sempre chamava a Nancy de "Spain" — dois pormenores que os meus amigos não sabiam. Então concluíram que a mensagem devia ser para mim e transmitiram-ma.

Depois disso, a Nancy vinha constantemente ter com eles, dando recados para mim, muitos dos quais eles não entendiam, mas que para mim faziam completo sentido. Chegou mesmo a usar termos jornalísticos: por exemplo, quando sublinhava um ponto, dizia: "Rogo, repito rogo", exatamente como eu a ouvira fazer quando ditava uma peça para o seu jornal pelo telefone. Depois, em 17 de fevereiro de 1965, disse-lhes:

"Spain, diz à Jenny que tentei ajudar-te na terça-feira" (eles tinham visitado Estelle Roberts), "mas muitos a chamar. Spain educada perdeu o autocarro." Um dito típico da Nancy Spain!

Na sessão seguinte com a Estelle, a 17 de maio de 1965, um deles disse à Estelle:

"Posso perguntar por alguém específico?" "Desde que me dê apenas um nome, sem identificação da pessoa", anuiu Estelle. "Há

aí alguma Nancy?", foi a pergunta seguinte. E, sorrindo, Estelle disse: "Sim, ela ficou para trás e o Red Cloud está a trazê-la para a frente. Ela morreu muito de repente, não foi? Estou a sentir falta de ar e depois um estrondo, um choque." Depois, com ar muito surpreendido, exclamou: "É a Nancy Spain! Ela diz: 'Sou a Nancy Spain'."

Seguiu-se um tipo de conversa muito característico da Spain, com mensagens para mim pessoalmente — embora a Estelle não soubesse quem era a "Jenny" e os meus amigos não a elucidassem. Falou também dos dois rapazes que criara, e o comentário da Estelle sobre todo o seu modo de falar e de estar foi:

"Minha nossa, ela percebe tudo num ápice!" Acrescentou: "Ela está a dizer: 'Nunca me apercebi de que tínhamos passado pela morte quando nos despenhámos naquele campo'." E, depois: "Ela foi-se, mas creio que voltará."

Em 27 de setembro de 1965, quando os meus amigos voltaram a sentar-se com Estelle Roberts, Nancy Spain veio e disse, entre outras coisas:

"É muito maravilhoso aqui. Aquele avião não estava em bom estado. Devia ter sido revisto de forma mais completa. Mas aceita-se o destino." Depois, troçou com a Estelle sobre ela vir "para este lado".

Finalmente, a 6 de maio de 1966, fui eu mesma à Estelle. A marcação foi feita com o meu nome de casada, que seria totalmente desconhecido da Estelle. Nunca nos tínhamos visto, nem eu a ela. Na verdade, era a primeira vez que visitava uma médium, e mal sabia o que esperar, apesar de então estar profundamente interessada e aceitar de bom grado as mensagens que me chegavam através dos meus amigos. Mas há toda a diferença entre ouvir falar de coisas e vivê-las por si.

Depois de a Estelle ter referido a presença de vários membros da minha família, disse: "Oh, está aqui a Nancy Spain!" Os meus

amigos, claro, não tinham dito uma palavra à Estelle sobre eu conhecer a Nancy. A Estelle descreveu vivamente a excitação e a ânsia mostradas e disse:

"Ela está tão excitada que tem de ser acalmada. Mas diz que não sofreu nada. Foi instantâneo." Seguiu-se um inconfundível tipo de conversa e réplica da Nancy Spain, levando a Estelle a rir e a dizer: "Ela é rapidíssima e tem um grande sentido de humor."

Depois, a Estelle disse:

"Ela diz que estás a usar algo dela."

Não conseguia imaginar o que seria, pensando em termos de alguma peça de roupa, e respondi: "Não." "Oh, sim", assegurou-me a Estelle.

"É algo à volta do pescoço." Como eu só tinha pérolas, que nada tinham a ver com a Nancy, voltei a abanar a cabeça.

"Sim, sim", insistiu a Estelle. "Ela faz isto", levando as mãos bem alto ao pescoço. Então percebi.

"Claro! São os meus brincos! Ela deu-me os brincos que estou a usar. Só quando os seus dedos foram às orelhas é que percebi o que ela queria dizer."

Noutras duas ocasiões visitei a Estelle. Em cada uma delas, a Nancy veio e deu prova irrefutável de que era realmente ela, trazendo-me mensagens privadas sobre a sua vida, sobre a nossa amizade, sobre os rapazes. Quis também mostrar que estava muitas vezes comigo, dando pequenos mas eloquentes pormenores para o provar. A certa altura, a Estelle disse: "Ela está a dizer-me que tens um casaco dela que está pendurado no teu roupeiro — no teu apartamento em Paris —, mas diz que só o usaste duas vezes." Era inteiramente verdade. Comentou também o facto de eu ter mudado o lugar da fotografia dela, também no meu apartamento em Paris. Um pormenor menor que não poderia ser conhecido por ninguém em Inglaterra.

De cada vez que veio, não havia como confundir a vitalidade característica — quase única — e a ânsia da Nancy Spain, a par

da sua entusiasmada alegria por conseguir o contacto que desejava. Sobre o próprio Espiritualismo, disse, com pesar: "Gostaria de o ter conhecido plenamente antes."

Duas outras consulentes que muito me apraz ter conhecido há muitos anos são a Srta. Louise Cook e a sua irmã, a Srta. Ida Cook, mais conhecida do público como Mary Burchell, a romancista. As suas visitas a mim começaram há cerca de dez anos, mas lembrarei sempre a grande coragem que tiveram antes da guerra ao procurar pessoas judias em perigo na Alemanha e conseguir retirá-las do país. Também fizeram sair joias de refugiados, muitas vezes correndo risco pessoal. Numa ocasião, um grande alfinete de peito de diamantes foi levado por Ida, usando-o às claras num modesto camisola da Marks & Spencer, criando assim a impressão de que não tinha valor, embora a venda subsequente tenha sustentado a sua legítima dona durante um período difícil antes do recomeço de vida. Por fim, receberam reconhecimento oficial do Governo de Israel pelo seu trabalho.

Não faziam ideia de que estavam a ser heroínas e recusavam a comparação com o tipo James Bond. Contudo, tal bravura exige rapidez de espírito e precisão de pensamento, e foi munidas desses dois atributos que se acercaram do Espiritualismo. São as amigas a que se refere Ginette Spanier. A sua grande e absorvente paixão pela ópera proporcionou a oportunidade de ajudar refugiados judeus; trouxe-lhes também algumas das melhores provas da sobrevivência e da comunicação espiritual. A elas, que tiveram a gentileza de contribuir com o que se segue, expresso a minha gratidão.

Um dos mais impressionantes dos muitos dons psíquicos de Estelle Roberts é a sua espantosa capacidade de dar nomes reais dos que comunicam do outro lado. A rapidez, a exatidão, o puro brilho de tal exibição pode comparar-se aos passagens de virtuosismo de um violinista, à medida que os nomes saem para serem reclamados e identificados pelo consulente estupefacto, um

após outro. Lembramo-nos em particular da vez em que levámos a nossa mãe, então com 87 anos, a visitar Estelle. O primeiro nome, compreensivelmente, foi o do nosso pai, William, mas Estelle acrescentou de imediato:

"Ele diz: ‘Chama-me Will.’" — o nome pelo qual a Mãe o tratava quando eram jovens. Seguiram-se em rápida sucessão a própria mãe da Mãe, os seus dois primos rapazes favoritos, um tio, a avó, a tia-avó e um primo do outro lado da família, que deu o seu nome como Horace e disse que o Ernest estava com ele. A Mãe identificou depressa o Horace, mas só mais tarde se lembrou de que o Ernest era o irmão gémeo de Horace, que morrera jovem. Depois veio uma sucessão deslumbrante de amigas da sua juventude, antes de Estelle voltar ao assunto do nosso pai e dizer: "Creio que ele tinha vontade própria."

Isto fez-nos sorrir a ambas porque, na verdade, era a Mãe quem era a mais determinada dos dois. Mas ela respondeu logo: "Curioso dizer isso. Era a sua piada favorita quando estávamos noivos. Como se chamava Will, dizia-me: ‘Agora nunca poderás dizer que não tens uma vontade (Will) própria.’ Para dizer a verdade", acrescentou, olhando criticamente para sessenta anos atrás, "ele contou a piada vezes demais. Acabei por me cansar um bocadinho!"

Depois de a Mãe própria ter passado, dois anos mais tarde, veio falar connosco fácil e frequentemente através da Estelle, trazendo pessoas e provas demasiado numerosas para detalhar aqui. Trouxe até o nosso gato favorito, dizendo, segundo Estelle: "Trouxe o Iggie comigo." "Iggie?", repetiu Estelle.

"Que nome esquisito, mas tenho a certeza de que é isso que ela diz. Ela diz: ‘Esse não era o verdadeiro nome dele, mas era como lhe chamávamos.’" Explicámos que era o nosso gato Igor, que era sempre chamado Iggie, e Estelle disse: "Sim, ela tem um grande gato com ela. Ela diz: ‘Olhem para a cauda dele! É linda!’" Isto era tão a Mãe a ter a última palavra que nos rimos as

duas. Nos últimos anos, a bonita cauda do Iggie ficou um tanto rala, mas a Mãe nunca permitia que alguém o dissesse. Costumava declarar indignada, e bastante incorretamente: "Disparate! É uma cauda linda!"

Por fascinante que seja para qualquer consulente receber nomes de família, por vezes nomes menos familiares podem fornecer provas ainda mais marcantes. Uma vez, Estelle disse-nos: "Uma senhora está a abrir caminho até à frente, dizendo: 'Sou a Nora Potts.'" Mal tivemos tempo de arquejar que era a professora de música da Louise quando éramos meninas, lá em Northumberland durante a Primeira Guerra Mundial, quando Estelle acrescentou:

"Ela está a dizer: 'Não venho sozinha. Trouxe a Srta. Swann comigo.'" E ela era a professora de música da Ida, com a interessante distinção de que, embora mais tarde tenhamos conhecido suficientemente a Srta. Potts para lhe chamarmos Nora, a Srta. Swann permaneceu para sempre Srta. Swann. "Há também", continuou Estelle, "um Mark pertencente a este grupo. Ligado à última senhora." O irmão da Srta. Swann chamava-se Mark.

O nosso interesse pela música, particularmente pela ópera, trouxe muitas personalidades fascinantes a demonstrar a sua sobrevivência pessoal através da Estelle, que seria a primeira a admitir que sabe muito pouco do mundo musical. Numa ocasião emocionante, ela suspirou e disse: "Oh, aí vem outro desses nomes estrangeiros! Um homem, a falar com voz muito grave, de muito lá atrás, creio. Soa a algo como, Lablache, La-blache." Com deleite, sem hesitação, saudámos o maior baixo do século XIX, Luigi Lablache.

Outro visitante enormemente bem-vindo anunciou-se uma vez simplesmente como Jackson. Esforçámo-nos por lembrar algum Jackson, até recuando aos tempos de escola. Mas então Estelle disse: "Ele diz que era o porteiro de um teatro famoso." "É

o JACKSON!", gritámos em coro. "O Jackson que era o guarda da porta de artistas no Covent Garden quando éramos raparigas na fila da galeria." E prosseguiu a provar a sua identidade, nomeando pessoas que tinham estado na fila connosco, chegando, num caso, a dar a alcunha.

O amigo do mundo musical que mais frequentemente se manifesta através da Estelle quando lá estamos é o célebre maestro vienense, Clemens Krauss, que conhecíamos bem deste lado. Identificou-se na primeira vez em que visitámos a Estelle, não pelo nome mas pela ação. Estelle disse: "Ele quer que eu vos mostre este gesto." E começou a fazer os gestos de um maestro de orquestra. Ela própria ficou intrigada e murmurou: "Estará a pintar? Não pode ser. Está a usar ambos os braços." Uma de nós disse:

"Está a fazer os movimentos certos, Sra. Roberts. Só não lhes está a dar o nome certo."

Ao que ela respondeu, com a sua característica vivacidade:

"Não me digam nada. Estou aqui para vos dizer."

E mais tarde percebeu quem ele era e forneceu provas incontestáveis da sua identidade. Permaneceu um visitante constante, e uma das provas mais notáveis que forneceu ocorreu durante a sessão de um nosso amigo americano, Norman Kelley, o talentoso tenor que cantou a parte do Mágico na ópera de Menotti, "The Consul", quando a companhia americana veio pela primeira vez a Londres. Ele estava de novo em Inglaterra há um ou dois anos, e marcámos-lhe uma consulta com a Estelle, dizendo apenas que era um amigo nosso dos Estados Unidos chamado Kelley.

Ela começou por dizer: "Tem algo a ver com o público, mas ainda não percebi bem o que é. Depois direi." Continuou a dar-lhe mensagens probatórias que, segundo ele, foram espantosas. Sem que a Estelle soubesse, combinámos ir buscar o nosso amigo após a sessão e, quando esta estava a terminar, tocámos à campainha da

porta da frente. Nas palavras dele: "Não creio que a Estelle sequer tenha ouvido a campainha, mas nesse momento disse-me: ‘Oh, que interessante! O amigo maestro [Clemens Krauss] das "raparigas" acabou de entrar. E diz-me que você é cantor de ópera, mas nunca cantou sob a direção dele pessoalmente, embora ele o tenha conhecido uma vez!’"

Isto estava certo ao mais fino pormenor. O Norman nunca cantou sob a direção de Krauss, embora os tivéssemos apresentado um ao outro nos bastidores do Covent Garden. Sempre nos encantou e intrigou para além do que as palavras descrevem que, embora tivéssemos de ficar cá fora à porta a esperar, o Krauss pôde entrar e dar à Estelle a peça de informação em falta sobre o Norman Kelley.

Duas semanas antes do meu 80.º aniversário, fui homenageada num jantar oferecido pelo Psychic News e pelo Two Worlds e, entre os seiscentos ou mais convidados, estavam igualmente representados os jovens, os de meia-idade e os idosos. No seu discurso, Maurice Barbanell, editor de ambos os jornais, disse: "Perdi a conta das tribunas públicas que a Estelle e eu partilhámos durante os seus cinquenta anos de serviço. Estelle é uma dessas raridades, uma médium versátil com todos os dons psíquicos.

Digam qual, ela já o fez. Não há registo de provas melhores dadas no Espiritualismo do que nas suas sessões de voz direta. Vivemos numa era de violência, em que vemos os resultados do materialismo a grassar por todo o mundo." Regozijo-me no saber seguro de que os meus cinquenta anos foram bem gastos a servir esse mundo próximo e este, estabelecendo, para lá de qualquer sombra de dúvida, àqueles que buscam saber que a vida continua após a morte, que os que foram antes de nós podem voltar e provar a sua sobrevivência.